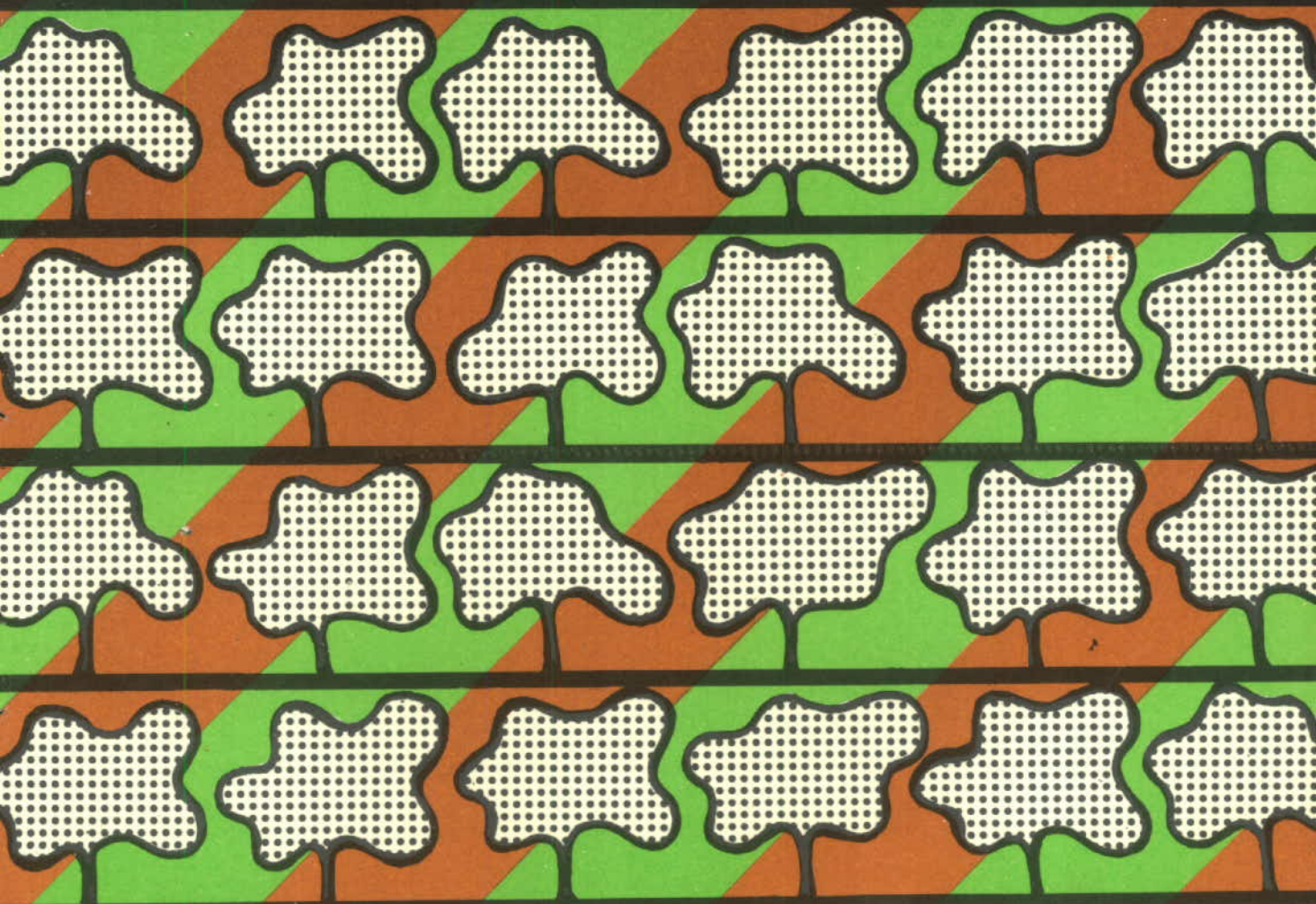


# PROGNOSTICO

# '74 '75

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA DA AGRICULTURA

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRICOLA



CORPO TÉCNICO DO IEA

- em exercício -

DIRETORIA GERAL: Paulo Fernando Cidade de Araujo  
ASSESSORIA DE PROGRAMAÇÃO: Evaristo Marzabal Neves  
ASSESSORIA ESPECIALIZADA: Caio Takagaki Yamaguishi  
Fernando Bento Homem de Melo  
Iby Arvatti Pedroso  
Natanael Miranda dos Anjos  
Ralph Gerald Saylor

COMUNICAÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA: Paulo David Criscuolo  
Antonio Augusto Botelho Junqueira  
Devancir Aparecido Romão  
Maria de Lourdes Barros Camargo

ECONOMIA DA PRODUÇÃO

Diretoria: Paul Frans Bemelmans  
Abel de Lima Filho  
Alfredo de Almeida Bessa Junior  
Hermando Ferreira de Noronha  
José Ferreira de Noronha  
José Roberto Viana de Camargo  
Laerte Pereira Rodrigues  
Luiz Carlos Assef  
Minoru Matsunaga  
Nelson Batista Martin  
Nelson Kazaki Toyama  
Paulo Edgard Nascimento de Toledo  
Richard Domingos Dulley  
Yoshihiko Sugai  
Zuleima Alleoni Pires

COMERCIALIZAÇÃO

Diretoria: Pêrsio de Carvalho Junqueira  
Adolfo Muniz Furtado Junior  
Claus Floriano Trench de Freitas  
Everton Ramos de Lins  
Flávio Condê de Carvalho  
Hiroshige Okawa  
Irene José Einhorn Goldenberg  
Joel Evaldo de Oliveira Kersten  
José Diniz de Araujo  
Lidia Hatue Ueno  
Maria Celina Mauro Padovani  
Maria Elisa Benetton Junqueira  
Maria de Lourdes do Canto Arruda  
Marilena Igreja Lazzarini  
Mauro Souza Barros  
Vicente de Paula Melo Figueiredo  
Waldemar Pires de Camargo Filho

PÓLITICA E DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Diretoria: Antonio Ambrósio Amaro  
Alfredo Tsunehiro  
Ana Perina Rabello Arruda  
Antonio Carlos Furlan Gimenes  
Arciley Alves Pinheiro  
Claudia Andreoli Galvão  
Elcio Umberto Gatti  
Gabriel Luiz Seraphico Peixoto da Silva  
Ismar Florêncio Pereira  
José Carlos Mollo Alarcon  
José Ricardo Cardoso de Mello Junqueira  
Luiz Flávio Barbosa Cancegliero  
Luiz Moricochi  
Nelson Giulietti  
Paulo Augusto Wiesel  
Sebastião Nogueira Junior  
Yoshio Namekata  
Yuly Ivete Mizaki de Toledo

LEVANTAMENTOS E ANÁLISES ESTATÍSTICAS

Diretoria: Décio Sodrzejieski  
Ana Maria Montragio  
Antonio Fernando Scheibel Padula  
Fernando Antonio de Almeida Sever  
Francisco Alberto Pino  
José Francisco Coluço  
Julio Humberto Jimenez Ossio  
Lineu Bueno de Moraes  
Luiz Henrique de Oliveira Piva  
Manuel Joaquim Martins Falcão  
Milton Nogueira de Camargo  
Paulo Tomoo Morimoto  
Paulo Varela Sendin  
Rosa Maria Carmignani Pescarini  
Tulio Teixeira de Oliveira  
Wagner José de Barros

BIBLIOTECA

Helena Souza e Silva de Oliveira  
Cláudia Maria Diniz Spinelli Cintra  
Edneuza Souza Póvoa  
Gabiella Menni Ferreri  
Maria Luiza Alexandre Peão

## APRESENTAÇÃO

O desempenho da agricultura paulista, nos últimos anos, vem revelando altos índices de crescimento e um acelerado e contínuo processo de tecnificação. A modernização do sistema de exploração agropecuária lançou raízes, fazendo emergir a empresa rural, que ao início de cada ano agrícola tem pela frente um complexo processo de tomada de decisões.

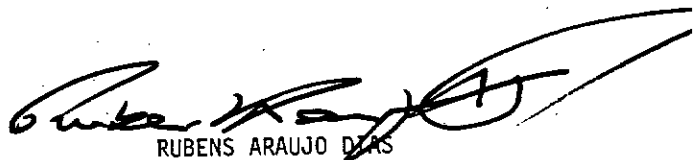
Assim, o Prognóstico que a Secretaria da Agricultura edita pelo terceiro ano consecutivo consolida-se como valioso instrumento ao alcance do empresariado rural, pois se tornam agora indispensáveis as informações econômicas que contribuam para a melhoria da eficiência na gestão agrícola.

No entanto, ele não é iniciativa isolada. Faz parte de um elenco de medidas que o Governador Laudo Natel consubstanciou na programação prioritária da Secretaria da Agricultura, com o objetivo maior de acelerar o desenvolvimento do setor agrícola paulista.

Para a concretização dessas medidas, mobilizou-se toda uma estrutura de pesquisa, assistência técnica e prestação de serviços. Aos investimentos efetivados e ao estímulo recebido, a agricultura paulista soube responder de forma positiva, assinalando quatro recordes de renda e uma taxa média de evolução de nove por cento ao ano.

Ao analisar o quadro geral da agricultura de São Paulo; projetar oferta e demanda para os principais produtos; apresentar o resultado econômico das explorações e estimar seus custos operacionais; e identificar evolução e tendências dos mercados de fatores e produtos; este trabalho da equipe técnica do IEA assume papel relevante e do maior interesse para os agricultores e instituições públicas e privadas. E, na razão direta da receptividade alcançada, o Prognóstico passa a constituir um trabalho sistemático da Secretaria da Agricultura.

Julho de 1974



RUBENS ARAUJO DIAS

Secretário da Agricultura

PROGNÓSTICO - 74/75

ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO.....	1
2 - DESEMPENHO DA AGRICULTURA PAULISTA.....	5
3 - PROJEÇÕES DE OFERTA E PROCURA.....	11
4 - RESULTADO ECONÔMICO E CUSTO OPERACIONAL.....	17
5 - POLÍTICA AGRÍCOLA.....	33
6 - MERCADOS DE FATORES.....	43
- Fertilizantes.....	43
- Defensivos agrícolas.....	55
- Tratores.....	57
- Sementes.....	60
- Mercado de terras.....	65
- Mercado de trabalho.....	72
7 - MERCADOS DE PRODUTOS.....	79
- Perspectiva 74/75.....	79
- Algodão.....	82
- Amendoim.....	85
- Arroz.....	89
- Banana.....	95
- Batata.....	98
- Café.....	104
- Cana-de-açúcar.....	113
- Cebola.....	115
- Chã.....	120
- Feijão.....	125
- Laranja.....	131
- Mamona.....	140
- Mandioca.....	145
- Milho.....	146
- Soja.....	152
- Tomate.....	160
- Trigo.....	163
- Aves.....	165
- Ovos.....	167
- Pecuaria de Corte.....	171
- Pecuaria Leiteira.....	177
- Pescado.....	182
- Produtos Florestais.....	188
- Hortaliças.....	191
- Frutas.....	193



# **1 - INTRODUÇÃO**

## I - INTRODUÇÃO

O primeiro semestre de 1974 se caracterizou por altas taxas de crescimento da produção agrícola e industrial; aumento da taxa inflacionária para 20%; déficit na balança comercial de dois bilhões de dólares e diminuição da liquidez geral.

A crise monetária internacional, especulação com os estoques, restrições ao comércio e escassez de matéria-prima que surgiram concomitantemente em meados de 1973 foram as principais causas da situação atual.

Essas crises tiveram consequências profundas na organização econômica de vários países e o Brasil não é exceção. Uma das características mais evidentes de um país que se desenvolve e participa da economia mundial é a sua susceptibilidade às alterações econômicas que se operam no mundo. Carente de matérias-primas estratégicas e bens de capital, o Brasil sofreu impacto considerável no seu balanço de pagamentos e aceleração da taxa inflacionária, cujos efeitos se fazem sentir hoje devendo continuar até o final do ano.

Embora já se possa vislumbrar uma tendência de normalização, algumas consequências poderão ser irreversíveis. Assim, pelo menos para o ano em curso, as nossas importações deverão continuar em ritmo acelerado e a perspectiva do déficit no balanço comercial é de quatro bilhões de dólares.

Os custos elevados do petróleo e derivados, o aumento do custo da mão-de-obra dos fertilizantes e outros insumos, deverão alterar de forma considerável a alocação de recursos no setor rural. Já se verifica no Centro-Sul do País um grande esforço de mecanização especialmente em algumas culturas, e uma tendência de especialização em certas atividades com a substituição progressiva de outras.

Mais especificamente, com o surgimento da crise do petróleo e seus reflexos imediatos nos preços dos insumos básicos para a agricultura poderá haver uma diminuição no rendimento de culturas que possivelmente tornarão alguns produtos gravosos, caso os seus preços não sigam as mesmas tendências altistas no mercado internacional.

Estimativas preliminares indicam um acréscimo de 190% no valor das importações brasileiras de petróleo, em 1974, comparativamente ao ano anterior. Se se considerar que em 1973 o petróleo participou com 13,5% das importações globais do País, essa participação dobrará em 1974.

Para equilibrar a balança de pagamentos do Brasil, são devido ao petróleo, haverá necessidade de incrementar as exportações e o ingresso líquido de capitais. Isso se conseguirá principalmente com vigoroso aumento das exportações de produtos primários para os quais dispomos de vantagem comparativa e tradição no comércio. Esse acréscimo, obviamente, estará condicionado ao volume da produção que poderá ser conseguida em função de área cultivada e nível de produtividade. Contudo, o aumento da área poderá ser limitado face às disponibilidades de tratores, máquinas e equipamentos agrícolas. Da mesma forma, o nível da produtividade dependerá muito do incremento dos insumos modernos, como fertilizantes e defensivos.

## I

Apesar dos inúmeros problemas, 1973 foi um ano de excelente desempenho da economia brasileira. O produto bruto real alcançou pela quinta vez consecutiva uma taxa de expansão superior a 10%.

O aumento geral dos preços ficou ao redor dos 15,5% e o superavit do balanço de pagamentos chegou a 2,3 bilhões de dólares, elevando o nosso nível de reservas externas a US\$ 6,4 bilhões. Este nível de recursos permite ao País uma posição relativamente tranquila no equacionamento do problema da dívida externa. Contudo, o superavit de 2,3 bilhões de dólares levou a uma expansão dos meios de pagamentos acima das previsões iniciais, situando-se em 46,8%.

A agricultura brasileira foi um setor de desempenho relativamente pobre em 1973, tendo o seu produto crescido de apenas 3,5 a 4,0%. Na verdade, excluindo o café, a taxa de crescimento do produto agrícola em 1973 alcançaria 7,9%. Em termos desagregados o sub-setor lavouras apresentou um crescimento de 3,8%. Sem o café, que em 1973 teve uma redução de 30% na produção, esta taxa alcançaria os 9,4%. Esses dados indicam a importância da rubiãcea que, participando com cerca de 14% do produto total, determina parcela considerável da taxa de crescimento da economia agrícola nacional.

## II

A economia paulista acompanhou de perto as taxas da economia nacional sendo o seu crescimento acumulado de 1969 a 1973 de 60%. A indústria foi o setor que liderou essa expansão com uma taxa de 20% para o ano de 1973.

Tomando-se o consumo de energia elétrica como indicador de desenvolvimento econômico, em 1973 verificou-se acréscimo de 12% no total do Estado e 8,6% no consumo por habitante. Por sua vez, o nível do emprego industrial registrou recorde na absorção da mão-de-obra e, ao longo do ano, aumentos em todos os setores, especialmente nos de mecânica, metalurgia e materiais elétricos. Globalmente, o emprego industrial subiu cerca de 13% no município de São Paulo.

A agricultura paulista bateu novo recorde de renda no ano passado, chegando aos Cr\$ 10,7 bilhões, em cruzeiro de 1971, e aproveitando-se da conjuntura de preços favoráveis ao produtor.

Os produtos mais importantes na composição da renda agrícola continuaram sendo carne bovina (18%), café (15,5%) e cana-de-açúcar (11%).

Os produtos com maior grau de tecnificação continuam a concentrar as preferências do agricultor paulista, quando se visualiza a área em cultivo e os ganhos de produção. Entre os produtos em transição, o café volta a assumir uma posição favorável com os novos plantios financiados pelos bancos oficiais.

Na última década, o grupo de produtos modernos aumentou de 70% a produção, seguindo-se o grupo de transição com 15% e o tradicional com apenas 7%. Nesse mesmo período, os ganhos de produção superam os de preço: 32% contra 24% respectivamente.

Assim, o setor agrícola de nosso Estado vai cumprindo o seu papel social no processo de desenvolvimento econômico, ao transferir para a sociedade uma parte dos seus ganhos, além de gerar os excedentes exportáveis e mostrar um índice crescente de produtividade.

de, com a taxa de 2,25% a.a..

Também em 1973 acentuou-se a escassez da mão-de-obra no Estado, inclusive na agricultura. Conseqüentemente, os salários reais aumentaram, onerando os custos de produção. Em princípios de 1974 os salários diários chegaram em algumas regiões a mais de 20 cruzeiros.

O dinamismo dos mercados agrícolas em São Paulo, mais o crescimento da renda per capita e da população urbana, somados à escassez de terras agrícolas em áreas férteis causaram aumentos nos preços das terras agrícolas do Estado. Esses aumentos deverão continuar, embora, provavelmente a taxas menores.

### III

Neste seu terceiro Prognóstico, o IEA realiza um grande esforço para incorporar os contornos mais relevantes da economia agrícola nacional e internacional visando a composição, primeiro, de um quadro geral em que são apresentados o desempenho do setor, as projeções de oferta e procura, os principais instrumentos de política e as perspectivas gerais dos mercados de produtos e fatores. Em seguida, se procura descer a um nível de detalhamento maior, através das estimativas de custo e resultado econômico para, finalmente, se chegar à análise específica das perspectivas individuais de produtos e fatores de produção.

Como se vê, não é uma tarefa fácil principalmente se se levar em conta as incertezas que sempre cercam a conjuntura econômica.

O Prognóstico não tem a pretensão de fazer futurologia. Ele objetiva analisar os indicadores econômicos disponíveis para tornar mais eficientes as decisões dos agricultores paulistas e instituições ligadas ao setor agrícola.

Nesse sentido, é necessário esclarecer que muitas das análises feitas a seguir se baseiam em estimativas e projeções disponíveis até maio de 1974. Por isso mesmo, elas estão sujeitas a eventuais modificações.





**2- DESEMPENHO**  
**DA AGRICULTURA**  
**PAULISTA**

## 2 - DESEMPENHO DA AGRICULTURA PAULISTA

Estimativas de preço e produção de 26 dos principais produtos da agricultura paulista indicam aumento do valor bruto da produção, para a safra 1973/74, de 7,4% em valores reais, admitindo-se que o índice "2" da Fundação Getúlio Vargas, utilizado como deflator, varie de 32% no corrente ano (quadro 1).

Esse aumento de 7,4% embora inferior aos obtidos nos últimos anos é dos mais significativos, levando-se em conta a retração de preços de diversos produtos, contrariamente aos preços relativamente altos da safra anterior.

Ao se excluir o café essa expansão cairia para 4,3%, pois a rubiãcea deverá registrar uma produção 40% acima da observada em 1972/73.

Os 20 produtos vegetais apresentam crescimento também de 7,4%, mas ao excluir-se o café, a evolução se tornaria apenas modesta chegando a 1,9%.

O setor animal, representado por 6 produtos, deverá experimentar crescimento real de 7,3%, semelhante, portanto, aos destacados anteriormente. Esse crescimento é do maior relevo pois o período anterior já apresentara elevadas taxas.

Ao contrário da safra 1972/73, em que ocorreram preços em elevação e quedas nas quantidades produzidas, a presente safra aparece com boas perspectivas de produção e preços reais estáveis, no agregado.

A renda global do setor é avaliada em mais de 22 bilhões de cruzeiros, o que representaria cerca de 16,8 bilhões em cruzeiros de 1973. Isto significando mais um recorde de renda pela agricultura do Estado, apesar da súbita inversão na conjuntura agrícola, passando de um período de escassez de produtos para um de tendência à normalização no mercado internacional.

Numa análise da série histórica do IEA (21 produtos) que remonta a 1948, evidencia-se também o dinamismo do setor agrícola, pois o ponto de máximo ocorrido em 1965, de Cr\$ 8,1 bilhões, foi suplantado com Cr\$ 8,2 em 1971, Cr\$ 9,5 em 1972, Cr\$ 10,7 em 1973 e a estimativa para a safra atual é de Cr\$ 11,6 bilhões, sempre em cruzeiros constantes de 1971. A taxa geométrica do quadriênio 1971-74 deverá situar-se em torno dos 9% ao ano.

Os produtos mais importantes na composição de renda global da agricultura continuam sendo, carne bovina (18,2%), café (15,5%) e cana-de-açúcar (10,9%); dos quais os dois últimos contribuíram expressivamente para o aumento da renda em 1974, com acréscimos reais ao redor de 28% cada um. Outros produtos a registrar ganhos de renda são: leite, com 16,3%; algodão, 15,3%; arroz, 16,1%; soja, 52,6%; e carne suína, 64,3%. Em contrapartida, laranja (-24,1%), batata (-8,8%), feijão (-31,7%), tomate (-17,2%) e amendoim (-20,0%) são as principais contribuições negativas para o valor bruto da produção (quadro 2).

Estimando-se a população agrícola do Estado em torno de 2,8 milhões de pessoas e o valor real dos 26 produtos em Cr\$ 16,8 bilhões, obtem-se Cr\$ 5.990,00, por habitante, ou seja US\$ 988.

## - Índices de Preço e Quantidade

Como já observado, a safra 1973/74 difere substantivamente de 1972/73 no que se refere ao comportamento de preços e quantidades. Se de um lado, observou-se a ascensão de 22,3% no índice geral de preços dos 21 produtos da série do IEA e uma contração do índice de quantidade de 4,3% em 1972/73, de outro, as variações correspondentes esperadas para este ano são de 0,8% no índice de preços e 9,6% no índice de produção física, o que no interesse social constitui mudança altamente positiva.

Embora esse equilíbrio de preços se verifique para o conjunto, alguns produtos como o feijão, mamona, cebola, uva, laranja e outras frutas sofreram quedas até mesmo em seus preços correntes. Alguns aumentos significativos são prognosticados nos preços do leite, algodão, carne suína, trigo e cana-de-açúcar.

Entre os índices que constam do quadro 3, o dos produtos modernos (segundo o nível de tecnologia) deverá continuar em expansão, com a taxa de 10,7% na produção deste ano.

Os produtos em transição mostram uma recuperação na quantidade produzida (devido ao café) com o acréscimo de 17,3%, sem todavia alcançar os níveis anteriores a 1972/73; seus preços reais revelando queda (-8,3%) depois de uma alta no ano passado (20,1%).

O grupo tradicional só apresenta o aumento de 2,5% na produção apesar de, em 1972/73, seus preços terem acusado a elevação de 26,2%, o que pode ser explicado no caso de arroz e feijão pela baixa elasticidade-preço de oferta.

Com relação ao período-base 1962-66, o maior incremento de produção ocorreu no grupo moderno (70%) seguindo-se o de transição (15%) e o tradicional (apenas 7%). Em termos agregados, os ganhos de produção superam os de preço: 32% contra 24%, respectivamente.

## - Índices de Área e Rendimento

A evolução do índice de área plantada dos 16 produtos de origem vegetal sugere forte estabilidade da superfície em cultivo no Estado (ao redor de 5 milhões de hectares) com uma tendência de especialização nos produtos modernos.

Aspecto também positivo é que em relação ao período-base, enquanto a área permanecia estável, a produtividade agrícola crescia de 25%, ou seja, a uma taxa geométrica de 2,25% ao ano.

O aumento de produção de 12,4% para os produtos de origem vegetal nesta safra seria explicado mais por ganhos de produtividade (7,5%) do que pela recuperação da área total plantada (6,6%).

QUADRO 1. - Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista, Estimativa Final da Safra 1972/73 e Estimativa Preliminar da Safra 1973/74

Produto	Quantidade (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)			Valor corrente (Cr\$1.000)		Valor real (em Cr\$1.000 de 1973) (2)	
	1972/73	1973/74 (1)	1972/73	1973/74 (2)	Unidade	1972/73	1973/74 (2)	1973 (3)	1973/74 (2)
Carne bovina	554,5	547,8	80,00	110,00	arrôba	2.957.315	4.017.182		3.045.546
Cafê beneficiado	420,0	588,0	290,00	350,00	sc. 60kg	2.029.986	3.429.980		2.600.371
Cana-de-açúcar	42.000,0	45.100,0	33,98	53,44	tonelada	1.427.160	2.410.144		1.827.202
Milho	2.598,0	2.772,0	27,00	34,00	sc. 60kg	1.169.100	1.570.892		1.190.940
Ovos (milhões de dúzias)	424,8	499,6	2,40	2,70	dúzia	1.019.520	1.348.920		1.022.667
Leite (milhões de litros)	1.567,0	1.514,9	0,63	1,00	litro	987.210	1.514.900		1.148.491
Algodão em caroço	621,0	555,0	23,50	40,00	arrôba	972.921	1.480.018		1.122.046
Aves para corte (4)	208,2	210,4	3,50	4,80	kg vivo	728.700	1.009.920		765.651
Laranja	2.840,0	3.280,0	9,00	7,80	cx. 40kg	639.000	639.600		484.900
Arroz	582,0	630,0	53,00	75,00	sc. 60kg	514.081	787.500		597.027
Batata (5)	403,8	412,8	68,00	80,00	sc. 60kg	457.627	550.386		417.264
Feijão	133,8	152,4	196,00	155,00	sc. 60kg	437.084	393.695		298.472
Tomate (6)	526,0	502,8	709,00	810,00	tonelada	372.934	407.268		308.762
Soja	330,0	642,0	58,00	60,00	sc. 60kg	319.011	642.000		486.719
Amendoim	312,5	283,8	25,50	30,00	sc. 25kg	318.750	340.560		258.189
Uva de mesa	117,6	119,2	17,60	13,00	cx. 8kg	258.720	193.700		146.850
Carne suína	56,3	65,9	54,00	100,00	arrôba	202.680	439.336		333.074
Mamona	95,0	160,0	100,00	65,00	sc. 50kg	190.000	208.000		157.691
Mandioca (6)	1.220,0	1.050,0	110,00	130,00	tonelada	134.200	136.500		103.485
Banana	534,6	597,3	210,00	240,00	tonelada	112.266	143.352		108.679
Tangerina, ponkan e mexerica	424,0	419,0	10,00	8,00	cx. 40kg	106.000	83.800		63.531
Cebola	78,9	80,3	60,00	57,00	sc. 45kg	105.197	101.716		77.114
Limão	292,0	341,8	10,00	8,00	cx. 40kg	73.000	68.360		51.826
Casulo	4,1	5,0	12,13	17,10	quilo	49.733	85.500		64.820
Trigo	35,0	74,2	45,00	80,00	sc. 60kg	26.250	98.931		75.003
Chã verde	30,4	42,7	0,50	0,54	quilo	15.200	23.058		17.481
Valor total da produção (26 produtos)					- (crescimento real = 7,36%)	15.623.645	22.125.218		16.773.791
Valor total da produção s/cafê (25 produtos)					- (crescimento real = 4,27%)	13.592.659	18.695.238		14.173.420
Valor total da produção de origem vegetal (20 produtos)					- (crescimento real = 7,39%)	9.678.487	13.709.460		10.393.552
Valor total da produção de origem vegetal s/cafê (19 produtos)					- (crescimento real = 1,89%)	7.648.501	10.279.480		7.793.181
Valor total da produção de origem animal (6 produtos)					- (crescimento real = 7,32%)	5.945.158	8.415.758		6.380.239

(1) 4a. estimativa de safra, março de 1974.

(2) Estimativa preliminar, baseada nas informações disponíveis até maio de 1974.

(3) Deflator estimado, admitindo-se que a média para 1974 do Índice "2" da FGV seja igual a 492 (deflator =  $373 \div 492 = 0,75813$ ).

(4) Inclui frango e galinha.

(5) A safra de inverno de 1973/74 foi estimada como igual à de 1972/73.

(6) Inclui produto para mesa e para indústria.

QUADRO 2. - Variação Percentual na Área Plantada, Produção, Rendimento, Preço e Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista entre as Safras de 1972/73 e 1973/74 (1)

Produto	Participação percentual no valor		Variação percentual entre 1973/74 e 1972/73						
	1972/73	1973/74	Área	Produção	Rendimento	Preço		Valor	
						Corrente	Real <sup>(2)</sup>	Corrente	Real <sup>(2)</sup>
Carne bovina	18,93	18,16	-	-1,2	-	37,5	4,2	35,8	3,0
Cafê beneficiado	12,99	15,50	9,0	40,0	28,5	20,7	-8,5	69,0	28,1
Cana-de-açúcar	9,13	10,89	16,6	7,4	-7,9	57,3	19,2	68,9	28,0
Milho	7,48	7,10	-0,8	6,7	7,6	25,9	-4,5	34,4	1,9
Ovos	6,53	6,10	-	17,6	-	12,5	-14,6	32,3	0,3
Leite	6,32	6,85	-	-3,3	-	58,7	20,3	53,5	16,3
Algodão em carvão	6,23	6,69	-8,0	-10,6	-2,8	70,2	29,1	52,1	15,3
Aves para corte (3)	4,66	4,56	-	1,1	-	37,1	4,0	38,6	5,1
Laranja	4,09	2,89	23,9	15,5	-6,8	-13,3	-34,3	0,1	-24,1
Arroz	3,29	3,56	-10,4	8,2	20,9	41,5	7,3	53,2	16,1
Batata (4)	2,93	2,49	-3,5	2,2	5,9	17,6	-10,8	20,3	-8,8
Feijão	2,80	1,78	7,4	13,9	5,8	-20,9	-40,0	-9,9	-31,7
Tomate (5)	2,39	1,84	5,6	-4,4	-9,5	14,2	-13,4	9,2	-17,2
Soja	2,04	2,90	86,8	94,5	4,1	3,4	-21,6	101,2	52,6
Amendoim	2,04	1,54	-24,9	-9,2	21,0	17,6	-10,8	6,8	-20,0
Uva de mesa	1,66	0,88	-1,2	1,4	2,6	-26,1	-56,0	-25,1	-43,2
Carne suína	1,30	1,99	-	17,1	-	85,2	40,4	116,8	64,3
Mamona	1,22	0,94	68,5	68,4	-0,1	-35,0	-50,7	9,5	-17,0
Mandioca (5)	0,86	0,62	-13,6	-13,9	0,2	18,2	-10,4	1,7	-22,9
Banana	0,72	0,65	5,2	11,7	6,2	14,3	-13,4	27,7	-3,2
Tangerina, ponkan e mexerica	0,68	0,38	8,1	-1,2	-8,6	-20,0	-39,4	-20,9	-40,1
Cebola	0,67	0,46	-3,4	1,8	5,4	-5,0	-28,0	-3,3	-26,7
Limão	0,47	0,31	9,1	17,1	7,3	-20,0	-39,4	-6,4	-29,0
Casulo	0,32	0,39	-	22,0	-	41,0	6,8	71,9	30,3
Trigo	0,17	0,45	87,1	112,0	13,3	77,8	34,8	276,9	185,7
Chá verde	0,10	0,10	14,0	40,5	23,2	8,0	-18,2	51,7	15,0

(1) Estimativas preliminares para 1973/74.

(2) Deflator estimado, admitindo-se que a média para 1974 do Índice<sup>2</sup> da FGV seja igual a 492 (deflator =  $373 \div 492 = 0,75813$ ).

(3) Inclui frango e galinha.

(4) Safra de inverno de 1973/74 estimada como igual à de 1972/73.

(5) Inclui produto para mesa e indústria.

QUADRO 3. - Índices de Preços Reais e de Quantidade Produzida, por Grupo de Produtos e Evolução Percentual, Estado de São Paulo, Safras de 1971/72 a 1973/74 (1)

Grupo (2)	Nº de produtos	Preço					Quantidade				
		1971/72	1972/73	1973/74 (3)	Evolução em %		1971/72	1972/73	1973/74 (4)	Evolução em %	
					1972/73	1973/74				1972/73	1973/74
Produtos alimentícios vegetais	7	89,88	121,13	102,77	34,8	-15,2	115,84	119,32	125,46	3,0	5,1
Produtos alimentícios animais	4	104,67	131,09	141,56	25,2	8,0	121,53	129,04	134,53	6,2	4,3
Produtos alimentícios	11	99,15	127,37	127,09	28,5	-0,2	119,50	125,58	131,34	5,1	4,6
Matéria-prima para indústria	7	86,80	99,45	99,41	14,6	0,0	139,37	123,34	138,87	-11,5	12,6
Produtos de exportação	3	125,45	148,36	153,83	18,3	3,7	119,64	100,98	121,28	-15,6	20,1
Produtos tradicionais	6	107,28	135,36	140,16	26,2	3,5	104,83	104,49	107,07	-0,3	2,5
Produtos de transição	7	115,09	138,20	126,72	20,1	-8,3	125,37	97,71	114,61	-22,1	17,3
Produtos modernos	8	82,04	98,06	105,32	19,5	7,4	147,20	154,09	170,53	4,7	10,7
Produtos de origem animal	5	104,74	131,19	141,66	25,3	8,0	122,04	129,75	135,44	6,3	4,4
Produtos de origem vegetal	16	98,97	119,62	116,26	20,9	-2,8	127,18	115,46	129,81	-9,2	12,4
Produtos de origem vegetal s/café	15	90,09	109,82	108,78	21,9	-0,9	126,89	118,66	127,68	-6,5	7,6
Geral sem café	20	95,30	117,42	120,47	23,2	2,6	125,11	122,73	130,54	-1,9	6,4
Geral	21	100,77	123,23	124,19	22,3	0,8	125,51	120,10	131,64	-4,3	9,6

(1) Índices construídos pelo Método de Laspeyres, ponderação fixa no período base. Índices de quantidade ponderados pelos preços médios correntes do período 1962-66. Índices de preço, ponderados pela produção média do período 1962-66, preços transformados em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica. Base de comparação igual à de ponderação.

(2) Composição dos índices anuais: Índice 1 - Produtos alimentícios de origem vegetal: arroz, banana, batata, cebola, feijão, laranja e tomate; Índice 2 - Produtos alimentícios de origem animal: bovinos, leite, ovos e suínos; Índice 3 - Produtos alimentícios: composto dos índices (1) e (2); Índice 4 - Matéria-prima para indústria: milho, amendoim, cana, casulo, mamona, mandioca e soja (para área e rendimento exclui-se o casulo); Índice 5 - Produtos de exportação: algodão, café e chá; Índice 6 - Produtos tradicionais: arroz, feijão, mamona, bovinos, leite e suínos (para área e rendimento excluem-se bovinos, leite e suínos); Índice 7 - Produtos de transição: banana, cebola, milho, amendoim, mandioca, café e chá; Índice 8 - Produtos modernos: batata, laranja, tomate, cana, casulo, soja, algodão e ovos (para área e rendimento excluem-se casulo e ovos); Índice 9 - Produtos de origem animal: índice (2) mais casulo; Índice 10 - Produtos de origem vegetal: composto dos índices (1), (3) e (4), excluindo-se o casulo; Índice 11 - Produtos de origem vegetal sem café: índice (10), excluindo-se o café; Índice 12 - Geral sem café: composto dos índices (9) e (11); Índice 13 - Geral, composto dos índices (1), (2), (3) e (4) ou (5), (6) e (7) ou (9) e (10).

(3) Preços preliminares. Deflator também preliminar.

(4) Baseados na 4a. estimativa de safra, março de 1974.

QUADRO 4. - Índices de Área Plantada e Rendimento no Estado de São Paulo, por Grupo de Produtos e Evolução entre as Safras de 1971/72 e 1973/74

Grupo (1)	Nº de produtos	Área plantada (2)					Rendimento (3)				
					Evolução percentual					Evolução percentual	
		1971/72	1972/73	1973/74 (4)	$\frac{1972/73}{1971/72}$	$\frac{1973/74}{1972/73}$	1971/72	1972/73	1973/74 (4)	$\frac{1972/73}{1971/72}$	$\frac{1973/74}{1972/73}$
Produtos alimentícios vegetais	7	79,13	85,76	88,66	8,4	3,4	122,15	112,33	120,41	-8,0	7,2
Matéria-prima para indústria	6	118,64	105,06	115,23	-11,4	9,7	115,57	114,50	118,79	-0,9	3,7
Produtos de exportação	3	89,17	78,49	80,66	-12,0	2,8	129,63	123,21	144,03	-5,0	16,9
Produtos tradicionais	3	64,81	69,09	70,61	6,6	2,2	128,86	117,47	132,92	-8,8	13,2
Produtos de transição	7	97,72	84,51	83,70	-13,5	-1,0	128,64	118,44	137,04	-7,9	15,7
Produtos modernos	6	139,43	132,63	158,21	-4,9	19,3	103,91	111,91	107,31	7,8	-4,1
Produtos de origem vegetal s/café	15	105,33	95,27	101,21	-9,6	6,2	114,45	115,62	120,04	1,0	3,8
Produtos de origem vegetal (Geral)	16	100,66	92,97	99,14	-7,6	6,6	120,25	115,99	124,71	-3,5	7,5

(1) Para a composição de cada grupo, ver rodapé (2) do quadro 3.

(2) Índices simples, com base 1962-66 = 100.

(3) Índices construídos pelo método de Paasche, índice simples de cada produto, base 1962-66 = 100, ponderado pela área plantada de cada produto em cada ano.

(4) Baseados na 4a. estimativa de safras, março de 1974.



**3 - PROJEÇÕES**

**DE OFERTA**

**E PROCURA**





### 3 - PROJEÇÕES DE OFERTA E PROCURA

Como em anos anteriores, procurou-se estimar a oferta e procura de alguns produtos importantes na agricultura paulista. Sempre buscando aperfeiçoar tais estimativas, algumas modificações metodológicas foram introduzidas, especialmente nos cálculos e procura.

Entre as modificações efetuadas, a mais significativa foi a introdução do cálculo da procura separadamente para a zona rural e urbana do Estado. É necessário, entretanto, indicar que os cálculos da procura rural foram baseados nas estimativas do consumo per capita efetuadas em 1963 pela Fundação Getúlio Vargas e atualizadas para 1972 pelo IEA. Admitiu-se, também, que o consumo per capita das cidades do interior, para os alimentos estudados, não difere significativamente do da capital. O levantamento de consumo per capita no meio urbano foi realizado na cidade de São Paulo pelo Instituto de Pesquisas Econômicas da USP, em 1971/72.

As estimativas da oferta foram obtidas de forma idêntica àquela dos anos anteriores. As séries históricas de área, produção e preço do IEA foram utilizadas em um modelo Nerloviano, em que a área a ser cultivada em 1974/75 é determinada pela área plantada e preço no ano anterior e pela tendência do período 1948-73.

Uma vez estimados os coeficientes da função oferta pelo método dos quadrados mínimos, a área a ser cultivada no ano próximo pode ser estimada pela inserção dos dados do ano atual. Estimada a área, ela é multiplicada pela produtividade e o total da produção esperada é assim obtido.

Da mesma forma que no ano passado usaram-se três níveis de produtividade obtendo-se três estimativas de oferta: pessimista, média e otimista. Foi feita uma tentativa de se estimar também a produtividade para 1974/75 com o mesmo modelo. Os resultados entretanto foram inconclusivos, provavelmente devido a dificuldades com as séries de dados climáticos (precipitação e temperatura) e/ou com a própria especificação do modelo.

A principal vantagem do modelo está no fato dele captar a influência da variação do preço do produto em análise. Todavia ele apresenta limitações especialmente porque não leva em conta as variações nos preços relativos de produtos e fatores de produção, que normalmente influenciam as decisões dos produtores. O IEA continuará envidando esforços no sentido de melhorar as projeções de área e produtividade.

#### - Estimativas de Procura

As projeções apresentadas no quadro 5 para 1974/75 representam o consumo médio per capita multiplicado pela estimativa da população urbana e rural do Estado de São Paulo.

Produtos como café, leite, ovos, carne bovina e avícola, feijão, arroz, batata e laranja devem ter suas projeções bem próximas das que deverão ocorrer em 1974/75 dado que são os principais produtos de alimentação e os consumos per capita são bem conhecidos.

Produtos destinados à industrialização como soja, algodão, amendoim e milho não tiveram suas demandas calculadas devido a dificuldades de natureza metodológica. Apenas laranja e cana-de-açúcar tiveram as estimativas de procura estimadas de maneira ainda preliminar, sendo que para a cana-de-açúcar a estimativa é baseada na produção esperada de 3.600.000 toneladas de açúcar, com um rendimento industrial de 96kg de açúcar por tonelada de cana.

#### - Estimativas de Oferta

Algumas das mudanças estruturais que vêm ocorrendo na agricultura paulista estão resumidas no quadro 6. Até certo ponto essas mudanças refletem as tendências históricas bem como as condições mais recentes da economia nacional e mundial. Produtos como algodão deverão ter sua área de plantio aumentada, refletindo o ressurgimento da importância de fibras naturais devido ao encarecimento dos sub-produtos de petróleo. Os produtos alimentícios como arroz e feijão deverão também se expandir a taxas razoáveis. A cana-de-açúcar, embora as perspectivas do mercado sejam excelentes, deverá segundo a projeção ter aumentos de área ainda relativamente pequenos, refletindo uma situação de preços comprimidos no passado. Esta situação poderá se alterar bastante, considerando-se os novos preços concedidos para esta safra. Assim é possível que o aumento de área para o próximo ano seja bem maior do que o projetado. Isto ocorrendo, culturas como a soja poderão ter suas áreas reduzidas. O aumento de área relativamente pequeno projetado para a soja reflete pelo menos em parte as expectativas de redução de preço.

De modo geral, os outros produtos não deverão sofrer alterações de monta na produção, exceção feita à mandioca que, por condições de preço melhor e produtividade crescente, deverá apresentar aumentos de produção mais significativos.

Reduções na área de produtos como amendoim, mamona e banana são esperados. Entretanto, estas não serão maiores do que os aumentos esperados para outras culturas. O resultado líquido global deverá ser um pequeno aumento na área cultivada do Estado que se vem mantendo ao redor de 5 milhões de hectares.

#### - Oferta e Procura

As projeções de oferta e procura e as possibilidades líquidas de comércio interestadual e internacional estão resumidas no quadro 7.

Importações líquidas de feijão, arroz e batata deverão continuar uma vez que a oferta é nitidamente inferior a procura. Ovos, laranja e banana serão exportados para outros estados e banana e laranja também para o exterior. A importação do leite e carne bovina de outros estados continuará a se expandir.

Vários outros produtos não foram cotejados na análise de intercâmbio. Entre eles se encontram produtos de importância para o Estado como é o caso do algodão, amendoim, mi-

lho e soja que sendo matéria-prima industrial não puderam ter suas demandas calculadas. Outros, como é o caso da carne suína, embora tivessem oferta e procura calculadas, não foram analisados, pois a demanda só foi calculada para carne fresca. Produtos como linguiça, presunto e outros não entraram no cálculo da demanda, uma vez que inexistem estimativas de consumo per capita para a área rural e é muito difícil fazer-se a transformação do peso do produto industrializado para carne suína. De qualquer forma, sabe-se que o Estado é um exportador líquido de suínos.

Em resumo, a estrutura do intercâmbio comercial não deverá alterar de muito no ano próximo. Os produtos tradicionais de exportação como é o caso de café, soja, algodão, banana e laranja, deverão continuar sendo exportados e os produtos de importação como leite, arroz, feijão e cebola continuarão a ser importados.

QUADRO 5. - Projeção de Procura, Estado de São Paulo (1), Ano Agrícola 1974/75

Produto	Consumo p/capita urbano (kg/ano)	Consumo p/capita rural (kg/ano)	Demanda zona urbana (1000t)	Demanda zona rural (1000t)	Demanda total (1000t)
Arroz	46,25	73,53	877,2	213,4	1.090,5
Feijão	16,88	26,67	320,2	77,2	397,6
Batata	24,65	14,54	467,6	42,2	509,9
Carne bovina	29,60	8,58	561,4	24,9	586,3
Carne suína	1,89	8,97	35,9	26,0	61,9
Frango	8,94	21,45	169,6	62,2	231,9
Ovos (2)	19,11	16,66	362.532,4	48.341,5	410.873,9
Cafê	8,63	10,78	163,8	31,3	195,1
Laranja (em natura)	49,18	15,73	932,8	45,6	978,4
Banana	18,18	13,45	285,6	39,0	324,6
Leite (3)	79,76	101,29	1.512,6	293,9	1.806,5
Cebola	6,87	-	130,4	-	-
Laranja (4) (industria)	-	-	-	-	63.000,0
Cana (5) (industria)	-	-	-	-	37.500,0

(1) População urbana e rural estimadas em respectivamente: 16.490.000 e 2.901.650 de habitantes.

(2) Os valores per capita em duzias, os demais em 1000 duzias.

(3) Consumo per capita em litros, os demais em milhões de litros.

(4) Em caixas.

(5) Apenas para produção de açúcar.

QUADRO 6. - Projeções de Oferta, Estado de São Paulo, Ano Agrícola 1974/75

Produto	Área 1973/74 (1000ha)	Projeção área 1974/75 (1000ha)	Rendimentos estimados <sup>(1)</sup> kg/ha			Projeção de oferta 1974/75(1000t)			Produção 1973/74 1000t
			Pessimista	Médio	Otimista	Pessimista (S <sub>1</sub> )	Média (S <sub>2</sub> )	Otimista (S <sub>3</sub> )	
Algodão	395,6	514,8	1.047	1.215	1.444	539,0	625,5	743,4	555,0
Amendoim	202,7	182,5	1.157	1.296	1.400	211,2	236,5	255,5	283,5
Arroz	465,0	508,3	625	1.128	1.355	317,7	573,3	688,7	630,0
Batata	33,3	35,5	11.466	11.783	12.396	407,0	418,3	440,1	412,8
Cana	935,4	937,6	46.548	51.441	56.106	43.642,0	48.228,5	52.603,3	45.100,0
Cebola	11,2	12,7	4.576	5.867	7.170	57,9	74,2	90,7	80,3
Feijão	290,1	333,3	490	507	533	163,3	169,0	177,6	152,4
Laranja	378,0	388,8	-	9.600	-	-	3.753,6	-	3.280,0
Mamona	124,7	107,0	960	1.134	1.284	102,7	121,3	137,4	160,0
Mandioca	90,7	92,6	11.577	14.921	17.396	1.072,4	1.382,1	1.611,4	1.050,0
Milho	1.290,0	1.311,7	1.629	1.937	2.149	2.136,8	2.540,8	2.818,9	2.772,0
Soja	373,7	400,0	1.075	1.532	1.754	430,0	612,8	701,6	642,0
Tomate	22,5	21,2	19.623	22.194	24.695	415,0	469,4	522,3	502,8
Banana	34,2	32,3	16.182	16.914	18.150	522,5	546,2	586,1	597,3
Café beneficiado	800,0	-	500	645	-	400,0	516,0	-	588,0
Ovos <sup>(2)</sup>	-	-	-	-	-	-	505,4	-	499,6
Suínos	-	-	-	-	-	-	69,8	-	65,9
Carne bovina	-	-	-	-	-	-	528,1	-	547,8
Leite <sup>(3)</sup>	-	-	-	-	-	-	1.587,1	-	1.514,9

<sup>(1)</sup> Rendimento estimado a partir da área colhida.

<sup>(2)</sup> Milhões de dúzias.

<sup>(3)</sup> Milhões de litros.

QUADRO 7. - Projeções de Procura, Oferta e Intercâmbio Líquido, Estado de São Paulo, Ano Agrícola 1974/75

Produto	Procura (1000t)	Alternativas de oferta (1000t)			Intercâmbio líquido (1000t)		
		S <sub>1</sub>	S <sub>2</sub>	S <sub>3</sub>	S <sub>1</sub> - D	S <sub>2</sub> - D	S <sub>3</sub> - D
Arroz	1.090,5	317,7	573,3	688,7	-772,8	-517,2	-401,8
Batata	509,8	407,0	418,3	440,1	-102,8	- 91,5	- 69,7
Cebola	130,4	57,9	74,2	90,7	- 72,5	- 50,2	- 39,7
Feijão	397,6	163,3	169,0	177,6	-234,3	-228,6	-220,0
Laranja	3.548,8	-	3.753,6	-	-	204,8	-
Banana	324,6	522,5	546,2	586,1	197,9	221,6	261,5
Cafê	195,2	400,0	516,0	-	204,8	321,0	-
Ovos <sup>(1)</sup>	410,9	-	505,4	-	-	94,5	-
Carne bovina	586,3	-	528,1	-	-	- 58,2	-
Leite <sup>(2)</sup>	1.806,0	-	1.587,1	-	-	-218,9	-

<sup>(1)</sup> Milhões de dúzias.

<sup>(2)</sup> Milhões de litros.



**4 - RESULTADO  
ECONÔMICO  
E CUSTO  
OPERACIONAL**

#### 4 - RESULTADO ECONÔMICO E CUSTO OPERACIONAL

Como já indicado anteriormente mudanças conjunturais modificaram bastante o desempenho agregado do setor agrícola deste ano em relação a safra anterior. Naturalmente, nas diferentes atividades agrícolas foram observados comportamentos diversos em função dos mercados de fatores e de produtos. Assim, procurou-se estimar o resultado econômico da safra 1973/74 como também indicar o custo operacional para o próximo ano agrícola. No intuito de levar maior número de informes, neste ano são apresentados também os coeficientes técnicos regionalizados das principais culturas anuais do Estado.

##### - Resultado Econômico, 1973/74

Para calcular-se o resultado econômico, da receita bruta estimada deduziu-se o custo operacional, obtendo-se resíduo ou receita líquida que se destina a remunerar os fatores de produção: terra, capital e trabalho empresarial.

O custo operacional globaliza o desembolso efetuado pelo agricultor mais a depreciação do capital em máquinas e equipamentos. As despesas realizadas foram calculadas aplicando-se aos coeficientes técnicos levantados pelo IEA, os preços de insumos e serviços correntes na safra 1973/74. Como se sabe, a mão-de-obra é parcela ponderável na composição de custos de atividades agrícolas e, em assim sendo, para 1973/74 estimou-se uma diária média corrente de Cr\$ 13,00, valor este acima daquele que o IEA vinha usando como critério, ou seja, um cálculo de diária em função do salário mínimo vigente, de Cr\$ 11,60. Do mesmo modo, na operação de colheita feita por empreitadas foram apropriados valores médios em razão das variações regionais observadas.

Nos quadros 8 e 9 tem-se os custos operacionais por hectare e por unidade produzida de culturas anuais e perenes, respectivamente.

O custo por unidade produzida de cada atividade foi calculado levando-se em conta a estimativa da produtividade média estadual, portanto diferindo daqueles apresentados como produção esperada no ano anterior. A seguir, os custos operacionais são cotejados com a receita bruta por hectare, calculada a partir do rendimento médio estadual e preço estimado do produto, obtendo-se então a receita líquida por unidade de área e de produto (quadro 10). Fica implícito que esse indicador de resultado econômico poderá auxiliar muito na tomada de decisões, uma vez ajustado às condições individuais de cada empresário e de cada região.

Dentre os resultados, como esperado, os de maior destaque são na agricultura intensiva: batata, tomate e cebola. Para as culturas anuais: cana-de-açúcar, algodão, soja e trigo são os destaques. As receitas líquidas das culturas perenes mostram-se substancialmente superiores às das atividades anuais. Porém as diferenças registradas deverão ser encaradas, em boa parte necessárias para remunerar ao maior capital de exploração presente naqueles empreendimentos, a começar pelas próprias árvores.



## - Estimativa de Custo Operacional, 1974/75

Os custos operacionais para a próxima safra são apresentados nos quadros 11 e 12, respectivamente para culturas anuais e perenes. Nessas estimativas foram levados em conta os preços atuais para insumos e serviços. Assim, por exemplo, a mão-de-obra foi apropriada à razão de Cr\$ 17,00, por dia visto que a escassez deste fator de produção tem situado a sua remuneração bem acima do salário mínimo em vigência. Ponderáveis aumentos também nos preços de insumos, principalmente de fertilizantes, fazem com que as estimativas sejam bem mais elevadas na safra 1974/75. Esta é por sinal, característica das mais relevantes do ano agrícola que se aproxima.

As estimativas apresentadas são ainda indicadores globais para o Estado. No próximo ano, porém vários custos operacionais deverão ser apresentados ao nível de região produtora, de vez que o IEA vem desenvolvendo pesquisa com o fito de estimar custos regionalizados.

Registre-se ainda que as produtividades indicadas para cada atividade referem-se a um bom nível de tecnologia. No caso do café, o custo operacional é estimado para 4 níveis de produtividade considerando-se juntamente o custo de controle à ferrugem com o emprego de 24 quilos de fungicidas em 6 aplicações anuais, pulverizadas com micro-trator. Os custos de controle à ferrugem com emprego de equipamentos alternativos encontram-se calculados separadamente na parte inferior do quadro 12.

Para o leite tipo "C" produzido na Região do Vale do Paraíba, o custo operacional juntamente com a análise da renda são apresentados no quadro 13, para três classes de tamanho. Nesta estimativa verifica-se que, a exemplo de anos anteriores, os "pequenos" produtores tem receita insuficiente para cobrir o custo operacional quando a mão-de-obra familiar é apropriada ao nível dos salários rurais vigentes.

## - Coeficientes Técnicos

Nos quadros 14 a 21 são apresentados os coeficientes técnicos das culturas de algodão, amendoim, cana-de-açúcar, feijão, milho e soja representativos das regiões produtoras do Estado. Tais coeficientes, também conhecidos como exigências físicas, quantificam a demanda de insumos e serviços por hectare para cada cultivo.

Com esta inovação, o IEA objetiva levar ao empresariado rural dados que venham facilitar o planejamento da empresa, quer no cálculo de orçamentos, como no dimensionamento global das necessidades de serviços de mão-de-obra, maquinaria e insumos.

Também, os coeficientes técnicos apresentados poderão ser comparados com dados individualizados de cada empresa agrícola, revelando a posição dos índices de eficiência do estabelecimento considerado em relação à "média" regional. Isto porque as exigências físicas, em dias de serviço de máquinas e mão-de-obra, foram estimadas nas diferentes operações de cultivo em termos médios em levantamentos junto aos agricultores.

A demanda de insumos refere-se a dados empíricos obtidos em culturas bem conduzidas; não se tratando necessariamente de recomendações dos órgãos técnicos da Secretaria da Agricultura.

QUADRO 8. - Custo Operacional por Hectare e por Unidade Simples de Produção de Culturas Anuais, Estado de São Paulo, 1973/74  
(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade média do Estado		Mão-de- obra	Semente e muda	Adubo e Corretivo	Defensivo	Outros <sup>(1)</sup>	Colheita por empreitada	Deprecia- ção <sup>(2)</sup>	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade									
Algodão (TM)	94	arroba	413,79	47,03	203,57	168,32	189,20	875,50	113,94	2.011,35	21,40
Amendoim (TA)	60	25kg	310,83	411,68	181,50	143,52	42,00	354,00	15,25	1.458,78	24,31
Amendoim (TM)	74	25kg	198,64	358,56	221,60	114,59	195,18	436,60	77,92	1.603,09	21,66
Arroz sequeiro (TA)	22	60kg	682,24	58,74	163,36	51,27	133,77	-	14,27	1.103,65	50,17
Batata (TMA) <sup>(3)</sup>	361	60kg	331,48	3.158,68	1.802,50	1.095,30	1.086,98	-	170,09	8.145,03	22,56
Batata (TAM) <sup>(3)</sup>	212	60kg	966,94	1.221,00	912,00	464,21	482,47	-	45,07	4.091,69	19,30
Cana-de-açúcar (TM)(nova) <sup>(4)</sup>	85	t	391,04	260,40	503,32	56,79	1.150,07 <sup>(5)</sup>	969,60	112,37	3.443,59	40,51
Cana-de-açúcar (TM)(soca)	55	t	134,03	-	252,97	18,89	586,94 <sup>(5)</sup>	585,60	21,03	1.599,46	29,08
Cana-de-açúcar (TM)(ressoca)	45	t	151,58	-	191,27	14,19	517,61 <sup>(5)</sup>	480,00	29,53	1.384,18	30,76
Cebola (TM)	159	45kg	3.042,00	112,50	876,75	111,40	720,85	-	146,29	5.009,79	31,51
Feijão (TA)	6	60kg	335,79	127,10	149,91	13,98	82,64	-	10,11	719,53	119,92
Feijão (TM)	7	60kg	222,69	127,10	260,22	13,98	172,06	-	29,92	825,97	118,00
Mamona (TAM)	1.283	kg	429,78	12,77	167,96	-	30,00	-	5,64	646,15	0,50
Mandioca (TA) <sup>(4)</sup>	18	t	864,89	45,80	234,20	21,75	292,19	-	12,27	1.471,10	81,73
Milho (TA)	36	60kg	373,23	26,79	252,08	-	200,17	-	10,83	863,10	23,98
Milho (TM)	43	60kg	233,48	26,79	252,08	-	365,31	-	68,66	946,32	22,01
Soja (TMA)	28	60kg	339,82	89,90	125,51	42,00	73,81	-	30,35	701,39	25,05
Soja (TM)	28	60kg	96,59	89,90	189,15	26,70	144,95	-	64,81	612,10	21,86
Tomate caqui envarado (TM)	884	cx.	10.219,69	76,74	4.425,64	1.274,51	7.259,18	-	276,20	23.531,96	26,62
Tomate santa cruz envarado (TM)	1.946	cx.	10.649,82	60,47	11.350,02	1.623,04	10.319,13	-	319,80	34.322,28	17,64
Tomate rasteiro (TM)	21,8	t	806,78	64,00	631,10	570,32	466,12	-	234,53	2.772,85	127,19
Trigo (ano 1973)	21	60kg	20,80	134,55	234,00	-	112,15	-	88,00	589,50	28,07

<sup>(1)</sup> Estão incluídos combustível, operação animal e reparos de máquinas.

<sup>(2)</sup> Somente do capital em máquinas e animais.

<sup>(3)</sup> Tração mecanizada e animal na região de Itapetininga e tração animal e manual na região de Divinolândia.

<sup>(4)</sup> Cultura de ano e meio.

<sup>(5)</sup> Inclui carregamento e transporte.

Obs: Tecnologia utilizada: TA = tração animal; TM = tração motomecanizada e TAM = tração animal e manual.

QUADRO 9. - Custo Operacional por Hectare e por Unidade Simples de Produção de Culturas Perenes, Estado de São Paulo, 1973/74  
(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade média do Estado		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Outros <sup>(1)</sup>	Depreciação <sup>(2)</sup>	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por há	Unidade								
Abacaxi (TA) (Implant.e 2º ano) <sup>(3)</sup>	23.000	kg	2.454,66	2.892,40	225,02	52,62	171,85	27,76	5.824,31	0,25
Abacaxi (TM)(Implant.e 2º ano) <sup>(3)</sup>	24.500	kg	2.595,58	2.892,40	290,06	52,62	476,27	147,95	6.454,88	0,26
Abacaxi (TMM)(Implant.e 2º ano) <sup>(3)</sup>	23.800	kg	2.274,74	3.300,00	815,75	193,72	283,88	125,17	6.993,26	0,29
Banana na varzea	33	t	1.030,51	-	814,32	135,30	13,91	12,14	2.006,18	60,79
Banana no morro	32	t	1.073,93	-	835,38	135,30	17,79	15,51	2.077,91	64,93
Cafê formação (sô 1º ano)(1.000 covas)	-	-	611,52	400,00	170,40	-	245,59	124,44	1.551,95	1,55 <sup>(5)</sup>
Cafê <sup>(4)</sup>	25	60kg	1.857,32	8,00	692,52	447,60	551,07	19,77	3.576,28	143,05
Cafê <sup>(4)</sup>	18,7	60kg	1.677,00	12,00	443,44	447,60	447,61	15,38	3.043,03	162,73
Cafê <sup>(4)</sup>	12,5	60kg	1.361,81	16,00	301,02	447,60	344,85	10,72	2.482,00	198,56
Cafê <sup>(4)</sup>	6,3	60kg	977,84	-	-	426,10	321,53	-	1.725,47	273,88
Figo formação-1º ano (1.660 pés)	-	-	1.831,70	-	1.454,04	279,73	270,41	70,60	3.906,48	2,35 <sup>(5)</sup>
Figo produção	6.308	engradado	6.707,09	-	2.626,22	3.878,30	6.594,17	21,51	19.827,29	3,14
Laranja formação-plantio (200 pés)	-	-	365,00	770,00	144,36	81,09	292,70	140,84	1.794,03	8,97 <sup>(5)</sup>
Laranja produção	400	cx.	270,79	-	507,29	221,47	262,97	129,89	1.392,41	3,48
Maracujã formação-plantio(1.000 pés)	-	-	1.420,90	682,50	304,40	201,41	3.883,33	334,48	6.827,02	6,83 <sup>(5)</sup>
Maracujã produção	875	cx.	936,00	-	721,32	430,73	654,74	259,27	3.002,06	3,43
Uva niagara formação-1º ano (4.000 pés)	-	-	3.036,54	480,00	5.136,00	240,19	1.152,40	54,52	10.099,65	2,52 <sup>(5)</sup>
Uva niagara produção (4.000 pés)	1.615	cx.	4.405,70	-	2.947,00	810,62	3.445,02	101,79	11.710,13	7,25
Controle da ferrugem do cafeeiro <sup>(6)</sup> :										
Pulverizador costal motorizado	-	-	-	-	-	404,40	378,06	-	782,46	-
Pulverizador acoplado a trator	-	-	-	-	-	404,40	129,12	-	533,52	-
Pulverizador tração animal	-	-	-	-	-	404,40	126,24	-	530,64	-

(1) Estão incluídos combustível, operação animal e reparos de máquinas.

(2) Somente do capital em máquinas.

(3) Cultura de abacaxi semi-perene - tração animal (TA), tração mecanizada (TM) na região de Baurū e tração mecanizada e manual (TMM) no Vale do Ribeira.

(4) Incluído custo de controle à ferrugem com pulverizador acoplado à trator.

(5) Custo por pé.

(6) Combate à ferrugem do cafeeiro considerando 6 pulverizações e 5 kg de fungicida por vez.

QUADRO 10. - Resultado Econômico por Hectare de Diferentes Atividades Agrícolas, Estado de São Paulo, 1973/74  
(em cruzeiro)

Cultura	Rendimento (1)		Receita		Custo operacional		Receita Líquida (2)	
	Por ha	Unidade	Por ha	Por u.	Por ha	Por u.	Por ha	Por u.
Algodão (TM)	94	arroba	3.760,00	40,00	2.011,35	21,40	1.748,65	18,60
Amendoim (TA)	60	25kg	1.800,00	30,00	1.458,78	24,31	341,22	5,69
Amendoim (TM)	74	25kg	2.220,00	30,00	1.603,09	21,66	616,91	8,34
Arroz sequeiro (TA)	22	60kg	1.650,00	75,00	1.103,65	50,17	546,35	24,83
Banana varzea (CM)	33	t	7.920,00	240,00	2.006,18	60,79	5.913,82	179,21
Banana morro (CM)	32	t	7.680,00	240,00	2.077,91	64,93	5.602,09	175,07
Batata das águas (TMA)	361	60kg	28.880,00	80,00	8.145,03	22,56	20.734,97	57,44
Batata das águas (TAM)	212	60kg	16.960,00	80,00	4.091,69	19,30	12.868,31	60,70
Cafê (3)	25	60kg	8.750,00	350,00	3.576,28	143,05	5.173,72	206,95
Cafê (3)	18,7	60kg	6.545,00	350,00	3.043,03	162,73	3.501,97	187,27
Cafê (3)	12,5	60kg	4.375,00	350,00	2.482,00	198,56	1.893,00	151,44
Cafê (3)	6,3	60kg	2.205,00	350,00	1.725,47	273,88	479,53	76,12
Cana-de-açúcar (nova) (TM) (4)	85	t	4.542,40	53,44	3.443,59	40,51	1.098,81	12,93
Cana-de-açúcar (soca) (TM)	55	t	2.939,20	53,44	1.599,46	29,08	1.339,74	24,36
Cana-de-açúcar (ressoca) (TM)	45	t	2.404,80	53,44	1.384,18	30,76	1.020,62	22,68
Cebola (TM)	159	45kg	9.063,00	57,00	5.009,79	31,51	4.053,21	25,49
Feijão (TA)	6	60kg	930,00	155,00	719,53	119,92	210,47	35,08
Feijão (TMA)	7	60kg	1.085,00	155,00	825,97	118,00	259,03	37,00
Laranja, produção	400	cx.	3.120,00	7,80	1.392,41	3,48	1.727,59	4,32
Mamona (TAM)	1.283	kg	1.385,64	1,08	646,15	0,50	739,49	0,58
Mandioca (TA) (4)	18	t	2.340,00	130,00	1.471,10	81,73	868,90	48,27
Milho (TA)	36	60kg	1.224,00	34,00	863,10	23,98	360,90	10,02
Milho (TM)	43	60kg	1.462,00	34,00	946,32	22,01	515,68	11,99
Soja (TM)	28	60kg	1.680,00	60,00	612,10	21,86	1.067,90	38,14
Tomate rasteiro (TM)	21,8	t	7.630,00	350,00	2.772,85	127,19	4.857,15	222,81
Tomate envarado caqui (TM)	884	cx.	30.940,00	35,00	23.531,96	26,62	7.408,04	8,38
Tomate envarado Sta.Cruz (TM)	1.946	cx.	52.542,00	27,00	34.322,28	17,64	18.219,72	9,36
Trigo (ano 1973)	21	60kg	945,00	45,00	589,50	28,07	355,50	16,93

(1) Rendimento médio estimado para o Estado, ano agrícola 1973/74.

(2) Receita líquida = receita total menos custo operacional.

(3) Incluiu-se custo de combate à ferrugem com pulverizador acoplado ao trator.

(4) Cultura de ano e meio.

Obs: Tecnologia utilizada: TA = tração animal; TM = tração motomecanizada; CM = com uso de técnica moderna; TAM = tração motomecanizada e animal e TMA = tração animal e manual.

QUADRO 11. - Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Unidade Simples de Produção de Culturas Anuais, Estado de São Paulo, 1974/75  
(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação de máquinas <sup>(1)</sup>	Outros <sup>(2)</sup>	Colheita por empreita	Depreciação <sup>(3)</sup>	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade										
Algodão (TMA)	103	arroba	541,11	64,53	1.102,88	300,33	248,33	10,12	1.050,60	120,50	3.438,22	33,38
Amendoim (TA)	70	25kg	406,64	462,52	502,88	179,40	14,08	42,15	495,60	37,50	2.140,77	30,58
Amendoim (TM)	87	25kg	259,93	402,84	732,38	187,26	266,42	-	615,96	96,08	2.560,87	29,43
Arroz sequeiro (TA)	31	60kg	892,16	82,50	429,00	87,81	14,64	248,76	-	39,74	1.794,61	57,89
Batata (TMM) <sup>(4)</sup>	372	60kg	1.087,32	5.220,00	3.743,75	182,15	591,01	1.376,40	-	212,33	12.412,96	33,37
Batata (TAM) <sup>(4)</sup>	207	60kg	1.264,46	2.970,00	2.171,38	138,15	125,60	756,90	-	117,51	7.553,00	36,49
Cana-de-açúcar(nova)(TMA) <sup>(5)</sup>	103	t	511,53	333,31	1.703,86	158,72	383,76	10,54	1.867,39 <sup>(6)</sup>	144,56	5.113,67	49,65
Cana-de-açúcar(soca)(TMA)	62	t	175,44	-	665,02	52,80	82,99	-	1.124,06 <sup>(6)</sup>	25,35	2.125,66	34,28
Cana-de-açúcar (ressoca)(TM)	50	t	198,39	-	502,82	39,68	122,02	1,69	906,50 <sup>(6)</sup>	35,84	1.806,94	36,14
Cebola (TM)	222	45kg	3.978,00	375,00	2.585,00	174,04	457,35	825,10	-	195,42	8.589,91	38,69
Feijão (TA)	17	60kg	439,11	248,00	681,39	25,15	11,61	145,41	-	25,82	1.576,49	92,73
Feijão (TMA)	19	60kg	291,38	223,20	681,39	25,15	155,40	128,74	-	60,74	1.566,00	82,42
Mamona (TAM)	1.653	kg	562,02	37,20	442,30	-	5,41	34,58	-	21,58	1.103,09	0,67
Mandioca (TA) <sup>(5)</sup>	29	t	1.131,18	115,00	724,25	32,00	9,86	422,71	-	28,53	2.463,53	84,95
Milho (TM)	50	60kg	305,49	31,35	655,04	-	231,27	416,50	-	84,63	1.724,28	34,49
Soja (TMA)	33	60kg	444,55	108,53	367,95	79,52	68,08	44,86	-	60,36	1.173,85	35,57
Soja (TM)	33	60kg	126,48	108,53	629,82	79,52	189,38	-	-	78,38	1.212,11	36,74
Tomate Sta.Cruz envarado (TM)	1.715	cx.	13.926,91	197,14	25.629,90	2.629,38	1.396,66	17.308,01	-	1.170,98	62.258,98	36,30
Tomate caqui envarado (TM)	930	cx.	13.364,21	1.940,70	11.100,20	1.814,25	906,74	12.511,44	-	923,60	42.561,14	45,76
Tomate rasteiro (TM)	18,6	t	1.351,50	82,60	1.593,19	893,90	1.355,12	-	-	666,40	5.942,71	319,50
Trigo (TM) (ano 1974)	23	60kg	89,91	198,34	520,66	10,16	145,61	165,30	-	68,38	1.198,36	52,10

<sup>(1)</sup> Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificantes.

<sup>(2)</sup> Foram incluídos operação animal, sacaria e beneficiamento.

<sup>(3)</sup> Somente do capital em máquinas e animais.

<sup>(4)</sup> Tração mecanizada e animal na região de Itapetininga e tração animal e manual na região de Divinópolis.

<sup>(5)</sup> Cultura de ano e meio.

<sup>(6)</sup> Inclui também carregamento e transporte.

Obs: Tecnologia utilizada: TA = tração animal; TM = tração motomecanizada; TMA = tração motomecanizada e animal; TAM = tração animal e manual.

QUADRO 12. - Estimativa de Custo Operacional por Hectare e por Unidade Simples de Produção de Culturas Perenes, Estado de São Paulo, 1974/75  
(em cruzeiro)

Cultura	Produtividade		Mão-de-obra	Semente e muda	Adubo e corretivo	Defensivo	Operação <sup>(1)</sup> de máquinas	Outros <sup>(2)</sup>	Depreciação <sup>(3)</sup>	Custo por hectare	Custo por unidade produzida
	Por ha	Unidade									
Abacaxi(TA)(Implantação e 2º ano) <sup>(4)</sup>	23.000	kg	3.210,11	3.615,50	723,16	103,43	23,64	250,19	37,69	7.963,72	0,346
Abacaxi(TM)(Implantação e 2º ano) <sup>(4)</sup>	24.500	kg	3.394,39	3.615,50	929,70	103,43	494,30	210,47	195,24	8.943,03	0,365
Abacaxi(TMM)(Implantação e 2º ano) <sup>(4)</sup>	23.800	kg	2.974,83	4.125,00	2.145,39	331,26	315,92	91,40	163,37	10.147,17	0,426
Banana na varzea	33	t	1.347,76	-	2.613,48	332,10	28,52	-	55,36	4.377,22	132,64
Banana no morro	32	t	1.440,54	-	2.681,07	332,10	36,46	-	70,74	4.560,91	142,53
Cafê formação (1.000 covas)(só 1º ano)	-	-	812,60	480,00	428,00	-	-	326,60	127,84	2.175,04	2,17 <sup>(6)</sup>
Cafê <sup>(5)</sup>	25	60kg	2.308,65	8,80	1.764,00	557,60	136,82	740,41	65,28	5.581,56	223,26
Cafê <sup>(5)</sup>	18,7	60kg	2.116,30	13,20	1.102,25	557,60	135,02	585,06	63,04	4.572,47	244,52
Cafê <sup>(5)</sup>	12,5	60kg	1.698,09	17,60	769,00	557,60	133,22	431,13	60,94	3.667,58	293,41
Cafê <sup>(5)</sup>	6,3	60kg	1.226,55	-	-	518,80	129,91	151,51	8,70	2.035,47	323,09
Figo formação-1º ano,plântio (1660 pés)	-	-	2.395,30	-	3.095,58	301,67	215,49	163,50	213,92	6.385,46	3,85 <sup>(6)</sup>
Figo produção	6.308	engrad.	8.770,81	-	6.002,98	8.007,01	715,60	12.229,95	1.388,49	37.114,84	5,88
Laranja formação (plântio 200 pés)(TM)	-	-	393,54	924,00	437,52	202,22	389,51	-	177,74	2.524,52	12,62 <sup>(6)</sup>
Laranja produção	400	cx.	291,96	-	836,80	400,41	355,40	-	161,95	2.046,52	5,12
Maracujã formação (1.000 pés)	-	-	1.858,10	840,00	693,50	344,42	660,92	6.106,32	256,99	10.760,25	10,76 <sup>(6)</sup>
Maracujã produção	875	cx.	1.224,00	-	1.866,00	736,53	877,72	3,06	312,22	5.019,53	5,74
Uva niagara formação (1º ano)(4.000 pés)	-	-	3.939,75	1.760,00	10.925,00	267,09	4,41	160,82	8,79	17.065,86	4,27 <sup>(6)</sup>
Uva niagara produção (4.000 pés)	2.600	cx.	5.474,00	-	3.218,00	902,19	315,56	2.610,00	146,69	12.666,44	4,87
Controle à ferrugem do cafeeiro:											
			189,36	-	-	480,00	40,86	-	47,94	758,16	-
			54,06	-	-	480,00	185,04	-	68,82	787,92	-
			39,90	-	-	480,00	75,18	-	53,34	648,42	-
			175,92	-	-	480,00	83,34	-	33,78	773,04	-
			40,50	-	-	480,00	126,60	-	51,72	698,82	-
			113,88	-	-	480,00	142,14	-	40,20	776,22	-

<sup>(1)</sup> Foram incluídos reparos de máquinas, combustível e lubrificante.

<sup>(2)</sup> Foi incluída operação animal.

<sup>(3)</sup> Somente do capital em máquinas.

<sup>(4)</sup> Cultura de abacaxi - semi-perene - Tração animal (TA) e mecanizada (TM) na região de Baurū e mecanizada e manual (TMM) no Vale do Ribeira.

<sup>(5)</sup> Incluiu-se controle à ferrugem utilizando pulverizador acoplado a micro-trator, usando 4 kg de fungicida por vez, em 6 pulverizações ao ano.

<sup>(6)</sup> Custo de formação por unidade de pé (1.000, 1660, 200, 1000 e 4.000 pés) conforme cada caso.

QUADRO 13. - Estimativa de Resultado Econômico da Exploração do Leite na Região do Vale do Paraíba, em Diferentes Tamanhos, por Litro de Leite, Estado de São Paulo, Junho de 1974

Item	Tamanho (1)		
	Pequeno	Médio	Grande
A - Renda	--Cr\$/litro -		
Venda do produto	1,000	1,000	1,000
Aumento de inventário	...	...	...
Outros rendimentos (2)	<u>0,244</u>	<u>0,238</u>	<u>0,236</u>
Total	1,244	1,238	1,236
B - Custo Operacional			
Mão-de-obra variável	0,186	0,107	0,050
Mão-de-obra permanente	0,069	0,205	0,248
Sementes e mudas	0,002	0,017	0,002
Adubos e defensivos	0,008	0,038	0,036
Combustível e lubrificantes (3)	0,065	0,058	0,024
Alimentação	0,294	0,225	0,254
Vacinas e medicamentos	0,028	0,049	0,017
Impostos (3)	0,006	0,008	0,005
Arrendamento de pasto	-	0,056	0,002
Transporte de leite	0,085	0,085	0,044
Taxas (Pró-rural)	0,021	0,021	0,021
Reparos (3)	0,109	0,071	0,059
Utensílios diversos	<u>0,019</u>	<u>0,028</u>	<u>0,006</u>
Custo operacional efetivo	0,892	0,968	0,768
Depreciação (3)	0,093	0,073	0,069
Mão-de-obra familiar	<u>0,336</u>	<u>0,093</u>	-
Custo operacional total	1,321	1,134	0,837
A-B=Resíduo disponível para remunerar terra, capital e empresário	-0,077	0,104	0,399

(1) A "pequena" exploração produz menos de 100 l/dia; a "média" de 100 a 300 l/dia; e a "grande", acima de 300 l/dia.

(2) Créditos da exploração (venda de animais, de esterco e sacaria usada, por exemplo).

(3) Despesa rateada proporcionalmente à renda das atividades da empresa.

QUADRO 14. - Exigência Média de Fatores Físicos de Produção da Cultura do Algodão, por Hectare, Tração Motomecanizada e Animal, Região da Mogiana, Estado de São Paulo

Item	Homem	Trator	Animal	Arado trator	Grade trator	Cultiv. e riscador	Semead. adub.	Carreta	Polv. pulv.
A - Operação	(Dias de serviço)								
Aração (2 vezes)	0,83	0,83	-	0,83	-	-	-	-	-
Gradação (2 vezes)	0,41	0,41	-	-	0,41	-	-	-	-
Riscação	0,83	-	0,83	-	-	0,83	-	-	-
Plantio e adubação	0,62	0,62	-	-	-	-	0,62	-	-
Desbaste	2,07	-	-	-	-	-	-	-	-
Replante	0,21	-	-	-	-	-	-	-	-
Adubação em cobertura	0,83	-	-	-	-	-	-	-	-
Carpa mecânica (4 vezes)	4,13	-	4,13	-	-	4,13	-	-	-
Carpa manual (4 vezes)	8,26	-	-	-	-	-	-	-	-
Combate às pragas (10 vezes)	9,09	-	-	-	-	-	-	-	9,09
Secagem e ensacamento	0,83	-	-	-	-	-	-	-	-
Transporte interno	0,62	0,62	-	-	-	-	-	0,62	-
Arranc.e queima de soqueira	<u>3,10</u>	<u>0,21</u>	<u>0,21</u>	-	-	-	-	-	-
Total de dias (1)	31,83	2,69	4,96	1,04	0,41	4,96	0,62	0,62	9,09

B - Material consumido (2)

Adubo: Sulfato de amônio = 0,145 t; Superf.simples = 0,248 t; Cloreto de potássio = 0,050 t

Semente branca = 49,50kg

Defensivo: Inset. em pó = 72,31 kg; Inset.líquido = 0,72 l; Formicida = 2,48 vidros

(1) Exceto para colheita.

(2) As quantidades dos insumos são evidências empíricas; não se tratam de recomendação técnica da Secretaria da Agricultura.



QUADRO 15. - Exigência Média de Fatores Físicos de Produção da Cultura do Amendoim, por Hectare, Tração Motomecanizada, Região de Marília, Estado de São Paulo

Item	Homem	Trator	Arado	Grade	Cultiva dor	Riscador semead. adubad.	Pulveriza dor	Carreta	Roçadeira
A - Operação (Dias de serviço)									
Limpeza do terreno	0,27	0,27	0,10	0,01	0,01	-	-	-	0,15
Calagem	0,48	0,10	-	-	-	-	-	0,10	-
Combate à formiga	0,41	-	-	-	-	-	-	-	-
Aração (2 vezes)	0,69	0,69	0,69	-	-	-	-	-	-
Gradeação (2 vezes)	0,31	0,31	-	0,31	-	-	-	-	-
Risc.adub.plantio	1,06	0,47	-	-	-	0,47	-	-	-
Pulverização (3 vezes)	0,37	0,22	-	-	-	-	0,22	-	-
Carpa manual (2 vezes)	7,26	-	-	-	-	-	-	-	-
Carpa mecânica (3 vezes)	3,46	0,38	-	-	0,38	-	-	-	-
Sulc.p/colheita	0,28	0,28	-	-	0,28	-	-	-	-
Transp.de produção	<u>0,70</u>	<u>0,37</u>	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>0,37</u>	<u>-</u>
Total de dias (1)	15,29	3,09	0,79	0,32	0,67	0,47	0,22	0,47	0,15
B - Material consumido (2)									
Adubo: = 290 kg; Semente = 108 kg; Inseticida 3,08 l; Calcário = 1,35 t; Formicida = 1,24 kg; Fung. = 1,65 kg									

(1) Exceto para colheita.

(2) As quantidades dos insumos são evidências empíricas; não se trata de recomendação técnica da Secretaria da Agricultura.

QUADRO 16. - Exigência Média de Fatores Físicos de Produção da Cultura da Cana-de-Açúcar, por Hectare <sup>(1)</sup>, Região de Campinas, Estado de São Paulo, Lavoura Nova <sup>(2)</sup>

Item	Homem	Trator	Arado	Grade	Sulca- dor	Culti- vador	Carre- ta	Carro- ça	Cultiva- dor planet	Aduba- deira	Animal
A - Operação	(Dias de serviço)										
Aração (2 vezes)	1,24	1,24	1,24	-	-	-	-	-	-	-	-
Calagem	0,93	0,31	-	-	-	-	0,31	-	-	-	-
Gradeação (2 vezes)	0,62	0,62	-	0,62	-	-	-	-	-	-	-
Locação curvas de nível	0,83	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sulcação	0,62	0,62	-	-	0,62	-	-	-	-	-	-
Adubação	1,24	-	-	-	-	-	-	0,62	-	-	0,62
Corte desp. e seleção de mudas	2,48	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Transp. de mudas	0,62	0,62	-	-	-	-	0,62	-	-	-	-
Plantio c/carroça	1,65	-	-	-	-	-	-	0,83	-	-	1,65
Corte dos toletes	1,24	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cobertura c/terra	0,83	-	-	-	-	-	-	-	0,83	-	0,83
Adub. em cobertura	0,21	0,21	-	-	-	-	-	-	-	0,21	-
Carpa mecânica c/burro (2 vezes)	2,07	-	-	-	-	-	-	-	2,07	-	2,07
Carpa c/trator (2 vezes)	0,83	0,83	-	-	-	0,83	-	-	-	-	-
Carpa manual (2 vezes)	12,40	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Combate às formigas	1,24	1,24	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Aceramento e queima p/colheita	0,21	0,21	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cons. de carreador	0,83	0,83	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total de dias <sup>(3)</sup>	30,09	4,45	1,24	0,62	0,62	0,83	0,93	1,45	2,90	0,21	5,17
B - Material consumido <sup>(4)</sup>	Calcário = 1,27 t; Adubo = 0,62 t; Sulfato de amônio = 0,21t; Formicida = 4,95 vidros; Muda = 7,44 t										

<sup>(1)</sup> Plantio em fevereiro-março para cortar em setembro.

<sup>(2)</sup> Lavoura nova de ano e meio chamada de 1º corte.

<sup>(3)</sup> Exceto corte e transporte.

<sup>(4)</sup> As quantidades dos insumos são evidências empíricas; não se trata de recomendação técnica da Secretaria da Agricultura.

QUADRO 17. - Exigência Média de Fatores Físicos de Produção da Cultura da Cana-de-Açúcar, por Hectare, Região de Campinas, Estado de São Paulo, Lavoura de 2ª Corte (Soca)

Item	Homem	Trator	Cultivador	Subsolador	Adubadeira
A - Operação			(Dias de serviço)		
Adubação em cobertura (inclusive rodeamento)	0,31	0,31	-	-	0,31
Carpa mecânica:					
Quebra meio	0,31	0,31	-	0,31	-
Carpa com trator (1 vez)	0,41	0,41	0,41	-	-
Carpa manual	8,26	-	-	-	-
Combate à formiga	0,41	-	-	-	-
Aceramento e queima para colheita	0,21	-	-	-	-
Conservação de carreador	0,41	-	-	-	-
Total de dias (1)	10,32	1,03	0,41	0,31	0,31
B - Material consumido (2)					
Adubo = 0,41 t; Formicida = 1,65 vidro					

(1) Exceto corte e transporte.

(2) As quantidades dos insumos são evidências empíricas; não se trata de recomendação técnica da Secretaria da Agricultura.

QUADRO 18. - Exigência Média de Fatores Físicos de Produção da Cultura da Cana-de-Açúcar, por Hectare, Região de Campinas, Estado de São Paulo, Lavoura de 39 Corte (Ressoca)

Item	Homem	Trator	Cultivador	Animal	Carroça	Subsolador
A - Operação						
						(Dias de serviço)
Queima palhada	0,83	0,83	-	-	-	-
Adubação em cobertura	0,83	-	-	0,83	0,83	-
Carpa mecânica:						
Quebra meio	0,31	0,31	-	-	-	0,31
Carpa com trator (1 vez)	0,41	0,41	0,41	-	-	-
Carpa manual	8,26	-	-	-	-	-
Combate à formiga	0,41	-	-	-	-	-
Aceramento e queima para colheita	0,21	-	-	-	-	-
Conservação de carreador	0,41	-	-	-	-	-
Total de dias <sup>(1)</sup>	11,67	1,55	0,41	0,83	0,83	0,31
B - Material consumido <sup>(2)</sup>						
Adubo: = 0,31 t; Formicida = 1,24 vidro						

<sup>(1)</sup> Exceto corte e transporte.

<sup>(2)</sup> As quantidades dos insumos são evidências empíricas; não se trata de recomendação técnica da Secretaria da Agricultura.

QUADRO 19. - Exigência Média de Fatores Físicos de Produção da Cultura do Feijão, por Hectare, Tração Motomecanizada e Animal, Região de Sorocaba, Estado de São Paulo

Item	Homem	Trator	Roça- deira	Arado	Grade	Risca- dor	Semead. adub.	Pulv.	Carreta	Animal	Cultiva- dor
A - Operação (Dias de serviço)											
Limpeza do terreno	0,41	0,41	0,41	-	-	-	-	-	-	-	-
Aração	0,38	0,38	-	0,38	-	-	-	-	-	-	-
Gradeação	0,23	0,23	-	-	0,23	-	-	-	-	-	-
Riscação	0,10	0,10	-	-	-	0,10	-	-	-	-	-
Plantio/adubação	0,36	0,36	-	-	-	-	0,36	-	-	-	-
Carpa mecânica (2 vezes)	3,31	-	-	-	-	-	-	-	-	3,31	3,31
Carpa manual (2 vezes)	4,40	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pulverização	0,83	-	-	-	-	-	-	0,66	-	-	-
Colheita/beneficiamento	7,85	0,21	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Transporte interno	0,10	0,10	-	-	-	-	-	-	0,10	-	-
Total de dias	17,14	1,79	0,41	0,38	0,23	0,10	0,36	0,66	0,10	3,31	3,31

B - Material consumido <sup>(1)</sup>

Adubo: Superfosfato simples = 500 kg; Formulado = 83kg

Defensivo: Fungicida = 0,42 kg; Inseticida = 0,47 kg

Semente: = 62 kg

<sup>(1)</sup> As quantidades dos insumos são evidências empíricas; não se trata de recomendação técnica da Secretaria da Agricultura.

QUADRO 20. - Exigências Média de Fatores Físicos de Produção da Cultura do Milho, por Hectare, Tração Motomecanizada, Região de Mogiana, Estado de São Paulo

Item	Homem	Trator	Arado	Grade	Cultivador	Semead. Adubad.	Carreta
(Dias de serviço)							
A - Operação							
Aração (2 vezes)	0,83	0,83	0,83	-	-	-	-
Gradeação (2 vezes)	0,41	0,41	-	0,41	-	-	-
Plantio e adubação	0,41	0,41	-	-	-	0,41	-
Adubação em cobertura	0,83	-	-	-	-	-	-
Carpa mecânica (3 vezes)	0,62	0,62	-	-	0,62	-	-
Carpa manual (3 vezes) <sup>(1)</sup>	6,20	-	-	-	-	-	-
Colheita	8,26	-	-	-	-	-	-
Transporte interno	<u>0,41</u>	<u>0,41</u>	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>0,41</u>
Total de dias <sup>(2)</sup>	17,97	2,68	0,83	0,41	0,62	0,41	0,41
B - Material consumido <sup>(3)</sup>							
Adubo: Sulfato de amônio <sup>(4)</sup> = 0,190 t; Superfosfato simples = 0,330 t; Cloreto de potássio = 0,033 t							
Semente = 19 kg							

<sup>(1)</sup> Inclui o desgaste.

<sup>(2)</sup> Não está incluída a operação de beneficiamento.

<sup>(3)</sup> As quantidades dos insumos são evidências empíricas; não se trata de recomendação técnica da Secretaria da Agricultura.

<sup>(4)</sup> 165 kg aplicados em cobertura.

QUADRO 21. - Exigência Média de Fatores Físicos de Produção da Cultura da Soja, por Hectare, Tração Motomecanizada, Região da Mogiana, Estado de São Paulo

Item	Homem	Trator	Arado	Grade	Cultivador	Semead. adubad.	Espar. calc.	Pulverizador	Carreta	Colhedeira autom.
A - Operação										
	(Dias de serviço)									
Aração	0,41	0,41	0,41	-	-	-	-	-	-	-
Gradeação (3 vezes)	0,37	0,37	-	0,37	-	-	-	-	-	-
Aplicação de calcário	0,31	0,10	-	-	-	-	0,10	-	-	-
Plantio e adubação	0,44	0,15	-	-	-	0,15	-	-	-	-
Carpa mecânica (3 vezes)	0,54	0,42	-	-	0,42	-	-	-	-	-
Carpa manual	4,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pulverização (3 vezes)	0,36	0,18	-	-	-	-	-	0,18	-	-
Colheita e beneficiamento	0,63	-	-	-	-	-	-	-	-	0,17
Transporte interno	0,38	0,17	-	-	-	-	-	-	0,17	-
Total de dias	7,44	1,80	0,41	0,37	0,42	0,15	0,10	0,18	0,17	0,17

B - Material consumido <sup>(1)</sup>

Semente = 62 kg; Adubo = 310 kg; Calcário = 1.240 kg; Inseticida líquido = 3 litros

<sup>(1)</sup> As quantidades dos insumos são evidências empíricas; não se trata de recomendação técnica da Secretaria da Agricultura.



**5- POLÍTICA**

**AGRÍCOLA**



- Assistência Técnica

- Assistência técnica regionalizada em São Paulo

A exemplo de anos anteriores, a CATI desenvolverá em 1974/75 uma série de programas regionalizados e de caráter prioritário.

As 15 atividades a serem contempladas nessa programação deverão responder por 40% do tempo do corpo técnico disponível na rede oficial de assistência técnica. São elas: pecuária de corte; pecuária de leite; café; cana-de-açúcar; milho; algodão; citros; soja e trigo; feijão; banana; chá; olericultura; fruticultura de clima temperado; e sericicultura.

- Programa de rádio para o agricultor

Em 1974/75, a CATI patrocinará diariamente (exceto aos domingos) 41 programas de rádio, "Atualidades Agrícolas", para orientar tecnicamente o agricultor. Esses programas são os seguintes, com os respectivos horários:

Rádio Cultura - Araçatuba	11:20 às 11:30
Rádio Andradina	18:20 às 18:30
Difusora de Penápolis	7:00 às 7:10
Rádio Valparaízo	6:30 às 6:40
Rádio Jauense de Jau	6:00 às 6:10
Lins Rádio Clube	6:20 às 6:30
Rádio Pirajui	6:00 às 6:10
Rádio Educadora de Campinas	6:30 às 6:40
Rádio Cultura - Leme	6:20 às 6:30
Rádio Alvorada Mogi Mirim	6:00 às 6:10
Rádio Difusora de Piracicaba	6:30 às 6:40
Rádio Piratininga S.João da Boa Vista	6:10 às 6:20
Rádio Difusora S.José do Rio Pardo	6:30 às 6:40
Rádio Transmissora de Serra Negra	17:45 às 17:55
Rádio N.S. do Socorro	17:00 às 17:30
Rádio Cultura de Assis	6:30 às 6:40
Rádio Clube de Marília	18:30 às 18:40
Rádio Clube de Ourinhos	6:20 às 6:30
Rádio Piratininga de Pirajú	6:20 às 6:30
Rádio Clube Tupã	6:20 às 6:30

Difusora de Presidente Prudente	21:00 às 21:10
Rádio Brasil Tupi Paulista	18:40 às 18:50
Soc. Rádio Clube de Osvaldo Cruz	6:30 às 6:40
Rádio Clube de Ribeirão Preto	6:00 às 6:10
Rádio Barretos S/A.	6:20 às 6:30
Rádio Franca do Imperador	6:00 às 6:10
Rádio São Carlos	6:30 às 6:40
Orlândia Rádio Clube	7:10 às 7:20
Rádio Clube Imperial de Taquaritinga	6:20 às 6:30
Rádio São Joaquim	7:00 às 7:10
Rádio Cultura de Monte Alto	6:00 às 6:10
Soc. Rádio Ibitinga	17:50 às 18:00
Rádio Piratininga de S.J.Rio Preto	6:30 às 6:40
Rádio Piratininga de Barretos	6:30 às 6:40
Rádio Cultura de Fernandópolis	18:00 às 18:40
Rádio Assenção de Jales	17:50 às 18:00
Rádio Difusora de Itapetininga	17:45 às 17:55
Rádio Clube de Itararé	18:45 às 18:55
Rádio Cacique de Taubaté	6:20 às 6:30
Rádio Clube Guaratinguetã	6:00 às 6:10
Rádio Soc. Mantiqueira de Cruzeiro	6:20 às 6:30

- Assistência técnica e crédito em S.Paulo

A Secretaria da Agricultura firmou convênio com o Banco do Brasil e o Banco do Estado de São Paulo para operacionalizar programas de crédito rural educativo através de equipe especializada da CATI.

No momento, a CATI já vem participando ativamente de três programas, o de Crédito Orientado no Vale do Ribeira, o Programa de Desenvolvimento da Pecuária Leiteira (PDPL) nas bacias prioritárias definidas pelo CONDEPE e o Plano de Renovação e Revigoração dos Cafezais caracterizado pelo IBC. Outros estão em fase final de estudo.

Os técnicos da CATI atuam na elaboração do projeto de financiamento e na assistência para sua implantação a nível de empresa. Os agentes financeiros cuidam da operação bancária propriamente dita.

- Abastecimento

- Criação do CNA

Foi criado novo órgão, o Conselho Nacional de Abastecimento, instituído pelo Dec. nº 74.158 de 06/06/1974 com objetivo de formular, coordenar e executar a política nacional do abastecimento, cujas diretrizes devem se integrar ao plano geral do Governo.

Desse modo, o CNA terá como atribuições: coordenar a ação dos órgãos públicos e privados que, direta ou indiretamente, interfiram no abastecimento de gêneros alimentícios; estabelecer prioridade para o armazenamento e transporte de gêneros alimentícios; propor isenção de impostos e taxas federais; implantar programa de formação de estoques regulados; criar instrumentos para a dinamização e expansão do sistema nacional de informação de mercados agrícolas, objetivando a unificação das informações existentes e a ampliação qualitativa das informações fornecidas; implantar, progressivamente, processos de acompanhamento conjuntural do mercado de gêneros alimentícios.

#### - Classificação de produtos hortícolas em S.Paulo

É obrigatória a classificação, para fins de comercialização e quando destinados ao comércio "in natura" de tomate, pimentão, pepino, beringela, cenoura, uva, laranja, figo, rosa, gladiolo e cravo (Decreto nº 3.382, de 22/02/1974).

Cada produto consta com sua respectiva norma de classificação elaborada pela Secretaria da Agricultura, objetivando definir as características de qualidade, embalagem, apresentação e as medidas correlatas respectivas.

Será exigido o cumprimento das normas de classificação a partir de 21 de agosto de 1974 e as penalidades pela não observância das disposições normativas serão aplicadas a partir de 17 de fevereiro de 1975.

#### - Previdência Social

##### - PRO-RURAL

Foram introduzidas algumas modificações no PRO-RURAL pela Lei Complementar nº 16 e a mais importante delas diz respeito à aposentadoria por idade, concedida ao trabalhador, a qual não acarreta a rescisão do respectivo contrato de trabalho, nem constitui justa causa para dispensa. Constitui, sim, justa causa, além de outras razões devidamente apuradas em inquérito administrativo a cargo do Ministério do Trabalho e Previdência Social, a incapacidade total e permanente, comprovada mediante perícia médica requerida à Delegacia Regional do Trabalho.

Por outro lado, o trabalhador que houver sido dispensado antes de 10 de dezembro de 1973, após lhe ter sido concedida a aposentadoria por velhice (65 anos) deverá ser reintegrado obedecendo a sistemática de aposentadoria por justa causa.

Quando o trabalhador rural atingir a idade para se aposentar mas optar pela continuidade do contrato de trabalho, perceberá o salário a que faz jus.

#### - Previdência social e crédito

Problema que ainda permanece em algumas localidades é o cumprimento da exigência

consubstanciada no art. 160 do Regulamento do PRO-RURAL (Decreto nº 73.617) que diz ser o brigatório, aos contribuintes do FUNRURAL, a apresentação de Certificado de Regularidade de Situação de Quitação nos mesmos casos e para os mesmos efeitos previstos nos artigos 141 e 142, da Lei nº 3.807/60. Principalmente o art. 142 que diz respeito ao crédito rural, e assim especifica: "as empresas ... não poderão receber qualquer subvenção ... nem alienar, ceder, transferir ou onerar bens imóveis ... sem que provem a inexistência de débito para com o INPS sob pena de nulidade do ato e do registro público a que estiverem sujeitos". Entretanto, a Lei nº 4.829, de 1965 que institucionalizou o crédito rural do País, em seu artigo 37 revogou tal dispositivo, assim determinando: "A concessão do Crédito Rural em todas as suas modalidades, bem como a constituição de suas garantias, pelas instituições de crédito, públicas e privadas, independerá da exibição de comprovante de cumprimento de obrigações fiscais ou da previdência social, ou declarações de bens ou certidão negativa de multas por infrigência do Código Florestal".

E por outro lado, o parágrafo único do mesmo artigo 37, esclarece: "A comunicação da repartição competente, de ajuizamento da dívida fiscal, de multa florestal ou previdenciária, impedirá a concessão do Crédito Rural ao devedor, a partir da data do recebimento da comunicação, pela instituição de crédito, exceto se as garantias oferecidas asseguram a solvabilidade do débito em litígio e da operação proposta pelo interessado".

#### - Tributação

##### - ICM na cana-de-açúcar

Perdeu a isenção do ICM a cana-de-açúcar em caule (Decreto nº 3.608, de 26/04/1974). E o lançamento (e recolhimento) do imposto incidente nas transações, dentro do Estado, da cana de produção paulista se fará pela usina beneficiadora do produto.

Relativamente às saídas de cana utilizada na fabricação de açúcar cristal ou demerara e de álcool destinados ao exterior, o imposto incidente será recolhido pelo estabelecimento industrializador, determinando-se o seu valor com base nos preços por tonelada e índices de rendimento industrial.

Em substituição a este critério para determinar o valor do imposto devido, poderá o contribuinte optar pelo recolhimento de importância correspondente à que resultar da aplicação do percentual de 10% sobre o preço base de aquisição, fixado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool por saco de açúcar cristal ou demerara destinado ao exterior, independentemente da origem e da quantidade de cana utilizada.

Cresce deste modo a relação dos produtos que perdem a isenção na primeira saída do estabelecimento em que tiverem sido produzidos, de produtos "in natura", que já eram os seguintes: algodão em caroço, batata, cebola, mamona em baga ou em cacho e mandioca.

- Comércio Exterior

- Café: preço mínimo de registro e quota de contribuição

A Resolução 880/74 do IBC fixou os preços mínimos de registro, para exportação de café a partir de 19/7/74 e até 30/9/74, nos seguintes valores: US\$ 0,68/lb peso, para cafés despulpados e tipo 6 para melhor, bebida isenta de gosto "Rio-Zona", exportado de qualquer porto; US\$ 0,67/lb peso, para os cafés do tipo 6 para melhor, bebida isenta de gosto "Rio-Zona", exportados por Paranaguá e Antonina; US\$ 0,64/lb peso, para os cafés do tipo 7/8 para melhor, exportados pelo Rio de Janeiro; e US\$ 0,625/lb peso, para cafés do tipo 7/8 para melhor, exportados pelos portos de Vitória, Salvador, Recife e Itajaí.

A mesma Resolução fixou a quota de contribuição (confisco) sobre a exportação de café em US\$ 24/saca de 60,5kg brutos de café verde em grão. Essa quota será reajustada automaticamente pela taxa de câmbio cruzeiro-dólar e pela paridade do dólar com outras moedas para a compra de letras à vista, conforme o BACEN. Em 8/7/74, a Resolução nº 881 do IBC reavaliou a quota de contribuição para US\$ 24,64 por saca.

Em relação à quota fixada anteriormente para os embarques de julho (Res. 874/74), houve uma diminuição de US\$ 10,50/saca exportada.

- Carne bovina: quotas de exportação e de contribuição

A Resolução nº 283/74 do BACEN manteve as quotas de exportação de carne bovina, para o triênio 1974-76 em 30.000 toneladas anuais para o Brasil Central e 50.000 toneladas anuais para o Rio Grande do Sul, fixadas pela Resolução nº 271. Permitiu ainda, a exportação de até 25.000 toneladas anuais de carne industrializada, respeitada a quota global de 80.000 toneladas por ano.

A exportação desta quota de carne industrializada é facultada desde que se processe indiretamente a utilização do mecanismo de "Drawback".

O Comunicado GECAM nº 234, de 29 de março de 1974, extinguiu a partir desta data a quota de contribuição instituída pela Resolução nº 240. Em consequência, os contratos de câmbio referentes a exportações com embarques ainda não efetivados poderão ser utilizados normalmente, a critério das partes contratantes, após as alterações cabíveis.

- Liberado o algodão

O Comunicado CACEX nº 476/74 de 3/6/74 liberou as exportações de algodão em pluma produzido nas regiões meridional e setentrional.

Permanecem em vigor as demais instruções que regulam as exportações do produto, inclusive as relativas à exigência de registro prévio das vendas e ao controle de preços, previstas no Comunicado 469/74.

- Crédito Rural

- Novo manual

Elaborado pelo Banco Central do Brasil, as instituições componentes do Sistema Nacional de Crédito Rural já estão recebendo o novo manual. Trata-se de importante documento de serviço cuja finalidade maior é a harmonização dos procedimentos operacionais do crédito.

Além de instruções específicas sobre formalização, garantias, despesas e condução das operações de custeio, investimento, comercialização, créditos a cooperativas e produtores de sementes e mudas, entre outros tópicos, o novo manual descreve detalhadamente todos os programas especiais de crédito, como por exemplo o PESAC, BIRD 516/BR, formação de pastagens e renovação e revigoramento dos cafezais.

Os interessados no documento poderão adquiri-lo a preço de custo no Departamento Econômico do BACEN, em Brasília, ou na Federação Brasileira das Associações de Bancos, em São Paulo.

- Encargos financeiros nos financiamentos rurais

De acordo com o novo Manual de Crédito Rural do Banco do Brasil, são apresentados nos quadros 22 e 23, os encargos financeiros vigentes: juros, comissão ou correção.

- Nova classificação dos beneficiários de crédito

Ainda conforme o novo manual, os beneficiários do crédito são assim classificados:

- a) pequeno produtor - o que realiza uma receita bruta anual inferior a 100 vezes o maior salário-mínimo vigente no País (Cr\$ 37.680,00 em 1974) e cujo montante de crédito não exceda a 50 vezes o maior salário-mínimo (Cr\$ 18.840,00 em 1974);
- b) médio produtor - realizando receita bruta anual de 100 até 1000 vezes o maior salário-mínimo (Cr\$ 37.680,00 a Cr\$ 376.800,00 em 1974), e cujo crédito total não exceder a 500 vezes o maior salário-mínimo (Cr\$ 188.400,00 em 1974); e
- c) grande produtor - quando o valor global da produção agropecuária exceder a 1000 vezes o valor do maior salário-mínimo vigente (Cr\$ 376.800,00 em 1974).

- Crédito tem comissão coordenadora

Instituída a Comissão Coordenadora da Política Nacional de Crédito Rural-CONCRED. Respeitando a autoridade monetária do Banco Central do Brasil na veiculação de normas e de

QUADRO 22. - Encargos Financeiros Até 50 Vezes o Valor do Maior Salário-Mínimo Vigente no País

Beneficiário	Até 1 ano (% a.a.)			Mais de 1 ano (% a.a.)		
	Juros	Comis são	Total	Juros	Corre ção	Total
Produtores rurais, suas cooperati vas e outros beneficiários	12	1	13	5	8	13
Cooperativas de produtores ru- rais para repasse aos seus asso- ciados, na forma do MCR 12-2 (1)	12	1	13	5	8	13

(1) O produtor pagará à cooperativa as taxas normais de 13% a.a.

Fonte: Manual de Crédito Rural - MCR.

QUADRO 23. - Encargos Financeiros, Acima de 50 Vezes o Valor do Maior Salário-Mínimo Vigente no País

Beneficiário	Até 1 ano (% a.a.)			Mais de 1 ano (% a.a.)		
	Juros	Comis são	Total	Juros	Corre ção	Total
Produtores rurais, suas cooperati vas e outros beneficiários	12	3	15	7	8	15
Cooperativas de produtores ru- rais para repasse aos seus asso- ciados, na forma do MCR 12-2 (1)	12	1	13	5	8	13

(1) O produtor pagará à cooperativa as taxas normais de 15% a.a.

Fonte: Manual de Crédito Rural - MCR.

controles operativos, essa Comissão terá por objetivo reforçar a linha de assistência técnica ao produtor com suporte nas operações de crédito rural. Deverá a CONCREDE propor ao CMN diretrizes de Crédito Rural, em consonância com as políticas globais relativas ao instrumento creditício e ao desenvolvimento agropecuário do País; além disso, elaborar programa operativo de crédito rural do País, estabelecendo a distribuição regional e setorial dos recursos.

#### - Novo plano do IBC

Para 1974/75, o CMN aprovou o novo Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais. Este plano, em sua essência, é um programa especial de crédito, enfatizando o investimento na formação de 200 milhões de cafeeiros (quadro 24). Entre os reajustamentos relevantes constam: a formação de mudas passou de Cr\$ 0,13/muda para Cr\$ 0,15; o plantio de Cr\$ 3,10/cova para até Cr\$ 5,00; os fertilizantes de Cr\$ 600,00/ha para até Cr\$ 1.200,00 no caso de cafeeiro adulto; fungicidas de Cr\$ 400,00/ha para Cr\$ 500,00; e inseticidas de Cr\$ 100,00/ha para Cr\$ 150,00. Os juros passam de 6% a.a. para 7% no caso de mudas, plantio e podas; nos fertilizantes e defensivos não há esse encargo financeiro.

#### - Produção e Preços

##### - Plano de safra do IAA

A produção nacional autorizada para a safra 1974/75, a ser processada pelas usinas do Norte-Nordeste e Centro-Sul, foi fixada em 125 milhões de sacas cabendo a São Paulo 60.000.000, dos quais 40.000.000 de cristal para o mercado interno e para o mercado externo: 15.000.000 de demerara e 5.000.000 de cristal especial.

No total nacional tem-se 85.000.000 de cristal para o mercado interno e para o mercado externo: 32.200.000 de demerara e 7.800.000 de cristal especial.

Pela Resolução nº 2.082 (Plano de Safra 1974/75), do Conselho Deliberativo do Instituto do Açúcar e do Alcool, estão em vigor desde 15/05/74, os preços oficiais de liquidação do açúcar cristal "standard" em Cr\$ 45,58 e os preços oficiais de faturamento do açúcar cristal "standard" em Cr\$ 57,38, ambos por saço de 60kg na condição PVU (posto veículo usina). No faturamento já estão incluídos a contribuição para o IAA de Cr\$ 3,29 e o valor do ICM calculado na base de 15% nas operações dentro do Estado, Cr\$ 8,61.

Quando a venda do açúcar se destina a outros estados, o preço oficial de faturamento será de Cr\$ 56,06 nas duas regiões produtoras, já incluídos nesse preço a contribuição ao IAA e o ICM, este calculado na base de 13%.

Os preços-base da tonelada de cana-de-açúcar na esteira e fornecidas às usinas são fixados em Cr\$ 42,75 na Região Centro-Sul. Após incorporação de subsídios, do fundo de exportação, aqueles preços serão:



QUADRO 24. - Plano de Renovação e Revigoração de Cafezais, Brasil, Ano Agrícola 1974/75

Meta	Recursos (Cr\$ 1.000)	Financiamento			Prazo de resgate	Encargos (juros)
		Valor (Cr\$/unid.)	Limite	Período de contratação		
Formação de 200 milhões de mudas	30.000	Até Cr\$0,15/muda	Min. 100.000 mudas Max. 1.000.000 mudas	Até 31/12/74	18 meses	7% a.a.
Plantio de 200 milhões de covas	1.000.000	Até Cr\$5,00/cova ou Cr\$8.330,00/ha	300.000 covas	Até 31/05/75	6 anos <sup>(2)</sup>	7% a.a.
Recepa de 20 milhões de covas	10.000	Até Cr\$0,50	De acordo c/orçamen- to	Até 31/12/74	2 anos	7% a.a.
Fertilizantes e corre- tivos Cr\$500.000.000,00	500.000	Adultos até Cr\$1.200,00/ha.Novos (2 anos)-Cr\$400,00/ha	De acordo c/orçamen- to	Até 31/05/75	2 anos	Sem juros
Defensivos contra ferru- gem e broca Cr\$250.000.000,00	250.000	Fungicida - Cr\$500,00/ha Inseticida- Cr\$150,00/ha	De acordo c/orçamen- to	Até 31/05/75	2 anos	Sem juros
Equipamento para defesa fitossanitária Cr\$150.000.000,00	150.000		De acordo c/orçamen- to	Até 31/05/75 <sup>(1)</sup>	4 anos	7% a.a.

<sup>(1)</sup> Exceção a equipamentos importados cujo prazo vai até 31/12/74.

<sup>(2)</sup> Carência de 3 anos.

Fonte: Instituto Brasileiro do Café - IBC.

Tonelada de cana-de-açúcar posta esteira, inclusive ICM	Cr\$ 53,44
Saco de açúcar cristal standard (liquidação)	Cr\$ 56,78
Preço-base total de açúcar demerara por sacco	Cr\$ 54,51

- Preços de Garantia do Café (Resolução 875/74 do IBC)

Na tentativa de estimular o interesse do agricultor para o novo Plano de Renovação e Revigoração dos Cafezais, o Ministro da Indústria e do Comércio anunciou em 20 de junho, a decisão do Conselho de Desenvolvimento Econômico de reajustar os preços de garantia do café utilizados no caso de compra do produto pelo IBC e que vigorarão a partir de 1º de outubro de 1974. Os novos preços em Cr\$ por sacco de 60kg são os seguintes: despolpa dos de qualquer origem Cr\$ 430,00; cafés produzidos no Grupo I (Paraná, São Paulo, Sul/ Oeste de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso) Cr\$ 390,00; cafés do grupo II (Espírito Santo, Zona da Mata de Minas Gerais e outras) Cr\$ 310,00.

Em relação aos preços anteriores, o despolpado é o que melhorou mais, se beneficiando com 36,5% de aumento; os do grupo I e II receberam 34,5%.

Esses preços incluem taxas e impostos e correspondem ao café entregue em armazéns do IBC em S.Paulo: Ipaçu, Lucélia, Garça, Lins, Bauru, Fernandópolis, Tutóia e Ipiranga. O valor de Cr\$ 390,00 corresponde a cafés do tipo 6 do Grupo I; para os tipos melhores são atribuídos âgios que no tipo 2 somam a Cr\$ 8,80/saca (Resolução 877/74 do IBC).

- Preço-base do trigo

O Conselho Monetário Nacional fixou em Cr\$ 80,00/saca de 60kg o preço-base do trigo para a safra de 1974. Isto representa um acréscimo de 78% sobre o preço vigente no ano passado, com o objetivo de incentivar a produção nacional de trigo e minimizar as importações.

Este novo preço se aproxima dos US\$ 200/t e, portanto, substancialmente acima da cotação internacional para entrega em julho, US\$ 160/t.

- Preços mínimos para 1974/75

Os preços mínimos apresentados no quadro 25, encarte em anexo, correspondem aos montantes líquidos a serem efetivamente recebidos pelos agricultores, desde que entreguem seu produto nas cidades que possuam agência do Banco do Brasil. Apenas deverão correr por conta do produtor as despesas relativas ao frete até um dos armazéns indicados pelo Banco do Brasil e a sacaria, quando se tratar de produto cuja comercialização seja assim efetuada.

A garantia de preços mínimos poderá ser realizada de dois modos: a) pela venda imediata do produto à CFP, através das agências do Banco do Brasil (AGF); e b) por empréstimos com garantia federal junto ao Banco do Brasil (EGF).



**6- MERCADOS**

**DE FATORES**

- Fertilizantes

- Panorama internacional

A partir do segundo semestre de 1973, o suprimento mundial de fertilizantes caracterizou-se pela restrição da oferta, principalmente para os fertilizantes nitrogenados e fosfatados face ao desencadeamento de uma conjuntura desfavorável para a manutenção da taxa de crescimento do setor. Com efeito, os países essencialmente importadores tiveram suas disponibilidades reprimidas a níveis inferiores à demanda causando o desequilíbrio e a conseqüente alta nos preços. Tal desequilíbrio adveio principalmente do crescimento da demanda nas fontes primárias de produção (América do Norte, Europa Ocidental e Japão), cujos excedentes exportáveis foram reduzidos.

A falta de estoque de matéria-prima básica pode ser citada como outro fator condicionante da oferta, agravada ainda, pelo decréscimo de suprimento de gás natural, da nafta e outros derivados de petróleo, essenciais ao fabrico de fertilizantes. A oferta de rocha fosfatada também foi reduzida a níveis inferiores à capacidade da indústria.

Uma outra causa, embora de menor expressão que as anteriores, é o incremento na utilização da uréia como alimentação animal, trazendo como conseqüência diminuição na oferta de nitrogênio utilizado como fertilizante.

No caso específico dos Estados Unidos, desde meados de 1971 que já se notava o desequilíbrio entre oferta e procura obrigando o governo a congelar os preços internos em 15/08/71. Como conseqüência, a diferença de preço entre o mercado doméstico e o externo aumentou sensivelmente com vantagens crescentes para as exportações. Essa situação desencadeou intensa saída de fertilizantes essenciais à produção agrícola americana. Para assegurar o suprimento interno o governo revogou o congelamento dos preços, ocorrendo alta substancial nos preços domésticos e a oferta se dirigiu preferencialmente para aquele mercado. Dada essa situação de níveis de preços altos, o consumo físico no ano agrícola de 1972/73 aumentou de 3% e o gasto em US\$ de 12%. Para 1974 estima-se um gasto dos agricultores com fertilizantes em torno de US\$ 4 bilhões, caso os preços se situem em nível semelhante ao de novembro de 1973 ou pouco superior, o que representará aumento de 40% em apenas 1 ano.

No período de 1960 a 1973, a produção e o consumo de fertilizantes nitrogenados e fosfatados no mundo apresentaram crescimentos semelhantes, cerca de 290% para os nitrogenados e 114% para os fosfatados. Entretanto, os potássicos não se comportaram da mesma maneira com acréscimo da ordem de 147% para a produção e de 125% para o consumo. Isto indica a potencialidade da oferta desse último e restrições temporárias para os dois primeiros.

A produção mundial de nitrogenados em 1973 foi estimada em 42,2 milhões de toneladas de N e o consumo correspondente em 40,2 milhões de toneladas. Para 1974 as previsões de produção alcançam a 45,8 milhões de toneladas e um consumo de 44,8 milhões de tone

ladas ocorrendo, portanto, acréscimo de 8,5% na produção e 11,4% no consumo.

Para os fosfatados, as estimativas de produção para 1973 são de 26,13 milhões de toneladas de  $P_2O_5$  com 25,82 milhões de toneladas de consumo. As previsões para 1974 indicam produção de 28,8 milhões de toneladas e consumo de 27,7 milhões de toneladas de  $P_2O_5$ .

Produção e consumo dos fertilizantes potássicos em 1973, segundo as mesmas estimativas, alcançaram respectivamente a 23,7 milhões de toneladas e 20,3 milhões de toneladas de  $K_2O$ . As previsões para 1974 são de 24,1 milhões de toneladas de produção e 21,4 milhões de toneladas de consumo.

Os acréscimos no consumo em 1973, relativamente a 1972 foram de 8,0% para o nitrogênio, 11,0% para  $P_2O_5$  e 5,4% para  $K_2O$ . Em 1974, os acréscimos relativos a 1973 são estimados em 11,4%, 7,2% e 5,3%, respectivamente para N,  $P_2O_5$  e  $K_2O$ .

As regiões desenvolvidas caracterizam-se como supridoras de fertilizantes, enquanto que as demais regiões permanecem numa total dependência dos excedentes exportáveis daquelas regiões. O quadro 26 mostra o balanço (equilíbrio entre oferta e demanda) das regiões, segundo classificação da FAO, para o ano de 1974.

As estimativas constantes nesse quadro indicam que, em 1974, apesar das dificuldades presentes do setor industrial de fertilizantes, o suprimento estará garantido com pequena margem para os nitrogenados e fosfatados e bem maior para os potássicos, ou seja, 1,0 milhão de toneladas para N, 1,18 milhão de toneladas para  $P_2O_5$  e 2,67 milhões de toneladas para  $K_2O$ .

Essas margens reduzidas para N e  $P_2O_5$  podem causar déficit temporário no suprimento, caso a estacionalidade da demanda por esses nutrientes apresente pico que não possa ser atenuado por política interna de cada país.

O consumo mundial de fertilizantes está previsto alcançar 105 a 123 milhões de toneladas em 1980, com média de 114 milhões de toneladas de nutrientes contra 72,3 milhões de toneladas em 1972, o que representa uma taxa geométrica de crescimento esperada de 4,8 a 6,9 a.a., ou 5,8% como média do período.

Nas regiões desenvolvidas, as taxas de crescimento mais rápidas são esperadas na Europa Oriental e Rússia (6,1 a 7,6% a.a.).

A média anual da taxa de crescimento nas regiões em desenvolvimento se situa entre 8,0 a 10,7% a.a., com a América Latina experimentando maiores acréscimos quando comparada à Ásia e África.

Em termos mundiais o nitrogênio experimentará os maiores ganhos, passando de 33,7 milhões de toneladas em 1972 para 57,0 milhões de toneladas em 1980. Desse último, a proximadamente 39 milhões de toneladas serão utilizadas nas regiões desenvolvidas, 11,2 milhões de toneladas nas regiões em desenvolvimento e 6,8 milhões de toneladas em outros países da Ásia.

Os maiores acréscimos na utilização de N são esperados para a Europa Oriental e Rússia, seguidas pela América do Norte, Europa Ocidental e Nações desenvolvidas da Ásia, as quais irão aumentar o uso a uma taxa geométrica anual excedente a 9,4 a.a.

O consumo mundial de fósforo é estimado em 28 a 34 milhões de toneladas de  $P_2O_5$  em 1980. Se esse consumo se situar no ponto médio de 31 milhões de toneladas, a taxa média anual de crescimento é estimada em 5% a.a.

O uso de fosfatados está centralizado nas regiões mais desenvolvidas que respon-

QUADRO 26. - Estimativa da Produção e do Consumo Mundial de Nitrogênio, Fosfato, Potássio e o Balanço por Região, 1974  
(1.000t de N, P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>, K<sub>2</sub>O) <sup>(1)</sup>

Região	Nitrogenados			Fosfatados			Potássicos		
	Produção A	Consumo B	Balanço A-B	Produção C	Consumo D	Balanço C-D	Produção E	Consumo F	Balanço E-F
Região desenvolvida									
América do Norte	10.057	9.513	544	6.641	5.345	1.296	8.236	4.666	3.570
Oeste da Europa	10.419	7.429	2.990	6.016	6.116	- 100	5.264	5.101	163
Leste da Europa e URSS	10.510	10.147	363	7.257	6.161	1.096	6.994	6.505	489
Japão	3.443	906	2.537	834	834	0	0	680	- 680
Outros países desenvolvidos <sup>(2)</sup>	634	544	90	1.703	1.830	- 127	70	362	508
Subtotal	35.062	28.539	6.523	22.451	20.286	2.165	21.364	17.314	4.050
Região em desenvolvimento <sup>(3)</sup>									
América Latina	1.268	1.903	- 635	734	1.341	- 607	0	960	- 960
África em desenvolvimento	453	906	- 453	888	417	471	335	172	163
Ásia em desenvolvimento	3.352	4.621	-1.269	815	1.730	- 915	0	716	- 716
Subtotal	5.074	7.429	-2.355	2.437	3.488	-1.051	335	1.848	-1.513
Outros países de Ásia <sup>(4)</sup>	1.359	4.621	-3.262	1.286	1.332	- 46	100	226	- 126
Total mundial	41.495	40.589	906	26.174	25.106	1.068	21.799	19.388	2.411

<sup>(1)</sup> Considerou-se 1 t = 1,104t curta.

<sup>(2)</sup> Inclui África do Sul, Israel e Oceania.

<sup>(3)</sup> Exclui outros países da Ásia.

<sup>(4)</sup> Inclui Republica Popular da China, Taiwan, Norte do Vietnã, Norte da Coreia e Mongólia.

Fontes: U.S. and World Fertilizer Outlook, Committee on Agriculture and Forestry United States Senate. Washington, Março de 1974.

deram por mais de 80% do consumo mundial de 1972. Até 1980 é esperado um decréscimo nessa participação, fixando-se em 76% do total mundial.

Os países em desenvolvimento mais que duplicarão o consumo de  $P_2O_5$  até 1980, mas sua participação será apenas 1/4 do total mundial.

As estimativas para fertilizantes potássicos indicam que em 1980 o consumo poderá alcançar a 30,6 milhões de toneladas de  $K_2O$  ou ficar no nível mínimo esperado de 26,0 milhões de toneladas. Nessas condições o nível médio esperado de consumo é de 28,3 milhões de toneladas de  $K_2O$ . Para a expansão no nível médio, a capacidade de produção satisfará plenamente a demanda. Contudo, se o nível máximo de consumo for atingido alguns déficits regionais poderão ocorrer a menos que realizem ajustamentos na capacidade operacional nas principais fontes produtoras. Dada a potencialidade de produção e as reservas existentes no Canadá, tudo indica que esse País manterá o domínio das exportações de fertilizantes potássicos e poderá ajustar sua oferta.

Os fertilizantes nitrogenados e fosfatados alcançaram os seus níveis máximos de preços em 1974 e alguns acréscimos ainda poderão ocorrer. Especialistas norte-americanos anteciparam novos aumentos de 10 a 15% em julho do corrente ano. Outros especialistas acham que os preços dos fosfatados poderão atingir um pico e se nivelarem durante o ano vindouro. Nos anos seguintes, 1976 e 1977, poderão haver tendência de decréscimo quando ocorrerem as produções adicionais das novas fábricas. No entanto, os nitrogenados aparentemente não atingirão esse pico a curto prazo. Tal previsão é evidenciada pela demora de 3 a 4 anos para que a capacidade adicional da indústria possa surtir efeitos apreciáveis no mercado.

Os ajustamentos nos preços dos fertilizantes de um modo geral dependerão, além da capacidade de produção, das matérias-primas básicas, da taxa operacional da indústria e da taxa de crescimento da demanda de alimentos. Há evidências sugerindo que os preços dos fertilizantes deverão declinar a partir dos seus pontos altos atuais, mas permanecerão em níveis maiores que os alcançados no período de 1969 a 1971.

Ao analisar a evolução dos preços pagos pelo agricultor norte americano no período de 1967-73 verifica-se que a partir de 1967 os preços pagos apresentaram tendência de decréscimo até 1969 quando atingiram índice mínimo do período (89,8). Em 1970 iniciou-se uma alta de preços, porém, só em 1973 conseguindo ultrapassar o índice de 1967; no ano passado o índice se situou em torno de 119. Tal índice máximo representa acréscimo de 21,3% em relação a 1972. Para 1974, são esperados acréscimos anuais superiores a 60% para os nitrogenados e fosfatados (quadro 27).

Tomando-se como base o ano de 1972, o maior acréscimo registrado foi para a uréia: superior a 200% em 1973 e neste ano o acréscimo esperado é da ordem de 20%.

#### - Situação interna

A evolução do consumo nacional de fertilizantes tem apresentado crescimento expressivo e contínuo nos últimos 7 anos, embora com algumas variações ao longo do período. Relativamente aos respectivos anos anteriores, 1967 e 1970 foram os que experimentaram maiores acréscimos de consumo aparente (59,3%). Em 1973, o aumento no consumo aparente foi superior a 30% (quadro 28).

A taxa geométrica de crescimento de consumo aparente, no período de 1962-73 foi

QUADRO 27. - Preços Médios de Fertilizantes Pagos pelo Agricultor Norte Americano, 1968-73  
(US\$/tonelada)

Ano	Fertilizante						Média	
	Sulfato de amônia	Nitrato de amônia	Superfosfato simples	Superfosfato triplo	Diamônio fosfato	Cloreto de potássio	US\$/t	Índice(1967=100)
1967	54,80	73,70	42,10	82,20	108,00	52,20	68,83	100,0
1968	53,60	66,60	43,20	76,80	98,10	48,80	64,52	93,7
1969	52,60	60,90	44,20	73,70	93,00	46,50	61,82	89,8
1970	52,30	60,50	46,20	75,70	94,80	52,50	63,67	92,5
1971	51,50	63,60	48,40	76,60	95,20	58,00	65,55	95,2
1972	52,60	65,10	50,60	78,50	98,10	58,80	67,28	97,7
1973 (1)	53,00	90,48	54,85	103,20	125,00	67,70	81,89	119,0

(1) Fertilizer Situation - Economic Research Service (Média dos meses de abril, setembro e dezembro).

Fonte: Agricultural Statistics - United States - Department of Agriculture.



de 20,8% a.a.. A partir de 1967, essa taxa foi ainda superior (27,2% a.a.) sendo a seguir suplantada pela taxa de crescimento do último triênio (29,9% a.a.).

Dentre os fatores que contribuíram para a manutenção dessas altas taxas de crescimento, podem ser citados: expansão de área de cultivo e consumo (ainda em pequena escala) de fertilizantes em áreas de pastagens e reflorestadas; maior consumo de fertilizantes por unidade de área; incentivos governamentais ligados a programas oficiais; ampliação da oferta de crédito para insumos modernos; modificação na concessão do crédito ao longo do ano, permitindo que os empréstimos não sejam restritos aos 3 meses de início de safra.

QUADRO 28. - Consumo Nacional de Fertilizantes em Termo de Nutrientes, 1969-74 (tonelada)

Ano	N	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	K <sub>2</sub> O	Total	Variação (%)
1969	165.332	265.761	195.657	626.750	+ 4,0
1970	275.936	395.938	306.693	998.567	+ 59,3
1971	291.975	486.127	347.902	1.126.004	+ 12,7
1972	363.082	721.824	361.636	1.446.542	+ 28,5
1973 <sup>(1)</sup>	423.547	883.181	592.586	1.899.314	+ 31,3
1974 <sup>(2)</sup>	476.914	994.462	667.252	2.138.628	+ 12,6

<sup>(1)</sup> 300 t estocadas em 1972 foram transferidas para o consumo de 1973.

<sup>(2)</sup> Previsões.

Fonte: Sindicato da Indústria de Adubos e Colas do Estado de São Paulo e Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA).

Ao analisar a evolução das relações de consumo entre os nutrientes básicos (N:P:K), confrontando-as com as correspondentes do consumo mundial, verifica-se que o consumo brasileiro comportou-se de maneira bem diferente do padrão internacional onde se nota claramente a tendência de crescimento para os nitrogenados e a perda na participação dos fosfatados e potássicos. Para o Brasil, os fosfatados tiveram maior ganho na relação, passando de 1,61 em 1969 para 2,08 em 1973 e os potássicos que apresentavam a relação de 1,18, no início do período, passaram para 1,40 no final do quinquênio.

QUADRO 29. - Evolução das Relações entre os Nutrientes Básicos (N, P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>, K<sub>2</sub>O) na Formação do Consumo Brasileiro de Fertilizantes, 1969-73

Ano	N	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	K <sub>2</sub> O
1969	1,00	1,61	1,18
1970	1,00	1,43	1,11
1971	1,00	1,66	1,19
1972	1,00	1,99	0,99
1973	1,00	2,08	1,40

Fonte: Quadro 28.

Do total consumido no Brasil, em 1973, cerca de 54% dos fosfatados em termos de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> e 61% dos nitrogenados expressos em N foram importados. E como se sabe todos os fertilizantes potássicos consumidos no Brasil advem de importações.

De acordo com a capacidade de produção instalada em 1973, o Brasil produziu apenas 62% e 58%, respectivamente dessa capacidade em N e P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> (quadro 30).

Vários projetos estão em andamento visando a consecução de dois objetivos básicos da indústria nacional: melhorar sua taxa operacional e implantar novas unidades. Esses projetos estimam uma capacidade futura da indústria, em 1975, da ordem de 384.000t de N e 796.600t de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>. Se se considerar uma taxa operacional em 1975 de 80% e comparando esses dados com as respectivas projeções consumo, a produção nacional terá uma participação de 57,2% em N e 56,9% em P<sub>2</sub>O<sub>5</sub> naquele ano (quadro 30).

QUADRO 30. - Produção Nacional de Fertilizantes, Capacidade Atual, Capacidade em 1975, Consumo em 1975 e Participação Relativa da Produção Nacional sobre o Consumo em 1975 para N e P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>

Nutriente	Capacidade em 1973	Expansão planejada	Capacidade planejada	Consumo projetado para 1975	Participação da (1) produção nacional no consumo (%)
N	225.915	158.125	384.040	537.005	57,2
P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	558.800	237.800	796.600	1.119.764	56,9
Total	784.715	395.925	1.180.640	1.656.769	57,0

(1) Admitindo uma taxa operacional das indústrias de 80%.

Fonte: Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA) e Instituto de Economia Agrícola.

Nos últimos cinco anos o consumo aparente no Estado de São Paulo cresceu cerca de 160%. Estimativas para 1973 acusam consumo em torno de 670 mil toneladas de nutrientes básicos e preve-se para 1974, 750 mil toneladas, com a taxa anual de acréscimo estimada em 12,6%.

A evolução do consumo aparente por unidade de área cultivada tem crescido no Estado de São Paulo. Se se considerar as áreas cultivadas com culturas anuais e perenes e as destinadas a descanso, o consumo em 1973 alcançou a 113,6 kg/ha e preve-se para 1974 120 kg/ha. Porém, se for adicionada a área cultivada as destinadas a pastagem artificial o consumo cairá drasticamente para 48 kg/ha, face ao baixo nível de utilização de fertilizantes em novas pastagens (quadro 31).

QUADRO 31. - Evolução do Consumo de Fertilizantes no Estado de São Paulo, de N,  $P_2O_5$  e  $K_2O$  em kg por Hectare Cultivado e Área Cultivada mais Pastagem Artificial

Ano	Área cultivada <sup>(1)</sup> (kg/ha)	Índice	Área cultivada mais <sup>(2)</sup> área de pastagem (kg/ha)	Índice
1969	51,9	100	24,7	100
1970	69,1	133	30,7	124
1971	81,2	156	36,7	148
1972	93,6	180	39,8	161
1973	113,6	219	47,9	194
1974 <sup>(3)</sup>	120,0	231	54,0	219

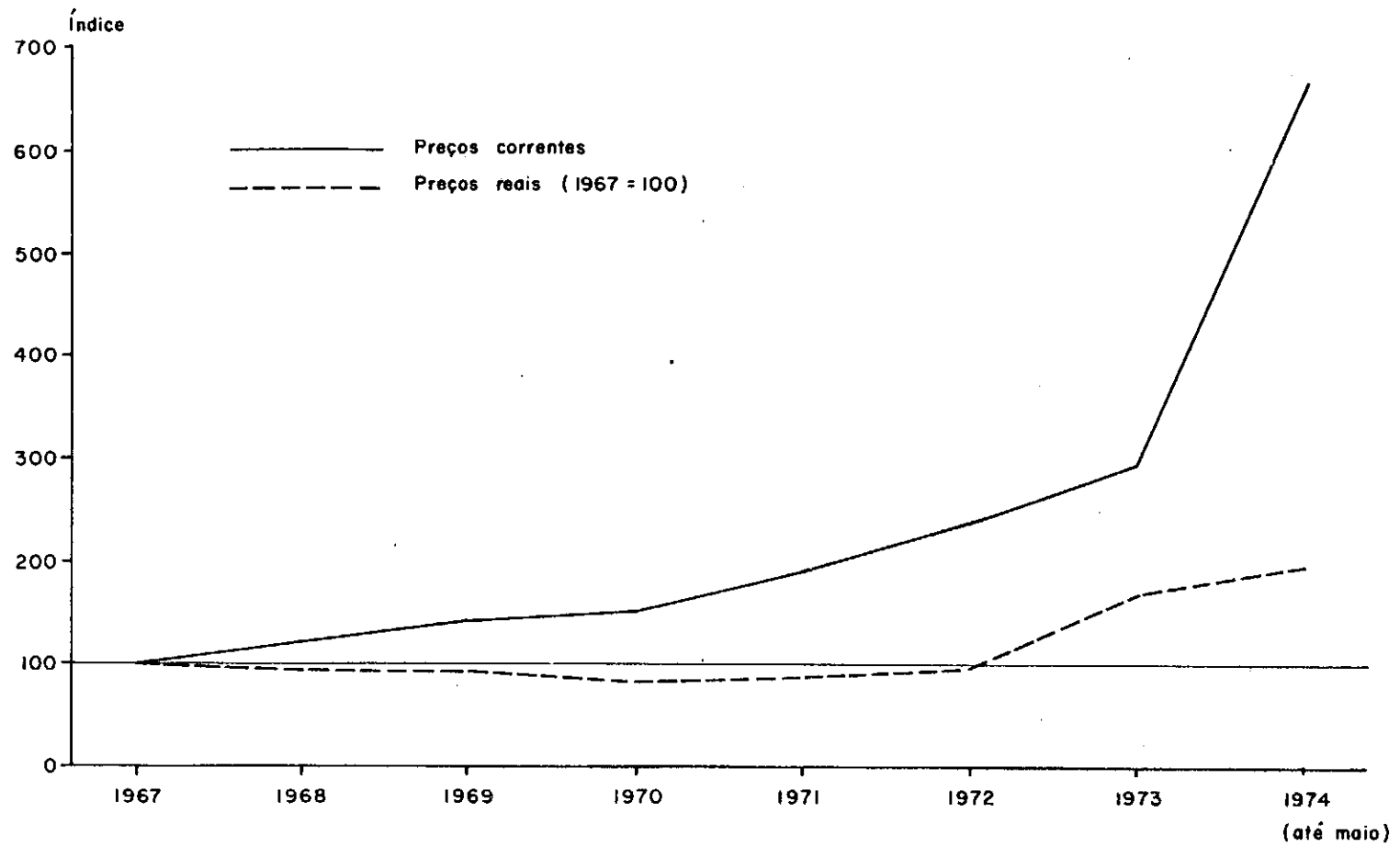
<sup>(1)</sup> Área cultivada inclui: culturas anuais, culturas perenes e terra em descanso.

<sup>(2)</sup> Área cultivada mais área com pastagem formada.

<sup>(3)</sup> Previsão.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

A evolução dos preços reais de fertilizantes no período 1967-74 apresentou tendência de decréscimo até 1972, sendo bem mais acentuada até 1970, quando o índice médio alcançou o ponto mínimo de 86,3. Em 1971 iniciou-se reação altista, porém, só ultrapassando o alcançado em 1967 no ano passado, quando o índice real se situou em torno de 107. Essa evolução acompanha de perto aquela verificada no mercado doméstico dos Estados Unidos, embora o confronto seja feito entre preço real no mercado interno brasileiro e preço corrente no mercado interno norte americano. Em 1974, embora com dados ainda preliminares, observa-se o mais alto índice de todo o período (quadro 32 e figura 1). Entretanto, em São Paulo a elevação deste ano em preços correntes é significativamente superior à verificada nos Estados Unidos (125% contra 70%). Essa diferença explica-se por diversos fatores: a) comportamento diferente das taxas de inflação; b) elevação acentuada do frete devido à crise do petróleo; e c) preços diferenciados de fertilizantes e suas matérias-primas com possíveis vantagens oferecidas pela indústria ao mercado interno americano.



QUADRO 32. - Evolução dos Preços<sup>(1)</sup> de Fertilizantes, Estado de São Paulo, 1967-74  
(Preços Médios Ponderados em Cr\$/10t)

Ano	Preço corrente	Preço real <sup>(2)</sup>	Índice: 1967 = 100	
			Corrente	Real
1967	1.834,00	1.433,00	100,0	100,0
1968	2.228,00	1.401,00	121,5	97,8
1969	2.603,00	1.356,00	141,9	94,6
1970	2.846,00	1.237,00	155,2	86,3
1971	3.552,00	1.282,00	193,7	89,5
1972	4.419,00	1.364,00	240,9	95,2
1973	5.472,00	1.539,00	298,4	107,4
1974 <sup>(3)</sup>	12.303,00	2.854,00	670,8	199,2

(<sup>1</sup>) Preço à vista posto em São Paulo.

(<sup>2</sup>) Corrigido pelo Índice "2" da Fundação Getulio Vargas.

(<sup>3</sup>) Média de maio.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

A perspectiva para 1975 é ainda de acréscimo nos preços, porém, em níveis inferiores aos alcançados em 1974. Um possível arrefecimento dos níveis de preço é esperado a partir de 1976 quando novas unidades industriais entrarem em plena atividade, além da expansão das já existentes.

Embora no ano em curso se tenha previsto variação de 12,6% no consumo aparente de fertilizantes, nos anos vindouros certamente a relação de preços fertilizante/produto será um condicionante essencial, primeiro, à continuidade do processo de adoção e, segundo, à própria economicidade para os agricultores que já utilizam este insumo moderno. Em 1974 a reação desses últimos agricultores teria sido de precaver-se contra a possível escassez e adquirir o fertilizante mesmo a preços elevados a médio prazo, porém, os impactos de uma relação de preços desfavorável deverão tornar-se mais evidentes (quadro 33). Esse fator atuou preponderantemente no incremento do uso de fertilizantes. Em 1974, embora com dados ainda preliminares, há uma inversão na tendência dos preços relativos, inclusive ultrapassando o índice máximo alcançado em 1967. Isso em última análise significa que o produtor agrícola teve seu poder aquisitivo aumentado até 1973 perdendo-o parcialmente em 1974.

Esta evidência é assinalada pela relação benefício/custo advinda do emprego de fertilizantes. Utilizando-se de dados de experimento de milho, realizado por técnicos do Instituto Agrônomo de Campinas<sup>(1)</sup> e atualizando-se os valores de insumo (fertilizante) e

(<sup>1</sup>) Luiz Eugenio Coelho de Miranda e Joassy de Paula N. Jorge - Adubação do Milho - Comprovação da Eficiência das Fórmulas Recomendadas em Função da Análise do Solo. Projeto BNDE/ANDA/CIA Nº 12 - 1971.

QUADRO 33. - Unidades de Produto Agrícola Necessárias para Adquirir uma Tonelada de Fertilizantes <sup>(1)</sup>, Estado de São Paulo, 1967-74

Ano	Arroz em casca (sc.60kg)		Milho (sc.60kg)		Cafê beneficiado (sc.60kg)		Soja (sc.60kg)		Algodão em caroço (15kg)	
	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice
1967	10	100	29	100	4	100	15	100	35	100
1968	10	100	36	124	4	100	13	87	32	91
1969	11	110	24	83	2	50	13	87	32	91
1970	13	130	25	86	2	50	11	73	30	86
1971	8	80	25	86	3	75	11	73	25	71
1972	9	90	26	90	2	50	12	80	26	74
1973	10	100	20	69	2	50	9	60	23	66
1974 <sup>(2)</sup>	16	160	36	124	4	100	20	133	31	88

<sup>(1)</sup> Preço médio ponderado.

<sup>(2)</sup> Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

produto (milho) para o ano agrícola 1973/74, chega-se aos resultados constantes no quadro 34.

QUADRO 34. - Relação Benefício/Custo, para a Cultura do Milho em Localidades Seleccionadas do Estado de São Paulo, 1973/74

Localidade	Acréscimo na receita proporcionado pela adubação, (Cr\$/ha ) (a)	Custo do adubo (Cr\$/ha ) (b)	Relação Benefic./ Custo (a)/(b)
Ribeirão Preto	1.882,00	280,40	6,7
Tietê	911,20	246,90	3,7
Piracicaba	1.474,00	287,30	5,1

Esses dados indicam que para cada 1,00 cruzeiro gasto em adubação, os retornos seriam de Cr\$ 6,70 em Ribeirão Preto, Cr\$ 3,70 em Tietê e Cr\$ 5,10 em Piracicaba, para a safra 1973/74.

Se os níveis de preço de fertilizante para a safra 1974/75 se situarem próximos do verificado no período janeiro/maio de 1974 e se se considerar o preço estimado para o milho em 1974 o mesmo a vigorar em 1975, a relação benefício/custo cairá para 3,2, 1,7 e 2,5, respectivamente em Ribeirão Preto, Tietê e Piracicaba. Para manter-se a mesma relação verificada em 1973/74, aos preços vigentes de fertilizante no período, haverá a necessidade de o preço do milho em 1975 ascender a mais de Cr\$ 70,00/saca de 60kg. Embora com preços inferiores, o produtor ainda encontrará vantagens na adubação, mas o seu poder aquisitivo ficará grandemente reduzido, caso prevaleçam as condições referidas nesta análise. Tais vantagens persistirão sempre que a relação benefício/custo for superior à unidade.

Usando outra metodologia, chega-se também a resultados que sugerem uma redução das doses ótimas de nutrientes na adubação do milho em Ribeirão Preto<sup>(2)</sup>. Assim, enquanto as doses ótimas seriam de 78 kg/ha de N, 30 kg/ha de  $P_2O_5$  e 39kg/ha de  $K_2O$  no ano 1972/73, aos novos preços vigentes elas passam a 58 kg/ha de N, 31 kg/ha de  $K_2O$  e não utilização de  $P_2O_5$  em 1973/74.

Com relação ao calcário destinado a correção do solo, o crescimento do consumo, a exemplo dos fertilizantes, dependerá dos preços relativos, além do transporte por ser um dos fatores que mais oneram o preço do calcário. Há indicações, que acima de 150 km, o

(<sup>2</sup>) Com base em estudo de H.de Campos, P.F.C. de Araujo e H.V. de Arruda, ver Agricultura em S.Paulo, Tomo I e II, 1973.

preço do transporte é igual ou superior ao preço do calcário pósto moinho.

Embora São Paulo tenha capacidade para produzir 3 milhões de toneladas de calcário/ano, em 1973 a produção não ultrapassou a 50% dessa capacidade.

Mesmo presentes algumas dificuldades, produção e consumo de calcário tem apresentado crescimento dos mais expressivos. No período de 1969-73, o acréscimo foi da ordem de 100%, partindo-se de uma produção e consumo de 749 mil toneladas em 1969 para 1.500 mil toneladas em 1973. Para 1974 produção e consumo deverão alcançar 1.870 mil toneladas (quadro 35).

QUADRO 35. - Produção e Consumo de Calcário Moído para Uso Agrícola na Região de São Paulo, 1969-74 (1.000t )

Ano	Calcário moído	Índice (1969 = 100)
1969	748,6	100
1970	831,9	111
1971	913,2	122
1972	1.023,0	137
1973	1.500,0	200
1974 <sup>(1)</sup>	1.870,0	250

(1) Previsão.

Fônte: Sindicato da Indústria de Adubos e Colas do Estado de São Paulo, para os anos de 1969, 1970 e 1971. Os anos de 1972, 1973 e 1974, estimativas junto aos moinhos.

- Defensivos Agrícolas

- Panorama internacional e situação interna

O mercado internacional de defensivos agrícolas no ano de 1973 caracterizou-se por déficit no suprimento dos defensivos, à base de cobre e relativo equilíbrio entre oferta e demanda dos demais.

É esperada para a safra 1974/75 uma normalização no suprimento do mercado interno de defensivos. Contudo, é impossível qualquer previsão nesse setor em virtude de as grandes empresas brasileiras serem filiadas à matrizes no exterior, ficando assim totalmente dependentes das disponibilidades das fontes primárias de produção.

Outro fator que contribui para dificultar o suprimento, é que há muitos produtos de exclusiva produção de uma única empresa.

Até outubro de 1973 a importação de defensivos já havia atingido a 54 milhões de dólares FOB. Essas são as únicas informações disponíveis de valor, mas sabe-se que em termos físicos as importações do 3º quadrimestre representaram cerca de 70% do total. Com e-



feito, as importações de 1973 deverão alcançar pelo menos 60 milhões de dólares, o que representa 64% de acréscimo em relação ao ano anterior.

Por outro lado, as exportações nacionais que atingiram a 2.310 mil dólares em 1972, não deverão ultrapassar essa cifra em 1973 dado que até outubro desse ano haviam sido exportados apenas 1.700 mil dólares.

Essa diminuição nos excedentes exportáveis é reflexo de um aumento rápido da demanda nacional.

Com base no volume físico, o consumo aparente de defensivos no último quinquênio aumentou cerca de 84%, com os herbicidas experimentando o maior acréscimo (478%) seguidos de perto pelos fungicidas (464%). Os inseticidas não mostraram acréscimo físico no período: 40.650 toneladas em 1969 contra 33.844 toneladas em 1973. Todavia, essa redução aparente no consumo de inseticidas é explicada pela importação maciça de produto técnico (princípio ativo de maior concentração), resultando em termos reais num maior volume de princípio ativo consumido.

Os fungicidas tiveram seu consumo grandemente aumentado nos últimos anos em boa parte explicado pelo controle à ferrugem do cafeeiro.

O espetacular aumento nos herbicidas se deve aos bons resultados proporcionados por esse defensivo, em termos técnicos, e a relativa escassez de mão-de-obra rural.

QUADRO 36. - Consumo Aparente Brasileiro de Defensivos<sup>(1)</sup> Agrícolas, 1969-73 (tonelada)

Defensivo	1969	1970	1971	1972	1973
<b>Inseticida</b>					
Importação	21.400	17.267	17.331	24.896	18.234
Produção nacional	<u>12.114</u>	<u>12.504</u>	<u>13.280</u>	<u>14.005</u>	<u>15.610</u>
Subtotal	33.514	29.771	30.611	38.901	33.844
<b>Fungicida</b>					
Importação	4.185	6.125	8.619	20.054	26.082
Produção nacional	<u>1.500</u>	<u>1.640</u>	<u>2.939</u>	<u>4.250</u>	<u>6.300</u>
Subtotal	5.685	7.765	11.558	24.304	32.382
<b>Herbicida</b>					
Importação	1.451	3.429	5.042	4.750	7.931
Produção nacional	-	-	-	-	<u>-450</u>
Subtotal	1.451	3.429	5.042	4.750	8.381
<b>Total geral</b>	<b>40.630</b>	<b>49.965</b>	<b>47.211</b>	<b>67.955</b>	<b>74.607</b>

(<sup>1</sup>) Consumo Aparente = importação mais produção nacional.

Fonte: Sindicato da Indústria de Defensivos do Estado de São Paulo.

A produção nacional de inseticidas em 1973 se aproximou dos volumes importados, representando no total consumido cerca de 46%. O mesmo não aconteceu com os fungicidas que de uma participação de 25% do total consumido em 1971 passaram a 19% em 1973. Isto se deveu ao grande incremento verificado nos cúpricos cujo suprimento é feito à base de produtos importados.

Especial menção aos herbicidas que em 1973, pela primeira vez, foram produzidos no Brasil. Outro fato marcante em 1973 repousa no valor das vendas, alcançando a 1,2 bilhões de cruzeiros, quantia esta superior em cerca de 30% as vendas do ano anterior.

Os inseticidas de um modo geral são consumidos por todas as culturas, mas a cultura do algodão detem a maior parcela desse consumo, vindo a seguir café, soja e trigo.

A maior afluência dos fungicidas é para a lavoura cafeeira, mas a fruticultura e horticultura também se caracterizam como grandes consumidoras de fungicidas. O consumo das demais culturas, por unidade de área, ainda é pequeno.

Para os herbicidas, a lavoura canavieira é a maior consumidora desse insumo. Soja, algodão, trigo, café e pastagens formam o segundo grupo de maior expressão no consumo.

No período de 1969 a maio de 1974, os preços reais apresentaram evolução crescente para alguns defensivos e decrescente para outros. Dentre os que apresentaram crescimento ponderável ressalte-se que os fungicidas a base de cobre (sulfato) em 1973 experimentaram crescimento real de 10,7%. Em maio de 1974, relativamente à média de 1973, o acréscimo real foi da ordem de 70% (figura 2).

#### - Tratores

#### - Panorama internacional e situação interna

As importações brasileiras de tratores de 4 rodas que em 1968 representaram cerca de 7% da produção nacional, em termos de unidades físicas, foram se restringindo a ponto de nos dias atuais não se registrar nenhuma importação.

Por outro lado, as exportações apresentaram crescimento considerável nos últimos 3 anos. Em 1971 o valor das exportações atingiu a 543 mil dólares; em 1973, cerca de 1,9 milhão de dólares e 327 unidades exportadas. Até maio de 1974, 91 unidades foram exportadas, atingindo aproximadamente 600 mil dólares.

No ano de 1973 face a uma demanda interna não satisfeita, algumas tentativas foram feitas visando o incremento da oferta através das importações. Todavia, as dificuldades inerentes a realização de transações internacionais a curto prazo, a inexistência de peças de reposição para tratores importados e mesmo a falta de excedentes exportáveis nos principais mercados fizeram com que as decisões governamentais se dirigissem para o incremento da oferta da indústria nacional, a curto prazo, com facilidades no suprimento de matérias-primas e peças acessórias.

Essa política redundou na eliminação da alíquota "ad valorem" para pneus e peças acessórias vitais e com deficiência de oferta pela indústria nacional. Tal política trouxe grandes benefícios à agricultura, através do aumento da oferta, embora ainda não se tenha alcançado o equilíbrio e da estabilização dos preços reais.

FIGURA 1. - Evolução dos Preços Correntes e Reais de Fertilizantes, Estado de São Paulo, 1967-74.

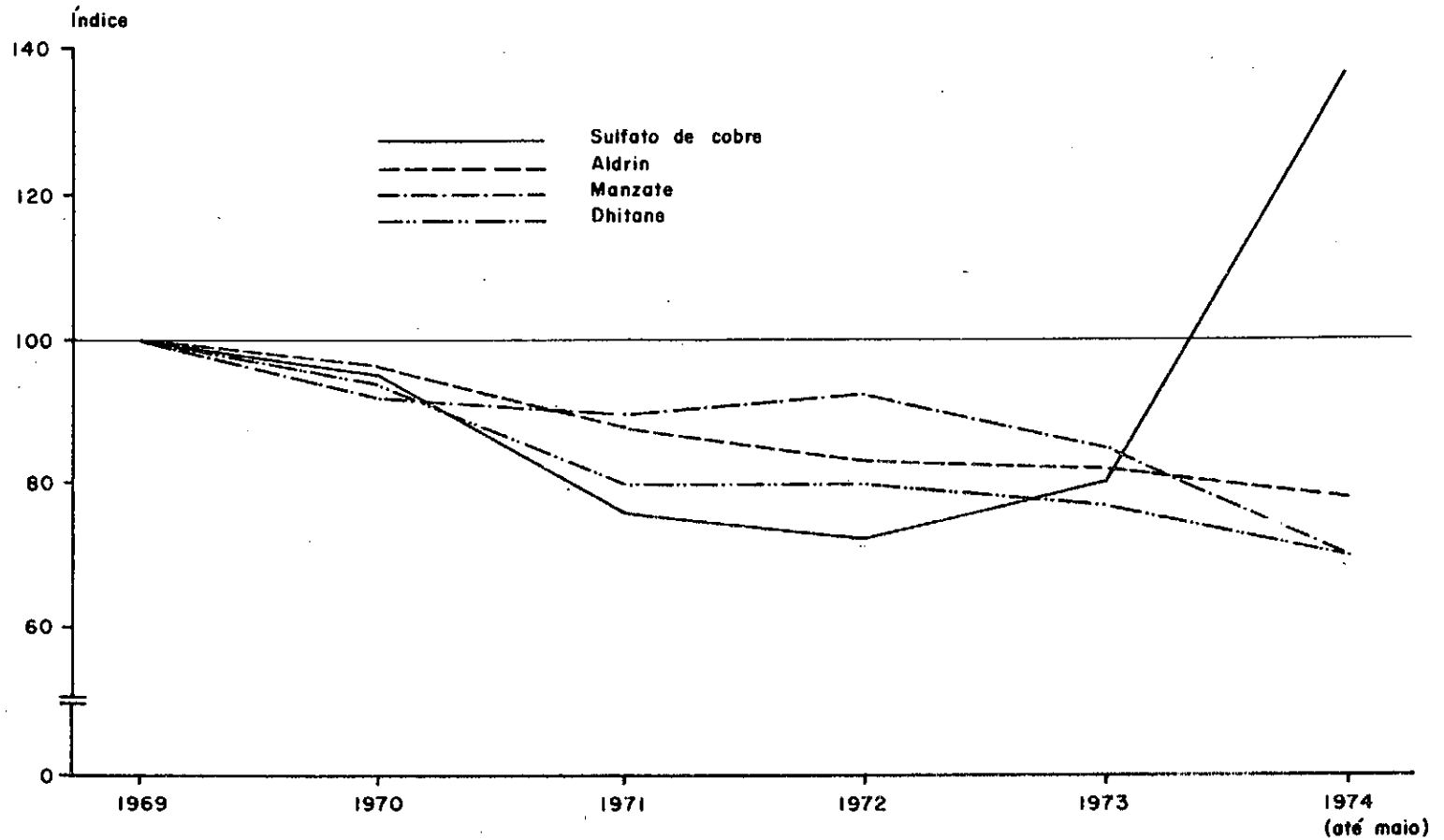


FIGURA 2. - Evolução dos Preços Reais de Defensivos, Estado de São Paulo, 1967-74.

Em 1973 a indústria brasileira de microtrator de 4 rodas, cultivador motorizado, trator de 4 rodas e trator de esteira, apresentou incremento na produção da ordem de 29%. O maior aumento verificado foi para os tratores de esteira (53%). Os micro-tratores e cultivadores motorizados experimentaram crescimento de 34% e os tratores de 4 rodas de 29% (quadro 37).

QUADRO 37. - Produção da Indústria Brasileira de Tratores, 1967-73  
(Índice 1967 = 100)

Ano	Cultivador, motorizado (1)		Trator de esteira		Trator de 4 rodas	
	Produção	Índice	Produção	Índice	Produção	Índice
1967	2.231	100	73	100	6.223	100
1968	2.612	117	106	145	9.818	158
1969	2.281	102	91	125	9.548	153
1970	2.474	111	185	253	14.048	226
1971	2.556	114	770	1.055	22.122	355
1972	3.773	169	1.282	1.756	29.142	468
1973	5.080	228	1.961	2.686	37.170	597
Total	21.007	-	4.468	-	128.071	-

(1) Inclusive micro-trator de 4 rodas.

Fonte: "ANFAVEA" - Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores.

No grupo de tratores de 4 rodas, que é o de maior expressão, o trator pesado (acima de 74HP) apresentou o maior incremento (110%) e ultrapassou, pela primeira vez, em número de unidades vendidas o trator de categoria média (51 a 74HP).

No trator de categoria leve verificou-se incremento de 32,6%, acréscimo este proporcionado em grande parte pelo trator de bitola estreita (cafeeiro), face ao incremento da demanda para controle à ferrugem.

Confirmando previsão do IEA, os tratores de categoria média apresentaram em 1973 decréscimo de venda de 9% relativamente a 1972. Com isto, a sua participação no grupo de tratores de 4 rodas que fora de 46,3% em 1972 passou para 36,6% em 1973 e, os tratores pesados modificaram sua participação de 20,5% em 1972 para 33,4% em 1973. Os tratores leves também tiveram sua participação aumentada de 33,2% em 1972 para 34,0% em 1973.

A meta de produção da indústria brasileira de tratores de 4 rodas é de alcançar a 49.000 unidades em 1974, portanto, o incremento previsto é de 36,7%. Contudo, a consecução de tal objetivo estará condicionada ao suprimento adequado de matérias-primas básicas e peças acessórias.

QUADRO 38. - Evolução das Vendas da Indústria Brasileira de Tratores de 4 Rodas, 1968-74

Ano	Trator			Total	Índice 1968=100
	Léve (Até 50HP)	Médio (51 a 74HP)	Pesado (Maior q/74HP)		
1968	4.110	3.048	2.277	9.435	100
1969	3.479	4.241	1.959	9.679	102
1970	4.751	6.908	2.553	14.212	151
1971	6.898	10.787	4.047	21.732	230
1972	9.400	13.118	5.821	28.339	300
1973	12.467	11.932	12.257	36.656	388
1974 (1)	16.000	15.900	17.100	49.000	519

(1) Previsão.

Fonte: Indústria Brasileira de Tratores - São Paulo.

O Estado de São Paulo absorveu em 1973 cerca de 37% da produção total da indústria, correspondente a um incremento da ordem de 20% sobre o ano anterior.

A ocorrência de uma demanda de tratores crescente, especialmente a partir de 1969, resultou, entre outros fatores, da melhoria da relação de preços produto-trator. Os dados constantes no quadro 39 mostram a tendência decrescente da quantidade de produtos necessária para adquirir um trator. As únicas variações ocorridas na série foram para o arroz no período de 1967 a 1970 e para a soja em 1974, embora os dados sejam preliminares.

Apesar da tendência de acréscimo nos preços reais a partir de 1972 (figura 3), a relação de preços continua decrescente (quadro 40), o que ativarã grandemente o desempenho do setor agrícola.

#### - Sementes

O aumento no uso de sementes melhoradas é um dos fatores básicos para o rápido incremento da tecnificação da agricultura, pois além de efeito direto na produtividade, os resultados a serem alcançados pelo uso de fertilizantes e outros insumos, estão a depender da qualidade da semente utilizada.

Entretanto, a taxa de utilização de sementes melhoradas ainda é baixa, exceção feita a algumas culturas, como o algodão, cuja taxa de utilização no Estado de São Paulo é de 100% e o milho que evoluiu de 42%, em 1963, para 77% em 1973.

A venda de sementes para plantio no Estado de São Paulo para a safra 1973/74, a apresentou incremento para a maioria das sementes, relativamente a safra 1972/73. Expressivos aumentos foram verificados para o feijão (163,7%), amendoim (55,9%) e o milho híbrido (26,3%).

QUADRO 39. - Unidades de Produto Agrícola Necessárias para Adquirir um Trator Leve (44 HP), Estado de São Paulo, 1967-74

Ano	Arroz em casca (sc.60kg)		Milho (sc.60kg)		Café beneficiado (sc.60kg)		Soja (sc.60kg)		Algodão em caroço (15kg)	
	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice	Nº de unidades	Índice
1967	727	100	2.174	100	334	100	1.105	100	2.608	100
1968	729	100	2.595	119	270	81	973	88	2.330	89
1969	834	115	1.717	79	187	56	928	84	2.337	90
1970	881	121	1.698	78	131	39	754	68	2.021	77
1971	524	72	1.531	70	162	48	684	62	1.537	59
1972	518	71	1.475	68	116	35	681	62	1.449	56
1973	499	69	979	45	91	27	456	41	1.125	43
1974 (1)	379	52	836	38	81	24	474	43	710	27

(1) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 40. - Evolução dos Preços Correntes e Reais de Tratores, Estado de São Paulo, 1968-74  
(cruzeiro por unidade)

Ano	Preço		Índice	
	Corrente	Real	Corrente	Real
1968	18.141	11.409	100	100
1969	21.694	11.299	120	99
1970	24.755	10.763	136	94
1971	29.380	10.606	162	93
1972	30.248	9.336	167	82
1973	36.870	9.885	203	86
1974 (1)	42.843	9.940	236	87

(1) Média até maio de 1974.

Fonte: ANFAVEA - Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores.

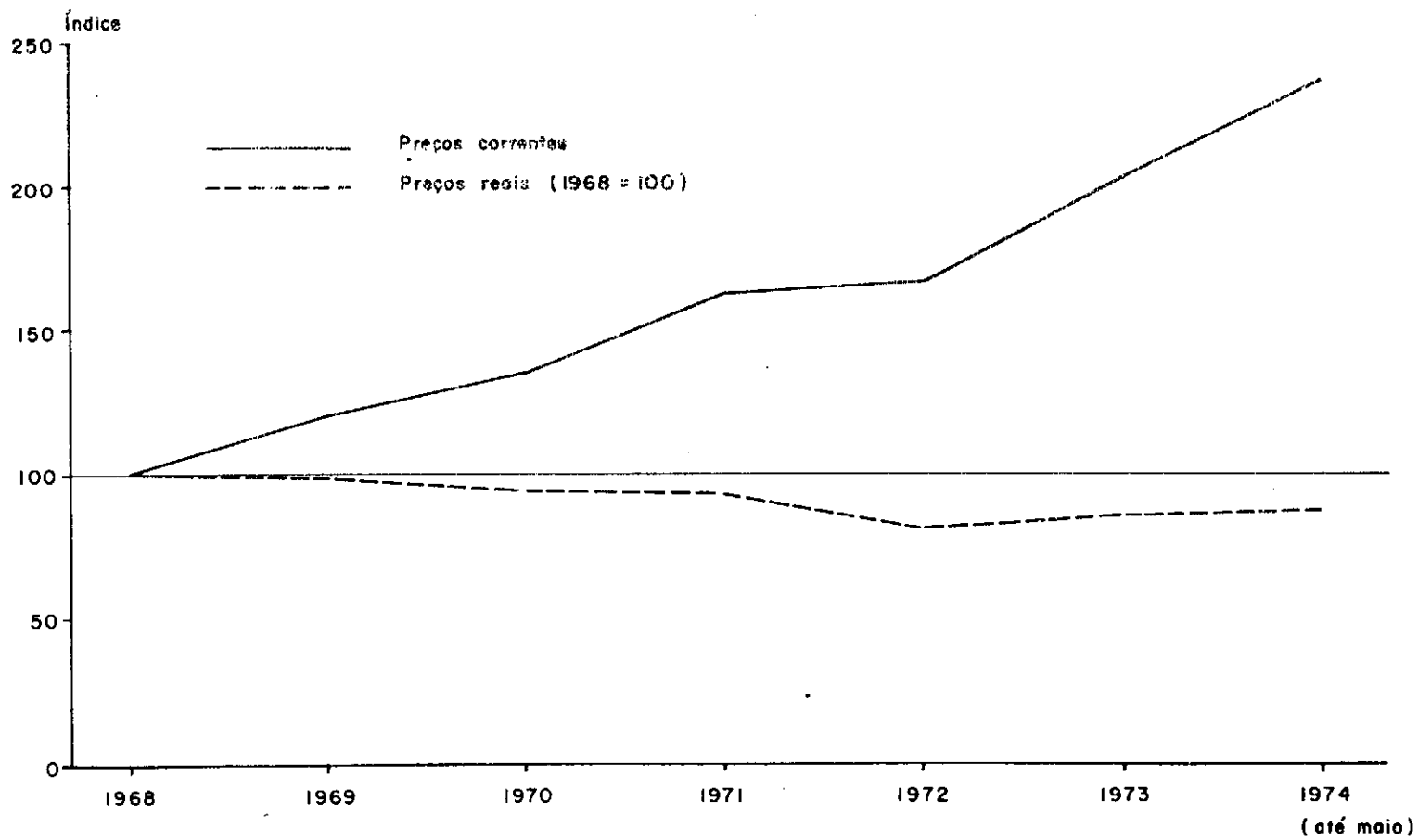


FIGURA 3. - Evolução dos Preços Correntes e Reais de Tratores, Estado de São Paulo, 1968-74.



O milho variedade apresentou decréscimo de 26,2%, porém, dada a sua pequena participação no total, muito pouco representou no total de sementes melhoradas (híbrido mais variedades), resultando ainda um saldo de 21,4% para a soma dos dois cultivos.

Embora no total para o Estado, o algodão tenha apresentado decréscimo de 6,2%, na Divisão Regional de Campinas houve acréscimo de vendas da ordem de 30%. Em outras regiões do Estado, especificamente na Noroeste, registrou o maior decréscimo nas vendas de semente.

Para o amendoim, embora na safra 1973/74 tenha apresentado incremento nas vendas de 55,9%, a demanda ainda foi superior a oferta, resultando que um certo potencial para o uso de sementes melhoradas se transferiu para as sementes próprias, com possíveis reflexos na diminuição da produtividade.

Na soja, a distribuição de sementes produzidas pela Secretaria da Agricultura quase que ficou restrita a cooperadores e certificadores. Dessa forma, a área plantada em São Paulo o foi com sementes próprias ou advindas de outros estados, principalmente do Rio Grande do Sul.

QUADRO 41. - Venda de Sementes para Plantio no Estado de São Paulo, pela Secretaria da Agricultura para as Safras 1972/73 e 1973/74

Semente	Unidade	1972/73 (a)	1973/74 (b)	Varição (%) $\frac{b}{a}$
Algodão	sc.30kg	614.240	576.382	-6,2
Amendoim	cx.20kg	76.960	119.985	+55,9
Arroz	sc.50kg	97.346	102.791	+5,6
Feijão de mesa	sc.50kg	6.135	16.181	+163,7
Milho híbrido	sc.50kg	137.136	173.236	+26,3
Milho variedade	sc.50kg	14.247	10.510	-26,2
Soja	sc.50kg	51.587	31.800	-38,4

Fonte: Divisão de Sementes e Mudas DSM-CATI.

A produção de sementes pela Secretaria da Agricultura para plantio da safra 1974/75 é estimada em 900.000sc. de algodão, 110.000sc. de arroz, 270.000sc. de amendoim, 16.000 sc de feijão de mesa, 200.000sc. de milho híbrido, 27.000sc. de milho variedade e 150.000sc. de soja.

Verifica-se pois, que exceção ao feijão, todas as sementes têm produção esperada bem superior às vendas na safra 1973/74. E, a guiar-se pela taxa média de sementes recusadas nos últimos 5 anos, a disponibilidade para venda em 1974 será bem superior à de 1973.

As sementes que têm participação significativa dentre as produzidas pelas firmas particulares são as de milho híbrido, amendoim, soja e em reduzida escala o arroz. O milho híbrido, amendoim, soja e em reduzida escala o arroz. O milho híbrido experimentou incre -

mento de venda de apenas 7% em 1973/74, relativamente à safra anterior, o amendoim um significativo aumento de 41%, a soja com decréscimo de 43% e o arroz um substancial incremento de 141%, embora a sua produção seja reduzida quando comparada com as produções da Secretaria da Agricultura.

QUADRO 42. - Venda de Sementes para Plantio no Estado de São Paulo pelas Firms Particulares para a Safra 1972/73 e 1973/74

Semente	Unidade	1972/73 (a)	1973/74 (b)	Variação ( $\frac{b}{a}$ ) (%)
Amendoim	cx.20kg	38.081	53.730	41,1
Arroz	sc.50kg	51.826	29.638	-42,8
Soja	sc.50kg	797	1.922	141,2
Milho (1)	sc.50kg	153.999	164.878	7,0

(1) A unidade comercial é sc.40kg.

Fonte: Seção de Certificação de Sementes - DSM-CATI.

Os preços da semente produzida nos campos de cooperação da Secretaria da Agricultura, para o ano agrícola 1974/75, são apreciados no quadro 43.

#### - Mercado de terras

A terra, em qualquer de suas categorias (de primeira, segunda, de campo, de pastagem ou para reflorestamento) se afigura um dos fatores econômicos de maior elevação de preço no período 1969-74.

Os quadros 44 e 45 apresentam a evolução do preço da terra nos últimos 6 anos. O panorama inflacionário já registrado no ano passado se acentua mais ainda em 1974. Embora a tendência seja semelhante para todos os tipos de terra, pode-se destacar uma evolução mais acentuada em 1974, para as terras de reflorestamento e de campo que são de pior qualidade. Isso talvez se explique pela corrida aos investimentos imobiliários por parte da população urbana em busca dos incentivos fiscais da política do governo. Outro aspecto é que alguns desses investimentos imobiliários teriam resultado da queda no mercado de capitais e a consequente procura de investimentos mais seguros. Com relação ao valor de propriedades com benfeitorias nota-se um incremento mais acentuado nos preços das propriedades médias e grandes.

Essa alta nos preços das terras não foi acompanhada pelos preços de produtos agrícolas, como pode ser visto no quadro 46, onde se mostra, para os últimos 4 anos o número de unidades de produtos agrícolas necessários para se adquirir 1 ha de terra. Para quase todos os produtos esse número foi duplicado em 1974 e, em alguns casos, como a laranja e feijão quase triplicado. E no caso da carne bovina, embora os preços deste ano sejam razoavelmente maiores que os dos anos anteriores, a relação mais que triplicou. Normalmente, seria de se esperar essa evolução mais rápida dos preços da terra. É que esses preços foram determinados por outros fatores como inflação e preferência dos investidores, além da

QUADRO 43. - Preço de Venda das Sementes Produzidas em Campo de Cooperação da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, para Plantio da Safra 1974/75

Semente	Unidade	Preço	Semente	Unidade	Preço
Algodão	sc.30kg	33,80 <sup>(1)</sup>	Quiabo	kg	10,00
Arroz	sc.50kg	125,00	Mucuna	sc.50kg	110,00
Amendoim	cx.20kg	56,00	Dôlico	sc.50kg	...
Feijão	sc.50kg	200,00	Guandu	sc.50kg	110,00
Milho híbrido	sc.50kg	87,00	Siratiro	kg	65,00
Milho variedade	sc.50kg	68,00	Stilozantes	kg	60,00
Milho pérola	sc.50kg	68,00	Soja p.tardia	kg	60,00
Soja	sc.50kg	...	Crotalária	sc.50kg	175,00
Mamona	sc.30kg	90,00	Galactia	kg	60,00

<sup>(1)</sup> Não inclui taxa de seguro contra granizo.

Fonte: Comissão Permanente de Política de Preços de Sementes e Mudanças.

QUADRO 44. - Valor da Terra sem Benfeitorias, no Estado de São Paulo, Segundo os Tipos, 1969-74

Ano <sup>(1)</sup>	Terra de primeira			Terra de segunda			Terra para pastagens			Terra para reflorestamento			Terra de campo		
	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)
1969	700	1.102	64,86	519	817	70,49	459	722	75,44	322	507	75,22	255	401	70,10
1970	1.098	1.441	84,81	690	906	78,17	596	782	81,72	449	588	87,24	352	462	80,77
1971	1.546	1.699	100,00	1.054	1.159	100,00	871	957	100,00	613	674	100,00	520	572	100,00
1972	2.000	1.834	107,95	1.400	1.284	110,79	1.200	1.101	115,05	835	766	113,65	680	624	109,09
1973	3.300	2.619	154,15	2.400	1.905	164,37	2.000	1.587	165,83	1.300	1.032	153,12	1.200	952	166,43
1974	7.600	5.185	305,18	5.800	3.957	341,42	4.400	3.002	313,69	3.700	2.524	374,48	3.200	2.183	381,64

<sup>(1)</sup> Informações coletadas em janeiro de cada ano.

<sup>(2)</sup> Média do Estado em valores correntes.

<sup>(3)</sup> Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

<sup>(4)</sup> Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: 1971 = 100.

QUADRO 45. -Valor da Terra com Benfeitorias no Estado de São Paulo, Segundo o Tamanho das Propriedades, 1969-74

Ano (1)	Menos 7,26 hectares			Entre 7,26 a 24,20 hectares			Entre 24,20 a 72,50 hectares			Entre 72,50 a 242,00 hectares			Maior do que 242,00 hectares		
	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)
1969	-	-	-	942	1.483	65,07	866	1.363	76,27	718	1.130	73,38	624	982	72,42
1970	1.960	2.573	83,77	1.385	1.818	79,77	1.131	1.485	83,10	967	1.269	82,40	891	1.170	86,28
1971	2.795	3.072	100,00	2.073	2.279	100,00	1.626	1.787	100,00	1.401	1.540	100,00	1.234	1.356	100,00
1972	3.460	3.174	103,32	2.600	2.385	104,65	2.000	1.834	102,63	1.800	1.651	107,21	1.620	1.486	109,59
1973	6.000	4.762	155,01	4.500	3.572	156,74	3.800	3.016	168,77	3.300	2.619	170,06	2.700	2.143	158,04
1974	13.000	8.870	288,74	10.500	7.164	314,35	9.100	6.209	347,45	7.800	5.322	345,48	7.000	4.776	352,21

(1) Informações coletadas em janeiro de cada ano.

(2) Média do Estado em valores correntes.

(3) Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(4) Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: 1971 = 100.

QUADRO 46. - Unidades de Produto Agrícola Necessárias para Adquirir um Hectare de Terra, Estado de São Paulo, 1971-74 (1)

Produto	Unidade	Unidades necessárias para compra de 1 hectare			
		1971	1972	1973	1974(2)
Café	sc.60kg	11,45	9,35	11,38	21,71
Cana	tonelada	63,10	68,56	97,12	142,22
Milho	sc.60kg	108,11	119,05	122,22	223,54
Algodão	arroba	108,49	116,96	140,43	190,00
Laranja	cx.40kg	245,40	317,46	366,67	974,36
Arroz	sc.60kg	36,99	41,84	62,26	101,33
Batata	sc.60kg	70,40	63,69	48,53	95,00
Feijão	sc.60kg	26,63	26,99	16,84	49,03
Soja	sc.60kg	48,31	54,95	56,90	126,67
Carne bovina	arroba	20,26	22,56	15,00	40,00
Leite	mil litros	2,23	2,58	1,90	4,40

(1) Para os produtos vegetais o valor da terra refere-se a terra sem benfeitoria, de primeira. Para pecuária refere-se a terra para pastagem.

(2) Dados provisórios.

QUADRO 47. - Custo do Aluguel de Pasto, no Estado de São Paulo, 1969-73

Ano (1)	Em Cr\$ por hectare por mês			Em Cr\$ por hectare por ano			Em Cr\$ por cabeça por mês		
	Cr\$ (2)	Cr\$ (3)	Índice (4)	Cr\$ (2)	Cr\$ (3)	Índice (4)	Cr\$ (2)	Cr\$ (3)	Índice (4)
1969	4,14	6,10	64,01	45,87	67,58	69,71	3,42	5,04	67,92
1970	5,41	6,60	69,25	59,11	72,13	74,41	4,42	5,39	72,64
1971	9,53	9,53	100,00	96,94	96,94	100,00	7,42	7,42	100,00
1972	11,95	10,28	107,87	114,80	98,76	101,88	9,64	8,29	111,73
1973	16,64	12,42	130,33	167,93	125,38	129,34	11,84	8,84	119,14

(1) Informações coletadas em junho de cada ano.

(2) Média do Estado em valores correntes, ponderada pela área de pastagem em cada DIRA.

(3) Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971, pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(4) Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: 1971 = 100.

QUADRO 48. - Custo do Arrendamento de Terras, no Estado de São Paulo, 1968-73

Ano (1)	Em dinheiro			Em espécie							
	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ha (3)	Índice (4)	Algodão		Amendoim		Arroz		Milho	
				Ⓐ /ha (5)	Índice (6)	sc.25kg/ha (5)	Índice (6)	sc.60kg/ha (5)	Índice (6)	sc.60kg/ha (5)	Índice (6)
1968	70,25	113,07	87,64	19,0	113,77	17,8	111,25	7,4	117,46	12,0	114,29
1969	93,20	124,12	96,16	18,0	107,78	17,1	106,88	5,4	85,71	8,4	80,00
1970	104,85	118,06	91,46	18,6	111,38	14,5	90,62	7,7	122,22	10,6	100,95
1971	137,00	129,08	100,00	16,7	100,00	16,0	100,00	6,3	100,00	10,5	100,00
1972	180,00	146,22	113,29	16,3	97,60	16,0	100,00	7,1	112,70	8,9	84,76
1973	306,00	216,23	167,52	17,6	105,39	17,8	111,25	8,5	134,92	11,9	109,52

(1) Informações coletadas em novembro de cada ano.

(2) Média do Estado, em valores correntes.

(3) Média do Estado, valores em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(4) Índice simples, calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971, base de comparação: 1971 = 100.

(5) Média do Estado, ponderada pela produção em cada DIRA, com exceção de 1968.

(6) Índice simples, base de comparação: 1971 = 100.



inferência natural dos preços de certos produtos agrícolas estimulando maior procura dos fatores de produção.

Essa alta nos preços de terras promoveu uma elevação nos aluguéis e arrendamentos, como pode ser visto nos quadros 47 e 48. No caso de aluguel de pasto por hectare, por mês, esse incremento, em valores reais, foi de 21% em relação a 1972, mas é preciso notar-se que os dados foram coletados em junho, antes dos acréscimos mais elevados ocorridos no final de 1973 e início de 1974. Já no caso de arrendamentos em dinheiro, dado coletado em novembro, o acréscimo foi de 48%.

Para os arrendamentos em unidades do produto, os acréscimos se mostraram bem menores, mas foram igualmente generalizados, com destaque para o arroz com 20% e o milho com 29%.

#### - Mercado de trabalho

As informações disponíveis sobre o mercado de trabalho se restringem aos salários pagos aos trabalhadores rurais, por inexistência de informações objetivas sobre oferta e demanda de mão-de-obra.

Nos quadros 49 e 50 aparecem as séries disponíveis, com dados desde 1948, para salários de diarista, volante e tratorista. No caso dos volantes aparece a maior elevação, com a informação referente a março de 1974, em valores reais, estando 17% acima da média (março e novembro) de 1973.

No quadro 51 são apresentados os dados dos últimos 6 anos, para 4 categorias de trabalhadores. Pode-se observar um aumento, em valores correntes, entre março de 1973 e março de 1974, de 35% para diarista residente, 58% para volantes, 23% para administradores e 34% para tratoristas, o que demonstra bem a escassez de mão-de-obra no meio rural e consequente melhoria da renda do trabalhador.

É de se notar que essa escassez se revela mais pronunciada entre os trabalhadores contratados externamente à propriedade, já que no caso de diaristas, tratoristas e administradores a evolução não foi muito acentuada: em termos reais se apresentou ao redor de 10%. De qualquer forma, a evolução em todas as categorias de trabalhadores refletiu aumentos maiores que os concedidos no meio urbano; os acordos trabalhistas se mantiveram em torno de 20% de aumento em valores correntes o mesmo ocorrendo para o salário mínimo.

A escassez de mão-de-obra pode ser melhor apreciada quando se analisam os salários pagos nas épocas de colheita, quando a demanda se intensifica. Com dados de março, para o algodão observou-se a média de Cr\$ 5,60 por arroba colhida, o que permite um salário de Cr\$ 22,40 por dia com o rendimento estimado de 4 arrobas por homem/dia. No caso do amendoim ocorreu uma média de Cr\$ 4,70 por saca de 25kg, o que indica um salário de Cr\$ 27,70 por dia, estimando-se o rendimento em 5,9 sacas de 25kg por homem/dia. Esses salários se mostram superiores aos de diaristas ou volantes e, se comparados com os vigentes no ano passado, tem-se um aumento, em valores correntes, de 57% para a colheita de algodão e 64% para a de amendoim. Esses valores são comparáveis aos aumentos de salário de volante que, como já foi dito, se situaram em 58%, reafirmando as indicações de que os trabalhadores temporários tiveram aumentos de salários superiores aos dos residentes.

No quadro 52 é apresentada uma comparação entre salários de colheita e preço do

QUADRO 49. - Salários Rurais e Respectivos Índices, em Valores Correntes, para o Estado de São Paulo, 1948-74

Ano	Diarista residente		Volante		Tratorista	
	Cr\$/dia	Índice <sup>(1)</sup>	Cr\$/dia	Índice <sup>(1)</sup>	Cr\$/mês	Índice <sup>(1)</sup>
1948	0,016	9	0,020	9	0,59	9
1949	0,018	10	0,022	10	0,65	10
1950	0,022	12	0,024	11	0,76	12
1951	0,027	15	0,027	13	0,87	13
1952	0,031	17	0,034	16	1,04	16
1953	0,033	18	0,037	17	1,14	17
1954	0,038	20	0,049	23	1,27	19
1955	0,047	25	0,060	28	1,56	24
1956	0,055	30	0,063	30	1,88	29
1957	0,063	34	0,076	36	2,12	32
1958	0,070	38	0,082	39	2,33	36
1959	0,087	47	0,107	50	3,01	46
1960	0,114	61	0,110	52	4,14	63
1961	0,148	80	0,171	80	5,23	80
1962	0,223	120	0,254	120	7,84	120
1963	0,362	195	0,398	187	12,82	196
1964	0,764	412	0,814	383	27,13	415
1965	1,369	738	1,547	728	62,36	954
1966	1,787	963	2,071	975	73,45	1.124
1967	2,492	1.343	2,538	1.194	86,78	1.328
1968	3,287	1.772	3,700	1.741	109,02	1.668
1969	3,875	2.089	4,155	1.955	151,40	2.317
1970	5,135	2.768	5,650	2.659	183,39	2.806
1971	6,445	3.474	7,035	3.311	233,86	3.579
1972	8,380	4.518	9,360	4.405	290,64	4.447
1973	11,350	6.119	11,900	5.600	376,55	5.762
1974 <sup>(2)</sup>	13,400	7.224	16,300	7.671	429,00	6.565

<sup>(1)</sup> Índice simples, base de comparação: 1961-62=100.

<sup>(2)</sup> Informação coletada em março de 1974.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 50. - Salários Rurais e Respectivos Índices, em Valores Reais<sup>(1)</sup>, para o Estado de São Paulo, 1948-74

Ano	Diarista residente		Volante		Tratorista	
	Cr\$/dia	Índice <sup>(2)</sup>	Cr\$/dia	Índice <sup>(2)</sup>	Cr\$/dia	Índice <sup>(2)</sup>
1948	4,84	103,37	6,05	115,33	178,42	98,04
1949	5,08	108,50	6,21	118,38	183,54	100,86
1950	5,59	119,39	6,10	116,28	193,14	106,13
1951	5,89	125,80	5,89	112,28	189,76	104,27
1952	6,05	129,22	6,63	126,38	202,87	111,48
1953	5,61	119,82	6,29	119,90	193,73	106,46
1954	5,06	108,07	6,56	125,05	169,95	93,39
1955	5,40	115,34	6,90	131,53	179,30	98,53
1956	5,27	112,56	6,04	115,14	180,19	99,02
1957	5,29	112,99	6,38	121,62	177,95	97,78
1958	5,20	111,06	6,09	116,09	173,03	95,08
1959	4,69	100,17	5,77	109,99	162,21	89,14
1960	4,76	101,66	4,59	87,50	172,71	94,90
1961	4,51	96,33	5,21	99,31	159,20	87,48
1962	4,48	95,69	5,10	97,22	157,37	86,48
1963	4,14	88,42	4,56	86,92	146,74	80,63
1964	4,59	98,04	4,89	93,21	163,02	89,58
1965	5,24	111,92	5,93	113,04	238,92	131,29
1966	4,96	105,94	5,75	109,61	203,86	112,02
1967	5,39	115,12	5,49	104,65	187,80	103,20
1968	5,73	122,38	6,46	123,14	189,93	104,37
1969	5,59	119,39	5,99	114,18	218,43	120,03
1970	6,18	131,99	6,80	129,62	220,87	121,37
1971	6,44	137,55	7,04	134,20	233,86	128,51
1972	7,16	152,93	8,00	152,50	248,48	136,54
1973	8,43	180,05	8,84	168,51	279,64	153,66
1974 <sup>(3)</sup>	8,51	181,76	10,36	197,48	272,55	149,77

(<sup>1</sup>) Em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(<sup>2</sup>) Índice simples, base de comparação: 1962-66=100.

(<sup>3</sup>) Informação coletada em março de 1974 e transformada em Cr\$ de 1971 pelo Índice "2" referente a esse mês.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 51. - Salários Rurais e Respectivos Índices no Estado de São Paulo, 1968-74

Ano	Mês	Diarista residente a seco			Volante			Administrador			Tratorista ou motorista		
		Cr\$/dia (1)	Cr\$/dia (2)	Índice (3)	Cr\$/dia (1)	Cr\$/dia (2)	Índice (3)	Cr\$/mês (1)	Cr\$/mês (2)	Índice (3)	Cr\$/mês (1)	Cr\$/mês (2)	Índice (3)
1968	Nov.	3,40	5,48	85,09	3,60	5,80	82,39	180,00	289,88	93,13	120,00	193,26	82,64
1969	Mar.	3,45	5,31	82,45	3,88	5,97	84,80	185,14	284,91	91,53	134,68	207,26	88,63
1969	Nov.	4,30	5,73	88,98	4,43	5,90	83,81	215,36	286,80	92,14	168,11	223,88	95,73
1969	Média	3,88	5,59	86,80	4,16	5,99	85,09	200,25	288,90	92,81	151,40	218,43	93,40
1970	Mar.	4,62	5,87	91,15	5,42	6,89	97,87	217,79	276,73	88,90	161,45	205,14	87,72
1970	Nov.	5,65	6,36	98,76	5,88	6,62	94,03	279,20	314,38	101,00	205,33	231,20	98,86
1970	Média	5,14	6,18	95,96	5,65	6,80	96,59	248,50	299,28	95,15	183,39	220,87	94,45
1971	Mar.	5,68	6,01	93,32	6,58	6,96	98,86	289,53	306,11	98,34	207,80	219,70	93,95
1971	Nov.	7,21	6,79	105,43	7,49	7,06	100,28	333,01	313,75	100,80	259,92	244,89	104,72
1971	Média	6,44	6,44	100,00	7,04	7,04	100,00	311,27	311,27	100,00	233,86	233,86	100,00
1972	Mar.	7,46	6,62	102,80	8,92	7,92	112,50	379,90	337,28	108,36	259,29	230,20	98,43
1972	Nov.	9,30	7,55	117,24	9,80	7,96	113,07	424,00	344,42	110,65	322,00	261,56	111,84
1972	Média	8,38	7,16	111,18	9,36	8,00	113,64	401,95	333,75	107,22	290,64	248,48	106,25
1973	Mar.	9,90	7,66	118,94	10,30	7,97	113,21	506,40	391,82	125,88	321,10	248,45	106,24
1973	Nov.	12,80	9,04	140,37	13,50	9,54	135,51	558,00	394,30	126,67	432,00	305,26	130,53
1973	Média	11,35	8,43	130,90	11,90	8,84	125,57	522,20	395,23	126,97	376,55	279,64	119,58
1974	Mar.	13,40	8,51	132,14	16,30	10,36	147,16	625,00	397,08	127,57	429,00	272,55	116,54

(1) Média do Estado, em valores correntes.

(2) Média do Estado, valores em Cr\$ de 1974 pelo Índice "2" da Conjuntura Econômica.

(3) Índice simples calculado a partir dos valores em Cr\$ de 1971 base de comparação: média de 1971 = 100.

QUADRO 52. - Relação entre Salário de Colheita e Preço do Produto, para Algodão, Amendoim e Café, Estado de São Paulo, 1971-74

Ano	Algodão			Amendoim			Café beneficiado			Cana		
	Salário Cr\$/ a	Preço Cr\$/ a	Relação Saláriox100 Preço	Salário Cr\$/sc. 25kg	Preço Cr\$/sc. 25kg	Relação Saláriox100 Preço	Salário Cr\$/sc. 60kg <sup>(1)</sup>	Preço Cr\$/sc. 60kg	Relação Saláriox100 Preço	Salário Cr\$/t	Preço Cr\$/t	Relação Saláriox100 Preço
1971	2,19	14,25	15,37	1,77	15,28	11,58	19,77	135,00	14,64	3,26	24,50	13,31
1972	3,26	17,10	19,06	2,27	15,30	14,84	23,68	213,80	11,08	3,83	29,17	13,13
1973	3,57	23,50	15,19	2,86	25,50	11,22	32,40	290,00	11,17	4,75	33,98	13,98
1974 <sup>(2)</sup>	5,60	40,00	14,00	4,70	30,00	15,67	-	-	-	-	-	-

<sup>(1)</sup> Salário de colheita de saça de 110 litros de café em côco, transformado para café beneficiado estimando-se rendimento de 19kg de beneficiado por saça de côco.

<sup>(2)</sup> Dados provisórios.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

produto colhido, mostrando para o algodão uma queda na participação dos gastos de colheita no preço do produto. Para o amendoim, cujos preços sofreram aumento de apenas 18%, a participação do salário de colheita aumentou de pouco mais de 11%. Para os demais produtos, cana e café, os dados disponíveis se referem à safra anterior visto que a safra atual está apenas começando.

Concluindo, a tendência de alta nos salários rurais permaneceu na safra em curso e, se o desenvolvimento urbano e a oferta de emprego nos setores secundário e terciário da economia permanecerem em ascensão, pode-se esperar novas altas para a próxima safra. Ademais, a tendência de rápida mecanização da agricultura paulista poderá ser acelerada, na medida em que os preços relativos capital/mão-de-obra estimularem a substituição desses fatores.



**7- MERCADOS  
DE PRODUTOS**

- Perspectiva 74/75

Em muitos aspectos, é agora diferente a conjuntura agrícola internacional daquela que prevaleceu ao início do ano agrícola 1973/74. Depois de forte contração na oferta (agravada pela especulação) em 1972, registrou-se incremento de 6% na produção em 1973, o que foi suficiente para inverter a tendência de alta vertiginosa nos preços de diversos produtos.

A demanda mundial por alimentos, e produtos agrícolas em geral, seguirá firme no próximo ano agrícola, em que pesem as quedas de preço já observadas no primeiro semestre de 1974. Assim, por exemplo, a demanda de proteicos e oleaginosas crescerá em mais de 4,5%. Embora se antecipem grandes produções nos Estados Unidos, Canadá, Rússia, Austrália e África do Sul a demanda efetiva deverá proporcionar um certo equilíbrio nos mercados, não impedindo porém a recuperação parcial dos reduzidos estoques de hoje.

Um fator eventualmente desfavorável para a demanda global de produtos agrícolas será a "Crise do Petróleo" e seus efeitos no poder de compra dos países consumidores que necessitam reestruturar suas compras no exterior, visando diminuir o déficit de suas balanças comerciais. Do lado da oferta, muitas condições foram alteradas por essa crise de energia, especialmente aquelas diretamente relacionadas aos preços dos fatores de produção na agricultura pressionando os preços dos produtos.

Como em 1973, a situação econômica e financeira mundial é ainda de instabilidade e exigirá ajustamentos de difícil previsão. É, por exemplo, possível a maior regionalização de interesses econômicos e políticos dos países desenvolvidos e em desenvolvimento; alterações no sistema financeiro internacional poderão ser realizadas levando em conta os recursos disponíveis nos países produtores de petróleo.

I

No início de 1974, vários produtos agrícolas apresentaram quedas de preços em relação aos níveis de 1973, particularmente os proteicos de origem animal (carnes, aves e ovos) e os cereais (trigo e milho). Os preços da soja, depois de uma safra recorde nos Estados Unidos e da retomada na captura das anchovetas do Peru, decresceram até maio-junho quando então reagiram, em função principalmente de novas perspectivas da safra americana de 1974. O preço do algodão alcançou pico em janeiro e passou também a cair em virtude de um relativo equilíbrio no mercado, após três períodos consecutivos de produção maior que o consumo. Quanto ao açúcar, vem apresentando amplas perspectivas de colocação no exterior e altos níveis de preço. Em café, foram substancialmente reativadas as operações da empresa multinacional dos países produtores visando maiores cotações.



## II

Em nenhum momento da história recente os mercados dos insumos foram tão importantes para a agricultura como neste ano, mormente no caso dos fertilizantes pela sua influência no nível de produtividade e nos custos de produção. Nos Estados Unidos, maior produtor mundial, estima-se que os gastos com fertilizantes, ao nível de produtor, tenham aumentado de pelo menos 40% de 1973 até meados de 1974. A disponibilidade de máquinas e implementos também não está acompanhando de perto a procura nos países de agricultura desenvolvida, cujos mercados de trabalho se caracterizam por escassez de mão-de-obra e consequente elevação de salários e custos.

## III

A referida instabilidade internacional determinou uma série de consequências na vida econômica de muitos países e o Brasil não é exceção, principalmente porque o nosso processo de desenvolvimento fez com que aumentasse a participação e dependência da economia brasileira às alterações que se operam no mundo. Carente de matérias-primas estratégicas e equipamentos industriais, o País sofreu impacto considerável no balanço de pagamentos e aceleração da taxa inflacionária (23% no primeiro semestre) com efeitos que se deverão prolongar até o final de 1974.

A demanda interna de produtos agrícolas está em franca expansão, face ao processo de rápida urbanização e crescimento da renda nacional por habitante. Em diversos produtos básicos perduram graves problemas de abastecimento nos grandes centros consumidores. E nesse sentido, o governo tem procurado intervir nos mercados com os objetivos de conter o ritmo inflacionário e assegurar o abastecimento através restrições ao comércio externo, importações, acordos e tabelamentos.

Como no passado, a demanda doméstica deverá absorver a maior parcela da produção nacional de alimentos.

## IV

Ao iniciar-se o ano agrícola 1974/75, os agricultores paulistas enfrentam ainda os problemas de comercialização em muitos produtos (soja, algodão, milho e café, por exemplo). Além disso, os altos níveis de preço de fertilizantes, defensivos, terra, fretes, bem como a valorização da mão-de-obra, sobrecarregam os custos e dificultam a tomada de decisão, a nível de empresa rural. Por outro lado, do ponto de vista social a produtividade poderá ser afetada pela economicidade no uso dos insumos, cujas relações de preço se deterioraram. Este quadro geral reclama toda atenção dos poderes públicos, tendo em vista que a agricultura paulista mais uma vez, em 1973/74, soube responder aos estímulos de mercado elevando simultaneamente produção, produtividade e renda.

Para que o setor agrícola continue crescendo a taxas expressivas, a política governamental deverá contemplar um elenco de medidas coerentes que objetivem principalmente: a) maior acompanhamento e eventual controle nos mercados de fatores; b) preços dos produtos em níveis compatíveis com a elevação dos custos; e c) aproveitamento das oportunidades de exportação e do próprio mercado interno mesmo quando, momentaneamente, sejam contraditórias com o objetivo de contenção inflacionária.

Para tanto, as políticas de preços, exportação, abastecimento e insumos básicos, aliadas ao crédito, deverão exercer forte e decisiva influência sobre o futuro desempenho da agricultura.

Preços mínimos e níveis de financiamento do custeio são essenciais para as decisões desta safra, em que não são muito claras as perspectivas do mercado mundial. Por sua vez, a exportação de produtos agrícolas terá que ser incrementada para amenizar o déficit provocado pelo aumento no valor das importações; a política cambial sendo elemento-chave, desde que se procure manter uma taxa de câmbio a mais próxima possível da taxa de paridade, já que o cruzeiro valorizado desestimulará as exportações que no caso brasileiro são predominantemente agrícolas.

## - Algodão

### - Panorama internacional

Ao findar a temporada 1973/74 observa-se uma situação bem diferente daquela do ano anterior, quando pontificava uma ascensão de preços sem precedentes e escassez geral de matérias-primas. Neste ano, pelo terceiro ano consecutivo o volume produzido supera o consumo, ainda que por estreita margem; na temporada 1973/74 a produção mundial é estimada em 59,9 milhões de fardos e o consumo em 58,3 milhões.

O comércio internacional de algodão na presente temporada deverá situar-se em torno dos 20 milhões de fardos, incluindo-se as importações da China Continental.

Com relação aos preços, a partir de meados de janeiro do corrente ano, quando atingiram seu máximo, observou-se queda quase que contínua. Assim, nos primeiros 5 meses do ano, o tipo "5" do algodão brasileiro já teve queda em torno de 26%, em Liverpool. Esta queda das cotações internacionais pode ser explicada por motivos adicionais tais como: a próxima safra norte-americana que se afigura como a recorde dos 10 últimos anos (14 a 15 milhões de fardos); os aumentos esperados em outros países produtores como Rússia, Índia, Paquistão e México; na China Continental há indícios de aumento na produção, o que demandaria menor volume de importação; e finalmente, os estoques de algodão em poder dos países nitidamente importadores são consideráveis.

Paralelamente, a situação de tendência de baixa no preço do produto há que se considerar que os custos de produção e de comercialização aumentaram significativamente a partir dos últimos meses de 1973 o que condicionaria o refreamento de baixa nas cotações.

### - Situação interna

As perspectivas de elevados preços existentes por ocasião da semeadura da safra passada e os níveis de preços mínimos de garantia, a época tidos como bons, não foram suficientes para impedir nova redução na área de plantio. Contudo, essa redução (8%) em São Paulo foi amenizada pela influência daqueles fatores e de qualquer forma, menor que a prevista certo tempo antes, em grande parte devido ao poder de competição de outras explorações, notadamente a soja.

No Paraná ocorreu fenômeno semelhante, ou seja, redução na semeadura mas em proporções menores que a esperada. Já em Goiás a diminuição de plantio foi bastante acentuada.

O desenvolvimento da lavoura foi muito bom até janeiro do ano corrente. Não obstante a menor área de plantio, previa-se para a zona meridional do País um volume de produção mais ou menos igual ao do ano anterior (458 mil toneladas). As chuvas excessivas de fevereiro e março deitaram por terra essas previsões. Houve queda acentuada nos rendimentos físicos, por ora avaliados em cerca de 12%, podendo atingir até 20% em relação ao esperado.

Igual ou talvez mesmo pior que a queda nos rendimentos físicos foi a grave de-

terioração na qualidade do produto colhido.

Essa deterioração na qualidade (que também está afetando bastante os rendimentos no benefício e conseqüentemente no volume do algodão em rama) pode ser avaliada pela distribuição na classificação de algodão, com predominância de tipos inferiores em relação ao registrado no ano anterior.

O que aconteceu em São Paulo pode ser generalizado para toda a zona meridional do País, pois sabe-se que no Paraná o fenômeno foi menos acentuado, porém em Goiás foi mais.

Em consequência, o volume de produção do sul do País, de acordo com cálculo preliminar, deverá situar-se em 345 mil toneladas de algodão em pluma. Essa marca representaria, em termos aproximados, um volume 23% inferior àquele da temporada precedente e, no que parece, pela primeira vez a produção da zona meridional seria inferior ao consumo do País. As estimativas de produções estaduais em mil toneladas de algodão em pluma são: São Paulo - 172; Paraná - 110; Mato Grosso - 12; Minas Gerais - 25 e Goiás - 26.

Com relação aos preços recebidos pelos cotonicultores (ver a variação estacional na figura 4), estes se situavam a níveis considerados satisfatórios, pois propiciavam receita líquida relativamente alta para remunerar os fatores de produção (aproximadamente Cr\$ 1.750,00/ha). Porém a partir de meados de maio para diante registrou-se queda acentuada de preços no mercado interno, ajustando-se às cotações ao mercado internacional. Acredita-se que a data desta virada aproximadamente metade, ou até menos, do algodão entregue às usinas de beneficiamento tinha seus negócios fechados. Assim, esse aviltamento de preço deverá influir certamente na renda dos cotonicultores e, conseqüentemente, torna-se bastante difícil prognosticar a área de plantio da próxima safra.

#### - Perspectivas

Como já dito atrás, o comportamento recente do mercado de algodão torna difícil traçar-se perspectivas; mesmo assim, cabem algumas considerações sobre a magnitude da área de plantio da próxima safra.

A favor de maior área de semeadura destacam-se:

- a) o crescimento da demanda interna;
- b) poucas são as opções realmente atrativas, entre as atividades competitivas que possam desviar recursos da cotonicultura; e
- c) perda de atrativo que a soja vinha exercendo entre muitos agricultores.

De outro lado, existem fatores que podem provocar nova contração de área:

- a) a parcial frustração da atual safra, ao menos em relação ao que era esperado;
- b) a recente queda nos preços do produto e que tem possibilidade de continuar;
- c) escassez de mão-de-obra na época da colheita; e
- d) o aumento de custo operacional de produção, fruto da alta de preços de insumos, principalmente fertilizantes, defensivos e mão-de-obra.

Apesar do modelo de oferta projetar aumento da área de plantio, parece que os fatores negativos apresentados (não captados no modelo) são mais ponderáveis. Mesmo assim, se ocorrer uma redução na safra 1974/75, ela deverá ser pequena no Estado de São Paulo. Nesse sentido, certamente o nível de preços na época do plantio, terá grande influên-

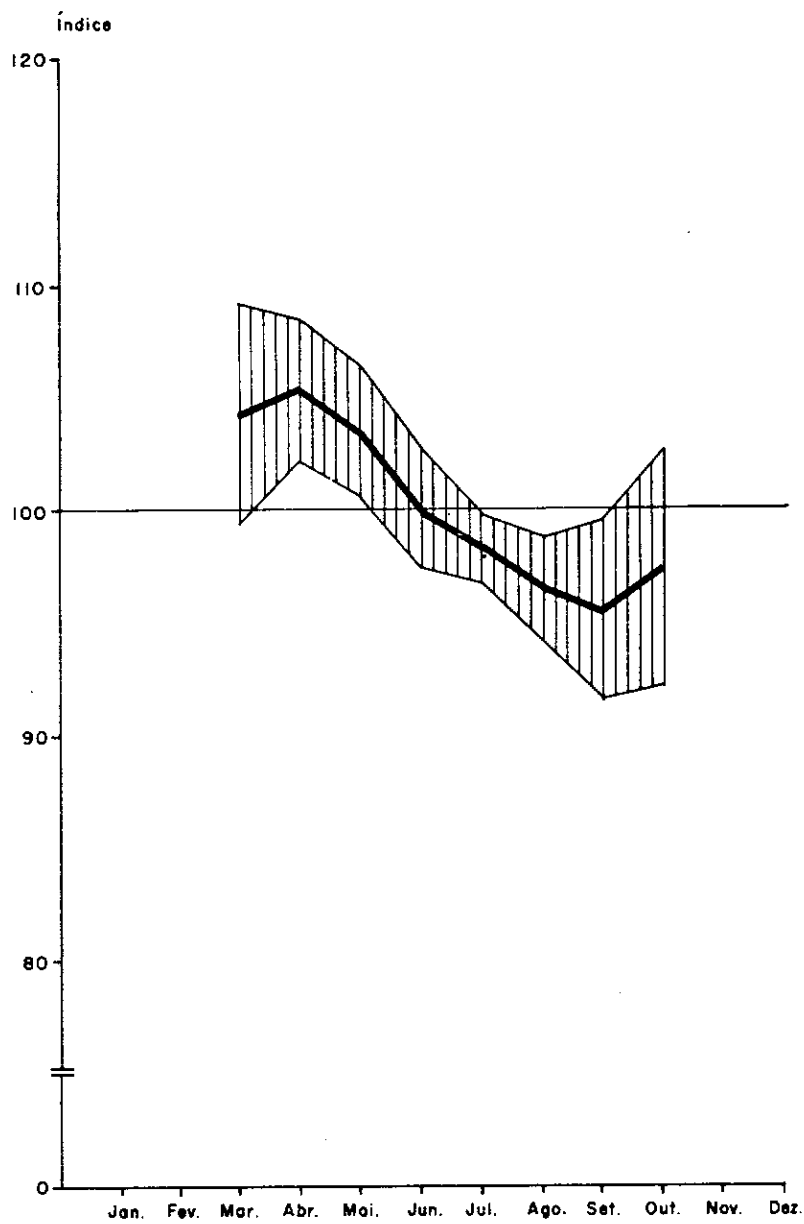


FIGURA 4. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Algodão em Carroço, Estado de São Paulo, 1965-73.

cia. E naturalmente, não se pode omitir a influência do novo preço mínimo de garantia para o algodão em relação aos preços mínimos dos demais produtos.

Para os demais estados produtores da zona meridional parece com base em informações ainda mais preliminares, que as perspectivas são bem diversas.

Assim, no Paraná, onde a "corrida" para a soja foi muito mais forte que em São Paulo e os resultados das duas últimas safras algodoeiras relativamente melhores, aguarda-se expansão no plantio, a qual, pode ser acentuada. Em Goiás e não obstante a pesada frustração das duas últimas temporadas é lícito contar-se também com uma certa expansão, já que a influência da soja foi ali muito grande e a superfície plantada com algodão na corrente safra contraíu-se enormemente (cerca de 50%). No Triângulo Mineiro e Sul de Mato Grosso o comportamento deve ser semelhante ao de Goiás. Quanto ao Norte de Minas, com boa colheita neste ano e com os progressos introduzidos em sua infra-estrutura algodoeira é de se esperar um firme aumento.

- Amendoim

- Panorama internacional

Para o ano de 1973/74 a produção mundial de amendoim em casca foi estimada ao redor de 16.800 mil toneladas, portanto aproximadamente 800 mil toneladas a mais do que no ano anterior. Este aumento de 5% na produção mundial foi devido à maior safra obtida na Índia, primeiro País produtor, apesar de que as culturas desta oleaginosa nos países da região oeste da África (Nigeria e Niger principalmente) tenham sido bastante prejudicadas pela ocorrência de secas prolongadas. Já para a safra de 1974/75 está se prevendo um pequeno aumento na produção devido a incentivos dados por alguns governos africanos. Porém, o produto final dependerá fortemente das condições climáticas que ocorrerão na Índia e países do oeste da África na próxima safra.

Quanto as perspectivas para o grão e produtos derivados (óleos e farelos), num futuro imediato não deverão ocorrer condições tão favoráveis de preço como aquelas de 1973 e início de 1974, já que se verificou parcial recuperação dos estoques de sementes oleaginosas em geral (soja, girassol, etc) com as produções obtidas no ano 1973/74. Assim no início de 1974 verificou-se queda de preços das principais sementes oleaginosas e de farelos. No momento, as cotações internacionais dos óleos continuam bastante favoráveis às exportações do Brasil, principalmente para o óleo de amendoim, liberado pela CACEX no início deste ano.

- Situação interna

Devido aos menores plantios de amendoim nos estados de São Paulo e Paraná, responsáveis por mais de 90% da produção brasileira, no ano agrícola 1973/74 a colheita deverá atingir a mais ou menos 400.000 toneladas. Essa tendência de queda da produção brasi-

leira nos últimos anos é devida ao desinteresse por parte dos agricultores, tanto paulistas como paranaenses, em vista da baixa rentabilidade econômica, principalmente se comparada com outras culturas que, por sua vez, é consequente de vários fatores:

a) cultura bastante sujeita a riscos de variações climáticas, tanto em termos da produtividade como de qualidade;

b) baixa produtividade por área em razão do uso restrito de sementes melhoradas e particularmente de novas variedades;

c) variação sensível nos preços, principalmente quando da comercialização do produto; e

d) grande deficiência quanto à mecanização com encarecimento da cultura, particularmente na colheita ainda manual.

Em 1973/74 a área plantada com amendoim no Estado de São Paulo foi aproximadamente 25% menor que a de 1972/73, ou seja, bem menor que a esperada no Prognóstico anterior, e a produção 8% inferior, se forem ao final da safra confirmados os rendimentos superiores deste ano, enquanto o decréscimo esperado situava-se ao redor de 3% (quadro 53).

QUADRO 53. - Produção, Área e Rendimento da Cultura de Amendoim no Estado de São Paulo, 1968/69 a 1973/74

Ano agrícola	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1968/69	469,3	532,5	1.135
1969/70	447,7	620,0	1.385
1970/71	505,8	637,5	1.260
1971/72	504,0	645,0	1.280
1972/73	270,0	312,5	1.157
1973/74 <sup>(1)</sup>	202,7	283,8	1.400

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.

Quando das primeiras estimativas para a safra paranaense de amendoim previa-se uma colheita de aproximadamente 80.000 toneladas na safra das águas e 29.000 para a da seca, porém acredita-se que esses dados estejam superestimados.

A despeito da redução da produção de amendoim tanto paulista como paranaense, os preços quando da comercialização pelos agricultores foram considerados bastante baixos, em parte devido à qualidade do produto. Assim nos meses de janeiro e fevereiro predominaram cotações de Cr\$ 24,00 a Cr\$ 27,00 por saca de 25 quilos em casca, pouco superior ao preço mínimo de Cr\$ 24,00/saca. Depois iniciou-se uma ascensão em razão da pequena quantidade de estoques em mãos dos produtores bem como pelo fato dos remanescentes se constituírem de produto com melhor qualidade, capaz de suportar armazenamento (quadro 54).

QUADRO 54. - Preços Recebidos pelos Produtores de Amendoim em Casca no Estado de São Paulo, 1969-74 (Cr\$/sc.25kg)

Mês	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	9,12	9,32	12,70	14,33	20,85	23,77
Fev.	8,98	9,07	14,66	13,94	24,97	24,41
Mar.	8,82	9,36	15,28	13,89	25,52	30,45
Abr.	8,69	9,75	15,39	14,06	25,27	32,79
Mai.	8,83	9,78	14,45	14,56	25,61	33,72
Jun.	9,02	11,15	14,13	15,38	28,59	33,14
Jul.	9,25	12,11	14,86	16,32	32,81	...
Ago.	9,53	12,73	16,44	18,01	35,39	...
Set.	11,19	12,91	16,46	16,80	39,88	...
Out.	11,58	13,19	16,17	18,77	39,90	...
Nov.	11,82	12,97	16,62	18,67	39,50	...
Dez.	11,17	13,12	17,33	20,39	38,21	...

De acordo com o padrão da variação estacional de preços recebidos pelos produtores paulistas (figura 5) é bastante natural a queda nos meses imediatos às colheitas, principalmente de dezembro até março. Porém, no corrente ano, as quedas foram por demais acen tuadas.

Mesmo com a pequena produção brasileira obtida neste último ano agrícola registram-se exportações tanto do produto "in natura" como de derivados pelo porto de Santos. No período de janeiro a maio de 1974 as exportações apresentaram as seguintes variações percentuais, quando comparadas àquelas em idêntico período do ano anterior: + 55% para o amendoim descascado, -25%, -49% e -51% para o com casca, farelo e óleo, respectivamente.

#### - Perspectivas

Prevê-se para a safra de 1974/75 uma nova redução de área desta cultura, tanto no Estado de São Paulo como no Paraná devido aos insucessos nos últimos anos. Assim para São Paulo pode-se esperar uma nova redução na área plantada ao redor de 8%. O modelo de oferta indica uma contração na área e na produção.

Quanto à nova safra paranaense também deverá ocorrer redução na área plantada, ou eventualmente uma estabilização.

Desse modo, a produção brasileira de amendoim no próximo ano agrícola 1974/75 não deverá atingir outra vez ao total de 400.000 toneladas; deve-se porém ressaltar que a resposta dos agricultores aos novos preços mínimos poderá levar a um maior interesse no plan-



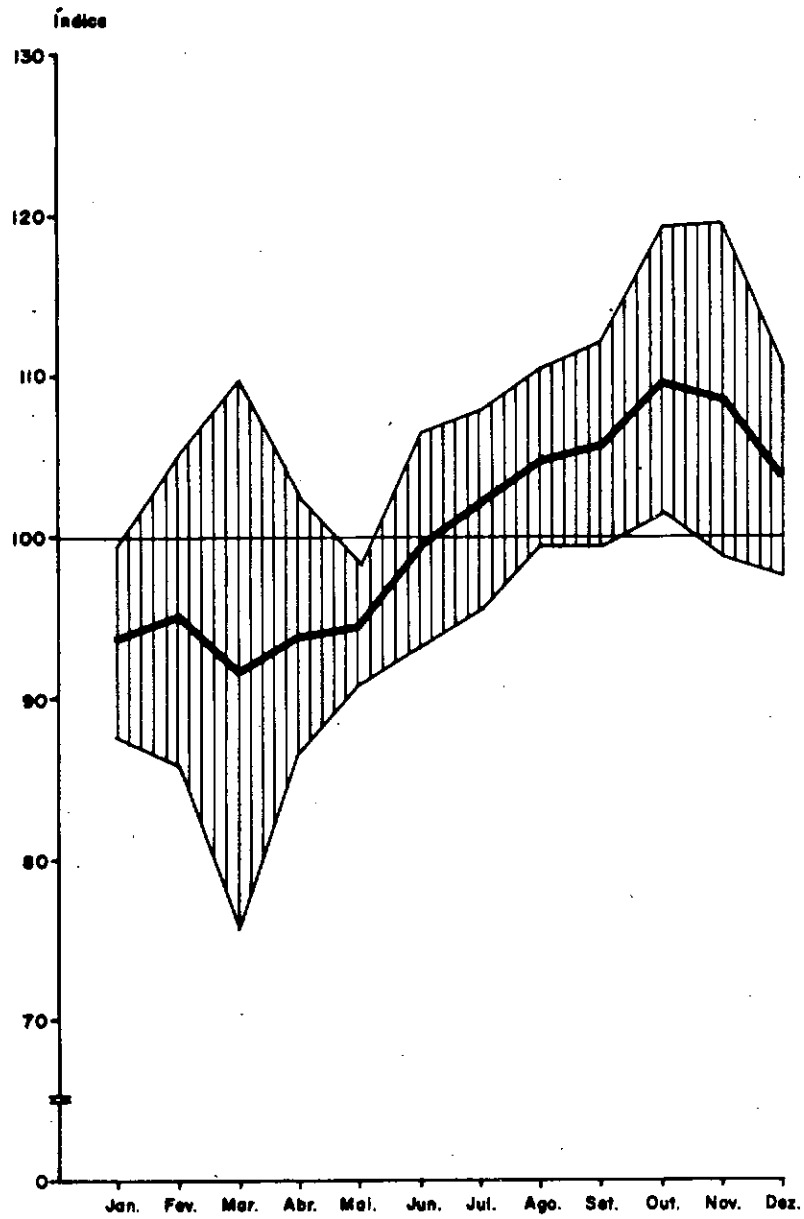


FIGURA 5. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Amendoim em Casca, Estado de São Paulo, 1966-73.

tio.

Quanto ao mercado internacional a oferta de grãos, bem como de seus derivados, deverá aumentar em razão das maiores produções previstas nos principais países exportadores (Nigéria, Niger, Senegal) que no ano passado foram os mais afetados por más condições climáticas. Assim prevê-se que as cotações internacionais para a próxima temporada situem-se em nível inferior àquelas dos últimos meses, sendo lícito esperar-se para um produto de ótima qualidade valores entre US\$ 400,00 e 450,00/tonelada FOB-Santos, suficientes para proporcionarem um preço equivalente do produto, em Presidente Prudente, ao redor de Cr\$ 45,00/saco.

- Arroz

- Panorama internacional

A produção mundial de arroz em casca da safra 1973/74 (inclusive da República Popular da China) é estimada em 313 milhões de toneladas, cerca de 5,5% maior que a anterior e 1,4% maior que a de 1971/72, último recorde. O grande aumento se deve às colheitas recordes na Índia, Indonésia e Estados Unidos, bem como à recuperação na China, Japão e Tailândia. Face à escassez do produto no mercado mundial após 1972, a política de redução da área plantada foi abandonada em alguns países e a área semeada foi ampliada. Contudo, o aumento da produção mundial também é reflexo das condições climáticas favoráveis que, de modo geral, proporcionaram maiores produtividades.

Apesar da apreciável produção em 1973/74, o volume de arroz disponível para o comércio internacional está restrito pelo aumento das necessidades internas nos países exportadores, incluindo-se a necessidade de reposição de estoques. Por isto, nos países importadores continua a haver dificuldades em suprir suas necessidades, ainda que os preços tenham provocado certa retração na demanda. O nível do comércio internacional registrado até maio de 1974 mostra-se consideravelmente menor que o do ano passado, face à escassez de excedentes exportáveis e também à dificuldades de embarque. Assim, as exportações realizadas pelos dois principais países, Estados Unidos e Tailândia, foram consideravelmente menores durante o primeiro trimestre de 1974, em comparação com igual período de 1973.

De fevereiro de 1973 a fevereiro de 1974, os preços de arroz beneficiado para exportação, FOB-Bangkok, elevaram-se de 180 a 220%, conforme a variedade e o tipo do produto. Evidenciam-se nestas altas as contribuições devidas a diversos fatores: redução das quantidades ofertadas no mercado; elevações de custos de produção; novas relações cambiais (desvalorização das moedas fortes) e imposição de sobre-taxas de exportação por parte de alguns países tradicionais exportadores.

## - Situação interna

A produção nacional de arroz da safra 1973/74 deve estar entre 6,0 a 6,5 milhões de toneladas, superando por pequena margem a do ano anterior (5,7), devido à expansão da área cultivada nos estados centrais. De modo geral, a produtividade foi prejudicada nas lavouras de sequeiro e a qualidade do produto inferior à do ano passado. Rio Grande do Sul produziu cerca de 1.500 mil toneladas de arroz em casca, enquanto que os estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais produziram, respectivamente, ao redor de 800 mil, 700 mil e 570 mil toneladas, tendo sido prejudicados pelas condições climáticas desfavoráveis em fevereiro e março de 1974. O estado do Maranhão, principal produtor do Norte-Nordeste, produziu ao redor de 800 mil toneladas.

O Estado de São Paulo, de acordo com o 4º Levantamento de Previsão e Estimativa de Safra, produziu na safra 1973/74 630 mil toneladas, cerca de 8% a mais que no ano anterior, apesar da redução de 10% na área plantada. O rendimento médio do Estado, se confirmada a previsão (1.355 kg/ha) deverá ser o maior dos últimos 22 anos (quadro 55).

O Brasil exportou em 1973 (até novembro) 33.338 toneladas de arroz partido ou quíntara, contra apenas 1.898 toneladas em 1972 e 148.830 toneladas em 1971. Face à necessidade do suprimento do mercado interno, foram suspensas em fevereiro de 1974 as exportações de arroz e quebrados de arroz.

Os preços recebidos pelos produtores do Estado de São Paulo na safra 1973/74, ao contrário do padrão estacional (fig.6), elevaram-se acentuadamente em pleno período de maior intensidade de comercialização, face às perspectivas de frustração parcial das safras de Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso. Assim, a média dos preços de março a maio de 1974 foi superior em 62% à do período correspondente de 1973 (quadro 56). O nível dos estoques de arroz em casca nos armazéns da CEAGESP nos 5 primeiros meses de 1974 encontra-se elevado, correspondendo a pouco mais do dobro (+ 114%) do mesmo período de 1973 e sendo ainda o maior dos últimos 8 anos (quadro 57).

Ao nível de atacado, no mercado paulistano, os preços médios de venda do produto beneficiado acompanharam de perto as altas dos preços pagos aos produtores. Com efeito, o tipo amarelão dos estados centrais sofreu acréscimo de 74% na média do período março a maio de 1974, em relação ao mesmo período de 1973. Notável foi a elevação do preço dos 3/4 de arroz (+ 96%) nesse mesmo período. Dos produtos do Estado, o amarelão teve acréscimo de 55% e o agulha, 64%. Os preços elevaram-se a partir de maio de 1973, com leve queda em dezembro e em seguida prosseguiram em ascensão em plena época de safra.

## - Perspectivas

Espera-se que, diante dos bons resultados obtidos pelos produtores na safra 1973/74, a área de plantio no Estado de São Paulo sofra pequeno aumento no próximo ano agrícola. Tal acréscimo, contudo poderá não significar elevação da produção, porquanto, além dos fatores climáticos, o nível de utilização de fertilizantes poderá condicionar a produtividade das lavouras. O modelo de oferta indica uma elevação da área semeada de 9% e a produção só será maior caso se repita o rendimento obtido na última safra (1.355kg/ha).

Em 1974/75, a cultura deverá experimentar alta de 65% no seu custo operacional,

QUADRO 55. - Área Plantada, Produção e Rendimento de Arroz em Casca, Estado de São Paulo, 1968/69 a 1973/74

Ano agrícola	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1968/69	774,4	546	705
1969/70	636,5	780	1.225
-91- 1970/71	556,6	348	625
1971/72	503,0	660	1.312
1972/73	519,0	582	1.121
1973/74 (1)	465,0	630	1.355

(1) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

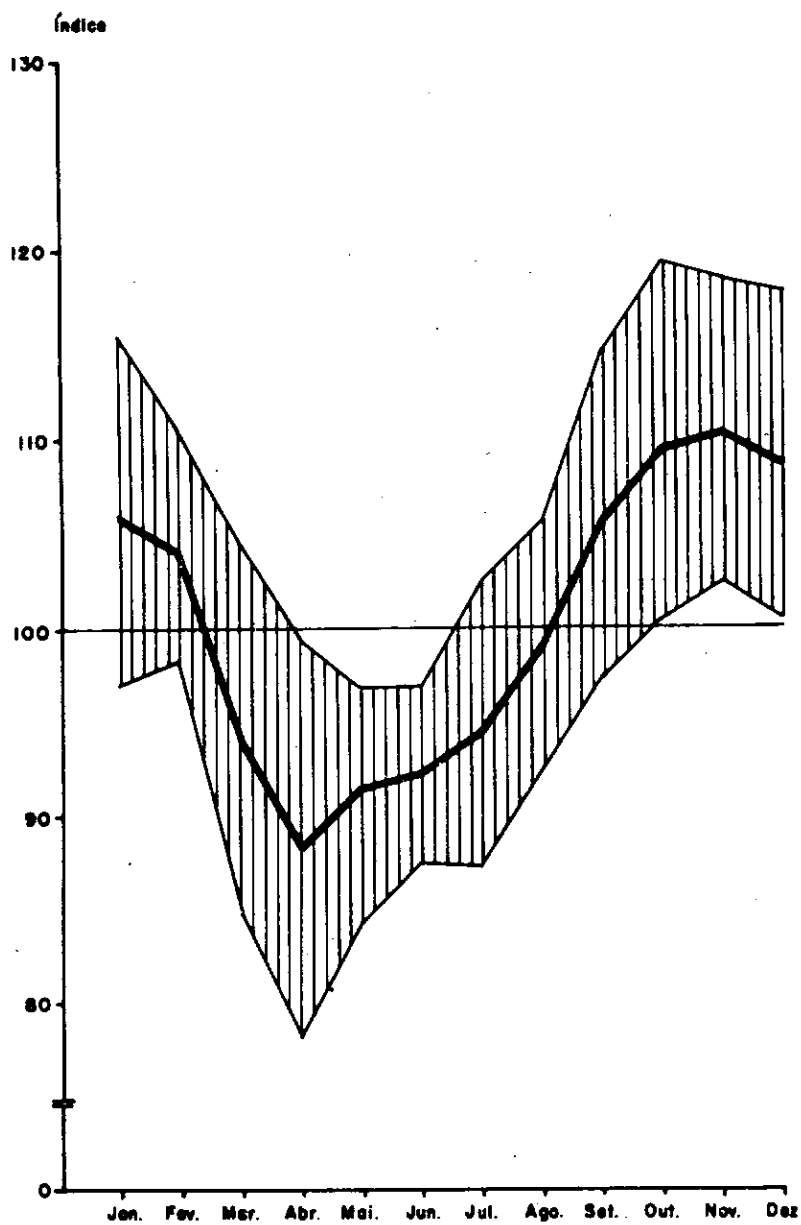


FIGURA 6. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Arroz em casca, Estado de São Paulo, 1966-73.

QUADRO 56. - Preços Médios Mensais de Arroz em Casca Recebidos pelos Produtores, Estado de São Paulo, 1969-74  
(Cr\$/sc.60kg)

Mês	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	25,91	25,11	27,19	56,16	57,34	62,24
Fev.	26,95	23,44	34,49	54,04	51,68	59,64
Mar.	23,68	19,73	37,67	47,49	45,72	62,31
Abr.	21,67	18,80	37,80	39,80	46,19	77,96
Mai.	21,58	19,49	38,39	40,79	48,50	86,90
Jun.	21,55	19,99	40,72	44,57	50,84	85,31
Jul.	21,37	21,59	42,98	49,88	51,75	...
Ago.	22,06	22,83	46,54	50,81	54,00	...
Set.	24,93	24,64	48,41	54,49	57,13	...
Out.	27,99	24,92	49,84	58,06	62,50	...
Nov.	27,49	25,78	55,51	57,89	64,40	...
Dez.	26,35	27,08	57,66	58,14	63,28	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 57. - Estoques de Arroz em Casca na CEAGESP, São Paulo, 1967-74  
(sc.60kg)

Mês	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	91.451	53.602	45.854	91.772	222.923	87.118	88.797	402.836
Fev.	36.257	34.341	27.304	58.283	204.903	40.176	76.184	349.964
Mar.	41.701	27.207	21.223	66.119	191.355	54.934	124.197	276.851
Abr.	64.638	37.132	35.476	120.111	149.489	101.097	198.622	290.478
-94- Mai.	81.752	53.036	69.441	242.391	183.186	153.763	277.067	317.002
Jun.	101.130	62.349	123.175	429.511	245.925	201.197	287.796	...
Jul.	115.969	63.685	152.637	532.774	289.191	184.820	358.216	...
Ago.	121.602	64.722	152.410	552.861	255.126	174.908	375.489	...
Set.	147.644	53.401	178.726	489.580	215.184	178.707	394.493	...
Out.	137.739	56.718	168.666	411.127	221.948	180.500	450.368	...
Nov.	108.582	56.723	151.189	364.616	168.389	133.305	318.783	...
Dez.	81.550	58.815	126.321	296.733	128.561	112.490	458.424	...

Fonte: Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo - CEAGESP.

passando de Cr\$ 1.100,00/ha a Cr\$ 1.800,00/ha em valores aproximados no arroz de sequeiro.

Nos estados centrais, onde se constata significativas expansões da fronteira agrícola, deverão ocorrer maiores aumentos de plantio, inclusive com adoção de maior índice de tecnificação. Tais acréscimos poderão compensar eventuais quebras na produtividade com fatores climáticos. Em Goiás, desenvolve-se o programa de expansão da área de cultura irrigada, prevendo-se para a safra 1974/75, a utilização de 5.000 hectares, com possibilidade da obtenção de 2 colheitas por ano. Em Minas Gerais, com o objetivo de se atingir a auto-suficiência estadual com o produto, implanta-se um programa de utilização de várzeas irrigáveis. No Rio Grande do Sul, onde a área de plantio acha-se mais ou menos estabilizada, a produção da próxima safra estará relacionado com o nível de consumo de fertilizantes e outros insumos. Com a recente aquisição de 3 milhões de sacas de arroz pelo Governo Federal visando à formação de estoques reguladores, a tendência dos preços é de permanecer nos atuais níveis, considerados satisfatórios pelos produtores e comerciantes.

No mercado internacional a situação de escassez do produto e altos preços deverão prevalecer pelo menos até o início das colheitas da safra 1974/75. As condições climáticas nas regiões orizícolas do Hemisfério Norte tem sido favoráveis até maio de 1974 e o plantio para a safra 1974/75 está se processando satisfatoriamente em muitas áreas. Face à situação de pequenos estoques existentes, muitos países programaram aumentos da área de arroz, razão pela qual a área total mundial deveria ser maior que em 1973/74. Entretanto, essa perspectiva está condicionada em parte à escassez e alto custo dos fertilizantes e outros insumos. Maiores áreas estão previstas na Indonésia, Coreia do Sul, Taiwan e União Soviética, enquanto que nos Estados Unidos as estimativas preliminares indicam uma produção recorde se prevalecer bom tempo durante o período vegetativo e a colheita. No Japão, as autoridades estão revisando sua política de incentivo à diversificação das terras de arroz para outras culturas comerciais (entre as quais citros) enfatizando a necessidade de aumento da produção de arroz.

- Banana

- Panorama internacional

A cada estimativa da FAO acentuam-se as ameaças de um aumento maior da oferta sobre a procura de banana no mercado mundial. Objetivamente, os números sugerem uma diferença entre as disponibilidades para a exportação e as demandas de importação calculadas de 1 a 3 milhões de toneladas, em função das hipóteses consideradas.

Desta condição, agravada pelo fato de que o comércio bananeiro tendeu a tornar-se indiretamente fixo e regulado pelo controle da oferta e dos preços, resultou que as cotações correntes não mudaram nos últimos 10 anos estimando-se que, em termos reais, os preços de exportação na América Central declinaram de 95 dólares para 74 dólares por tonelada, enquanto na América do Sul o decréscimo foi de 75 para 63 dólares.

O resultado tem sido que, enquanto os consumidores vinham obtendo banana a um



preço real menor, os produtores estão passando por sérios problemas com os significativos aumentos nos custos dos insumos (fertilizantes, inseticidas, caixas, etc) gerando graves implicações sociais nos principais países produtores.

Tal conjuntura fez com que no primeiro semestre de 1974, à semelhança do que vem ocorrendo com o petróleo e outros importantes produtos da economia mundial, sete países resolvessem estabelecer a União dos Países Exportadores de Banana (UPEB) para de comum acôrdo aumentarem o preço de exportação do produto, através da fixação de impostos nas vendas.

Os membros originais da associação são a Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, Honduras, Nicaragua e Panama, sendo que destes apenas três decidiram de imediato aplicar uma taxa de 1 a 2,5 centavos de dólar por libra (equivalente a cerca de 50 centavos de dólar por caixa) de banana exportada para mercados tradicionais como os Estados Unidos, Canadá e alguns países da Europa.

Os resultados de tal ação não se mostram ainda claros, com complexas implicações envolvendo as grandes companhias que comercializam o produto e que ameaçam procurá-lo em outros países, entre os quais o Brasil. Evidentemente, a curto prazo tal prática será bastante dificultada pela inexistência de custosa infraestrutura capaz de proporcionar condições para o atendimento das exigências dos mercados importadores, particularmente no tocante à boa apresentação da fruta.

Provavelmente esta linha de ação contribuirá muito pouco para, em escala mundial, racionalizar a produção, promover o consumo, diminuir as restrições comerciais e evitar uma competição acirrada entre os países produtores.

#### - Situação interna

Incorporada à alimentação dos brasileiros, a cultura encontra-se distribuída por todo o território nacional, com grande importância para a economia de diversos estados uma vez que em quase todos eles situa-se entre os dez principais produtos sob os pontos de vista de área plantada e valor da produção. Os estados que mais contribuem para os totais brasileiros são: Ceará, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás e Rio Grande do Sul.

De modo geral pode-se afirmar que na última década registrou-se um aumento quase constante da área cultivada no Brasil, que cresceu a uma taxa geométrica da ordem de 4% ao ano estimada atualmente em 304 mil hectares e com uma produção aproximada de 650 milhões de cachos (10 milhões de toneladas) ou seja, um crescimento no período de 6% ao ano, tendo-se portanto verificado aumento na produtividade média.

São Paulo continua a ser responsável quase exclusivo pela exportação brasileira, estimando-se que do total produzido no Estado nos últimos anos cerca de 15% destinaram-se ao mercado internacional, 10% foram industrializados, 15% enviados aos outros estados, restando 60% para o consumo interno. Acrescente-se, ainda, a importação anual estimada de 12 mil toneladas de banana maçã originárias de Minas Gerais e Goiás.

Em 1973 verificou-se um aumento de 14% no volume exportado em relação ao ano anterior, atingindo a 6,2 milhões de unidades (cachos e caixas) graças ao incremento nas vendas para a Argentina (+ 20%) que mais que compensaram o decréscimo (-29%) observado para o Uruguai (quadro 58).

QUADRO 58. - Exportação de Banana, Estado de São Paulo 1965-73  
(em cacho equivalente)

Ano	Argentina	Urugua.	Itália	Holanda	Grã-Bretanha	Total
1965						
Marítimo	10.016.997	461.602	73.283	-	190.989	10.742.871
Terrestre	-	692.247	-	-	-	692.247
Total	-	1.153.849	-	-	-	11.435.118
1966						
Marítimo	8.936.737	273.890	-	1.600	-	9.212.227
Terrestre	-	829.596	-	-	-	829.596
Total	-	1.103.486	-	-	-	10.041.823
1967						
Marítimo	7.475.992	280.637	-	-	-	7.756.629
Terrestre	7.880	743.295	-	-	-	751.175
Total	7.483.872	1.023.932	-	-	-	8.507.804
1968						
Marítimo	6.672.801	144.163	2.731	1.824	-	6.821.519
Terrestre	227.085	715.388	-	-	-	942.473
Total	6.899.886	859.551	-	-	-	7.763.992
1969						
Marítimo	5.864.085	303.057	-	-	-	6.167.142
Terrestre	954.666	970.987	-	-	-	1.925.653
Total	6.818.751	1.274.044	-	-	-	8.092.795
1970						
Marítimo	4.844.171	-	-	-	-	4.844.171
Terrestre	1.693.938	1.255.998	-	-	-	2.949.936
Total	6.538.109	1.255.998	-	-	-	7.794.107
1971						
Marítimo	2.516.303	-	-	-	-	2.516.303
Terrestre	3.119.268	1.165.012	-	-	-	4.284.280
Total	5.635.571	1.165.012	-	-	-	6.800.583
1972						
Marítimo	885.988	-	-	-	-	885.988
Terrestre	3.882.796	632.886	-	-	-	4.515.682
Total	4.768.784	632.886	-	-	-	5.401.670
1973						
Marítimo	84.412	-	-	-	-	84.412
Terrestre	5.640.502	450.689	-	-	-	6.091.191
Total	5.724.914	450.689	-	-	-	6.175.603

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Note-se, também, que continuou a crescer a participação do transporte rodoviário atingindo a 98,6% do total contra os 83% de 1972, ao mesmo tempo em que registrou-se menor participação relativa dos embarques em caixas 52,1% (em 1972 fora 61%) e nova diminuição no número de exportadores.

Ao contrário, registrou-se um menor volume de banana enviado à Capital principalmente no segundo semestre de 1973, fazendo com que as cotações se elevassem até quase ao final do ano quando então passaram a declinar, esperando-se que ocorra fato semelhante no corrente ano (quadro 59). Também o afluxo de banana maçã foi sensivelmente menor em 1973 refletindo-se num acréscimo de preços a nível de atacado de praticamente 100% , em relação a média anual ponderada de 1972.

#### - Perspectivas

Provavelmente continuará a ocorrer uma situação de relativa carência de banana no mercado, pois nos últimos anos as áreas novas de plantio foram insuficientes para compensar aquelas eliminadas ou abandonadas, mesmo considerando-se a maior produtividade média dos bananais recém instalados, com melhor tecnologia.

A necessidade de refazer os bananais e a descapitalização dos produtores se acentuaram ainda mais com as enchentes de 1973, provocadas pelo Rio Ribeira, além da alta nos custos de produção (a manutenção de um hectare custará aproximadamente 4,5 mil cruzeiros em 1974/75) motivada principalmente pela alta de adubos e defensivos.

Em grande resumo, deverão continuar na bananicultura principalmente os maiores empresários capazes de suportar altos investimentos que somente passarão a produzir retorno, após 15 meses. Provavelmente será obtida em maior quantidade fruta de boa apresentação, decaindo a participação do produto de qualidade intermediária.

A recuperação dos preços internacionais e a expectativa de estabilidade do mercado interno poderão atrair os pequenos e médios produtores que deverão, contudo, ser amparados por um eficiente sistema creditício sem o que terão reduzidas chances de sucesso.

Quanto aos deslocamento de grandes investimentos internacionais aplicados na bananicultura centro-americana para o Brasil, caso ocorra, possivelmente se dirigirá para áreas situadas ao norte do Espírito Santo, que gozam de melhores condições ecológicas para produção de fruta de qualidade e apresentação, como exigem os grandes mercados importadores.

#### - Batata

##### - Situação interna

O quadro situacional deste produto vem se caracterizando por uma acentuada mudança, que envolve desde as zonas e métodos de produção até o próprio consumo, com uso

QUADRO 59. - Preços Médios Mensais de Banana Nanica, Mercado Atacadista, São Paulo, 1968-74  
(Cr\$/tonelada de banana verde)

Mês	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	90,00	60,00	88,00	93,00	76,00	200,00	215,00
Fev.	55,00	69,00	80,00	59,00	77,00	260,00	170,00
Mar.	64,00	84,00	94,00	117,00	105,00	245,00	230,00
Abr.	65,00	82,00	90,00	105,00	110,00	250,00	300,00
Mai.	63,00	64,00	92,00	95,00	95,00	134,00	290,00
Jun.	83,00	72,00	83,00	100,00	100,00	133,00	274,00
Jul.	91,00	77,00	86,00	130,00	110,00	150,00	...
Ago.	108,00	108,00	91,00	170,00	160,00	280,00	...
Set.	141,00	174,00	150,00	148,00	185,00	415,00	...
Out.	185,00	190,00	187,00	145,00	180,00	470,00	...
Nov.	126,00	198,00	146,00	120,00	190,00	370,00	...
Dez.	102,00	141,00	115,00	120,00	220,00	270,00	...
Média anual ponderada	92,00	105,00	109,00	120,00	132,00	267,00	...
Média anual ponderada real <sup>(1)</sup>	214,00	206,00	176,00	162,00	152,00	267,00	...

(<sup>1</sup>) Em Cr\$ de 1973 inflacionado pelo Índice "2" - Fundação Getúlio Vargas.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 60. - Preços Médios de Batata, Recebidos pelos Produtores do Estado de S.Paulo, 1968-74  
(Cr\$/sc.60kg)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1968	8,52	6,67	6,70	8,12	9,72	12,21	11,35	10,35	9,73	9,05	8,94	9,04
1969	10,54	13,16	13,50	19,12	22,51	22,53	26,98	30,76	38,31	48,96	40,83	27,59
1970	20,94	16,74	19,53	20,11	19,65	20,59	21,56	23,36	25,75	24,09	22,60	18,97
1971	20,27	17,44	18,92	24,47	25,11	25,56	24,82	23,00	19,16	19,76	21,50	24,24
1972	21,02	22,82	23,50	22,62	24,61	24,06	29,73	46,32	53,94	52,27	51,62	40,99
1973	35,48	32,83	39,24	60,72	72,77	75,44	82,66	82,13	94,63	108,70	101,90	71,08
1974	66,40	63,16	68,39	65,04	82,18	88,29	...	...	...	...	...	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

de novas variedades e adoção de técnicas de pré-comercialização, lavagem e embalagem.

Os preços em 1973 mostraram um vigoroso aumento, atingindo em termos reais, os maiores valores dos últimos 6 anos. No primeiro semestre de 1974 continuaram a perdurar cotações elevadas do produto (quadro 60). A variação estacional dos preços de batata é visualizada na figura 7.

O aumento de preços verificado nos grandes centros consumidores da Região Centro-Sul, teve basicamente sua origem na diminuição das quantidades ofertadas de batata e na alta de preços dos substitutivos amiláceos.

A produção da última safra das águas (dezembro de 1973 a maio de 1974) foi substancialmente superior às anteriores com bons rendimentos unitários. Todavia, parte da mesma chegou atrasada aos centros de consumo devido ao retardamento da colheita do produto mineiro, provocando um acúmulo nas entradas nos meses de março, abril e maio, chegando em abril a estabelecer o recorde de entrada diária no mercado paulistano superior a 15 mil sacos. Somente a boa qualidade do produto, em grande parte devido ao tempo favorável em que foi feita a colheita, impediu a deterioração do mercado, ajudado pela nova alta dos preços de substitutivos amiláceos.

QUADRO 61. - Área Plantada de Batata, Estado de Minas Gerais, Paraná e São Paulo, 1971/72 a 1973/74  
(1.000 hectares)

Ano agrícola	Minas Gerais		Paraná		São Paulo		
	Águas	Seca	Águas	Seca	Águas	Seca	Inverno
1971/72	25,1	14,0	22,4	9,7	17,9	12,6	5,7
1972/73	26,4	18,3	32,0	3,5	17,0	9,8	7,7
1973/74	26,4	21,9	31,0	13,4	17,0	8,6	...

Fonte: Minas Gerais: Centro de Estudos Rurais - Secretaria da Agricultura;  
Paraná: CEPRES - Secretaria da Agricultura;  
São Paulo: Instituto de Economia Agrícola - Secretaria da Agricultura.

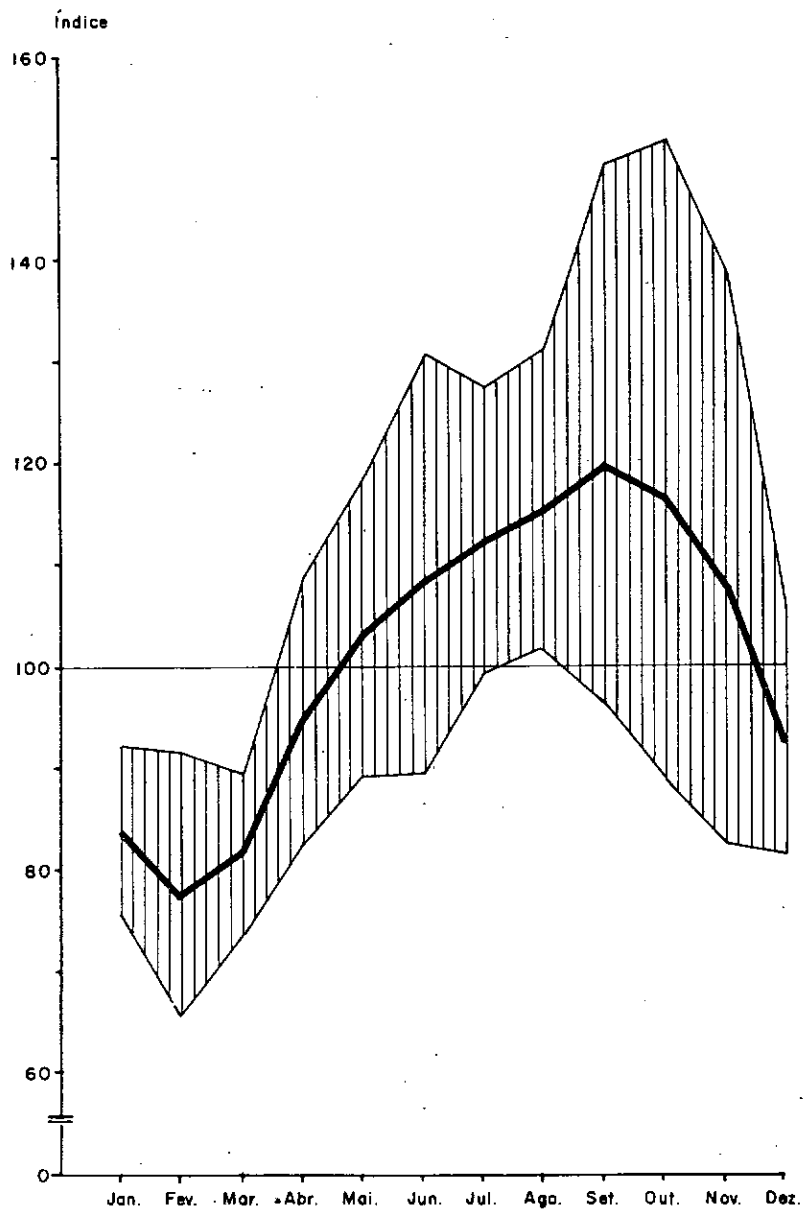


FIGURA 7. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Batata, Estado de São Paulo, 1966-73.

QUADRO 62. - Produção de Batata, Estados de Minas Gerais, Paraná e São Paulo, 1971/72 a 1973/74  
(1.000 toneladas).

Ano agrícola	Minas Gerais		Paraná		São Paulo		
	Águas	Seca	Águas	Seca	Águas	Seca	Inverno
1971/72	384,0	187,4	194,0	83,4	210,0	144,0	60,0
1972/73	383,0	222,0	246,7	36,3	198,0	109,8	96,0
1973/74	436,9	266,6	310,7	176,0	216,0	100,8	...

Fonte: Minas Gerais: Centro de Estudos Rurais - Secretaria da Agricultura;  
Paraná: CEPRES - Secretaria da Agricultura;  
São Paulo: Instituto de Economia Agrícola - Secretaria da Agricultura.

Segundo estimativas do comércio especializado, a área plantada de batata das águas na região do Sul de Minas, vem há 5 anos registrando um aumento médio anual da ordem de 600 hectares. A gradativa adoção de melhor tecnologia na produção, tem propiciado qualidades do produto mais adequadas às exigências dos melhores mercados.

A área no plantio das águas em São Paulo, ao contrário, estabilizou-se em torno dos 17 mil hectares (com produção de 205 mil toneladas) (quadro 61) devido principalmente a fatores ligados ao preço da terra.

As produções paranaenses e catarinenses "das águas" encontram-se em franca expansão (quadro 62), visando um crescente mercado regional e a disputa de maior participação no abastecimento dos melhores centros consumidores.

A produção riograndense de batata das águas, ao contrário vem, cada vez mais, sofrendo as injunções do confinamento de um mercado regional, se bem que amplo. Os preços na última estação chegaram a ponto de sequer cobrirem as despesas operacionais da produção. Apesar da diferença de preço entre os demais grandes centros de consumo e os locais de produção permitirem o escoamento, os tipos produzidos não são adequados a estes mercados, sendo relativamente modestas as quantidades exportadas para outros estados.

O abastecimento, durante a presente safra da seca, mostra marcante reativação da produção paranaense, com aumento na área da ordem de 4 vezes àquela observada na safra passada (1972/73) quando registrou-se sensível evasão de bataticultores para as produções de soja e criação de gado de corte, nas regiões de Castro, Ponta Grossa e Guarapuava, caindo a área plantada deste Estado de 64% em relação aos níveis de 1971/72.

Os preços do ano passado constituíram-se, entretanto, um poderoso estímulo, fazendo com que a área plantada em 1973/74 ultrapassasse em quase 38% (e a produtividade em 52%) os níveis de 1971/72.

A atual safra paulista da seca tem tendência visivelmente decrescente, sendo 19% menor em produção (27% menor em superfície) que a média dos 6 anos anteriores. Em Minas espera-se 12% de aumento de produção na safra da seca e 20% na área plantada, sen



do grande parte desse aumento referente à plantação de inverno, ofertada de julho a outubro, e produzida nas imediações de Alfenas.

Embora sem os dados sobre a safra paulista de inverno, sabe-se que sua tendência é de aumento com base nos 6 anos anteriores.

#### - Perspectivas

Os preços da última safra de inverno foram altamente estimuladores, o que leva a esperar uma produção superior nesta temporada, embora limitada pelas complexas implicações que envolvem um aumento de área plantada (em termos de investimentos e aquisição insumos).

O abastecimento no decorrer da safra de inverno promete ser tranquilo, pois os remanescentes da safra da seca deverão garantir disponibilidades ainda ao início de junho.

O atraso na entrega de sementes importadas, de cerca de 2 meses, deverá retardar a produção das "filhas de caixa", sendo lícito esperar-se o predomínio da produção mineira de inverno (julho-agosto) devendo ficar o produto paulista para o final da safra (set./out./nov.).

Não são aguardadas até novembro próximo, variações significativas dos preços, a menos que alguma ocorrência fitossanitária ou climática venha tornar o produto de consumo obrigatoriamente imediato.

Para a futura safra das águas, prevê-se que o custo operacional aumentará um pouco mais de 50% nas lavouras tecnificadas (de Cr\$ 8.100,00/ha para Cr\$ 12.400,00/ha). E as projeções de oferta sugerem um pequeno aumento de área e produção, porém o abastecimento estadual continuará na dependência do produto de outros estados (mormente Minas e Paraná).

#### - Café

#### - Panorama internacional

As estimativas da safra 1974/75 no Brasil, indicam que será a maior dos últimos 8 anos diminuindo as perspectivas de escassez, que ocasionaria sensíveis reflexos na economia cafeeira mundial. Contudo, a safra brasileira, estimada pelo IBC (maio de 1974) em cerca de 26,4 milhões de sacas, não diminuiu significativamente a diferença entre produção e consumo total (interno mais exportações) verificada nos últimos 10 anos. Com efeito, nesse período produzimos cerca de 200 milhões de sacas, para um consumo da ordem de 250 a 260 milhões de sacas, levando o estoque do IBC a níveis de 12,2 milhões de sacas em maio de 1971, o menor dos últimos anos.

A produção, exportação e nível de estoques no Brasil afetam grandemente a si-

tuação estatística mundial do produto, conforme se pode depreender dos dados do quadro 63.

QUADRO 63. - Suprimento e Distribuição Mundial de Café Verde  
(milhares de sacas de 60kg)

Ano de comercialização (1)	Começo do "carry-over" (2)	Produção	Suprimento total	Exportação líquida (3)	Distrib. interna	Fim do "carry-over"
1950/51	8.133	38.164	46.297	31.593	8.163	6.541
1960/61	60.940	65.768	126.708	44.220	12.954	66.534
1970/71	53.000	58.300	111.300	52.300	18.200	40.800
1971/72	40.800	71.800	112.600	57.500	19.000	36.100
1972/73	36.100	71.500	107.600	53.200	19.200	35.200

(1) Outubro/Setembro na maioria dos países.

(2) Estoques existentes nos países produtores.

(3) Para consumo e estoques nos países importadores. Estes, são normalmente estimados em 4.000.000 de sacas.

Fonte: Anuário Estatístico do Café-Bureau Pan Americano do Café.

No que diz respeito ao ano-colheita 1973/74, estima-se em 75,5 milhões de sacas a quantidade de café que entrará no fluxo de comercialização, dos quais 66 milhões de colheita recente e cerca de 9,5 milhões provenientes de colheitas anteriores, segundo dados divulgados pela OIC no III Seminário do Comércio de Café, em Santos.

Também segundo a mesma fonte, o consumo mundial no período é estimado em 76,5 milhões, dos quais 19 milhões nos países importadores. Preve-se que os estoques de café para além das necessidades do comércio e da indústria alcancem no final do ano-safra 1973/74 cerca de 32 milhões em países produtores. O volume correspondente aos produtores deve apresentar a seguinte distribuição: 15 milhões no Brasil (dados de 31 de março, sendo 13 milhões do IBC e 2 milhões nas mãos do comércio e produtores), 6 milhões em países produtores de café suave, especialmente Colômbia e 6 milhões em países produtores de café robusta, principalmente Angola e Costa do Marfim.

A análise do quadro presente indicaria, portanto, uma perspectiva de equilíbrio entre disponibilidade e demanda e também de uma reserva razoável para atender emergências.

Segundo o diretor executivo da OIC, o preço nominal médio do café no mercado internacional está hoje bem próximo dos atingidos nos anos 50. Este preço é, entretanto, inferior em termos reais. Entre 1951 e 1957, o preço médio FOB foi de 52 centavos de dólar por libra-peso (68,64 dólares por saca de 60 quilos) mas considerando a queda do poder aquisitivo do dólar, esse mesmo preço seria hoje de 87 centavos (114,84 dólares). Os preços médios FOB durante 1973 foram de 54,3 centavos. Em março de 1974 foram de 59,8 centavos (78,94 dólares) para as exportações aos Estados Unidos.

Embora os preços indicativos da OIC traduzam valores nominais, permitem a apreciação de evolução das cotações das diversas categorias de café e indicam a tendência geral do mercado e das relações entre as categorias. O quadro 64, mostra a tendência alísta verificada no ano de 1973 e 1974, voltando no último mês considerado a apresentar níveis decrescentes, mais realistas, já que é sabida a concessão de descontos de parte de vários países, sobre as cotações nominais adotadas.

QUADRO 64. - Médias Mensais dos Preços Indicativos da Organização Mundial de Café (OIC) para Café (centavos de dólar por libra-peso)<sup>(1)</sup>

Ano e mês	Suaves colombianos	Outros suaves	Arábicos não despulpados	Robustas	Média composta
1972					
Dez.	62,76	55,22	58,82	47,77	55,19
1973					
Jul.	75,53	61,54	72,04	47,99	62,85
Ago.	73,38	60,36	72,75	47,36	62,33
Set.	72,29	60,20	72,88	50,08	63,07
Out.	71,14	62,50	73,34	52,00	64,05
Nov.	70,83	63,19	74,48	52,97	64,82
Dez.	71,03	64,57	73,50	53,95	65,09
1974					
Jan.	75,24	69,42	70,69	55,65	66,22
Fev.	80,17	74,69	74,36	60,55	70,78
Mar.	79,35	71,46	78,00	62,72	72,04
Abr.	81,23	70,30	78,86	64,03	72,89
Mai.	82,35	71,02	80,00	64,53	73,74
Jun. dia 28	80,00	70,00	73,25	59,68	69,31

<sup>(1)</sup> Uma saca de 60 quilos equivale a 132,271 libras-peso.

Fonte: Organização Internacional de Café (OIC).

Verifica-se tendência de franca elevação para todas as categorias, a partir do nível de dezembro de 1972, de 55,19 centavos de dólar do preço indicativo da média composta, atingindo um máximo em maio do corrente.

Os preços indicativos dos "Arábicos não Despulpados", dos quais a maior parte se constitui de cafés do Brasil, mantiveram níveis sempre superiores aos da categoria "Outros suaves" centro-americanos. Porém, é conhecido o recurso de descontos concedidos na maior parte desse período, não são pelo Brasil, mas também por vários outros países exportadores.

Assim sendo, a grande queda nos preços indicativos verificada no mês de junho próximo passado, reflete mais a consideração de níveis mais realistas nas cotações do que declínio nos preços do produto no mercado internacional.

As exportações brasileiras que atingiram níveis recordes nos anos safra 1971/72 e 1972/73 (20,0 e 19,2 milhões de sacas, respectivamente, quadro 65) mostraram ponderável declínio no trimestre final da safra 1973/74, em virtude da diminuição sensível dos negócios. Decorreu isso, fundamentalmente, de serem considerados muito elevados os níveis de preços pleiteados pelo Brasil, aguardando-se as diretrizes da nova diretoria do IBC, que tomou posse recentemente.

A disposição das autoridades governamentais brasileiras de não permitir a deterioração dos preços a nível de comércio bem como de produtores foi, porém, bem enfatizada no III Seminário do Café de Santos, assim como em outras oportunidades.

Recentes medidas foram adotadas no sentido de ativar as exportações, mantendo-se a política de sustentação de preços no mercado interno.

QUADRO 65. - Exportações Anuais de Café do Brasil, 1962/63 a 1973/74  
(sc.60kg)

Ano safra	Exportação
1962/63	16.872.512
1963/64	18.869.532
1964/65	12.418.507
1965/66	16.521.298
1966/67	16.421.183
1967/68	18.964.252
1968/69	18.090.985
1969/70	19.135.418
1970/71	16.037.171
1971/72	20.042.234
1972/73	19.242.726
1973/74 (1)	18.779.000

(1) Preliminar.

Fonte: Instituto Brasileiro do Café (IBC).

Em julho de 1973, o registro mínimo para exportação era de 62 centavos de dólar, por libra-peso passando a 63 em dezembro, 69,5 em janeiro e baixando para 68 centavos em julho do corrente (Res. 880 de 28/06/74).

No mesmo período, a quota de contribuição evoluiu de 30,74 dólares por saca, em

julho de 1973 para 32,51 e 33,58 em julho de 1974, para baixar para 24,64 dólares em julho do corrente (Res. 881). Diversos valores da quota foram determinados nesse intervalo de tempo, com um mínimo fixado em 30 de janeiro, de 22,61 (Res. 815).

As mais recentes medidas do IBC (Res. 880) permitem obviamente o reajuste das cotações a níveis mais baixos do que os nominalmente vigentes, com vistas a facilitar as exportações. A queda de preços a níveis excessivamente baixos será, no entanto, evitada segundo as disposições das autoridades governamentais aumentando-se inclusive, o nível de operação da empresa multinacional de países produtores.

Medidas de suporte aos preços recebidos pelos produtores evitariam concomitantemente a deterioração do mercado interno, via garantia de maiores preços de compra pelo IBC a partir de 1º de outubro do corrente.

São dignas de menção especial as declarações de conferencistas estrangeiros no III Seminário do Café em Santos, e das autoridades cafeeiras do Brasil, referentes a necessidade de melhoria das qualidades de cafés brasileiros ofertados no mercado externo (assim como no interno).

#### - Situação interna

A safra estadual deste ano deverá ser, segundo estimativas preliminares, a maior dos últimos oito anos, no mesmo nível da colhida em 1971, atingindo 9,8 milhões de sacas. É aliás relativamente pouco inferior a do Paraná (10,2 milhões) e quase o dobro da safra do Estado de Minas Gerais, que deverá chegar ao nível recorde de 4,7 milhões de sacas (ver quadro 66). Somadas às colheitas esperadas no Espírito Santo (1,2 milhão) e em outros estados (0,5 milhão, calcula-se que a safra brasileira deste ano (1974/75) será de 26,4 milhões de sacas.

Segundo diversas fontes, a maior parte da safra deste ano será de boa qualidade, superior a do ano passado, quando a infestação da "broca" foi muito grande. No entanto, chuvas no início do período de colheita prejudicaram os cafés de algumas regiões de São Paulo e de outros estados.

Como já observado, as informações sobre estoques em mãos do IBC são de 13 milhões de sacas em março do corrente e 12,2 milhões em maio. Em mãos de particulares, estima-se a existência de 2 milhões de sacas (março 1974). Assim, tem-se níveis de estoques progressivamente mais baixos nos últimos anos, a partir de um máximo de 65 milhões de sacas em 31 de dezembro de 1965 para cerca de 17 milhões em 31 de dezembro de 1972, e de 12 milhões em maio corrente.

Conforme exposição do Diretor de Produção do IBC, no III Seminário do Café de Santos, quando o Governo projetou seu programa de ação em 1969 e 1970, estimou-se que para uma produção de cerca de 18 milhões de sacas para exportação e mais ou menos 8 milhões para consumo interno, havia necessidade de plantio de 900 milhões de pés. A partir de 1970, o Governo programou novos plantios, estimando-se em 700 milhões o número de cafeeiros plantados até 1973/74. Neste último ano, até março do corrente a estimativa é de 160 milhões.

QUADRO 66. - Produção Brasileira de Café por Estado 1961/62 a 1974/75  
(Estimativas finais das Safras)

Ano safra	Paraná	São Paulo	Minas Gerais	Espírito Santo	Outros	Total
1961/62	21,4	11,3	4,0	1,9	1,0	39,6
1962/63	18,0	5,2	2,5	2,4	0,8	28,9
1963/64	9,5	10,1	1,6	1,3	0,7	23,2
1964/65	3,6	1,8	1,2	1,1	0,6	8,3
1965/66	20,4	11,2	2,9	1,9	0,6	37,0
1966/67	7,7	6,2	2,8	1,6	0,5	18,8
1967/68	12,9	8,5	2,0	0,7	0,4	24,5
1968/69	8,3	4,6	1,9	1,6	0,6	17,0
1969/70	12,3	6,1	1,3	0,5	0,4	20,6
1970/71	1,6	4,4	3,0	1,6	0,4	11,0
1971/72	12,8	9,8	1,3	0,4	0,3	24,6
1972/73	9,7	9,4	3,7	1,2	0,5	24,5
1973/74	4,1	7,0	2,0	0,8	0,4	14,3
1974/75 (1)	10,2	9,8	4,7	1,2	0,5	26,4

(1) Estimativa - IBC, maio de 1974.

Fonte: IBC/DEC - Anuário Estatístico de Café, 1972.

Somando-se ao parque cafeeiro os pés novos e embora não conhecendo precisamente o número de cafeeiros erradicados, é provável que o País disponha atualmente de um acervo de 2,76 bilhões de cafeeiros. Para 1974/75 está programado o plantio financiado de 200 milhões de covas.

Em São Paulo, financiou-se um total de 157,8 milhões de pés entre 1969/70 e 1972/73, e no ano 1973/74, cerca de 53 milhões de pés tiveram seu plantio contratados. Os dados por ano, constam do quadro 67.

Os cafeeiros plantados em 1969 e 1970, deverão proporcionar apreciável produção na safra futura, mas não se pode deixar de considerar também os efeitos da ferrugem, que já se fazem sentir pesadamente em algumas áreas. As estimativas dos prejuízos causados pela ferrugem estão sendo motivo de levantamentos preliminares, acreditando-se que tenham significativamente a atual safra, que apesar de relativamente grande, poderia ter apresentado melhores resultados.

A doença, cujos efeitos não se fizeram sentir de modo muito grave no decorrer do período mais propício ao desenvolvimento em 1972, mostrou-se mais intensa em 1973, e em 1974 teria apresentado evidências de agravamento ainda maior. As lavouras devidamente tratadas, porém, mostram excelente nível de controle. Ensaios efetuados pelo IBC - Instituto Agrônomo de Campinas já observaram diferenças na produção de cafeeiros tratados e não tratados da ordem de 70%, 150% e 280%.

QUADRO 67. - Posição da Renovação Cafeeira no Estado de São Paulo, 1969/70 a 1973/74  
(Financiamentos pelo Banco do Brasil e BANESPA)

Ano agrícola	Financiamento efetuado	
	Nº de contratos	Nº de cafeeiros
1969/70	1.445	17.614.700
1970/71	2.501	34.162.176
1971/72	949	11.801.379
1972/73	5.779	94.181.379
1973/74 (1)	3.387	53.324.972
Total	14.061	211.084.606

(1) Preliminar.

Fonte: Banco do Brasil, Banco do Estado de São Paulo (BANESPA) e Instituto Brasileiro do Café.

As atividades de assistência técnica, concessão de financiamentos a juros subsidiados para aquisição de fungicidas e equipamento de pulverização, além da continuação de intensas pesquisas, tem norteado as atividades das entidades públicas cafeeiras. O programa de estudos e distribuição moderada de sementes de variedades resistentes continua com bons resultados, apresentando boa produtividade algumas das progênies testadas.

Os preços recebidos pelos produtores, conforme mostra o quadro 68, aumentaram continuamente a partir de janeiro de 1973, apresentando redução nos meses de maio e junho do corrente, em virtude da retração das vendas nos últimos meses. Na verdade, os preços maiores de março, e mesmo as cotações de janeiro e fevereiro, podem ser considerados nominais, já que houve movimento pouco expressivo de vendas.

Em termos correntes, observa-se, porém, que o nível atingido em junho representa uma elevação da ordem de 61% em relação a dezembro de 1972, e de 22% em relação a dezembro de 1973. Em relação a junho do ano passado o aumento foi de 38%.

Recentemente, pela Resolução 875 de 24 de junho, o IBC estabeleceu novos níveis de preços de garantia em vigor a partir de 19/10/74, para compras através do Banco do Brasil. As novas bases de garantia são de, Cr\$ 430,00 para os despulpados, Cr\$390,00 para os cafês do Grupo I e Cr\$ 310,00 para os do Grupo II. A medida implica em elevação de 36,5%, e 34,8% respectivamente, em relação aos níveis anteriores e estabelecidos pela Resolução 813 de 24 de dezembro de 1973.

Segundo o Ministério da Indústria e Comércio, era necessário esse reajuste dos preços de garantia, e conseqüentemente de financiamento para a manutenção e melhoria das cotações externas. Prazos e níveis de financiamentos nas diversas fases de comercialização foram também determinados em função das diretrizes de sustentação de preços.

QUADRO 68. - Preços Médios de Café Recebidos pelos Agricultores do Estado de São Paulo ,  
Dezembro/72 a Junho/74  
(saco de café beneficiado)

Ano e mês	Cr\$/sc.60kg	Ano e mês	Cr\$/sc.60kg)	Ano e mês	Cr\$/sc.60kg
1972		1973		1974	
Dez.	218,61	Jun.	256,21	Jan.	301,41
1973					
Jan.	228,06	Jul.	278,78	Fev.	312,84
Fev.	238,34	Ago.	287,00	Mar.	367,31
Mar.	245,27	Set.	286,27	Abr.	379,06
Abr.	249,25	Out.	287,70	Mai.	368,57
Mai.	248,89	Nov.	291,40	Jun.	353,05
Jun.	256,21	Dez.	289,40		

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

No sentido de disciplinar o abastecimento interno, o IBC decidiu suspender os subsídios oficiais às torrefações, na forma de café verde, liberando desse modo preço de café no varejo.

#### - Perspectivas

A situação estatística mundial e nacional, segundo os dados disponíveis, mostra se equilibrada, graças em grande parte ao volume da safra brasileira (1974/75) estimada em 26,4 milhões de sacos. Uma certa retração no consumo interno no Brasil e possivelmente reduções nas quantidades exportadas no ano de 1974 concorrerem para afastar perspectivas imediatas de escassez.

A retração de compras de cafés do Brasil por parte dos países importadores no primeiro semestre do ano corrente, atribuída por alguns a existência de estoques maiores que os do ano passado nesses países, e a maiores compras de cafés centro-americanos e colombianos, tendeu a deprimir as cotações em geral.

A mudança da orientação do IBC, no que concerne a adoção das políticas de descontos sobre as cotações nominais externas, propiciou a sua determinação a níveis mais realistas. A recente resolução reduzindo a quota de contribuição de 10,93 dólares por saca e os níveis de registro mínimo de 69,5 para 68 centavos de libra-peso, nos embarques até setembro, configura a disposição das autoridades cafeeiras de procurar cotações internacionais que reativem o mercado do produto brasileiro. Contudo, é também propósito claro dos responsáveis pela política cafeeira evitar quedas significativas nas cotações. Há disposição de defesa intransigente de preços no mercado externo, inclusive através da em-



presa multinacional (Café Mundial) e apoio a outros países produtores. No âmbito interno, a defesa se fará através de melhores preços de sustentação, e bases de financiamento.

Os efeitos de eventuais geadas, ou da ferrugem, podem certamente tornar grave a situação que ora se mantém em equilíbrio. Por outro lado, o início da produção dos cafezais plantados no Brasil há quatro anos e os plantios em outros países (em montante não conhecido) poderão fazer com que comece a diminuir a perspectiva de escassez.

Os acordos entre países produtores e consumidores isoladamente, ou em conjunto via um plausível novo Acordo Internacional, poderão fazer com que permaneçam estáveis as cotações a níveis próximos aos ora vigentes.

A situação estatística do café no Brasil que, obviamente, influi decisivamente no cômputo das disponibilidades mundiais, mostra-se no que diz respeito ao período 1974 / 75, na melhor das hipóteses equilibrada, com estoques a níveis baixos.

Alguns itens do quadro 69 são estimativas de fontes oficiais. Tentativamente, são formuladas a partir dessas informações as hipóteses básicas para o ano de 1974/75. Assim, a menos que ocorra algum fator extraordinário, continuariam os estoques a níveis próximos ao mínimo necessário para atender eventualidades.

Em resumo, a continuar a firme disposição das autoridades governamentais ligadas a cafeicultura, de impedir a deterioração de preços internos e externos, somada a pressão de custos de produção, em particular em virtude da elevação de preços de fertilizantes e gastos em pulverização, não deverão ocorrer reduções significativas nos preços internos. Ao contrário, as informações disponíveis indicam que os preços internos deverão se manter estáveis ou mesmo tender a elevação, em função das previsões para a safra 1975/76 que acredita-se ser inferior a atual, em vista do comportamento fisiológico do cafeeiro. Tudo dependerá do sucesso da política cafeeira no sentido de elevar as cotações.

QUADRO 69. - Situação Estatística do Café no Brasil, 1974/75  
(Estimativas, em milhões de sacas de 60kg)

Item	Hipótese	
	A	B
1. Remanescentes em mãos de particulares em 30/6/74	1,5	5,0
2. Estoques oficiais em 30/6/74	12,0	11,3
3. Remanescente total em 30/6/74 (1 + 2)	13,5	16,3
4. Safra 1974/75	24,0	26,4
5. Disponibilidades totais para o período 10/7/74 a 30/6/75 (1 + 4)	37,5	42,5
6. Exportações até 30/6/75	18,0	18,5
7. Consumo interno até 30/6/75	7,0	6,7
8. Demanda total (6+ 7)	25,0	25,2
9. Remanescentes em 30/6/75 (5-8) e (10 + 11)	12,5	17,3

- Cana-de-Açúcar

- Panorama internacional

Apesar do aumento de 4% verificado na produção mundial de açúcar para a safra 1973/74, estimada em 80.513.000 de toneladas, os estoques mundiais no final do período se são menores aos dos anos anteriores, em razão de no momento, o consumo mundial aparente continuar superando a produção (quadro 70).

QUADRO 70. - Produção Mundial, Estoques e Consumo Aparente de Açúcar 1970/71 a 1973/74<sup>(1)</sup>  
(1.000 toneladas)

Item	1970/71	1971/72	1972/73 <sup>(2)</sup>	1973/74 <sup>(3)</sup>
Estoques iniciais	21.362	18.961	16.996	16.155
Produção	72.772	73.852	77.458	80.513
Oferta total	94.130	92.813	94.454	96.668
Consumo aparente	74.560	76.168	78.650	81.640
Estoque final	18.961	16.992	16.155	15.028

<sup>(1)</sup> Ano Agrícola: De setembro a agosto.

<sup>(2)</sup> Preliminar

<sup>(3)</sup> Estimativa

Fontes: F.O. Licht's International Sugar Report's e Instituto de Economia Agrícola.

Face a essa queda nos estoques mundiais de açúcar as cotações no mercado internacional nestes últimos anos apresentaram elevação superior a 100%, quando comparada ao ano 1970/71.

As exportações brasileiras de açúcar no decorrer de 1973 (2.976 mil toneladas) mais uma vez apresentaram vigoroso aumento (45%) em relação ao ano anterior.

Face aos aumentos sucessivos que vem ocorrendo nos preços internacionais, bem como o aumento das vendas de açúcar de cotação mais elevada (cristal e refinado) o valor total das exportações brasileiras foi de US\$ 600,4 milhões em 1973, portanto 91% maior que em 1972 (US\$ 314,1 milhões).

Para o ano de 1974 prevê-se que as exportações brasileiras de açúcar possam atingir de 3,0 a 3,2 milhões de toneladas.

- Situação interna

Em 1973/74 a produção brasileira de açúcar veio mais uma vez confirmar a atual

expansão do setor, quando se produziu aproximadamente 6,9 milhões de toneladas. Para o ano 1974/75 estima-se uma produção ao redor de 7,5 milhões de toneladas das quais 5,1 milhões (68%) para o mercado interno e o restante (32%) para exportação. Desse total caberá a São Paulo produzir 48%, sendo 32% para o abastecimento interno e 16% para o mercado externo. Do total de açúcar previsto para exportação (2,4 milhões de toneladas) as usinas paulistas deverão produzir 1,2 milhão sendo 0,9 milhão de demerara e 0,3 milhão de cristal especial (quadro 71).

QUADRO 71. - Produção Brasileira e Paulista de Açúcar e Alcool, 1969/70 a 1973/74

Safrá	Brasil		São Paulo			
	Açúcar (sc.60kg)	Alcool (1.000 l)	Açúcar (sc.60kg)	%	Alcool (1.000 l)	%
1969/70	72.215.665	461.608,6	31.504.655	44	268.134,2	58
1970/71	85.327.684	637.238,1	40.606.083	48	436.712,9	69
1971/72	89.773.653	613.068,2	43.279.144	48	453.101,1	74
1972/73	98.874.337	680.971,9	47.269.022	48	500.104,3	73
1973/74	...	...	58.511.116	...	455.090,7	...

Fonte: Instituto do Alcool e Açúcar.

Em São Paulo, a produção de cana esperada para a safra 1974/75 deverá atingir ao redor de 45,1 milhões de toneladas <sup>(3)</sup> sendo que deste total 38 milhões de toneladas destinam-se à indústria de açúcar e o restante para produção de aguardente (4.000 milhões de toneladas) e forrageira (3,1 milhões de toneladas) (quadro 72).

Devido a condições bastante favoráveis a expansão da indústria açucareira no Brasil, principalmente no tocante ao atendimento do mercado externo, o IAA com o objetivo de promover um maior incentivo aos fornecedores de cana, que se sentiam economicamente marginalizados, ao estabelecer o novo preço da tonelada de cana posta usina, fixou um subsídio de Cr\$ 10,69/t que deverá ser somado ao preço base de Cr\$ 42,75/t resultando em preço final de Cr\$ 53,44/t. Porém, sobre esse preço incidirão os descontos e acréscimos regulados pelo IAA.

<sup>(3)</sup> Equivalente à produção do ano agrícola 1973/74.

QUADRO 72. - Área Plantada, Produção e Rendimento da Cana-de-Açúcar, Estado de São Paulo, 1967/68 a 1973/74

Ano	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1967/68	627,4	30.225,0	48.175
1968/69	633,5	27.400,0	43.252
1969/70	657,5	42.500,0	56.106
1970/71	822,8	38.300,0	46.548
1971/72	819,0	44.200,0	54.022
1972/73	802,0	42.000,0	54.054
1973/74 (1)	935,4	45.100,0	49.411

(1) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

#### - Perspectivas

Com o novo preço da cana-de-açúcar poderá haver por parte dos fornecedores um maior interesse pelo incremento da área ao qual se somará o aumento normal previsto nas áreas próprias das usinas. Assim a área dedicada a cana-de-açúcar quando do próximo plantio deverá sofrer novo aumento. O plantio de novos canaviais deverá custar aproximadamente Cr\$ 5.100,00/ha.

As perspectivas no mercado internacional continuam bastante favoráveis e, a médio prazo, o Brasil é um dos poucos produtores com potencial para responder aos estímulos desse mercado, aumentando sua agro-indústria.

#### - Cebola

##### - Situação interna

As mudanças nos hábitos do consumidor caracterizam as principais recentes alterações do mercado de cebola. Cada vez mais acentuam-se as diferenças de mercado e preço em função das qualidades do produto. O setor da produção, por sua vez, parece atento a essas transformações, no sentido de melhorar bastante a qualidade, apresentação e época de oferta de tais produtos.

Nos últimos 6 anos é marcante a tendência de desenvolvimento da produção catarinense, destacando-se dos demais produtores da antiga região Centro-Sul, a despeito das quedas de 1971 e 1972 (quadro 73).

QUADRO 73. - Índices da Produção de Cebola nos Principais Estados Produtores, 1969-74  
(Base 100=média do período 1969-71)

Estado	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Minas Gerais	98	97	105	73	71	79
São Paulo	94	112	93	114	136	139
Paraná	119	123	58	112	126	147
Sta.Catarina	121	120	58	65	161	257
R.Grande do Sul	99	102	99	82	98	105

Fontes: Minas Gerais: Ministério da Agricultura e Centro de Estudos Rurais da Secretaria da Agricultura; São Paulo: Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura; Paraná: CEPRES Secretaria da Agricultura; Santa Catarina: Ministério e Secretaria da Agricultura; Rio Grande do Sul: FEE da Secretaria do Planejamento.

O quadro 74 focaliza a evolução da produção nas principais regiões produtoras do Centro-Sul. Apresenta com destaque a posição do Alto Vale do Itajaí, cuja participação nos 2 últimos anos no abastecimento de São Paulo e Rio foi bastante intensa.

QUADRO 74. - Evolução da Produção de Cebola, Principais Regiões Produtoras, 1971/72 a 1973/74  
(1.000 toneladas)

Ano	São Paulo		R.G.do Sul	Sta.Catarina
	DIRA Campinas	DIRA Sorocaba	Micro-Região 11 incluindo Pelotas	Alto Vale do Itajaí incluindo A. Vagner e Vidal Ramos
1971/72	17,2	35,2	62,8	10,0
1972/73	21,0	43,3	70,0	16,3
1973/74	21,0	45,3	100,0	30,0

Fontes: IEA da Secretaria da Agricultura de S.Paulo;

FEE do Rio Grande do Sul;

Levantamentos de técnicos de serviços oficiais-Bancos e Prefeituras do Rio Grande do Sul e Sta. Catarina e

Ação Catarinense de Desenvolvimento - 1973.

Apesar da tendência marcante de aumento nas respectivas produções, as "claras" paulistas e "canarias" do S. Francisco tem evoluído mais lentamente que no Sul devido ao custo elevado inicial das instalações e a dificuldades de obtenção de terrenos em condições propícias para irrigação.

A instabilidade das cotações diárias que ocorre no período de maior oferta, as qualidades inerentes do produto e a tendência de baixa vêm desencorajando grandes investimentos em infra-estrutura de armazenamento. Sem estes recursos, a situação tende a perpetuar-se. Há contudo, no caso das "claras" uma tendência na utilização crescente da semente do tipo "granex 33", com melhores qualidades que a tradicional "Texas Grano 502". A variação estacional dos preços de cebola é mostrada na figura 8.

No tocante a melhoria da classificação e embalagem para empacotamento as "claras", da mesma forma que as "piriformes", vêm lenta mas solidamente ganhando terreno.

A produção do Vale do S. Francisco teve nos últimos 2 anos consecutivos revezes, que prejudicaram bastante esta região.

No caso de "soqueiras" e "pera" do Estado, apesar da tendência da produção ser crescente esta se faz de forma metódica, isto é, sem grandes oscilações.

A soqueira, sendo ofertada em período de alta dos preços tem se desenvolvido mais, chegando nos últimos anos a atingir 50 a 60% do abastecimento de São Paulo nos meses de junho a julho.

As ofertas da produção da "época" (S. Paulo, Paraná e Minas Gerais) acumulam-se nos meses de outubro a janeiro. Tratando-se da principal cultura de cebola destes estados, os anos de bons e maus preços sucedem-se de forma mais ou menos cíclica interrompendo-se no caso de alguma ocorrência meteorológica ou fitopatológica.

Durante o primeiro semestre, o País é praticamente abastecido pelo produto rio-grandense, e nos últimos anos também pelo catarinense. Este, mais comumente de tamanho grande e preços menores, supre perfeitamente as indústrias, hotéis, restaurantes e congêneres. O artigo riograndense prepondera nos super mercados, feiras e demais agentes de varejo. Sendo ambos de muito boa qualidade os atacadistas fazem estoques e os preços não variam muito. Nesta época geralmente não há importações.

Em maio-junho, com exceção da "norte", produzida em menores quantidades, toda a cebola do sul apresenta-se "cansada". Nesta ocasião, inicia-se a safra da soqueira, até recentemente chamada de "safrinha".

Até meados de julho a soqueira supre os supermercados, com a oferta de um produto novo, de tamanho adequado e boa aparência. A partir desta época começam normalmente as importações. Presentes praticamente todos os anos, destinam-se elas principalmente aos mercados do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, mostrando nos últimos 10 anos tendência de incremento.

No período de maio-julho, predomina o produto argentino, e de julho a setembro predomina o de procedência espanhola.

As "claras" paulistas e "canarias de Pernambuco" ofertadas em pequenas quantidades a partir de maio, em fins de julho começam a suprir o mercado paulista. Da forma como são tradicionalmente oferecidas as "claras" não se destinam em grande escala ao comércio de supermercados. Há contudo uma crescente tendência em prepará-las para este importante equipamento do varejo.

Em outubro praticamente inicia-se a grande colheita de cebolas da "época". Como são da variedade "baia piriforme", suas qualidades são usualmente satisfatórias para to

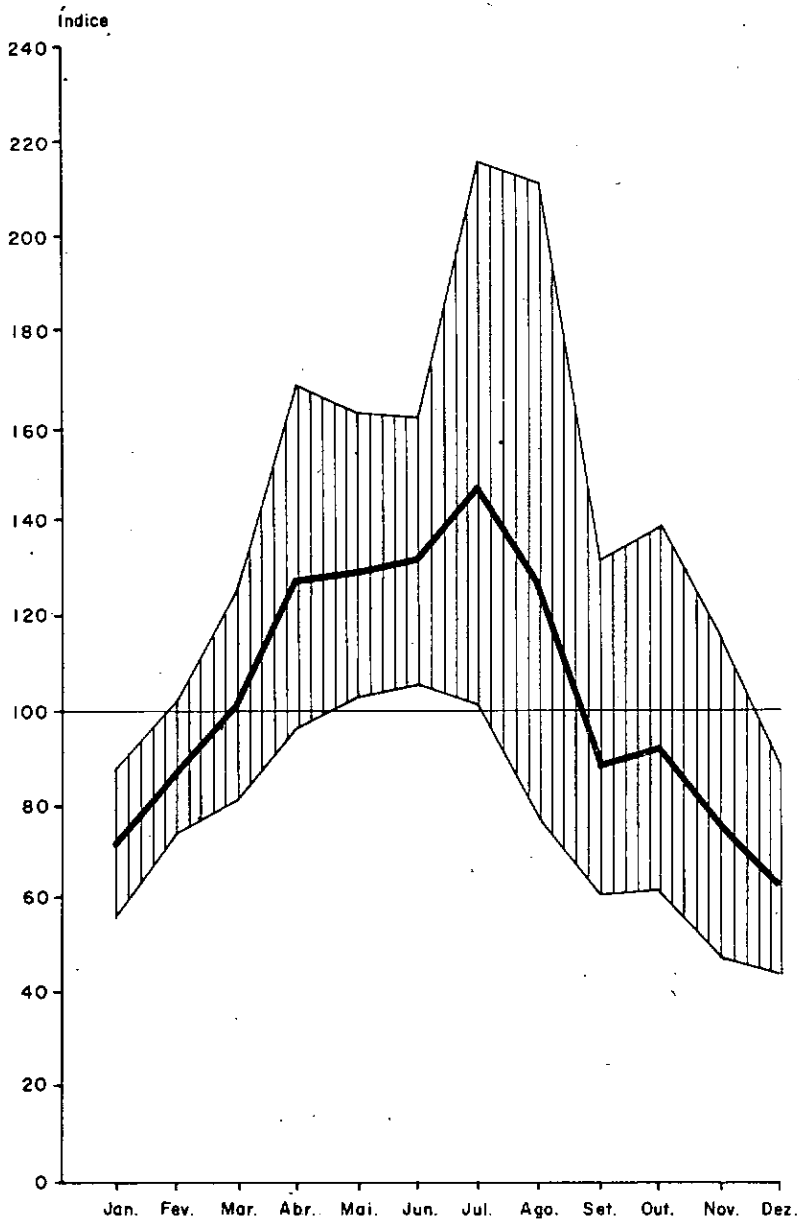


FIGURA 8. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Cebola, Estado de São Paulo, 1966-73.

dos os agentes de comercialização. Nesta época geralmente não há importação de cebola, uma vez que preço e qualidade do produto nacional a impedem.

Realizada economicamente, a industrialização destina-se em maior escala à fabricação de cebola desidratada em pó, ingrediente importante para a indústria de alimentos e para os frigoríficos. O volume de matéria-prima consumida, se bem que expressivo, não chega a pressionar os preços internos.

#### - Perspectivas

Apesar da grande colheita sulina e catarinense as quantidades ofertadas desses produtos foram declinando sensivelmente em junho, esperando-se que em julho estarão reduzidas a níveis insatisfatórios ao abastecimento.

A safra de soqueira, apesar de seu grande volume é comercializada a medida que se torna "madura". Indo o pique de colheita de soqueira até fins de junho, as entradas deverão diminuir gradativamente até fins de julho.

A safra de "claras", da região de São José do Rio Pardo e Monte Alto, deverá ser ofertada a partir de meados de julho, havendo expectativa de uma safra avaliada em termos de 20% acima da do ano passado. Dada a grande diminuição prevista para as remessas do Vale do S. Francisco, espera-se que este aumento não venha criar problemas de comercialização.

Não deverão ser realizadas em grandes proporções as importações da Argentina, apesar daquele País contar este ano com uma super-safra de cebola. O grosso da colheita processa-se nos períodos de dezembro a fevereiro, havendo praticamente uma Província onde se colhe em março; portanto as importações deverão ser limitadas uma vez que grande parte do produto não suportará o prazo necessário à importação e comercialização.

Os fretes encarecem bastante o produto e apesar da "sintética" Argentina ter qualidades muito boas, os negócios somente terão expressão se os preços internos subirem acima dos valores vigentes em maio-junho.

Em julho, deverão se realizar pequenas importações de "lirias" espanholas, contudo dependendo das qualidades das "claras" do Estado em fins de julho e agosto poderão ser importadas quantidades significativas de "valenciana de inverno", dependendo dos seus preços.

Um prognóstico de preços internos é bastante difícil de vez que o artigo está bastante sujeito a injunções climáticas e fitopatológicas, entre outras.

Em termos agregados para o Estado, estima-se um aumento de área superior a 10% na temporada de 1975.



- Chã

- Panorama internacional

Índia e Srilanka (ex-Ceilão) são os maiores produtores de chã preto do mundo, atualmente, responsáveis por cerca de 50% do total mundial.

A produção na Índia tem sido incrementada nos últimos 10 anos a uma taxa anual de 3%, sendo que a expectativa é de que continue aumentando, tendo em vista os programas de financiamento para novas plantações e subsídios aos projetos de replantio.

No Srilanka, no entanto, a produção tem-se mantido praticamente estática nos últimos 10 anos. O Plano Quinquenal deste País prevê um incremento de 18% na produção durante o período de 1971 a 1976. No entanto, prevê-se que esta meta dificilmente será atingida, a não ser que algum suporte financeiro especial seja conseguido para os planos de replantio.

Grandes incrementos na oferta foram registrados nos países do Leste Africano, particularmente o Kenya, os quais dobraram sua produção nos últimos 10 anos, sendo esperada a repetição desse desempenho nos próximos anos. Países como a Tanzânia, Uganda e Kenya estabeleceram programas de assentamento de pequenos produtores com suporte financeiro de agências internacionais. O Mercado Comum Europeu tem financiado programas de desenvolvimento do chã no Zaire, Ruanda, Burundi, Camarões e Etiópia. Capitais privados, especialmente australianos, estão sendo investidos em plantação de larga escala na Nova Guiné.

Outros países produtores de chã como a Indonésia, Turquia, URSS e Malásia tem apresentado pequenos incrementos em suas ofertas nos últimos anos.

Na América do Sul, a Argentina, maior produtor, atingiu na safra 1972/73 o elevado nível de 30,5 toneladas, contra 17 toneladas de média no período 1966-70.

O mercado internacional de chã vem atravessando várias modificações nos últimos anos. A primeira delas é a perda relativa da influência do mercado de Londres na comercialização, pois no período 1963-71, registrou-se queda de 25% no volume de chã vendido pelo sistema de leilão, enquanto ocorria um aumento do mesmo montante em todos os outros centros combinados. Os motivos para tal fato podem ser assim resumidos: Londres é um mercado terminal o que praticamente obriga o produtor a aceitar qualquer preço oferecido e, com o consumo do Reino Unido caindo substancialmente, os preços vêm sofrendo uma drástica queda a partir da década de 60; e contínuo aumento nos custos incorridos pelos produtores, para levar seus produtos até Londres.

Atualmente, os produtores preferem vender a maior parte da sua produção nos mercados de origem, pelo sistema de leilão, por venda privada direta ou, ainda, com contratos antecipados de produção.

Outra modificação no mercado internacional é o declínio relativo das exportações de países tradicionais como Índia, Srilanka e Indonésia em favor de produtores mais novos. A Índia, a despeito do aumento de sua produção anual acusa um consumo interno crescendo a taxa maior do que a da produção. O Srilanka não tem condições de aumentar substancialmente suas exportações, enquanto sua produção permanecer estática. Já os no-

vos produtores, especialmente os africanos, vêm aumentando suas exportações ano a ano, o que indica que no futuro deverão garantir quotas cada vez maiores do mercado exportador.

Uma das maiores alterações nos últimos 10 anos foi a mudança de direção nas exportações da Índia e do Srilanka, cujas vendas para importadores tradicionais como Reino Unido, Europa Ocidental, Austrália e África do Sul destinam-se agora para URSS, Iraque, Iran, Egito e Europa Oriental. Esses mercados não tradicionais eram responsáveis por 20% das exportações daqueles dois países, passando para 45%.

Nesse ínterim, os Estados Unidos aumentaram suas importações nos últimos anos em 50% aproximadamente, com a ressalva de que o total importado em 1971 foi distorcido pelo acúmulo de reservas, tendo em vista a greve portuária prevista para o final daquele ano.

Evidentemente, as mudanças ocorridas no mercado internacional refletem as alterações no consumo dos diversos países. No Reino Unido estima-se que o consumo per capita tenha caído 17% nos últimos 10 anos, com perda de terreno para o café instantâneo. Na Índia, ao contrário, o consumo aumentou cerca de 180% entre a média do quinquênio 1955-59 e 1971, elevando esse País a categoria de consumidor número um de chá no mundo. Nos Estados Unidos, o consumo tem aumentado consideravelmente, tendo sido registrado em 1973 um aumento de 8% nas vendas a varejo, sendo a popularização do chá gelado maior responsável por esse incremento.

Tendo em vista que o Reino Unido é o maior importador mundial de chá, a queda no seu consumo refletiu-se nos preços do mercado internacional com uma tendência de declínio no valor real das exportações. Em termos agregados, essa tendência sofreu uma inversão em 1971, refletindo principalmente os preços nos mercados dos países produtores, pois em Londres a tendência de queda perdurava. Em 1972 o comportamento dos preços variou nos diferentes mercados, tendo-se registrado novos aumentos no mercado de Colombo (Srilanka) e quedas nos mercados de Calcutá (Índia) e Mombassa (África); no mercado de Londres os preços obtidos pelos produtores eram semelhantes aos do ano anterior. Para 1973, os dados até agora disponíveis indicam novos aumentos de preços em todos os mercados, porém de pequena intensidade. Em recente reunião da FAO, ao ser analisada a situação mundial do chá comentou-se que esse foi um dos poucos produtos primários que não acompanhou o "boom" dos preços de 1973.

A partir de 1965, a pedido do Srilanka, a FAO vem promovendo inúmeras reuniões entre os países produtores e importadores de chá, com o sentido de tentar normalizar o mercado.

As primeiras medidas tomadas foram no sentido de regular o suprimento de chá no mercado mundial, sendo que o primeiro acordo informal surgiu em 1969, designando quotas de exportações. Subsequentemente novas quotas foram determinadas para as exportações até 1973/74. Tais acordos até o momento não alteraram significativamente o comportamento dos preços, uma vez que as quotas fixadas, via de regra, estavam bem acima das exigências do consumo mundial.

A fixação de quotas de exportação não tem sido interessante para os países produtores não tradicionais, uma vez que a moderna tecnologia empregada no cultivo e na industrialização de seus produtos tem permitido colocá-los com vantagem no mercado.

No momento, a FAO estuda a possibilidade da criação de Fundo de Diversificação, semelhante ao da Organização Internacional do Café, cujo objetivo seria o financia-

mento de programas de desenvolvimento dos países produtores que se dispusessem a reduzir sua produção ou que a ajustassem a níveis que não excedessem a demanda interna e internacional. Paralelamente outras medidas são estudadas, tais como: fixação internacional de preços mínimos de exportação e sua taxaço.

#### - Situaço interna

A produço brasileira de chã preto concentra-se no Estado de São Paulo, mais especificamente no Vale do Ribeira.

Como se observa no quadro 75, a produço de folha verde sofreu um aumento de 68% entre as médias dos triênios 1964-66 e 1971-73, com aumento de 75% na área plantada e uma queda de 4,6% no rendimento agrícola. Para a safra 1973/74 os dados definitivos não estão disponíveis, porém estima-se que a área cultivada tenha permanecido a mesma do ano anterior e o rendimento caído ligeiramente.

De 85 a 90% da produço paulista de chã beneficiado destinam-se a exportação, representando aproximadamente 0,7% das exportações mundiais. Por esse motivo, as oscilações de preço no mercado internacional exercem forte influência no comportamento da produço brasileira.

O quadro 76 mostra a evoluço das exportações brasileiras nos últimos 5 anos, e as realizadas até abril de 1974. Houve um aumento de 52% entre as médias dos biênios 1969-70 e 1972-73, em termos de volume e um aumento de apenas 20% no valor real durante o mesmo período. No início de 1974, o volume exportado é semelhante ao do mesmo período de 1973, porém o preço real está um pouco inferior, a despeito do valor unitário em dólares americanos ter sido 8,5% maior do que aquele do ano anterior.

A queda ocorrida no valor real das exportações refletiu-se nos preços pagos ao produtor pela folha verde, porém a margem do produtor relativamente ao chã beneficiado posto Santos está praticamente estável, indicando que a queda no valor das exportações vem sendo absorvida tanto pelo setor agrícola como pelo industrial.

Em termos absolutos, a situaço de preços declinantes por que vem passando a tei cultura tem provocado certo desânimo nos produtores, agravadas pelos crescentes aumentos nos custos de produço. Nos últimos anos, não têm havido investimentos significativos em novas culturas e em alguns casos as velhas plantações estão sendo abandonadas.

#### - Perspectivas

Segundo a FAO a produço mundial de chã deverá crescer mais do que a demanda até 1982, o que envolveria um retorno à tendência de queda nos preços mundiais, a qual sofrera uma inversão em 1971.

No entanto, ocorreram recentes alterações no panorama internacional e levam a acreditar que, para o próximo ano, o preço permanecerá relativamente estável, podendo até mesmo sofrer um ligeiro aumento, sem que isto obrigatoriamente venha a se refletir em aumento dos preços ao produtor de folha verde.

As perspectivas para a safra vindoura são de queda na produtividade dos cha -

QUADRO 75. - Evolução da Teicultura Paulista, 1964-74

Ano	Área cultivada (1.000ha)	Volume de produção (1.000t)	Rendimento agrícola (t/ha)	Preço médio recebido pelo produtor (Cr\$/t)		Valor da produção (Cr\$ 1.000)	
				Corrente	De 1969 (1)	Corrente	De 1969 (1)
1964	2,2	11,0	5,0	138,00	574,76	1.518	6.322
1965	2,3	12,0	5,2	308,00	817,84	3.696	9.814
1966	2,8	15,1	5,4	313,00	602,73	4.695	9.041
1967	2,9	16,5	5,7	338,00	506,97	5.577	8.365
1968	2,6	15,0	5,8	448,00	541,00	6.720	8.115
1969	4,3	24,1	5,6	462,00	462,00	11.088	11.088
1970	4,3	17,6	4,1	300,00	250,00	5.220	4.358
1971	4,3	19,8	4,6	320,00	220,00	6.336	4.356
1972	4,3	19,4	4,5	470,00	278,00	9.118	5.393
1973	4,5	26,1	5,8	510,00	262,00	13.311	6.838
1974 (2)	4,5	25,2	5,6	520,00	231,11	13.104	5.823

(1) Deflacionado pelo Índice "2" da Fundação Getúlio Vargas.

(2) Estimativa.

QUADRO 76. - Exportações Brasileiras de Chã pelo Porto de Santos, 1969-74  
(tonelada)

País	1969	1970	1971	1972	1973	1974 <sup>(1)</sup>
Estados Unidos	173,8	920,4	1.384,8	1.612,1	2.482,8	1.302,6
Inglaterra	70,9	722,5	961,9	616,1	661,7	339,0
Holanda	17,5	296,1	267,4	247,9	513,2	224,6
Canadá	51,3	197,5	273,3	240,9	375,7	241,6
Japão	2,4	71,8	230,0	93,5	266,7	124,3
Uruguai	22,5	57,5	95,2	154,6	238,1	88,1
Chile	1.789,5	1.490,0	1.400,4	755,0	227,0	50,0
Alemanha Ocidental	22,5	-	133,9	86,6	224,5	4,1
Outros	41,0	118,7	188,4	98,1	187,7	210,1
<b>Total</b>	<b>2.191,4</b>	<b>3.874,5</b>	<b>4.935,3</b>	<b>4.004,8</b>	<b>5.177,4</b>	<b>2.584,4</b>
Valor corrente em Cr\$1.000,00	6.144,62	11.563,86	18.995,12	13.830,39	22.440,26	12.630,79
Valor real em cruzeiros de 1969 <sup>(2)</sup>	6.744,62	9.676,42	13.127,92	8.169,88	11.545,56	5.606,78
Preço corrente (Cr\$/kg)	3,08	2,99	3,84	3,45	4,33	4,89
Preço real em Cr\$ de 69 (Cr\$/kg) <sup>(2)</sup>	3,08	2,50	2,66	2,04	2,23	2,17
Preço corrente em US\$/kg	0,77	0,67	0,73	0,58	0,71	0,77

<sup>(1)</sup> Até abril de 1974.

<sup>(2)</sup> Deflacionado pelo Índice "2" da Fundação Getúlio Vargas.

Fonte: Anuário de Exportações - Porto de Santos.

zais, tendo em vista o aumento dos custos de produção, especialmente de fertilizantes. A área plantada deverá permanecer estável, ao nível dos últimos 6 anos.

A mais longo prazo, admite-se que a única alternativa da teicultura paulista para fazer face a difícil situação por que vem passando é a redução no custo de produção de folha verde, implicando que velhos chazais sejam renovados com a adoção de tecnologia moderna.

#### - Feijão

##### - Situação interna

A produção nacional de feijão do ano agrícola 1973/74 é estimada ao redor de 2,4 milhões de toneladas, representando um aumento de cerca de 9% em relação à do ano anterior. Essa produção no entanto é inferior à de 7 anos atrás, quando se obteve a maior safra brasileira. Desde então, apesar da expansão da área de plantio, a produção brasileira tem decrescido continuamente face aos rendimentos decrescentes, mormente em 1970/71 e 1972/73. Este fato tem ocasionado sérias crises no abastecimento dos principais centros de consumo.

O Estado do Paraná nos últimos 4 anos vem apresentando tendência de crescimento da produção graças ao aumento da produtividade na safra das águas. O inverso vem ocorrendo com a safra da seca naquele Estado, que nestes 2 últimos anos tem sido prejudicada por condições adversas de clima e ataque de pragas e moléstias. Estimativas preliminares para a atual safra indicam produção de 623 mil toneladas, representando acréscimo de 28% sobre 1972/73. Em Minas Gerais nos últimos 3 anos a produção tem aumentado apenas em função da área, tendo sido estimada para 1973/74, provisoriamente, em 462 mil toneladas, com aumento de 6% sobre a anterior. O produto da seca representa, neste Estado, cerca de 70% da produção anual, com melhor produtividade agrícola.

De acordo com o 4º Levantamento de Previsão e Estimativa de Safra, realizado em março p.p., a área plantada no Estado de São Paulo foi superior em 7% à do ano anterior, com produção 14% maior (quadro 77). Os bons preços recebidos pelos produtores em 1973 estimularam o aumento da área de plantio na safra das águas (+ 27%) com a produção superando (+ 12%) à do ano passado. Contudo, a queda de preços por ocasião da colheita desestimulou o novo plantio da seca, contraindo-se em relação a 1972/73, ao redor de 9%. Merecem destaque os excelentes resultados obtidos pelos produtores da região prioritária com a variedade "carioca", que tem proporcionado maiores índices de produtividade e maior resistência às moléstias.

Diante da excelente produção do plantio das águas em São Paulo, Paraná e outros estados que tem abastecido o mercado paulistano, os preços recebidos pelos produtores paulistas apresentaram quedas sucessivas (quadro 78). Assim, a média dos 5 primeiros meses de 1974 foi inferior em 26% à do período correspondente de 1973. O preço recebido pelo feijoicultor do Estado em abril de 1974 é 52% inferior ao de abril de 1973.

QUADRO 77. - Área Plantada, Produção e Rendimento da Cultura do Feijão, Estado de São Paulo, 1968/69 a 1973/74

Ano Agrícola	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1968/69	234,7	79,2	337
1969/70	285,4	139,8	490
1970/71	259,0	138,0	533
1971/72	250,0	123,0	492
1972/73	270,0	133,8	496
1973/74 <sup>(1)</sup>	290,1	152,4	525

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 78. - Preços Médios Mensais Recebidos pelos Produtores de Feijão, Estado de São Paulo, 1969-74  
(Cr\$/sc.60kg)

Mês	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	33,96	48,29	52,98	62,52	108,54	116,56
Fev.	35,67	42,35	54,74	61,01	123,45	107,12
Mar.	36,84	41,23	58,59	60,40	180,50	107,70
Abr.	50,30	37,54	61,39	63,32	238,58	115,36
Mai.	58,28	40,82	61,51	70,85	226,59	203,66
Jun.	59,27	44,18	58,85	70,84	220,91	198,50
Jul.	57,40	47,09	58,18	72,73	227,73	...
Ago.	70,35	49,72	56,89	87,77	241,43	...
Set.	83,97	57,14	55,78	93,85	252,27	...
Out.	91,14	53,60	56,98	101,59	249,40	...
Nov.	94,64	49,54	58,31	103,71	181,50	...
Dez.	58,97	51,17	62,42	99,31	122,44	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.



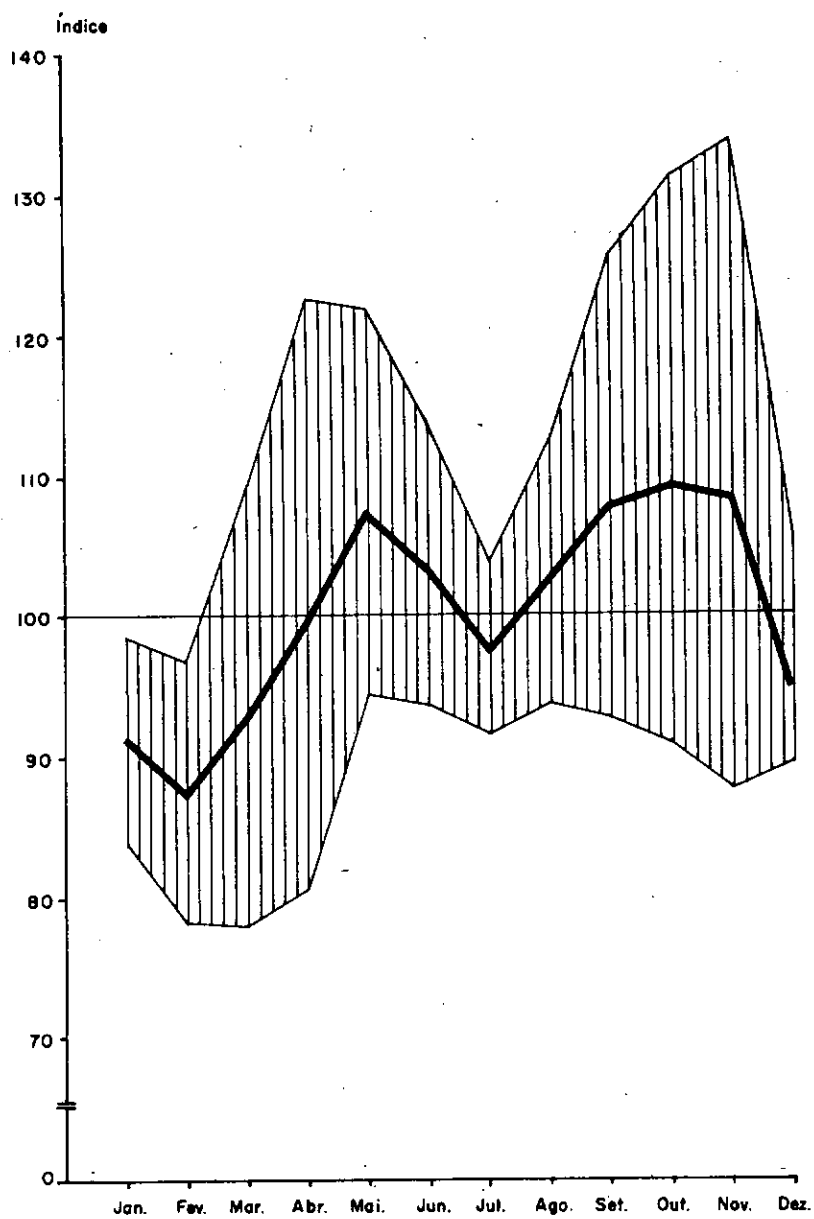


FIGURA 9. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Feijão, Estado de São Paulo, 1966-73.

No mercado atacadista da cidade de São Paulo, a elevação dos preços acompanhou a alta dos preços pagos aos produtores. Assim, enquanto estes se elevaram 132% de janeiro a setembro de 1973, aqueles subiram de 56% a 323% no mesmo período, conforme a variedade. As variedades de coloração roxa foram as que menos oscilaram (56% a 67%), enquanto a preta, face ao incremento da demanda, subiu 323% de janeiro a outubro.

No período de setembro de 1973 a fevereiro de 1974, excetuando-se a variedade "brancão", todas as demais tiveram seus preços no atacado rebaixados de 36% (roxão) a 60% (carioca, chumbinho, opaquinho e rosinha). As menores quedas foram dos feijões preto, roxinho e roxão, face ao controle das quantidades ofertadas pelos produtores mineiros e goianos. As demais variedades tiveram quedas de 50% a 55% nesse período.

A variação estacional dos preços de feijão ao produtor paulista é apreciada na figura 9.

Para suprir a escassez do produto nos principais centros consumidores, foi autorizada a importação de aproximadamente 17.300 toneladas do produto (de janeiro a outubro de 1973), sendo 49% de feijão preto e 37% de brancão, oriundos principalmente dos Estados Unidos (56%) e Argentina. Contudo, os preços pagos pelos consumidores continuaram apresentando altas sucessivas, acompanhando o mercado atacadista.

Os estoques de feijão existentes nos armazéns da CEAGESP nos 5 primeiros meses de 1974 foram 150% maiores que em igual período de 1973, constituindo-se no maior volume dos últimos 5 anos. Todavia, são bem inferiores aos do triênio 1967-69 (quadro 79).

#### - Perspectivas

Apesar da queda dos preços recebidos pelos produtores durante a safra das águas, espera-se que a área do próximo plantio das águas no Estado de São Paulo seja aproximadamente igual a 1973/74, podendo ser aumentada se os preços após a colheita da recém-finda safra da seca mostrarem elevações substanciais. Globalmente, a safra 1974/75 poderá registrar aumento de área e produção.

A um aumento de área poderá não corresponder aumento de produção, se a produtividade for muito baixa, em função de condições climáticas e da taxa de utilização de fertilizantes. Medida que poderá elevar os índices de rendimento das lavouras consiste no tratamento fitossanitário, que tem merecido maiores atenções por parte dos produtores nos últimos anos, especialmente na zona prioritária do Estado.

Resultados insatisfatórios com outras culturas na safra 1973/74 poderão induzir maiores plantios de feijão em outros estados, como Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Nestes estados grandes produtores de milho, as perspectivas de área de plantio de feijão poderão estar relacionadas com a daquele cereal, tendo em vista a consorciação entre as duas culturas em grande parte da área plantada.

Face à escassez dos remanescentes do plantio das águas e às más colheitas da última safra da seca, os preços deverão sofrer altas sucessivas, porém de menores proporções que em 1973. Em fins de outubro poderá ter início a colheita dos primeiros plantios de julho.

O custo operacional para a próxima safra é estimado em Cr\$ 1.560,00/ha.

QUADRO 79. - Estoques de Feijão na CEAGESP, São Paulo, 1967-74  
(sc.60kg)

Mês	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	10.982	343.658	156.506	686	10.246	10.495	8.857	18.478
Fev.	14.161	337.861	147.314	2.326	11.690	13.395	12.769	19.727
Mar.	124.960	312.563	137.447	3.471	8.841	12.130	6.532	15.893
Abr.	174.869	307.225	106.426	479	3.517	4.350	2.858	18.497
Mai.	179.971	297.363	98.092	2.140	2.418	4.000	3.730	14.182
Jun.	212.050	271.760	69.371	4.247	4.712	14.843	19.240	...
Jul.	221.624	267.616	66.062	7.929	6.229	15.007	13.647	...
Ago.	233.168	235.626	50.625	8.787	5.283	13.694	13.540	...
Set.	303.857	204.697	47.160	11.504	5.356	11.277	16.796	...
Out.	335.654	201.053	44.998	24.175	5.436	7.506	13.619	...
Nov.	347.572	199.303	9.838	22.664	4.198	4.886	14.035	...
Dez.	349.336	170.959	1.257	8.896	5.636	3.778	15.098	...

Fonte: Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo - CEAGESP.

- Laranja

- Panorama internacional

A temporada 1973/74 pode ser considerada como um retrato das dificuldades potenciais da citricultura em termos mundiais, cujos excessos de produção continuam consideráveis e serviram de base para as conclusões e recomendações feitas pelo Grupo Intergovernamental de Cítricos da FAO reunido em Roma e Atenas nos meses de janeiro e maio, respectivamente. Assim, a laranja divide com a banana e o chá a primazia de nos últimos dez anos ter mostrado desvalorizações relativas de preços, sendo adquirida em termos reais em condições cada vez mais vantajosas pelos importadores.

Após a colheita recorde de 1972/73, a produção mundial em 1973/74 apresentou declínio ou estabilizou-se em diversos países importantes produtores, como Estados Unidos (- 4%), Espanha e Israel. Em contrapartida mostrou significativas elevações em outros, como Japão, Brasil, África do Sul e Argentina, cujos dados finais ainda não se encontram disponíveis.

A despeito, porém, das menores colheitas relativas estimadas nos países da bacia do Mediterrâneo, suas disponibilidades para exportação conjunta foram estimadas em 16% mais que as realizadas na safra passada. Em virtude desse aumento nas quantidades ofertadas e em decorrência da crise do petróleo com seus efeitos derivados, as cotações da fruta fresca nos principais mercados importadores não corresponderam às expectativas, passando a gerar problemas de viabilidade econômica para diversas áreas citrícolas, cujos planos deverão ser revistos.

No Japão a produção de 4,0 milhões de toneladas, principalmente de "satsumas", fez com que o governo passasse a reformular seus projetos de diversificação de terras antes plantadas com arroz e que vinham sendo cada vez mais dedicadas à citricultura.

Nos Estados Unidos, embora com uma oferta menor de laranja na Flórida e um rendimento mais baixo de suco por caixa, a disponibilidade de suco ao final de junho mostrava-se 30% superior aquela de um ano atrás, graças aos estoques anteriores (após três safras consecutivas sem problemas climáticos de maior expressão), o que todavia não deve ser considerada opressiva desde que produções crescentes são necessárias para atender um mercado em expansão. Dessa forma os preços pagos aos produtores por caixa no pé mantiveram-se moderadamente acima do nível da safra passada, sendo estimados em US\$ 1,30; para as variedades precoces e de meia-estação.

Com estimativas globais para 1980 que projetam uma produção de 56 milhões de toneladas e uma demanda de 49 milhões, a situação mundial sugere uma possível deterioração com o perigo de um sério desequilíbrio, cujas repercussões maiores ocorrerão nos países mais dependentes de mercado externo. Dessa forma, diversas medidas estão sendo apontadas no sentido de expandir o comércio e permitir preços estáveis e remunerativos, a saber: a) abolição de restrições quantitativas de importação e adoção de sistema tarifário que facilite o comércio; b) esforços no sentido de implementar o consumo nos países de economia centralizada, cujos índices per capita são ainda muito pequenos; c) harmonização de regulamentos no tocante a padrões de qualidade de frutas e de sucos; d) melhor adaptação da produção às exigências do consumo através de seleção de variedade e melhoria da qualidade; e) promoção e educação do consumidor com ênfase aos sucos naturais; e f) coordena-

ção das políticas de produção e comércio.

#### - Situação interna

Para desapontamento geral verificou-se em 1973 uma redução de quase 40% no volume de exportação da fruta fresca, atingindo apenas 2,4 milhões de caixas-padrão (cerca de 48 mil toneladas), que representa o ponto mais baixo desde 1957 e, em termos percentuais da safra o menor índice desde os anos da 2ª. Grande Guerra e do surto de tristeza que afastaram a citricultura paulista dos mercados internacionais (quadro 80).

Tal comportamento deve-se a um complexo de causas como: caros fretes marítimos, por estar a laranja fresca incluída na relação de produtos sujeitos à Conferência de Fretes; problemas de embalagem sujeita a IPI e ICM; abundância de frutas de outras origens nos mercados importadores ao início da safra, e elevado custo inicial da fruta nacional com os preços sendo "puxados" pela indústria visto que a produção comercial teria sido 20% inferior às estimativas oficiais, situando-se entre 55 e 60 milhões de caixas (40,8kg).

O quadro 81 mostra o progresso das exportações de suco que têm sido a base do desenvolvimento ocorrido na citricultura, com a ressalva de que o aumento de 37% obtido em 1973 foi conseguido graças aos estoques ao final de 1972 que permitiram que até maio de 1973 fossem exportadas 45 mil toneladas de suco concentrado-congelado.

A grande área importadora do suco brasileiro é a Europa Ocidental, constituindo a Alemanha nosso mais importante mercado (quadro 82). Entre os compradores situam-se alguns países também grandes produtores de suco como Estados Unidos, Israel, Espanha e África do Sul, que adquirem o produto brasileiro para ulterior comercialização.

Consigne-se que o consumo interno do suco de laranja é estimado em 10% da sua produção e a tendência de aumento, por diversas causas, não tem sido muito rápida.

No primeiro semestre de 1974, de uma situação aparentemente calma e ordenada, a citricultura paulista mergulhou numa crise de comércio sem precedentes, enquanto desenrolava-se uma disputa cada vez mais acirrada envolvendo produtores, fabricantes de suco e clientes internacionais, preocupando os setores do crédito e órgãos oficiais responsáveis pela política de exportação.

Destarte, a indisciplina comercial das oito fábricas, agravadas pela debacle financeira de uma delas, passou a gerar sério desequilíbrio e preocupações aos citricultores do Estado. As ofertas de venda de suco na Europa a US\$ 100,00 por tonelada abaixo dos preços iniciais da safra, feitas por uma das firmas e logo acompanhada por outra, causaram desordem no mercado e desconfiança nos importadores que imediatamente restringiram suas compras.

Em consequência, os preços pagos aos produtores caíram repentinamente e de uma média de Cr\$ 10,00/caixa no pé até início de março, quando já haviam sido adquiridas cerca de 20 milhões de caixas, passaram em maio para cerca de Cr\$ 5,00/caixa. Além disso, iniciou-se processo de rescisão de diversos contratos já feitos de compra e venda de safra, com os industriais solicitando dos agricultores um desconto nos preços anteriormente estipulados.

Ao início de julho, após inúmeras reuniões entre industriais e o Governo, a CAÇEX, face à caótica situação, resolveu estipular um valor mínimo de embarque de US\$560,00

QUADRO 80. - Exportação Cítrica "in natura" pelo Porto de Santos, 1968-73

Destino	1968	1969	1970	1971		1972		1973	
	Caixa (1)	Caixa (1)	Caixa (1)	Caixa (2)	%	Caixa (2)	%	Caixa (2)	%
Holanda	725.370	506.444	465.395	1.306.034	35	1.739.282	44	1.054.610	43
Grã-Bretanha	449.250	436.653	390.345	885.998	24	988.052	25	503.903	21
Alemanha	412.650	359.898	287.512	931.265	25	709.329	18	608.850	25
França	200.000	158.200	150.000	217.100	6	198.700	5	68.000	3
Finlândia	28.100	56.110	60.200	142.369	4	117.500	3	88.500	4
Canadá	63.100	21.728	41.300	137.000	4	76.000	2	36.000	2
Suécia	61.569	46.825	25.875	3.750	0	34.566	1	3.800	0
China Nacional	102.250	24.331	21.950	14.307	0	20.000	1	10.000	0
Outros	118.150	77.547	62.400	111.750	2	56.325	1	37.100	2
Total	2.160.439	1.690.936	1.504.977	3.749.573	100	3.939.754	100	2.410.763	100

(1) Em caixa-padrão, decreto 56.659 de 6/8/65.

(2) Em caixa-padrão da Resolução 45 - CONCEX.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 81. - Exportação de Suco Concentrado de Laranja pelo Porto de Santos, 1968-74

Mês	Suco concentrado de laranja (¹)						
	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	1.347,1	2.047,9	422,1	3.563,4	6.485,9	7.971,0	3.486,9
Fev.	705,6	393,7	2.606,5	2.940,4	3.584,8	10.453,5	3.882,9
Mar.	889,1	1.124,8	492,3	5.190,6	4.240,3	10.007,1	6.560,0
Abr.	289,7	412,3	108,2	2.156,4	4.032,8	6.152,0	2.573,8
Mai.	164,0	553,1	613,1	2.981,4	3.200,4	4.124,6	2.507,9
Jun.	1.806,9	1.214,4	1.618,4	1.854,7	4.399,3	6.109,4	...
Jul.	2.822,9	2.921,1	2.769,3	10.460,4	7.949,9	5.979,1	...
Ago.	2.796,3	2.034,7	2.758,2	5.465,6	9.134,1	17.283,6	...
Set.	1.819,1	2.305,0	2.443,8	9.783,6	9.855,7	10.990,7	...
Out.	4.229,1	5.039,3	5.346,9	10.439,3	12.102,0	22.231,1	...
Nov.	7.434,1	3.463,3	8.014,9	5.545,4	16.855,5	10.699,3	...
Dez.	1.576,8	2.581,7	4.096,3	13.047,1	9.280,5	12.662,0	...
Total	25.880,7	24.091,3	31.290,0	73.428,3	91.121,2	124.663,4	...

(¹) Em tonelada (p. líquido).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 82. - Exportação de Suco Concentrado de Laranja, Estado de São Paulo, 1968-73  
(tonelada - peso bruto)

Porto de destino	1968	1969	1970	1971	1972	1973
Alemanha	5.004	10.957	20.103	29.629	36.291	57.101
Canadá	5.108	4.613	4.374	9.151	12.510	8.463
Holanda	2.584	4.385	4.209	9.607	13.915	35.343
USA	12.864	3.527	1.109	22.425	20.943	15.201
Suécia	572	850	1.129	2.544	6.746	11.679
Israel	-	684	2.115	491	1.304	2.613
Inglaterra	223	514	623	1.330	887	546
Dinamarca	496	302	256	677	778	1.401
Bélgica	50	55	284	767	1.717	1.359
Noruega	-	94	163	917	459	912
Finlândia	-	16	-	83	388	1.399
Espanha	221	104	163	451	502	481
França	23	-	34	652	224	1.188
Outros	21	-	832	497	143	829
Total	27.166	26.101	35.394	79.221	96.807	138.515

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.



por tonelada FOB-Santos e aplicar o regime de cotas de exportação no montante global de 86.577 toneladas a serem distribuídas entre sete empresas, além de uma reserva técnica de 13.423 toneladas. Observe-se também que na oportunidade uma das fábricas não recebeu cota alguma tendo sido suspensa sua licença de exportação por tempo indeterminado.

No que concerne a preços de laranja por caixa, o exame do quadro 83 indica que, não obstante o aumento da oferta, a tendência ao longo do período 1960-74 tem sido de alta, mesmo em valores reais. A observação de anos imediatamente seguidos mostra entretanto alterações acentuadas, como por exemplo em 1969 quando o preço corrente duplicou e em dólares representou o valor recorde recebido pelo citricultor. No ano de 1970, face à crise semelhante à atual, os preços caíram substancialmente. Admitindo-se que na atual safra a cotação média final alcance Cr\$ 6,50/caixa, sua conversão em dólar (Cr\$ 7,80 por dólar) representará cerca de US\$ 0,83 por caixa, ou seja, valor próximo aos de 1968 e 1970.

QUADRO 83. - Produção e Preço Médio Recebido pelo Citricultor, Estado de São Paulo, 1960-73

Ano	Produção (1.000 caixas)	Valor corrente (Cr\$/cx.)	Valor em dólar (US\$/cx.)	Valor em Cr\$ de 1972/caixa	Valores em US\$ de 1972/caixa
1960	14.400	0,10	0,55	4,88	0,90
1961	18.726	0,12	0,46	4,27	0,74
1962	19.200	0,25	0,67	5,87	1,02
1963	21.600	0,41	0,74	5,49	0,93
1964	16.160	1,38	1,06	9,70	1,68
1965	23.936	1,30	0,69	5,83	1,01
1966	29.856	1,50	0,68	4,87	0,84
1967	34.400	1,70	0,64	4,30	0,75
1968	35.560	2,91	0,86	5,93	1,03
1969	34.830	6,00	1,43	10,12	1,75
1970	44.350	4,00	0,88	5,63	0,98
1971	46.000	5,30	1,01	6,20	1,07
1972	60.700	6,50	1,10	6,50	1,10
1973	69.600	9,00	1,48	7,83	1,36

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

#### - Perspectivas

Existem no caso dois tipos de raciocínio: um de curto prazo para a próxima safra e outro de prazo mais longo.

Para o primeiro, embora ainda não se disponha de informes quanto à produção paulista as projeções indicam que a oferta não deverá crescer mais do que 12% em relação

QUADRO 84. - Projeções da Oferta de Laranja, Estado de São Paulo, 1974-80  
(1.000 caixas)

Ano	Hipótese I <sup>(1)</sup>	Hipótese II <sup>(2)</sup>	Hipótese III <sup>(3)</sup>	Hipótese IV <sup>(4)</sup>	Hipótese V <sup>(5)</sup>
1974	75.000	87.000	77.000	80.000	77.000
1975	84.000	98.000	87.000	90.000	87.000
1976	103.000	119.000	106.000	109.000	106.000
1977	126.000	145.000	133.000	135.000	133.000
1978	138.000	159.000	146.000	148.000	135.000
1979	149.000	173.000	173.000	165.000	155.000
1980	160.000	187.000	187.000	178.000	163.000

<sup>(1)</sup> Baixa produtividade: 0;1,4; 1,8 e 2,0 caixas por pē conforme a idade.

<sup>(2)</sup> Alta produtividade: 0;1,5; 2,0 e 2,5 caixas por pē conforme a idade.

<sup>(3)</sup> Produtividade mixta: 0;1,5; 2,0 e 2,5 caixas por pē conforme a idade e introduzida para pēs plantados a partir de 1970.

<sup>(4)</sup> Valores médios das três hipóteses anteriores.

<sup>(5)</sup> Sem plantar a partir de junho de 1974 e com produtividade da hipótese III.

Idade: 0-3 anos; 4-7 anos; 8-10 anos e mais de 10 anos.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 85. - Projeções da Utilização da Oferta Disponível de Laranja, Estado de São Paulo, 1975-1980  
(1.000 caixas)

Ano	Estimativa de produção	Comercial (90%)	Exportação fruta fresca	Enviada a outros estados	Estimativa consumo de São Paulo	Industrial estimado	Exceder. e avaliado
1975	90.000	81.000	2.500	5.000	17.000	63.000	-6.500
1976	109.000	98.000	2.500	5.000	18.000	69.000	3.500
1977	135.000	121.000	2.500	5.000	18.000	78.000	17.500
1978	148.000	133.000	2.500	5.000	19.000	87.000	19.500
1979	165.000	148.000	2.500	5.000	19.000	95.000	26.500
1980	178.000	160.000	2.500	5.000	20.000	106.000	26.500

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 86. - Utilização da Oferta Disponível de Laranja, Estado de São Paulo, 1960-73  
(1.000cx.)

Ano	Produção	Comercial (2)	Exportação (fruta fresca)	Enviada a outros estados	Consumo no Estado São Paulo	Industrial
1960	14.400	12.960	3.227	1.400	8.300	-
1961	18.726	16.850	3.256	1.900	11.690	-
1962	19.200	17.280	3.109	1.900	12.270	-
1963	21.600	19.440	4.143	2.100	11.080	2.120
1964	16.100	14.490	2.882	1.700	8.350	1.610
1965	23.936	21.540	4.738	2.300	11.980	2.530
1966	29.856	26.870	2.329	2.700	17.600	4.240
1967	34.400	30.960	2.657	2.600	21.410	4.290
1968	35.560	32.000	2.160	3.000	16.740	10.100
1969	34.830	31.350	1.691	2.900	18.560	8.200
1970	44.350	39.910	1.505	4.300	19.100	15.000
1971	46.000	41.400	1.962	4.000	10.440	25.000
1972	60.700	54.630	2.300	4.000	14.000	34.330
1973 (1)	64.700	58.200	1.200	6.000	16.000	35.000

(1) Dados extra-oficiais, sujeitos à revisão.

(2) Calculado como 90% do total produzido.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

ã atual, principalmente levando-se em conta que os pomares não deverão ser adubados como vinha ocorrendo em decorrência da elevação dos custos de fertilizantes e baixa dos preços da laranja. Por outro lado a florada na Flórida verificou-se em condições de seca, com menor pegamento e grande desuniformidade de maturação, que deverá resultar em baixo rendimento industrial e altos custos de colheita (a mão-de-obra custará por volta de US\$ 2,25 por hora). Em resumo a produção de suco deverá ser menor que a de 1973/74, mas os estoques existentes possibilitarão atender parcialmente a demanda.

Quanto ao comportamento a longo prazo, a oferta de laranja, tomando-se em consideração certas variáveis (tendência histórica, mudanças tecnológicas, composição estéril dos pomares, etc) pode-se chegar aproximadamente aos números do quadro 84. Aceitando-se a hipótese IV chega-se à ilação de que em 1977 o volume total alcançará 135 milhões de caixas, ou seja, praticamente o dobro daquela de 1973 e 60% mais que a de 1974.

De outro lado, o quadro 85 procura projetar a futura absorção da oferta estimada, observando-se uma tendência para crescentes sobras que, aparentemente, virão assumir proporções inquietantes a partir de 1977. Também essas sobras poderão ser maiores caso o desenvolvimento do setor industrial não se processe no ritmo projetado, o que sem dúvida exigirá grandes esforços de vendas e disciplina comercial. O retrospecto do desaparecimento da produção no período 1960-73 (quadro 86) permite uma apreciação das tendências verificadas para cada uso e que serviram de base para as projeções apresentadas.

#### - Mamona

##### - Panorama internacional

A produção mundial de mamona que nos últimos anos vinha apresentando quedas sucessivas, na safra de 1973/74 conforme dados preliminares, recuperou-se totalmente inclusive com uma produção recorde, superando a anterior em 27% aproximadamente, e em 18% a produção média dos últimos 4 anos.

O Brasil é o principal produtor, respondendo nos últimos 5 anos com aproximadamente 39% do total mundial, vindo em 2º lugar a Índia com 18% (quadro 87).

Quanto ao óleo de mamona, a produção mundial apresentou nos anos de 1970 a 1972 quedas sucessivas, mas a partir de 1973 iniciou-se uma ascensão vindo a se estimar para 1974 uma produção recorde, aproximadamente 19% superior à dos últimos quatro anos (quadro 88).

A oferta total deste óleo, a partir de 1971, apresentou sucessivas quedas até 1973, mas prevê-se que em 1974 a oferta total seja bastante superior a dos últimos dois anos, se bem que ainda inferior as de 1970 e 1971, isto em razão dos altos estoques acumulados naqueles anos.

Em consequência da queda da oferta, os preços no mercado internacional, a partir de 1972, iniciaram violenta ascensão, apresentando em 1973 uma cotação média superior em 179% à média das cotações dos três anos anteriores. Face a este aumento, o consumo aparente verificado nos anos de 1972 e 1973 situaram-se abaixo dos níveis de 1970 e 1971.

Em razão do aumento da produção em 1973 e do volume esperado em 1974, os preços do óleo de mamona vêm apresentando sucessivas quedas a partir de janeiro do corrente ano (quadro 89).

QUADRO 87. - Produção Mundial de Sementes de Mamona e Participação Percentual, 1969/70 a 1973/74 (1.000t)

País	1969/70		1970/71		1971/72		1972/73		1973/74 <sup>(1)</sup>	
	Produção	%	Produção	%	Produção	%	Produção	%	Produção	%
Brasil	378	43	348	40	300	37	278	36	395	40
Índia	123	14	136	16	159	19	170	22	200	20
URSS	67	8	74	9	70	9	53	7	80	8
China	84	10	101	12	75	9	72	9	77	8
Tailândia	43	5	43	5	35	4	25	3	47	5
Outros	189	20	165	18	179	22	176	23	186	19
Total	884	100	867	100	813	100	774	100	985	100

(<sup>1</sup>) Preliminar.

Fonte: Oil World Weekly.

QUADRO 88. - Produção Mundial, Estoque e Consumo Aparente, de Óleo de Mamona, 1970-74 (1.000t)

Ítem	1970	1971	1972	1973	1974
Estoque inicial	146	143	93	63	63
Produção	370	336	329	352	405
Oferta total	516	479	422	415	468
Consumo aparente	373	386	359	352	370
Estoque final	143	93	63	63	98

Fonte: Oil World Weekly.

QUADRO 89. - Cotações do Óleo de Mamona, CIF EUROPA, 1971-74  
(US\$/t)

Mês	1971	1972	1973	1974
Jan.	353	393	870	946
Fev.	338	358	1.070	959
Mar.	331	368	1.510	915
Abr.	310	389	1.150	865
Mai.	320	437	1.087	850
Jun.	337	490	947	...
Jul.	337	507	1.180	...
Ago.	333	455	1.197	...
Set.	329	547	1.030	...
Out.	351	770	1.060	...
Nov.	357	871	1.040	...
Dez.	375	856	990	...
Média anual	339	537	1.094	...

Fonte: Oil World Weekly.

#### - Situação interna

A produção brasileira de mamona em bagas, a partir de 1970, apresentou quedas sucessivas atingindo em 1972 o ponto mínimo dos últimos oito anos. Todavia, nas duas últimas safras, em decorrência da falta do produto e conseqüente elevação de preço no mercado internacional, teve uma rápida recuperação estimando-se para 1974 um total de 440 mil toneladas, considerado recorde e 33% superior a de 1973.

Neste último ano, a Bahia, que até então se situava como principal Estado produtor, cedeu essa liderança a São Paulo que, de acordo com estimativas preliminares, participa com 36% da produção brasileira. A Bahia situa-se como segundo produtor (30%) vindo a seguir o Paraná, Ceará, Mato Grosso e Pernambuco com participações significativas (quadro 90).

Nos últimos dois anos agrícolas, a área dedicada ao cultivo desta oleaginosa, em São Paulo, apresentou aumentos expressivos quando comparados a anos anteriores, ressaltando que em 1973/74 foi praticamente 100% superior à média dos quatro anos anteriores (quadro 91).

QUADRO 90. - Produção Brasileira de Mamona em Bagas e Principais Estados Produtores ,  
1972/73 e 1973/74 (1)  
(tonelada)

Estado	1972/73		1973/74	
	Produção	%	Produção	%
Bahia	120.000	36	130.000	30
São Paulo	95.000	29	160.000	36
Paraná	52.000	16	70.000	16
Ceará	25.000	8	25.000	6
Mato Grosso	20.000	5	25.000	6
Pernambuco	10.000	3	20.000	4
Outros	10.000	3	10.000	2
<b>Total</b>	<b>332.000</b>	<b>100</b>	<b>440.000</b>	<b>100</b>

(1) Dados preliminares.

Fonte: Comissão de Financiamento da Produção.

QUADRO 91. - Área, Produção e Rendimento da Cultura de Mamona no Estado de São Paulo ,  
1970-74

Ano	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1970	63,6	62,0	975
1971	54,7	52,5	960
1972	56,5	66,0	1.168
1973	74,0	95,0	1.284
1974 (1)	124,7	160,0	1.283

(1) Estimativa.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Este aumento expressivo é consequência direta dos altos preços do óleo de mamona no mercado internacional, principal destino da produção brasileira, que se refletiu nos preços recebidos pelos produtores. Pode-se observar como os preços a partir do 2º semestre de 1971 evoluíram favoravelmente para os produtores, incentivando maior expansão nos anos de 1972 e 1973, porém, já apresentando em 1974 reflexos da atual oferta recorde no comércio mundial (quadro 92).



QUADRO 92. - Preços Recebidos pelos Produtores de Mamona no Estado de São Paulo, 1968-74  
(Cr\$/kg)

Mês	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	0,40	0,30	0,29	0,50	0,65	1,74	1,77
Fev.	0,40	0,29	0,31	0,47	0,63	1,80	1,63
Mar.	0,37	0,28	0,31	0,45	0,63	2,00	1,65
Abr.	0,34	0,25	0,30	0,48	0,61	1,76	1,53
Mai.	0,32	0,29	0,32	0,44	0,65	2,15	1,37
Jun.	0,33	0,29	0,34	0,46	0,72	1,74	1,14
Jul.	0,35	0,28	0,42	0,52	0,99	2,04	...
Ago.	0,31	0,29	0,43	0,54	0,95	2,24	...
Set.	0,32	0,31	0,47	0,56	0,94	2,10	...
Out.	0,35	0,31	0,50	0,58	1,10	2,02	...
Nov.	0,31	0,30	0,48	0,61	1,55	2,05	...
Dez.	0,32	0,30	0,47	0,64	1,64	1,92	...
Média anual	0,35	0,30	0,43	0,51	1,14	2,00	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

As exportações brasileiras de óleo podem ser apreciadas no quadro 93, com uma receita crescente no período 1968-73.

QUADRO 93. - Exportação Brasileira de Óleo de Mamona, 1968/73

Ano	Peso (t)	US\$1.000 FOB	US\$/t
1968	116.587	36.470	321,81
1969	184.288	45.153	245,01
1970	153.485	38.232	249,09
1971	134.946	39.942	295,99
1972	127.182	53.818	423,16
1973 (1)	75.776	70.051	924,45

(1) De janeiro a setembro.

Fonte: CACES - Banco do Brasil SA.

As exportações realizadas pelo porto de Santos no período de janeiro a junho de 1974 totalizaram 28.225 toneladas contra 10.673 para o mesmo período de 1973.

#### - Perspectivas

Devido à queda do preço do óleo de mamona no comércio internacional e, consequentemente, dos preços recebidos pelo produtor nos últimos meses, não deverá continuar a expansão de área que se verificou nos dois últimos anos. Prevê-se uma estabilização de produção ou mesmo queda nos níveis atuais.

Quanto ao mercado internacional, os estoques no final do presente ano deverão ser superiores aos de anos anteriores, apesar do fato de que as cotações a partir de novembro de 1973 tenham apresentado sucessivas baixas. Isto leva a concluir que os preços do óleo venham a fixar-se em níveis inferiores aos atuais.

#### - Mandioca

##### - Panorama internacional

Apesar dos mercados de produtos derivados de mandioca continuarem em expansão, a participação do Brasil mostra nítida tendência decrescente. A pouca disponibilidade da matéria-prima coloca o artigo nacional em difícil posição competitiva quanto a preços. Contudo, a farinha de raspa vem mantendo sua presença no mercado internacional.

As exportações de farinha de mandioca pouco representaram nos 2 últimos anos, havendo grandes excedentes oriundos da compra pelo Governo. O mercado externo de fécula vem crescendo a uma taxa superior às exportações brasileiras, feitas de forma preponderante pelos estados de Santa Catarina e Paraná, havendo grandes contingentes exportáveis em mãos do Governo Federal (CFP).

##### - Situação interna

A posição econômica relativa da produção paulista de mandioca vem passando nos últimos anos por sensível tendência decrescente, a julgar-se pela posição da sua renda bruta em confronto com as demais culturas. De 10º lugar em 1969 e 1970, evoluiu para o 8º lugar em 1972 para, em seguida, atingir respectivamente o 14º e o 15º posto em 1973 e 1974. Esta tendência está associada à baixa dos preços reais da raiz ocorrida nos dois últimos anos e à redução da área plantada.

A diminuição da produção acarretou o aumento da capacidade ociosa e o encarecimento dos custos industriais a ponto de tornar gravosos diversos derivados de mandioca para exportação. Estes aspectos econômicos estão diretamente associados aos aspectos agrônomicos da cultura.

A mandioca não tem sofrido influência do melhoramento genético. Dadas as características da planta, as variedades ainda usadas exigem excessivo emprego de mão-de-obra em seus tratamentos culturais, o que vem onerar bastante o produto. O encarecimento das terras e o incentivo, em maior ênfase, dado a outros produtos também colaboraram para a tendência atual da cultura.

Quanto à farinha de mesa, após o aumento dos preços de 1971, causado pela diminuição da produção nordestina, verificou-se lenta deterioração. Em setembro de 1973, com a reformulação política de preços da farinha de raspa, verificou-se nova alta até fins do ano e, então, nos primeiros meses de 1974 novamente ocorreram pequenas baixas nos preços. Sendo os preços deste último artigo regidos por lei, as constantes alterações das diretrizes da moagem de trigo refletem-se diretamente sobre este mercado. A portaria da SUNAB-Super Nº 32, de 3 de setembro de 1973, trouxe novamente obrigatoriedade da mistura deste produto às farinhas panificáveis a um preço considerado razoável pelos produtores.

A participação paulista no abastecimento estadual da fécula é pequena, vindo a maior parte da produção do Paraná e principalmente de Santa Catarina que, cada vez mais, se impõe como principal Estado produtor. Encontrando solução para os principais problemas agrônômicos, e contando com uma satisfatória cobertura de preços mínimos, esse Estado redescobre uma importante atividade, assumindo maior expressão nacional no abastecimento interno e na exportação.

#### - Perspectivas

Para 1975, em S. Paulo, é esperada uma redução superior a 25% na oferta de matéria-prima de mandioca para indústria. Embora parte deste déficit possa ser compensado pelo aumento da produção de mandiocas "mansas", espera-se, caso não haja colheita de mandioca "nova", uma situação de dificuldade para a indústria, sem que isto venha obrigatoriamente a representar euforia para a produção. A expectativa, contudo, é de aumento dos preços da matéria-prima para o próximo ano. Em termos globais para 1974/75, o modelo de oferta prevê aumento da área de plantio de 2%. Os custos de produção por hectare plantado deverão subir cerca de 67%, de Cr\$ 1.470,00 para Cr\$ 2.460,00 em 1974/75.

No Sul de Sta. Catarina, apesar das dificuldades advindas com as enchentes de 1974, ocasião em que uma grande indústria de fécula e diversos pequenos engenhos de farinha ficaram impedidos de funcionar, mas a situação de abastecimento caminha para a normalidade. No Vale do Itajaí, a situação é normal, havendo bastante folga na oferta de matéria-prima. De modo geral, neste Estado o plantio garante um abastecimento tranquilo para o próximo ano.

Quanto ao mercado exterior, espera-se que com a cobertura do canal de Suez, os artigos tailandeses tornem-se mais competitivos no Mercado Comum Europeu que apresenta-se como grande mercado consumidor de fécula e produtos de mandioca para razão.

#### - Milho

##### - Panorama internacional

A produção mundial (exceto China) é estimada para 1973/74 em 5% superior às

265 milhões de toneladas de 1972/73. Os Estados Unidos, destacadamente o maior produtor recuperando o nível de 1971/72, produziram cerca de 141 milhões de toneladas, mesmo assim, 9 milhões aquém da meta prevista pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

Na Argentina espera-se colheita de 10 milhões de toneladas contra 9,5 milhões da anterior, das quais 5 milhões poderão ser colocadas no comércio internacional. A África do Sul, recuperando-se da péssima colheita de 1973, prevê elevação de 158% em sua produção, alcançando 10,6 milhões de toneladas, ou seja, nível semelhante ao da safra 1971/72.

Em 1973, o comércio internacional do milho alcançou novo recorde, refletindo a forte demanda por grãos alimentícios. Mais do que nunca foi evidenciada a existência de poucos países fornecedores, predominantemente os Estados Unidos e Argentina.

Os Estados Unidos, mantendo sua supremacia, elevaram em 48% suas transações, negociando 33 milhões de toneladas para os Países Baixos, Itália, Alemanha Ocidental e Espanha; mas os grandes responsáveis por este incremento são União Soviética e Japão para onde foram realizadas excelentes vendas.

A Argentina recuperou em 45% suas vendas anteriores, exportando 4,3 milhões de toneladas. Esta recuperação foi possível principalmente face à expansão de negócios para a Itália, Espanha, Coreia do Sul e China.

Na França, as exportações caíram para 3,4 milhões de toneladas em decorrência dos baixos estoques remanescentes de 1972/73. Seus compradores foram os próprios membros da CEE (Bélgica, Países Baixos e Reino Unido). Outro exportador tradicional, a África do Sul, pouco participou das negociações internacionais, em decorrência de sua desastrosa safra 1972/73.

Ao final de março de 1974 os estoques mundiais de milho apresentavam-se em declínio, sendo estimado em 78,9 milhões de toneladas o total retido nos quatro principais exportadores (cerca de 14% inferior ao verificado em março de 1973). O estoque norte-americano encontrava-se 12 milhões de toneladas (14%) abaixo do nível de um ano atrás e as indicações de aumento no consumo doméstico e nas exportações até o final da safra atual (setembro 1974) deverão levar a um "carry-over" de 11,3 milhões de toneladas, ou seja, um terço inferior ao de setembro de 1973.

Os demais países ainda se apresentam com melhores estoques. A Argentina, devido ao excelente suprimento recém-colhido, apresentou elevação de 80% em relação ao estoque de março do ano passado. A França também apresenta seus estoques bem acima (35%) dos de um ano atrás, entretanto, seu escoamento deverá ser mais rápido em razão da demanda na CEE.

#### - Situação interna

A produção brasileira na safra atual deverá atingir novo recorde com volume aproximadamente estimado de 17 milhões de toneladas, representando aumento de 14,8% em relação a de 1972/73, contrariando as expectativas.

Acusando 27% de expansão em suas áreas de milho, Minas Gerais é o principal estado produtor, com 3,6 milhões de toneladas (21% da produção nacional).

O Paraná, a despeito da redução de 8% em sua área de plantio, espera uma colheita de 3,4 milhões de toneladas, acusando um incremento de 13% em relação ao ano passado, quando se registrou um aumento de 24% sobre a safra precedente.

O Estado de São Paulo, como o Paraná, foi beneficiado por excelentes condições climáticas para a cultura no decorrer desta safra, refletindo-se num novo recorde para sua produtividade média (quadro 93). A área manteve-se praticamente igual à anterior embora fosse prognosticado um aumento de 5% com o modelo de oferta indicando uma área ligeiramente inferior.

QUADRO 93. - Área, Produção e Rendimento de Milho, Estado de São Paulo, 1967/68 a 1973/74

Ano agrícola	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1967/68	1.573,0	2.550,0	1.621
1968/69	1.246,3	1.740,0	1.396
1969/70	1.476,2	2.820,0	1.910
1970/71	1.694,0	2.760,0	1.629
1971/72	1.500,0	3.900,0	2.000
1972/73	1.300,0	2.598,0	1.998
1973/74 (1)	1.290,0	2.772,0	2.149

(1) Estimativa.

Verifica-se, que no decorrer de 1973, a redução na oferta do cereal ocasionou melhores cotações internas e, superando as primeiras previsões, o preço médio anual recebido pelo produtor, em São Paulo, foi de Cr\$ 27,70/saco de 60kg, ou seja, 65% superior ao da temporada precedente.

Com o contingenciamento das exportações brasileiras em 1973 (quadro 94), severa redução nas negociações externas de milho foi constatada, sendo embarcado pelos portos de Paranaguá e Santos apenas 23% do exportado em 1972, ou seja, aproximadamente 41 mil toneladas contra uma expectativa de 100 mil que representava a cota estipulada pela CACEX.

A excepcional produção esperada para este ano aliada ao considerável "carry-over" de 1972/73 compeliu à reabertura em maio de 1974 das exportações nacionais. Entretanto, face à queda de preços no mercado internacional (o milho americano nº 3 passando de US\$ 150/t - CIF Rotterdam, em março, para US\$ 130 em maio), as negociações externas brasileiras encontram-se paralisadas.

Os demais estados produtores - Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Goiás e Mato Grosso - estimam sua produção agregada em 5 milhões de toneladas. Os acréscimos percentuais estimados em relação à última safra são de: 12% para a produção gaúcha, que sofrera acentuado revês na safra passada; 21% para a catarinense; 33% para a goiana e 43% para a matogrossense, dando continuidade ao incremento já verificado em 1973 quando foi 41% superior à de 1972.

A existência de razoáveis estoques remanescentes de 1972/73, a expectativa de liberação das exportações de milho e o próprio volume da safra causaram certa contenção nas transações nos primeiros meses do ano em curso. Dessa forma o preço médio recebido pelos produtores (quadro 95) no interior de São Paulo, e do Paraná, tem se mantido em torno do preço mínimo estipulado para 1973/74. Na figura 10 tem-se a variação estacional de preços recebidos pelos produtores.

QUADRO 94. - Exportação de Milho pelos Portos de Santos e Paranaguã, 1968-73  
(tonelada)

Ano	Santos	Paranaguã	Total
1968	629.736	559.123	1.188.859
1969	293.073	297.294	590.367
1970	582.650	864.690	1.447.340
1971	412.749	836.659	1.249.408
1972	27.814	147.484	175.298
1973	8.689	32.414	41.103

Fonte: Associação Nacional de Exportadores e IEA.

QUADRO 95. - Preço de Milho Pago ao Produtor Paulista  
(Cr\$5/60kg)

Mês	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	15,26	13,65	19,88	25,84	31,38
Fev.	16,30	14,04	19,91	24,36	30,94
Mar.	13,39	13,83	19,57	21,12	31,62
Abr.	10,86	13,56	17,31	20,37	32,39
Mai.	8,96	13,62	15,76	21,58	33,14
Jun.	9,63	13,70	14,73	24,39	29,58
Jul.	10,07	14,46	14,71	29,20	...
Ago.	10,34	14,66	15,82	32,72	...
Set.	12,23	14,43	17,50	32,73	...
Out.	13,05	14,73	21,85	32,50	...
Nov.	12,99	15,12	24,02	30,85	...
Dez.	12,92	17,78	25,03	32,74	...

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

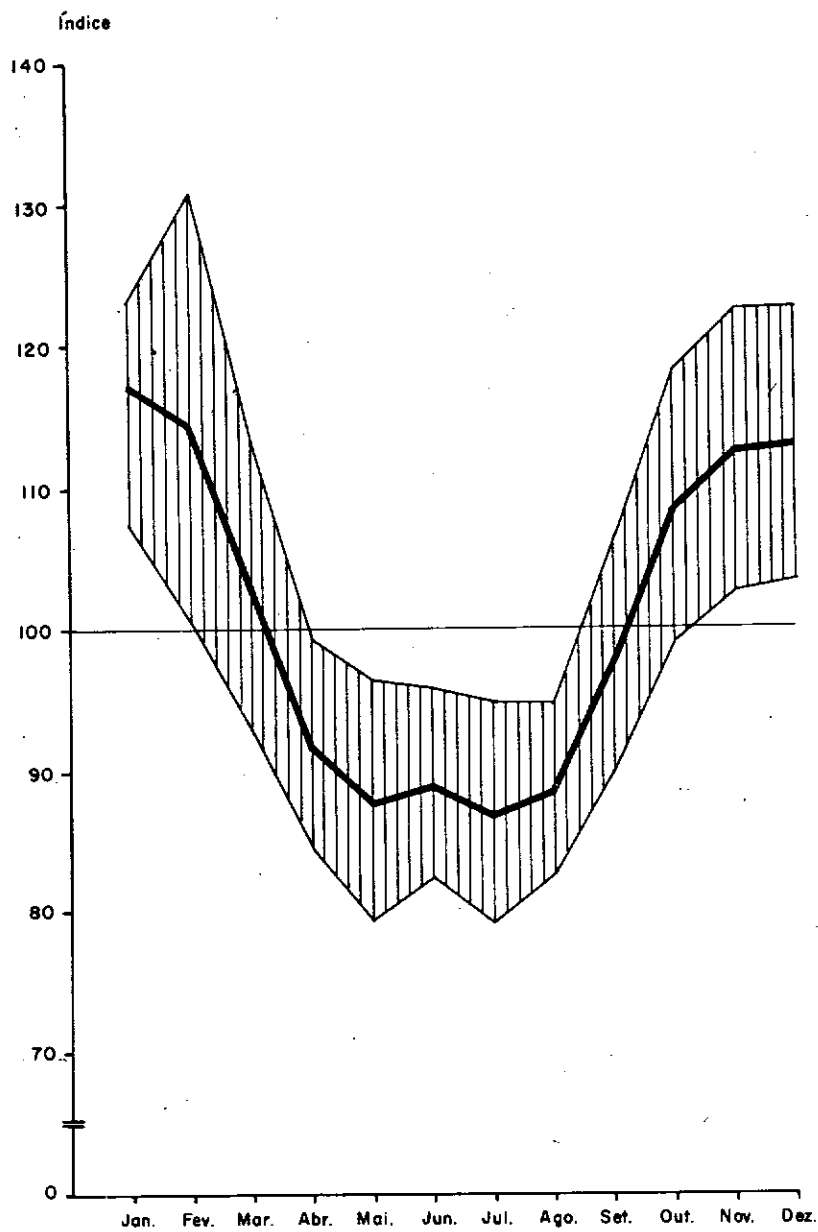


FIGURA 10. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Milho, Estado de São Paulo, 1966-73.

## Perspectivas

As previsões para 1974/75 indicam expansão geral das áreas de plantio de milho na América do Norte, Europa e União Soviética. E, se as condições permanecerem favoráveis, o suprimento mundial do cereal deverá elevar-se consideravelmente para o próximo ano agrícola.

Nos Estados Unidos, o acréscimo de 10% na área poderia levar a uma grande produção, entretanto, face aos suprimentos de fertilizantes, é possível que a produção não alcance as previsões oficiais de 169 milhões de toneladas. Inclusive, notícias mais recentes dão conta de quebra motivada por excesso de chuvas.

As atuais safras da África do Sul e Argentina possibilitam que nos próximos meses ambos sejam importantes exportadores, com potencial agregado de 9 milhões de toneladas. Estas previsões têm ocasionado baixa nos preços internacionais.

Do exposto pode-se prever que para os próximos meses deverá haver relativa tranquilidade quanto ao abastecimento mundial de milho.

No Brasil, até o início de julho, a comercialização da safra 1973/74 encontrava-se em seus primeiros estágios com a maior percentagem da produção retida nas propriedades.

Na atual conjuntura, as indicações são de que as transações internas deverão se realizar a nível levemente superior ou igual ao preço mínimo oficial (Cr\$ 30,00/saco no Estado de S. Paulo) desde que as cotações internacionais não apresentem modificações relevantes.

Embora os produtores demonstrem insatisfação diante dos preços recebidos, a cultura se apresenta como boa alternativa por sua fácil condução.

Assim, o Estado de Minas Gerais apresenta tendência à maior produção, através do deslocamento de fronteiras agrícolas. Em Santa Catarina, a maior demanda pelo cereal tem deslocado a cultura das antigas zonas produtoras (Oeste) para regiões próximas do Alto Vale do Itajaí, onde com o estímulo dado à calagem tem-se notado grandes ganhos na produtividade, possibilitando melhor produção para os próximos anos.

No Rio Grande do Sul, é esperada recuperação de áreas de plantio anteriormente delegadas à soja.

No Paraná e São Paulo as primeiras intenções de plantio dos produtores também indicam que se poderá registrar leve incremento na área cultivada de milho. Ainda para S. Paulo, o modelo de oferta projeta incremento de 1,7% na área. Porém, a produção só será maior se se repetir o rendimento recorde de 1973/74.

De modo geral, as perspectivas são de que haverá expansão na área brasileira de milho.

Em relação ao comércio internacional, verifica-se que o Brasil continua sem tradição como fornecedor de milho. Urge maior definição quanto a seu posicionamento como exportador, a fim de que se fixem os países compradores e se valorize o produto brasileiro, pela garantia de cumprimento dos contratos de venda.

Condição essencial para tal objetivo é o incremento da produtividade, o que permitirá custos unitários inferiores aos atuais. Para 1974/75, é estimado o custo operacional de Cr\$ 1.700,00/ha ou Cr\$ 34,50/sc.60kg admitindo-se o rendimento de 50sc./ha.



- Soja

- Panorama internacional

Em 1973/74 devido aos vigorosos aumentos ocorridos nas produções de soja nos Estados Unidos e Brasil, a produção mundial foi estimada em 62,62 milhões de toneladas, 10,88 milhões a mais da obtida em 1972/73, ou seja, mais 21% e superando de muito a taxa de aumento do ano anterior (9%) e a média do período 1965-72 que fora de 5,25% ao ano (quadro 96).

Os Estados Unidos mais uma vez confirmaram sua liderança na produção desta oleaginosa participando com 67% do global, a China com 15% e o Brasil, terceiro produtor, com 11%. Juntos esses três países somam 93% do total mundial.

QUADRO 96. - Produção Mundial, Estoques e Consumo Aparente de Soja, 1970/71 a 1974/75 (1.000t)

Item	1970/71	1971/72	1972/73	1973/74	1974/75 <sup>(1)</sup>
"Carry over" (30/9)	7.169	2.889	3.356	3.482	8.400
Produção	42.275	47.710	51.740	62.620	62.500
Consumo aparente	48.555	48.243	51.614	57.702	61.500
Estoque final	3.889	3.356	3.482	8.400	9.400

(<sup>1</sup>) Estimativa preliminar.

Fonte: Oil World Semi-Annual, Maio, 1974.

Deve-se observar que enquanto a oferta de soja mundial aumentou em 1973/74 de aproximadamente 20%, o consumo aparente só cresceu de 12%, permitindo uma recuperação nos estoques mundiais.

Para a nova safra de 1974/75 prevê-se que a produção a ser obtida situe-se no mesmo nível da anterior, ou seja, ao redor de 62,5 milhões de toneladas. Porém a oferta neste período deverá ser de 7% superior àquela devido ao maior "carry-over" (aproximadamente 8,4 milhões de toneladas) o que permitirá uma oferta global de 70,9 milhões de toneladas, contra a anterior de 66,1 milhões de toneladas.

A área americana para esta safra está ao redor de 55 milhões de acres (22 milhões de hectares), portanto 4% menor que a do ano passado. Estimava-se inicialmente que a produção a ser colhida a partir de setembro seria apenas 1,6% menor que a anterior, em decorrência de um bom rendimento. Todavia, notícias mais recentes (de julho) dão conta de uma quebra substancial de 100 milhões de bushels (2,6 milhões de toneladas) nas estimati-

vas americanas, o que significaria uma diminuição de 10% em relação à safra recorde de 1973.

As exportações mundiais de soja em grão no ano de 1973, totalizaram 15,2 milhões de toneladas, aproximadamente 13% mais que a de 1972. Desse total, os Estados Unidos exportaram 13,24 milhões de toneladas (87,2%) e o Brasil 1,83 milhão de toneladas ou seja, 12,1%.

Quanto aos países importadores, situam-se como principais o Japão, com 25% do total, Alemanha Ocidental (19%), Países Baixos, Itália, Reino Unido, Taiwan, Dinamarca e URSS (quadro 97).

QUADRO 97 - Importações de Soja em Grão, 1971-73  
(1.000t)

País	1971	1972	1973	Variação (%)	
				1972/71	1973/72
Japão	3.211,6	3.395,6	3.634,6	+ 5,7	+ 7,0
Alemanha Ocidental	2.095,6	2.236,6	2.837,4	+ 6,7	+26,9
Espanha	1.311,0	1.428,5	834,5	+ 8,9	-41,6
Países Baixos	1.208,9	1.608,7	1.269,0	+33,1	-21,1
Itália	857,8	818,6	840,0	- 4,1	+ 2,6
Reino Unido	306,5	538,5	779,4	+75,6	+44,7
Taiwan	522,6	711,6	626,0	+36,0	-12,0
Dinamarca	491,1	533,3	388,0	+ 8,6	-27,2
URSS	-	252,0	723,0	...	+286,9
Outros	2.615,9	2.273,6	2.684,1	-13,1	+18,0
<b>Total mundial</b>	<b>12.621,0</b>	<b>13.797,0</b>	<b>14.616,0</b>	<b>+8,9</b>	<b>+5,9</b>

Fonte: Oil World Semi-Annual, Maio, 1974.

Como observado anteriormente, a produção de soja obtida em 1973/74 permitiu uma recuperação parcial dos estoques mundiais, que desde 1969/70 estavam baixos, visto que as produções nesses últimos anos não foram capazes de permitir excedentes, agravadas pela queda de produção de outras oleaginosas.

Outrossim, o aumento da oferta neste último ano não ocorreu somente para a soja, mas também para outras oleaginosas, de modo que a oferta total de sementes de oleaginosas em 1973/74 foi aproximadamente 12% maior que a de 1972/73 e, no momento, espera-se que em 1974/75 ocorra um novo aumento de 4% (quadro 98).

Por outro lado, observou-se em 1973/74 uma recuperação da produção da farinha de peixe no Peru que vinha exercendo pressão altista no mercado de farelos.

QUADRO 98. - Produção Mundial, Estoques e Consumo Aparente de Sementes Oleaginosas, 1970/71 a 1974/75 (1.000t)

Item	1970/71	1971/72	1972/73	1973/74	1974/75 <sup>(1)</sup>
"Carry over" (30/9)	8.264	6.207	5.952	4.860	9.370
Produção	105.143	108.954	110.716	125.508	126.720
Consumo aparente	107.200	109.209	111.808	120.998	125.600
Estoque	6.207	5.952	4.860	9.370	10.490

(<sup>1</sup>) Preliminar.

Fonte: Oil World Semi-Annual, Maio, 1974.

Com a colheita da última safra americana e sua comercialização, bem como pela recuperação de produção de outras oleaginosas, iniciou-se a partir de fevereiro de 1974 uma queda nas cotações internacionais tanto de soja em grão como de farelo. Assim, no decorrer do ano de 1974 as perspectivas são de que os preços da soja não atinjam aqueles de 1973, os quais podem ser considerados excepcionais e até certo ponto consequentes da crise monetária mundial.

As primeiras estimativas para o ano de 1974/75 indicam uma situação idêntica a do ano que finda em setembro, ou seja, uma produção mundial de sementes de oleaginosas (especialmente de soja) suficientes para suportar a demanda anual apesar do aumento do consumo previsto e inclusive com condições de elevarem-se os estoques mundiais. As indicações são de que os preços da soja no mercado mundial, quando da sua comercialização em 1974/75, não deverão situar-se muito acima dos observados nos últimos meses (quadro 99). Mais recentemente (final de junho e julho) verificou-se reação nas cotações internacionais que atingiram US\$255/t CIF Rotterdam; tal reação seria parcialmente explicada pela evolução da safra americana.

#### - Situação interna

No ano de 1974 a produção brasileira atingiu novo recorde ultrapassando a 7 milhões de toneladas e apresentando, em relação à safra passada, um aumento de aproximadamente 43%, ou seja, igual ao incremento da safra passada sobre a precedente.

O Rio Grande do Sul mais uma vez foi o primeiro estado produtor com 53% do total, seguido pelo Paraná com 30%, São Paulo 9%, Santa Catarina 3% e os demais com 5% (quadro 100).

Esse crescimento vertiginoso da cultura da soja no Brasil, 374% nos últimos 5 anos, é decorrente de vários fatores:

a) produto que vem encontrando segura colocação no mercado externo a preços compensadores, tanto "in natura" como para seus derivados (óleos e farelo);

QUADRO 99. - Cotações Internacionais de Soja (USA nº 2), 1968-74  
(US\$/t - CIF - Rotterdam)

Mês	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	110	107	107	125	125	214	261
Fev.	111	107	110	125	127	259	271
Mar.	110	107	111	124	135	258	265
Abr.	109	107	112	119	140	260	235
Mai.	109	107	115	122	140	358	229
Jun.	107	105	118	127	138	470	...
Jul.	107	105	122	134	141	330	...
Ago.	106	99	120	131	141	331	...
Set.	100	95	119	124	135	266	...
Out.	99	99	123	125	136	241	...
Nov.	104	101	125	125	148	239	...
Dez.	105	102	121	112	174	254	...
Média anual	105	103	117	126	140	290	...

Fonte: Oil World Weekly.

b) cultura de boa rentabilidade econômica tratando-se de exploração moderna e mecanizável em todas as fases; e

c) na parte sul do País, cultivada em rotação na mesma área do trigo, permitindo a maior utilização da terra e do capital.

Foi no Estado de São Paulo que a produção de soja, em 1974, apresentou o maior incremento (95%), quando comparada com a de 1973 (a melhor expectativa era de aumento de 45%); nos estados do Rio Grande do Sul e Paraná os aumentos foram de 33% e 49%, respectivamente (quadro 101).

As exportações brasileiras no decorrer do ano de 1973 atingiram a 1,8 milhão de toneladas para a soja em grão e 1,4 milhão de toneladas de farelo e torta de soja, contra 1,04 milhão de toneladas em grão e 1,45 milhão de toneladas em farelo e torta em 1972. O governo brasileiro, em abril de 1973, a fim de evitar que as exportações da soja em grão e de farelos viessem a ocasionar problemas no abastecimento do mercado interno, estabeleceu um sistema de contingenciamento das exportações destes produtos (1 parte retida para 3 partes exportadas).

Ao início de 1974, com a finalidade de evitar uma alta nos preços de rações e óleo no mercado interno, o governo manteve o contingenciamento para as exportações, porém alterando a relação no caso dos farelos para 1 por 5. Com isso, pretendia-se um estímulo para maior exportação de farelos, liberando-se uma quantidade maior de óleo para o abastecimento interno. Todavia, no início de abril, com a queda nas cotações internacionais, o produto brasileiro não encontrou condições para exportações tão favoráveis como no ano an

QUADRO 100. - Produção Brasileira e Principais Estados Produtores de Soja, 1969/70 a 1973/74  
(tonelada)

Estado	1969/70		1970/71		1971/72		1972/73		1973/74 <sup>(1)</sup>	
	Produção	%	Produção	%	Produção	%	Produção	%	Produção	%
Rio Grande do Sul	976.000	64,7	1.200.000	57,1	2.000.000	57,1	2.826.500	56,5	3.800.000	53,1
Paraná	348.600	23,1	567.100	27,0	966.203	27,6	1.460.300	29,2	2.170.000	30,3
São Paulo	97.800	6,5	93.600	4,5	222.000	6,3	330.000	6,6	642.000	9,0
Santa Catarina	52.998	3,5	100.000	4,8	130.000	3,6	166.100	3,3	200.000	2,8
Outros estados	33.142	2,2	139.300	6,6	181.797	5,2	220.400	4,4	350.000	4,8
Total	1.508.540		2.100.000		3.500.000		5.003.300		7.162.000	

<sup>(1)</sup> Dados Preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola - SP., CEPRES - PR, Ministério da Agricultura.

terior, sendo retirada a imposição de contingenciamento para a exportação e permanecendo apenas a proibição da exportação de óleo de soja, em razão da deficiência de abastecimento que ocorre neste setor.

QUADRO 101. - Área, Produção e Rendimento da Cultura de Soja, Estado de São Paulo, 1968/69 a 1973/74

Ano	Área (1.000ha)	Produção (1.000t)	Rendimento (kg/ha)
1968/69	47,6	60,0	1.260
1969/70	66,9	97,8	1.462
1970/71	87,1	93,6	1.075
1971/72	126,6	222,0	1.754
1972/73	200,0	330,0	1.650
1973/74 (1)	373,7	642,0	1.718

1  
( ) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Dada a atual conjuntura no mercado mundial pode-se dizer que no Brasil o comércio de soja, nos meses de fevereiro a junho de 1974, esfriou em razão dos menores preços oferecidos aos agricultores (quadro 102, figura 11). Assim houve uma estocagem muito grande do produto, à espera de alta nas cotações internacionais.

Em decorrência, até 31 de junho de 1974, somente foram exportadas pelo porto de Santos 23.382 toneladas de soja em grãos contra 168.112 toneladas para o mesmo período do ano anterior. No caso do farelo, a situação foi idêntica com uma exportação de 50.220 toneladas nesses primeiros meses contra 60.344 toneladas para igual período de 1973. Prevê-se que o total a ser exportado pelo Brasil de soja em grão neste ano atinja ao redor de 2,5 milhões de toneladas.

#### - Perspectivas

A soja que até o final de 1973 vinha registrando preços relativamente compensados para os agricultores, tornando-se um fator bastante significativo na expansão desta cultura, em 1974, ao início da comercialização da safra, passou a ter preços inferiores aos esperados devido a mudanças ocorridas no comportamento do mercado internacional. Tal fato veio ocasionar um certo descontentamento a esta classe de agricultores, inclusive com reflexos no escoamento da produção, em razão da tendência de estocar o produto à espera de melhores condições de venda.

Para a futura safra brasileira, as indicações permitem prever uma estabilização

da área plantada ao nível de 1973/74 sem grandes oscilações. Assim, o Brasil deverá produzir novamente ao redor de 7,0 milhões de toneladas.

QUADRO 102 - Preços Médios de Soja Recebidos pelos Produtores Paulistas, 1968-74  
(Cr\$/sc.60kg)

Mês	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	14,40	17,67	22,28	34,37	34,92	42,84	70,05
Fev.	17,50	18,14	25,67	30,00	33,02	58,54	72,83
Mar.	14,67	15,00	20,33	29,18	31,54	58,60	59,45
Abr.	16,08	19,50	20,59	30,36	33,60	53,90	62,50
Mai.	17,50	20,10	20,76	29,92	35,26	64,31	57,89
Jun.	16,64	19,36	23,09	30,93	35,69	84,46	54,49
Jul.	17,67	22,42	26,07	32,53	36,34	99,54	...
Ago.	18,57	20,12	26,42	34,71	37,06	96,82	...
Set.	17,96	18,96	26,74	35,24	38,52	93,67	...
Out.	14,00	24,41	28,74	35,85	40,61	73,10	...
Nov.	16,00	23,86	30,41	35,78	40,41	69,94	...
Dez.	18,40	25,86	32,34	36,84	40,00	70,94	...
Média (valor corrente)	16,62	20,46	25,35	32,01	36,40	72,22	...
Média (valor 1973)	38,93	39,70	41,07	43,04	41,86	72,22	...

Para o Estado de São Paulo a área dedicada à cultura da soja também não deverá sofrer grande alteração, devendo proporcionar uma produção equivalente a esta última, não se podendo esquecer o fator encarecimento de adubos capaz de provocar certa parcimônia no uso. O plantio de um hectare de soja é estimado em Cr\$ 1.200,00 aproximadamente, com 70% de aumento em relação a 1973/74.

Quanto aos preços, não são esperadas grandes altas em relação aos níveis de julho já que o mercado mundial tem uma estimativa de oferta global suficiente.

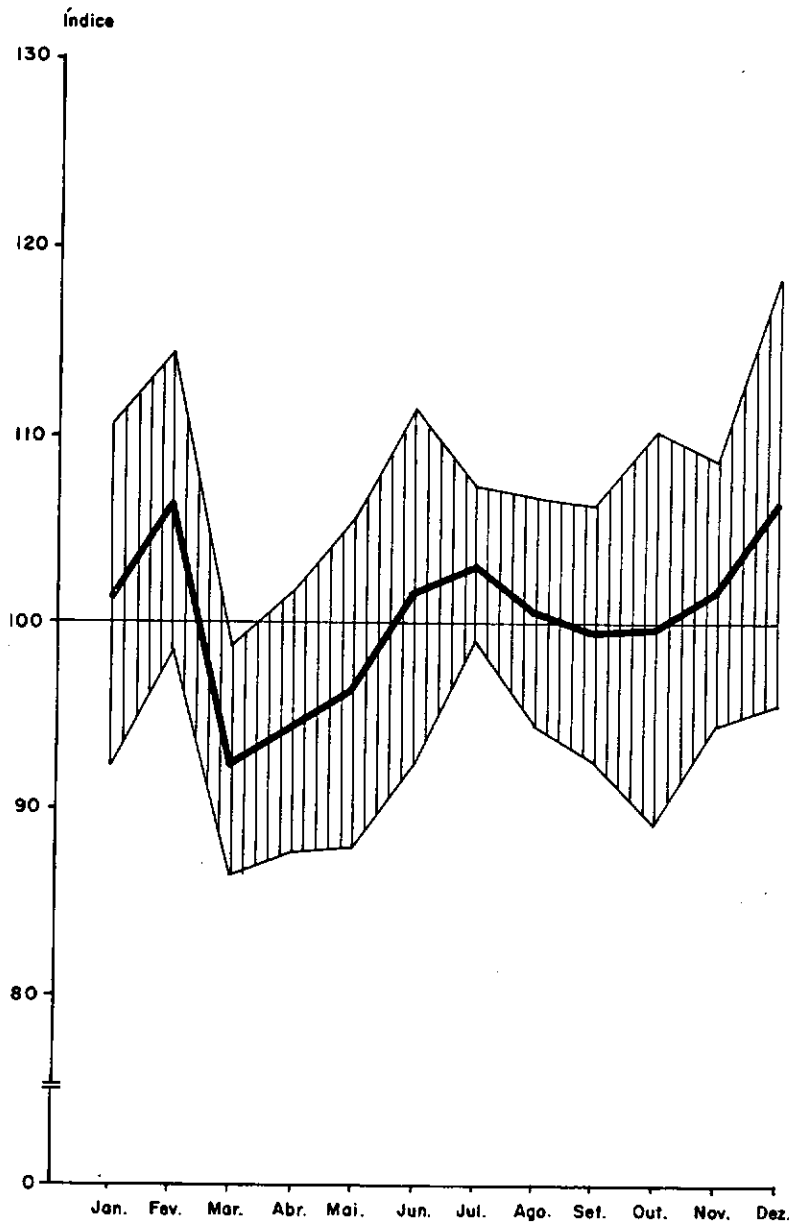


FIGURA 11. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Soja, Estado de São Paulo, 1966-73.



- Tomate

- Panorama internacional

A produção mundial de tomate em 1973 cresceu 3,7% em relação ao ano anterior, totalizando 33,5 milhões de toneladas. A elevação dos preços de produtos de tomate, em 1973, veio estimular para 1974 o aumento de plantio nos países de maior expressão no comércio internacional, com reversão na tendência de decréscimo que se vinha observando.

O aumento verificado de 16% na área plantada, em 1974, de tomate industrial nos Estados Unidos permitiu que se alcançasse 142 mil hectares contra 122 mil hectares de 1973. Na Itália também houve acréscimos da ordem de 20% a 25%.

O mais notável é a elevação do preço de tomate destinado à industrialização, que de US\$ 35,00 por tonelada, em 1972, passou para US\$ 42,00 por tonelada em 1973, devendo alcançar US\$ 60,00 por tonelada em 1974 nos Estados Unidos e US\$ 62,50 na Itália. Particularmente para os tomates da variedade Roma, destinados inteiros ao enlatamento, as cotações esperadas são de US\$ 115,00 nos Estados Unidos e US\$ 132,00 na Itália.

Normalmente os preços de extrato variavam de US\$ 250,00 a US\$ 300,00 por tonelada, mas em 1973 passou a ser negociado entre US\$ 500,00 e US\$ 800,00 por tonelada. Tal fato deve-se à rápida expansão da demanda internacional de produtos de tomate, cujas cotações deverão manter-se em níveis relativamente altos possibilitando a colocação do produto brasileiro em condições competitivas.

- Situação interna

A produção brasileira em 1973 foi de 815 mil toneladas, ou seja, 5,8% maior do que a anterior. A industrialização absorveu 210 mil toneladas de matéria-prima, quando as necessidades somente para atendimento do mercado interno seriam da ordem de 280 mil toneladas.

Destarte durante o período de outubro de 1973 a julho de 1974 permitiu-se a importação de 10 mil toneladas de extrato, equivalentes a cerca de 60 mil toneladas de fruto "in natura", para cobrir o déficit de abastecimento do mercado brasileiro. As importações foram feitas da Argentina, Estados Unidos e Portugal.

Uma vez obtida a produção de 400 mil toneladas de tomate industrializável em 1974, espera-se alcançar no total um milhão de toneladas no País.

Se essas cifras forem confirmadas, poder-se-á obter o pleno abastecimento da necessidade interna de 300 mil toneladas de matéria-prima, possibilitando a formação de estoques e excedente exportável.

Levantamentos extra-oficiais no Estado de São Paulo (mais recentes que o oficial de março) indicam a existência de 25 a 30 mil hectares plantados de tomate rasteiro, que dariam uma produção aproximada de 300 mil toneladas neste ano, contra 134 mil toneladas de 1973 (quadro 103). Em Pesqueira (PE) também é esperada uma colheita acima de 60 mil toneladas.

QUADRO 103. - Produção e Industrialização do Tomate, Estado de São Paulo, 1968-74  
(1.000 toneladas)

Ano	Produção total do Estado	Produção da cultura envarada	Produção da cultura rasteira	Volume industrializado	Volume comercializado CEAGESP
1968	419	275	144	170	181
1969	381	223	198	180	171
1970	440	286	154	210	224
1971	478	268	210	225	225
1972	488	322	166	190	225
1973	526	392	134	170	251
1974 (1)	597	297	300	320	...

(1) Preliminar, adotando o dado extra-oficial para a cultura rasteira.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

#### - Perspectivas

Na região Sul do Estado, incluindo os municípios de Apiaí e Guapiara, o plantio de tomate para mesa da próxima safra deverá ser do mesmo nível de 1973. Os preços relativamente elevados, registrados nos meses de abril e maio de 1974, foram provocados pela acentuada concorrência de compra pelas indústrias. Mesmo que não haja aumento na produção nos referidos meses, os preços absolutos deverão ser inferiores no próximo ano. A figura 12 mostra a variação estacional de preços no atacado, na cidade de São Paulo.

Já na região de Campinas, observa-se estabilização na área de plantio, e eventuais ocorrências de geadas condicionarão um abastecimento no segundo semestre de 1974 complementado pelo tomate rasteiro.

Na região de Taquaritinga e Monte Alto, tanto a área plantada quanto a produtividade permanecem nos mesmos níveis do ano anterior, ao redor de 9.800 hectares e 10t/ha. Por outro lado, registraram-se grandes expansões nas regiões de São José do Rio Preto, Araçatuba e Presidente Prudente, cuja espetacular expectativa de aumento na área é de 3.000 hectares em 1973 para 19.000 hectares em 1974.

Esse aumento foi estimulado pelos industriais que fizeram promoções junto aos produtores nas regiões de Araçatuba (Paoletti) e Presidente Prudente (CICA). Essas fábricas atualmente em fase de montagem quando prontas deverão industrializar anualmente 350 mil toneladas de tomate. Antes das suas inaugurações, a capacidade de absorção industrial no Estado era de 300 mil toneladas por safra.

Conforme declarações das indústrias, foram contratados pelo menos 32 mil hectares de tomate, tomando por base principalmente a distribuição de sementes. Por outro lado, sabe-se que os produtores adquirem sementes além da necessidade, ou plantam áreas menores que as contratadas. Os novos produtores atraídos pelas promoções da indústria, a despeito

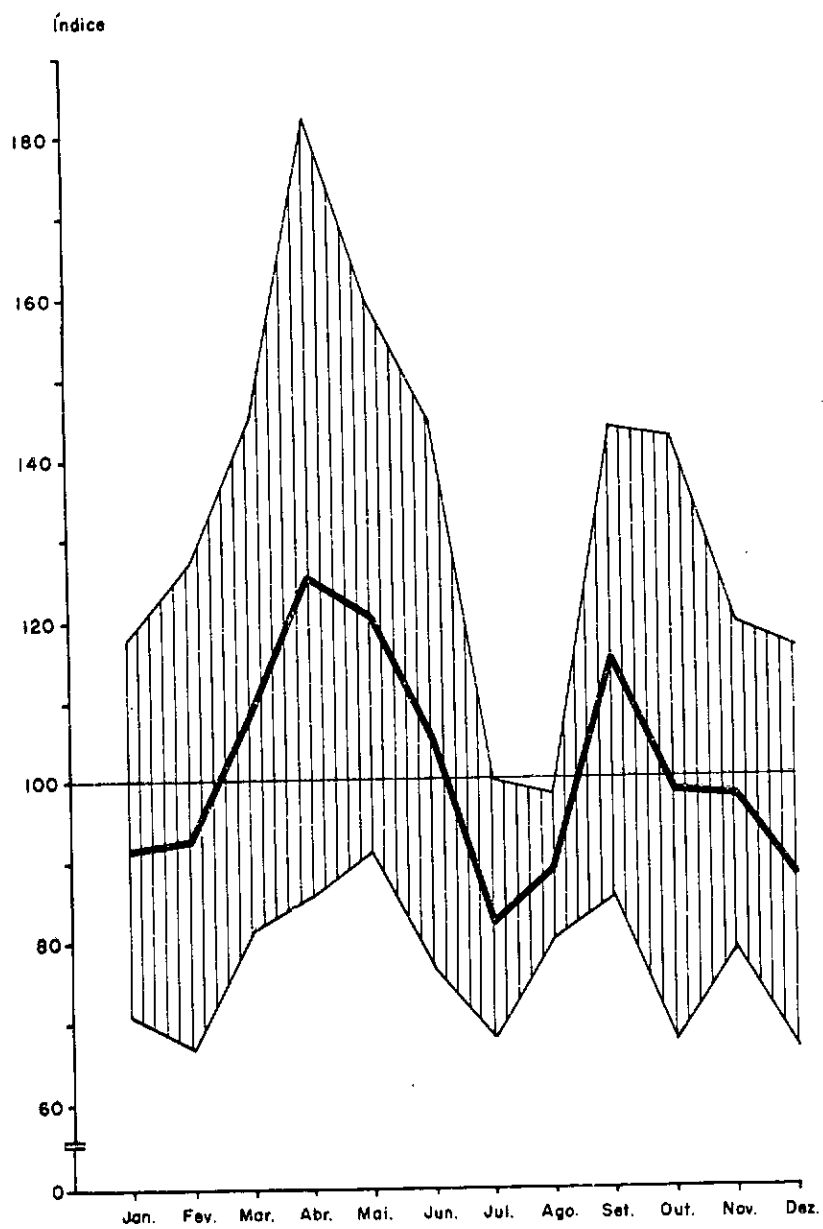


FIGURA 12. - Variação Estacional de Preço no Atacado de Tomate, São Paulo, 1966-74.

de elevados investimentos iniciais mas com pouco conhecimento técnico sobre a cultura, de verão ter baixos rendimentos agrícolas.

Existem ainda produtores que, ao mesmo tempo, firmam contratos com duas fábricas e compradores que procuram adquirir lavouras já contratadas pelas firmas concorrentes. Esses e outros fatores vêm dificultando o desenvolvimento harmônico dessa importante agro indústria.

Ao início da atual safra, as fábricas estavam comprando tomate a Cr\$ 0,38 por quilo na roça contra Cr\$ 0,40 a Cr\$ 0,45 por quilo pagos na safra anterior.

Para o tomate irrigado, o custo médio calculado pelo IEA para esta safra é de Cr\$ 5.950,00 por hectare (Cr\$ 14.400,00 por alqueire) para uma produtividade média de 18,6 toneladas, resultando no custo unitário de Cr\$ 0,32 por quilo.

Sabe-se porém que apenas 10% das plantações são irrigadas, sendo que o restante obtém apenas 8t/ha a custos estimados de Cr\$ 0,45 a Cr\$ 0,50 por quilo. Caso as fábricas continuem pagando Cr\$ 0,38 por quilo durante a safra inteira, deverá haver desestímulo dos produtores em prejuízo futuro da indústria.

#### - Trigo

##### - Panorama internacional

Rússia (29%) e Estados Unidos (12%) são os maiores produtores de trigo, cujo volume total em 1973 alcançou 377 milhões de toneladas.

Em 1972/73 a queda de produção elevou o preço do trigo no mercado internacional. Essa elevação se deveu principalmente à má colheita soviética e monções que castigaram a Índia em 1972. Isto provocou:

- a) volumosas compras de trigo americano pela URSS e em menor escala pela China;
- b) a suspensão das exportações pelo Mercado Comum Europeu e pela Argentina (país que se viu forçado a realizar as importações para honrar compromissos de exportação); e
- c) um forte incentivo às exportações do cereal pelos Estados Unidos para equilibrar sua balança comercial.

Para os analistas internacionais as reservas mundiais de trigo atingiram em fins de junho p.p. apenas um terço das cifras registradas há quatro anos atrás, e ao que tudo indica, os aumentos de produção em 1973/74 e a expectativa para elevações em 1974/75 serão suficientes para recuperar os estoques de segurança, sem que seja possível aumentar o consumo dos países menos favorecidos.

Segundo estimativas recentes, somente no Canadá e Estados Unidos neste ano deverão ser colhidas 76 milhões de toneladas de trigo, sendo 40 milhões para exportação. Na Comunidade Econômica Européia o excedente de trigo será de aproximadamente 10 milhões de toneladas métricas.

A maior incógnita diz respeito à produção da União Soviética. Especialistas prevêem que as colheitas na Rússia poderão superar 150 milhões de toneladas, o que será

mais do que suficiente para que o governo soviético deixe de recorrer à importação.

As previsões atuais de um equilíbrio a curto prazo no mercado mundial de trigo são ainda precárias já que se vem observando um processo de recuperação dos estoques. A escassez de combustível e fertilizantes, face às crises do petróleo, poderá limitar as vendas neste ano e a produção do próximo ano.

#### - Situação interna

Nesse contexto de escassez relativa, o governo brasileiro sentiu a necessidade de estimular aumentos de área e produção para os próximos anos, procurando reduzir a dependência do mercado externo para um produto cujas cotações e estoques internacionais têm oscilado profundamente nestes últimos anos.

O Brasil depende muito da importação de trigo. Em 1973 para um consumo aparente de 3,7 milhões de toneladas produziu-se 1,8 milhão. Para 1974 estão previstas importações da ordem de 2,7 milhões. Praticamente inexistem estoques de trigo no Brasil; em consequência, qualquer ameaça de crise no mercado mundial coloca o País em situação difícil. Foi o que ocorreu em 1973, e certamente para evitar que esses fatos se repitam, é que o Governo (estimulando a produção nacional) propiciou um preço mais compensador para a safra 1974 (de Cr\$ 45,00/sc. em 1973 passou a Cr\$ 80,00/sc. em 1974).

A produção brasileira nesses últimos anos apresentou algumas oscilações. Em parte justificadas por fatores climáticos adversos, incidência de pragas e de moléstias. Assim, em 1972, de uma previsão de 2 milhões de toneladas, a colheita se reduziu a apenas 685 mil toneladas, a mais baixa dos últimos 6 anos.

Em 1974, para o Estado de São Paulo (3º produtor brasileiro) as estimativas mostram uma elevação da área plantada de 87,1% em relação ao ano passado (plantaram-se 27.300 ha em 1972, 28.700 ha em 1973 e 53.700 ha em 1974). O aumento de área que se vem verificando no Estado se deve aos estímulos de preço, cuja elevação neste ano foi de 77,8%, sendo o Banco do Brasil quem adquire toda a produção.

Outro ponto a considerar é o deslocamento da área de cultivo que era feito exclusivamente no Sul do Estado (Itapetininga, Capão Bonito e Itapeva principalmente) com solos de baixa fertilidade, para o Vale do Paranapanema (na região agrícola de Assis) que apresentam solos de melhor qualidade. Nesta região, a rotação soja-trigo, permitindo duas colheitas anuais e melhor aproveitamento das máquinas, tem sido um dos estímulos à maior produção de trigo.

#### - Perspectivas

Como a preocupação atual do governo com relação ao trigo é reduzir as importações através de estímulos internos para aumento de área e produção antevê-se boa perspectiva para a triticultura nacional no próximo ano.

Dois motivos de grande importância atuam de forma positiva: preço subsidiado e suporte do crédito, pesquisa e assistência técnica.

No Vale do Paranapanema sente-se uma certa euforia para com o trigo. Se persistirem as boas condições de financiamento e preços remuneradores, além de futura garantia a

través do seguro agrícola (atualmente em estudo) essa região do Estado poderá especializar-se na cultura do trigo em prazo relativamente curto.

Um ponto importante a considerar como possível freio a uma expansão da área e da produtividade se refere à utilização de certos insumos principalmente fertilizantes, defensivos e combustível. Neste ano, estima-se um custo operacional de Cr\$52,00/sc.60kg.

- Aves

- Panorama internacional

A produção de carne de aves da Europa Ocidental continuou a expandir-se, em 1973, ainda que novamente sob moderada taxa de crescimento. Assim, o censo realizado pelo Reino Unido, em junho de 1973, registrou cerca de 53,9 milhões de frangos para corte, aproximadamente 6% superior ao de 1972.

Nos Países Baixos a taxa de crescimento verificada nos plantéis de corte foi de 3%, possibilitando sua recuperação ao nível de 1971. Ressalte-se que, embora tenha ocorrido redução no rebanho de 1972, a produção de carne chegou a superar em 1% a de 1971.

Os Países Baixos continuaram a ser os maiores fornecedores no comércio internacional, entretanto, até setembro de 1973, suas exportações mantiveram-se em nível inferior ao do mesmo período de 1972. Também se verificou retração nas vendas externas de carne de aves da Dinamarca, enquanto que França e Alemanha Ocidental continuaram a expandir seus mercados.

Nesse ano (1973) enquanto a produção norte-americana de frangos permaneceu levemente inferior (2%) a de 1972, o total de aves abatidas foi praticamente mantido, possibilitando assim que suas exportações de carne de aves fossem superiores às do ano anterior. Também se constatou a prevista alta nos preços médios do frango abatido (50%).

Para 1974, as recentes quedas nos preços dos ingredientes para rações poderão levar a um restabelecimento da produção norte-americana de frangos aos níveis de 1972.

Em março de 1974, as cotações européias para carne de aves apresentaram-se comprimidas (27% abaixo das verificadas no mesmo mês de 1973) como consequência dos grandes estoques dos principais países produtores (Holanda e Dinamarca).

A demanda doméstica nesses países encontra-se retraída, com os preços internos insuficientes para cobrir os custos de produção. Como resposta a esta situação têm-se verificado algumas reduções na produção e há notícia do interesse de grupos industriais europeus em exportar pelo menos parte do estoque excedente da Comunidade Européia, a fim de restaurar o equilíbrio na produção.

- Situação interna

Em 1973, a produção brasileira de carne de aves continuou seu excelente ritmo de crescimento atingindo 450 mil toneladas. O Estado de São Paulo, maior produtor, contribuiu com 208 mil toneladas, participando com 46% do total nacional e confirmando as

previsões do Prognóstico 73/74. Este incremento foi da ordem de 19%, bastante superior à taxa de 3% observada no ano precedente.

O rebanho reprodutor para corte foi elevado para 3,9 milhões de matrizes, sendo seus principais estados criadores: São Paulo (49%), Minas Gerais (11%), Rio Grande do Sul (8%), Pernambuco (7%) e Rio de Janeiro (7%).

No decorrer de 1973, a avicultura em geral apresentou bom desempenho no abastecimento da população quando, a partir de junho, o deficitário suprimento de carne bovina veio desencadear maior demanda por outras fontes de proteínas.

Dessa forma, no segundo semestre a situação do mercado permaneceu favorável aos produtores de aves para corte, alcançando em São Paulo o preço médio recebido Cr\$ 3,57/kg de frango vivo que, em valores reais, corresponde a uma alta de 21% em relação ao recebido no semestre anterior.

Ressalte-se que a parcela recebida pelos produtores no preço final pago pelo consumidor também se elevou, atingindo 74%, quando nos últimos anos essa participação média oscilava ao redor dos 63%.

Destaque-se também que o item alimentação, responsável pelo maior ônus no total dos custos de produção de frangos de corte, apresentou alta de 21% em suas cotações médias reais. As medidas governamentais de janeiro de 1973, visando garantir o suprimento de rações e a estabilização da avicultura, conseguiram controlar o problema de escassez de matéria-prima, porém, obtiveram êxito parcial no controle de seus preços.

Ainda assim, numa retrospectiva geral, o ano de 1973 transcorreu de forma amena para a avicultura de corte, com a maior estabilidade no mercado, compensando os altos custos de produção.

#### - Perspectivas

Nos primeiros meses de 1974, a atividade tem apresentado certas dificuldades na comercialização do produto.

Não obstante a normalização da produção, com os preços de rações praticamente inalterados e relativa estabilidade nos custos (embora se observe elevação nas cotações de pintos de um dia) tem-se constatado retração no ritmo de crescimento do consumo da carne de aves comparativamente à produção.

Outrossim, ainda que no momento os preços estejam bem superiores aos da mesma época do ano passado, a partir de janeiro de 1974 têm-se verificado contínuas baixas.

Como forma de equilibrar o mercado, o setor vem se utilizando da frigorificação, visando a formação de estoques reguladores, para colocá-los nos meses de menor produção de carne (agosto e setembro).

A alternativa de exportação dos excedentes esbarra nos diferenciais dos altos custos brasileiros em relação aos principais países exportadores de carne avícola, tornando-se inviável no momento.

De acordo com a elevação no número de matrizes, é esperada uma expansão na criação de aves para 1974. Realmente, tem-se verificado incremento nos plantéis existentes; entretanto, há que se considerar que face ao desestímulo dos atuais preços é possível que ocorra desistência de muitos produtores.

Há esperanças de maior equilíbrio entre a oferta e demanda nos próximos meses e, mesmo assim, constata-se um leve clima de pessimismo quanto à situação econômica de muitos avicultores.

- Ovos

- Panorama internacional

Nos últimos anos, a produção mundial de ovos tem-se mantido praticamente inalterada.

Em 1973, observou-se redução nos plantéis de poedeiras dos Estados Unidos e Reino Unido, não se obtendo, entretanto, queda na produção mundial de ovos, que chegou a atingir 22,6 milhões de toneladas, cerca de 1% superior a de 1972, embora houvesse uma expectativa de baixa.

A Comunidade Econômica Européia continuou a ser o palco das maiores transações do mercado internacional de ovos e seus sub-produtos. Nos primeiros meses de 1973, a Bélgica quebrou seu ritmo de negociações externas reduzindo suas vendas em 2% relativamente ao mesmo período de 1972. Esta queda foi devida principalmente ao refreamento de compras de alguns países da própria CEE.

Os Países Baixos, entretanto, continuaram a expandir suas exportações, sendo que, até outubro de 1973, suas vendas foram 19% superiores às do mesmo período anterior, graças ao incremento das aquisições do Reino Unido e Alemanha Ocidental.

Nos Estados Unidos, os baixos preços e a formação de estoques durante grande parte de 1972 levaram os produtores a reduzir a reposição em seus plantéis. Este fato aliado à eliminação de grande número de galinhas, a fim de controlar a incidência de Newcastle na Califórnia, resultou numa retração de 4,3% na produção de ovos de 1973. Em consequência, a cotação média anual, comparada à do ano anterior, apresentou alta de 70%; e o consumo per capita reduziu-se levemente.

Até março de 1974 a produção norte-americana situou-se em nível inferior ao do mesmo período do ano passado, porém, com o atual aumento na produtividade espera-se que a presente produção exceda a de 1973.

As cotações neste primeiro semestre estão previstas em níveis inferiores aos vigentes na mesma época de 1973 e, mesmo com a alta normal no segundo semestre, a média anual deverá ser mais baixa do que a verificada anteriormente.

O comportamento da produção norte-americana está na dependência dos custos com a alimentação. Se os preços de rações e dos ovos estiverem favoráveis espera-se menor quantidade refugada de aves e maior forçamento de muda de penas para aumentar a produção. Entretanto, se as condições acima não se verificarem, o contrário poderá ocorrer.



## - Situação interna

O aumento da produtividade das poedeiras tem suplantado com êxito a redução no número de matrizes para postura, verificado em 1972.

A produção paulista, responsável por mais de dois terços da produção nacional, atingiu aproximadamente 424 milhões de dúzias de ovos, cerca de 20% superior à do ano anterior e superando em 19% o recorde atingido em 1971.

Em 1973 o setor foi agraciado com melhores condições para seu desenvolvimento do que em anos anteriores. A redução no número de produtores eventuais permitiu maior programação na produção e, conseqüentemente, maior equilíbrio de mercado.

Como citado para aves, o fornecimento de matéria-prima para rações não sofreu problemas de continuidade e os preços de ovos recebidos pelo produtor possibilitaram sensível recuperação da relação preço ovo - ração (indicador da quantidade de ração possível de ser adquirida com o produto da venda de uma dúzia de ovos).

O preço médio recebido pelos produtores paulistas passou de Cr\$ 48,76/cx. de 30 dz, em 1972, para Cr\$ 72,60 em 1973, evolução que em valores reais indica uma alta de 29%. O quadro 104 e a figura 13 mostram o comportamento dos preços ao produtor nos últimos anos. Também se verificou razoável incremento na margem do produtor, a qual atingiu 82% quando, nos últimos anos, vinha oscilando próxima a 67%.

A melhor programação desenvolvida pelo setor produtivo pôde manter os preços estáveis após as festas natalinas, época em que costumeiramente há retração no consumo e conseqüente queda nos preços.

A situação ainda permaneceu favorável para os produtores nos primeiros meses de 1974, com o preço médio recebido sendo em 23% superior ao vigente na mesma época do ano passado.

A avicultura paulista continua a abastecer outros estados, com o escoamento da produção para as grandes capitais (Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba e Salvador).

## - Perspectivas

O plantel brasileiro de matrizes para postura em 1973 continuou em retração, porém com menor taxa (2%) do que a verificada entre os dois anos precedentes (16%); e nos primeiros meses de 1974 tem mostrado tendência de recuperação aos níveis de 1971.

Este fato aliado à elevada produtividade obtida neste primeiro semestre poderá resultar numa nova expansão da produção de ovos.

A existência de estoques de carne de frangos, com conseqüente redução da demanda de galinhas, e a boa produtividade nas poedeiras velhas têm levado os avicultores a não refugá-las, como sõe ocorrer nos meses frios (maio e junho). Entretanto, em maio último, com a retração no consumo, as cotações para ovos principiaram a cair. Este fato aliado à recente medida governamental, publicando uma lista de preços ("tabelão") para venda aos consumidores trouxe grande inquietação ao meio produtor.

A Cr\$ 4,10/dz. de ovos "extra", embalados em caixa de isopor, constatou-se esfriamento no processo de comercialização, com os revendedores indecisos perante a menor

QUADRO 104. - Preço Médio <sup>(1)</sup> Recebido pelos Produtores de Ovos, Estado de São Paulo, 1968-74  
(Cr\$/duzia)

Mês	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	0,60	0,81	0,82	1,01	1,43	1,72	2,77
Fev.	0,62	0,74	0,98	0,97	1,45	1,82	3,07
Mar.	0,74	0,84	1,06	1,42	1,65	2,07	3,09
Abr.	0,74	1,01	1,00	1,55	1,73	2,41	3,43
Mai.	0,77	1,00	1,23	1,59	1,47	2,34	3,34
Jun.	0,88	0,92	1,23	1,83	1,53	2,52	...
Jul.	0,81	0,91	1,08	1,45	1,83	2,61	...
Ago.	0,71	0,87	1,00	1,28	1,80	2,66	...
Set.	0,66	0,80	0,98	1,28	1,57	2,69	...
Out.	0,68	0,86	1,01	1,23	1,59	2,68	...
Nov.	0,71	0,84	1,08	1,24	1,73	2,69	...
Dez.	0,79	0,85	1,05	1,31	1,71	2,71	...
Média Anual	0,72	0,87	1,04	1,35	1,62	2,42	...

(<sup>1</sup>) Ponderado segundo os tipos.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

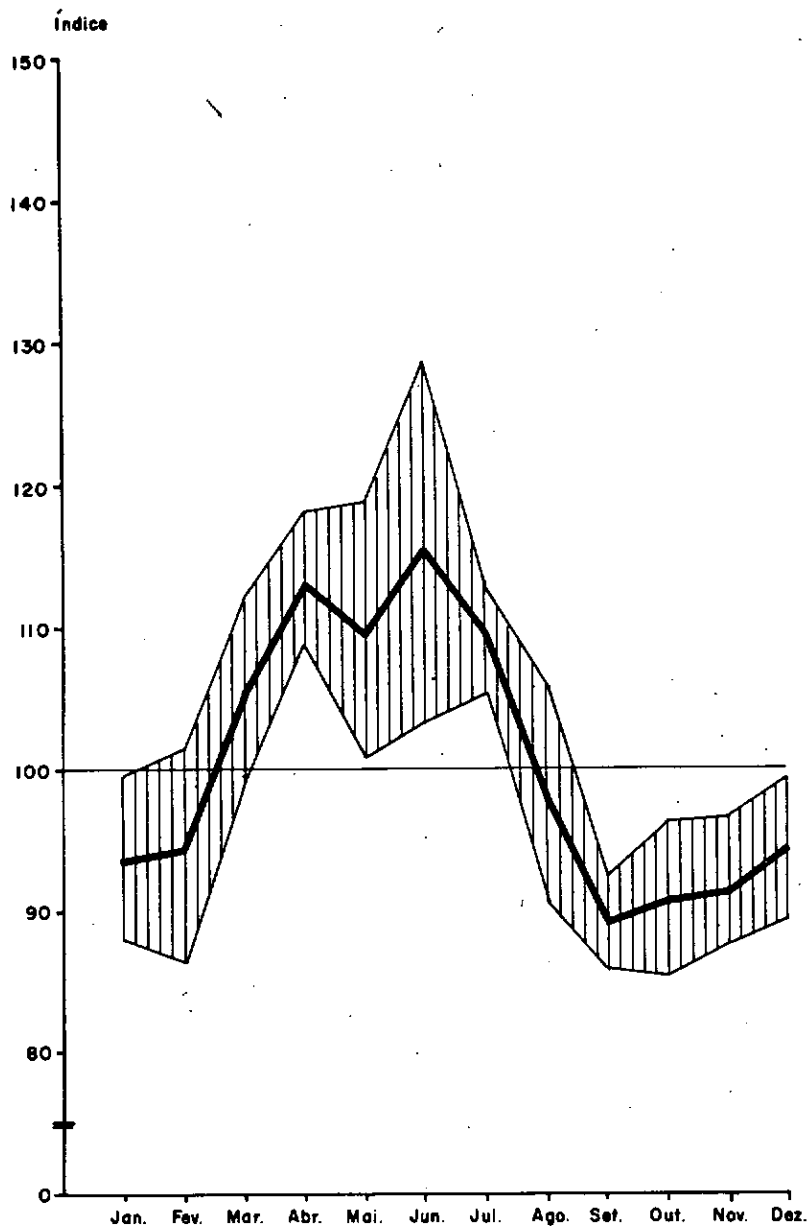


FIGURA 13. - Variação Estacional do Preço Recebido pelo Produtor de Ovos, Estado de São Paulo, 1966-73.

margem de lucros e os criadores iniciando processo de refugamento que viria refletir-se no mercado de aves.

Com a continuidade dessa situação, os avicultores temem uma nova baixa nas cotações e a possibilidade de repetição do ocorrido em 1972, quando foram obrigados a vender em condições deficitárias. Eventualmente, o reajuste para Cr\$ 4,50/dz de ovos "extra" poderá atenuar essa perspectiva.

Os demais recursos para escoamento dos excedentes da produção - a exportação e a frigorificação - encontram-se dificultados pelos altos custos brasileiros de produção.

Como o consumo per capita brasileiro é ainda baixo (menos de 60 ovos/ano) o refreamento da produção, visando a não saturação do mercado, é, acreditam alguns interessados, a melhor solução para a estabilização da avicultura a curto prazo.

Para os próximos anos a intensificação da industrialização do ovo e sua maior utilização em sub-produtos deverá trazer aumento na demanda melhorando as perspectivas de desenvolvimento para a avicultura de postura.

#### - Pecuária de Corte

#### - Panorama internacional

O clima de otimismo que se observava em 1972 e início de 1973, com relação ao mercado internacional de carne bovina, foi seriamente abalado pelos reflexos da crise de energia, cujos efeitos se fizeram sentir com maior intensidade a partir do último trimestre de 1973.

No ano passado, o volume do comércio internacional aumentou em relação a 1972, que já havia sido um ano de recuperação, sendo que até o início do 2º semestre a Austrália e a Nova Zelândia tinham aumentado em 15% e 19%, respectivamente, as suas exportações.

As políticas de aumento de produção, traçadas nos anos recentes, tendem agora a serem revistas pelos seus países, dado que a partir do presente ano já se observa um superavit do produto em poder dos países exportadores, função do declínio verificado na demanda internacional.

Este ano, as restrições às importações de carne estabelecidas pelo Mercado Comum Europeu e a suspensão por tempo indeterminado das importações japonesas abalaram as perspectivas dos países produtores que ficaram com a opção oferecida pelos Estados Unidos, atualmente com as suas barreiras quase totalmente abertas à carne estrangeira, visando controlar a ascensão interna dos preços do produto. No entanto, os países sul-americanos podem exportar para os Estados Unidos apenas carnes industrializadas.

Consequência imediata da retração do comércio, os preços internacionais que vinham em ascensão contínua, desde 1970, declinaram fortemente este ano, principalmente para as carnes congeladas, hoje quase sem mercado.

A Nova Zelândia e Austrália tiveram as suas exportações reduzidas nos primeiros quatro meses deste ano em comparação com o mesmo período do ano passado. Recentemen

te o Uruguai conseguiu vender 60 mil toneladas a US\$ 1.300,00/t, preço que já vigorava em fins de 1972.

A tendência do mercado internacional está indefinida, à espera que os países importadores consigam superar os graves problemas surgidos em suas balanças comerciais, para que possam traçar políticas mais definidas com relação ao produto. Aliado aos problemas surgidos em função do aumento dos preços do petróleo, os produtores dos países consumidores têm pressionado seus governos no sentido de que mantenham as restrições às importações e subsidiem a produção interna. Nos Estados Unidos a pressão é no sentido de que o governo reveja a sua posição e volte a estabelecer restrições à carne importada, que no entender dos produtores está causando "dumping" no mercado do seu produto e desestruturando toda a economia do setor, pressionada pelo nível dos preços dos grãos.

#### - Situação interna

O ano de 1974 começou com o mercado interno sob severo controle do Governo Federal, com a sua política voltada no sentido de garantir a normalização do abastecimento. A pecuária de corte que se vinha constituindo uma das atividades agropecuárias mais dinâmicas em São Paulo sentiu os efeitos dessa intervenção.

A produção de carcaça que em 1973 havia crescido cerca de 6% em relação a 1972 deverá sofrer uma redução, este ano em 1,5%, segundo as estimativas preliminares (quadro 105). Porém, os abates nos frigoríficos sob fiscalização do Serviço de Inspeção Federal (que em 1973 representaram 67% do abate do Estado) apresentaram uma redução de 35% referente aos três primeiros meses de 1974, com relação ao mesmo período do ano passado. Como esse primeiro trimestre representa cerca de 30% do abate anual, a perspectiva é de que a produção este ano seja bem inferior à estimativa feita.

No setor oficial a medida mais importante foi a substituição do tabelamento vigente até março, por um "acordo de cavalheiros", entre Governo e produtores, fixando o preço do boi gordo em Cr\$ 110,00 por arroba, com a liberação de cortes de traseiro e mantendo um tabelamento sobre os cortes de dianteiro. Tal medida veio ao encontro dos anseios dos criadores e revitalizou o mercado. No tocante às exportações, no entanto, continuou a restrição de fixá-las em 80.000 toneladas de carne industrializada, extinguindo-se as sobretaxas que existiam sobre as carnes exportadas.

Em 1973, houve uma reversão da tendência das exportações brasileiras (quadro 106).

QUADRO 105. - Evolução da Produção de Carne Bovina, no Estado de São Paulo, 1964-74

Ano	Pêso total de carcaça (t)	Valor da produção (Cr\$1.000)	
		Corrente	Cr\$ de 1973
1964	491.745	172.980	1.404.095
1965	491.878	277.584	1.436.691
1966	417.691	452.077	1.696.283
1967	451.200	505.344	1.477.322
1968	450.000	557.100	1.311.134
1969	484.000	680.504	1.326.302
1970	415.000	847.708	1.379.220
1971	440.000	1.261.348	1.703.955
1972	524.000	1.858.471	2.146.348
1973	554.500	2.957.315	2.957.315
1974 (1)	547.800	4.017.182	3.045.546

(1) Estimativa.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 106. - Exportação Brasileira e Paulista de Carne Bovina, 1964-73

Ano	Brasil (1) (t)	São Paulo (2) (t)	US\$/t (3)
1964	26.626	2.581	608,60
1965	53.354	12.680	679,62
1966	33.006	4.263	621,96
1967	19.378	5.127	580,72
1968	58.874	17.347	514,09
1969	93.942	26.344	563,95
1970	114.862	65.398	707,49
1971	123.119	55.189	1.112,29
1972	191.771	117.000	1.087,25
1973	134.000	56.570	1.505,05

(1) CACEX.

(2) Revista Mensal de Exportação pelo Porto de Santos.

(3) CACEX refere-se apenas à carne congelada e resfriada.

As exportações pelo porto de Santos, no período de janeiro a abril foram reduzidas em cerca de 35% com relação ao mesmo período do ano passado, o que de certa forma confirma as perspectivas pessimistas deste ano com relação ao mercado internacional. Assim, além dessa tendência, as restrições impostas às exportações do Brasil Central (30 mil toneladas) devem reduzir em cerca de 50% as exportações dessa região do País, para os próximos anos.

Outra medida tomada pelo Governo Federal foi a liberação para exportação do novilho precoce ou especial que, se bem conduzida, poderá obter um campo promissor no Estado de São Paulo. No tocante aos preços recebidos pelo produtor no Estado, observa-se que houve uma elevação, em valor real, de 22% no preço médio do boi gordo em 1973. Pode-se constatar também, pelo quadro 107, que o boi magro e o bezerro apresentaram também expressivos aumentos, de 18% e 23% respectivamente, confirmando a tendência de alta até o mês de junho. Os preços do boi gordo, que no início do presente ano estavam por volta de Cr\$ 90,00 a 95,00 por arroba, em junho já se situavam em torno de Cr\$ 105,00 a 110,00 com tendência a estabilizarem até pelo menos o início da entressafra. O boi magro, no entanto, continua escasso e seu preço mantém-se firme e em ascensão desde outubro do ano passado, estando atualmente em torno de Cr\$ 1.300,00 por cabeça.

QUADRO 107.- Evolução dos Preços Médios Recebidos pelos Pecuaristas do Estado de S.Paulo, 1964-74

Ano	Bezerro(Cr\$/cabeça)		Boi magro(Cr\$/cabeça)		Boi gordo (Cr\$/arroba)	
	Valor corrente	Cr\$ de 1973 (1)	Valor corrente	Cr\$ de 1973 (1)	Valor corrente	Cr\$ de 1973 (1)
1964	21,90	178,10	59,70	484,90	5,30	43,30
1965	36,50	188,90	98,50	509,70	8,50	44,00
1966	91,60	343,90	208,00	780,60	16,30	61,00
1967	81,50	238,30	201,70	589,70	17,00	49,70
1968	86,70	204,10	215,10	506,30	18,80	44,30
1969	83,50	162,80	197,90	385,70	20,90	40,80
1970	121,70	198,00	283,10	460,60	30,10	49,00
1971	209,20	282,70	477,60	645,20	42,10	56,90
1972	310,10	358,10	601,20	694,30	53,20	61,40
1973	409,50	409,50	816,50	816,50	76,50	76,50
1974 (2)	517,60	447,80	1.161,00	1.004,30	101,00	87,40

(1) Corrigido pelo Índice "2" da FGV.

(2) Estimado até maio.

Fato que merece destaque é a continuidade da política de federalização da inspeção nos abatedouros que, aliada à uma regionalização quanto à localização dos frigoríficos preferencialmente nas zonas produtoras, faz prever uma racionalização na produção e uma tendência de substituição do transporte de gado em pé pelo de carne resfriada. Outro aspecto dessa política de federalização que deve ser ressaltado é a dificuldade crescente quanto ao abate de animais de descarte.

O anunciado "Plano da Carne" a ser lançado pelo Governo Federal, visando definir uma política de produção de carnes a médio e longo prazos para o País, está sendo aguardado pelos produtores que esperam uma linha mais definida para o desenvolvimento da produção animal no Brasil. Tal plano poderá permitir que o setor produtivo possa ajustar produção e investimentos em prazo maior.

#### - Perspectivas

A tendência do mercado, especialmente quanto à futura safra, mostra basicamente quadro igual ao do ano passado. De um lado, as forças que atuam no sentido de perpetuar uma situação de oferta menor que a demanda e, portanto de ascensão de preços, representadas principalmente pelas deficiências do setor produtivo. O crescimento lento do rebanho paulista limitado pela área e produtividade das pastagens e pela constante evasão de matrizes jovens para povoar o norte do País, não tem permitido ao Estado suprir as suas necessidades, continuando na dependência de bois magros provenientes de outros estados, cada vez mais escassos e caros. A demanda interna, por seu turno, segue pressionada pelos aumentos populacionais e de renda, crescendo a cada ano e aumentando o desequilíbrio no período em que a produção naturalmente tende a diminuir (entre safra).

Por outro lado, a situação do mercado externo proporcionou este ano a formação de um estoque regulador, muito superior ao do ano passado. Assim, no Rio Grande do Sul estima-se hoje cerca de 30 mil toneladas para serem colocadas no mercado interno. Eventualmente, a redução das exportações do Brasil Central poderá acrescentar quantidade razoável a esse estoque disponível. A redução dos abates que se observou nos três primeiros meses do ano fez com que a oferta de bois gordos se deslocasse até agosto.

Dessa forma, o período crítico ficaria reduzido a três meses (setembro a novembro) e o estoque oficial teria condições de amenizar a tendência normal de aumento de preços que se verifica nessa época (figura 14).

Os preços devem continuar estáveis até agosto, quando deverão subir, tendo o seu pico em outubro-novembro.

Com relação ao resultado econômico da atividade, tudo indica que a pecuária paulista deve continuar mantendo os índices alcançados nos anos recentes. Observa-se também um crescente interesse dos pecuaristas das principais zonas produtoras, quanto ao emprego de uma tecnologia que lhes permita maior produção por área e redução na idade de abate, já que a tendência a médio prazo é de dificuldades cada vez maiores na aquisição do boi magro de outros estados, além do encarecimento das terras e dos insumos necessários à produção.



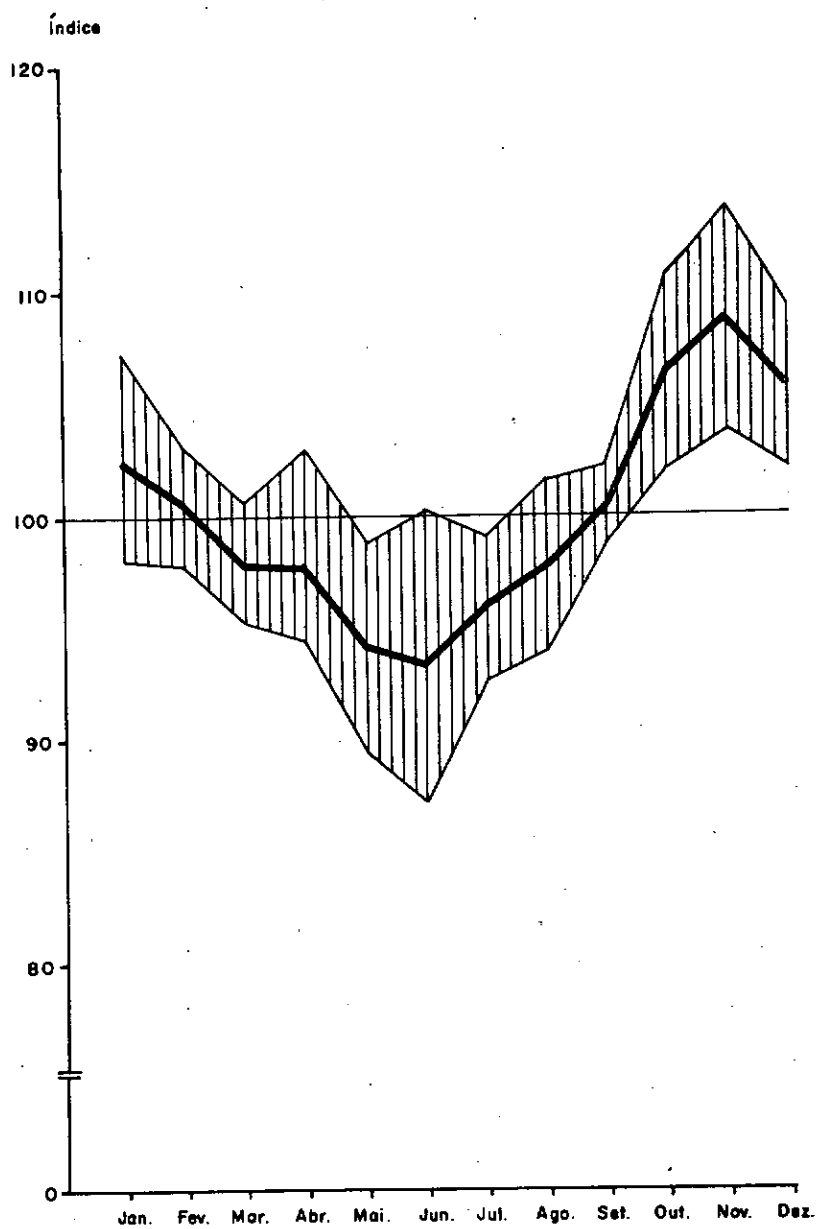


FIGURA 14. - Variação Estacional de Preços Recebidos pelo Produtor de Boi Gordo, Estado de São Paulo, 1966-73.

## - Pecuária Leiteira

### - Panorama internacional

Após um período de produções internacionais relativamente escassas nos anos de 1970 e 1971 face a políticas de desestímulo, tempo desfavorável e preços dos insumos, a produção de leite, principalmente na Europa e Oceania, tendeu a superar de novo, desde 1972, a demanda comercial. Isto se deveu em boa parte aos aumentos dos preços de leite e gado pagos ao produtor e dos preços a nível de varejo do leite e produtos lácteos.

Hoje se verificam novas campanhas de venda a preços baixos na Suíça e Noruega para dar saída aos excedentes de queijo e manteiga. Na CEE as medidas tomadas para inverter a tendência decrescente no consumo de manteiga estabeleceram, pela primeira vez, uma redução nos preços de sustentação enquanto que o preço administrado para o leite desnatado em pó se elevou uma vez mais de forma sensível.

Em alguns países da Europa Ocidental prosseguem planos para elevar o emprego do leite e produtos lácteos na alimentação animal. Calcula-se que, em 1973, leite líquido e em pó destinados à alimentação de animais na Europa Ocidental excederam 1,5 milhão de toneladas em equivalente de leite desnatado em pó.

Os Estados Unidos, antes grande exportador e doador de produtos lácteos para ajuda alimentar, vem sofrendo reduções em sua produção leiteira face aos elevados preços dos insumos e maior sacrifício de vacas. Em virtude disso houve suspensão dos programas de ajuda alimentar bem como se permitiu a importação de leite em pó, queijo, manteiga além de se conceder aumento do preço de sustentação do leite em 1973/74.

Países da Europa Ocidental e Rússia vêm dando maior atenção à produção leiteira, cujos governos vêm subvencionando as indústrias leiteiras a fim de baratear o preço ao consumidor.

Nos países em desenvolvimento, segundo a FAO, esforços têm se desenvolvido para elevar a produção de leite com a finalidade de por um freio no aumento da importação de leite em pó. Esses esforços têm sido compensados e favorecidos pelo fato de que vantagens comparativas na produção de leite nesses países têm sido reforçadas com a recuperação dos preços mundiais. Por outro lado, embora haja uma expansão substancial na produção de alguns desses países, o progresso geral da pecuária leiteira tem se mantido lento. A demanda continua elevando-se mais rapidamente que a produção. Esta defasagem é mais evidente em determinados países sul-americanos onde os governos prestam maior atenção ao consumo de leite e produtos lácteos.

### - Situação interna

No Brasil, embora se estime que a produção leiteira tenha aumentado no último decênio com mais rapidez que a população, o consumo per capita é ainda bastante baixo. Neste período há evidências que a taxa de crescimento da produção não tem contudo, acom

panhado a evolução da capacidade de absorção do mercado; em função disso, são conhecidas as crises de abastecimento nos grandes centros que se repetem em escala crescente principalmente nos meses de entre-safra (maio a outubro).

Na região sul (R.G.do Sul, Sta.Catarina e Paraná) dado o ritmo de crescimento na oferta do produto (6%) contra um crescimento populacional da ordem de 3,4%, provavelmente a curto prazo não haverá problemas sérios; idêntico raciocínio é válido para a região norte onde se registrou o maior incremento durante a década de 60 com a elevada taxa de 8%.

Já não se pode dizer o mesmo para Nordeste e Centro Oeste que poderão sentir nos próximos anos a falta do produto, principalmente na entre-safra. Para a região nordestina, o Banco do Nordeste estimou um déficit em 1980 ao redor de 1,7 bilhão de litros. Para a região Centro Oeste (Distrito Federal, Goiás e Mato Grosso) a elevação da renda per capita e a alta taxa de crescimento da população regional (5,6%) também levarão no futuro a uma situação de acentuada escassez, principalmente na entre-safra, se persistirem as tendências de produção e demanda.

No Estado de São Paulo a produção de leite declinou a partir de 1971 e já a produção de 1973 foi inferior a de 1970. Para 1974 estima-se nova queda (quadro 108).

QUADRO 108. - Evolução da Produção de Leite, Estado de São Paulo, 1970-74

Ano	Produção (milhões de litros)	Preço médio recebido pelo produtor (Cr\$/litro)	Valor da produção (Cr\$1.000)
1970	1.689,0	0,325	548.925
1971	1.711,0	0,391	669.001
1972	1.700,0	0,465	790.500
1973	1.567,0	0,630	987.210
1974 (1)	1.514,9	1,000	1.514.900

(1) Estimativa.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Em termos reais o preço médio recebido pelo produtor paulista no período (1948-73) experimentou grandes oscilações, mostrando pequena tendência de decréscimo.

Em termos absolutos, a distribuição do leite tipo C no Grande São Paulo começou a cair a partir de 1973. Assim, evidencia-se no quadro 109, que a distribuição do leite de janeiro a junho de 1974 foi inferior a igual período em 1972. A situação é mais grave ainda se se comparar os meses de maio a junho (início de entre safra) de 1970 e 1974.

Considerada a demanda potencial de leite C em torno de 1.650.000 litros diários verifica-se que o deficit nos meses de maio e junho de 1974 variou de 500 a 550 mil litros/dia. Nesta fase do ano a única solução encontrada tem sido importação e reidratação do leite em pó e, para tanto, no dia 16/6/74 a Comissão de Política Aduaneira (CPA)

isentou a COBAL de impostos para importação de 16.000 toneladas de leite em pó e 4.950 toneladas de óleo de manteiga (a ser adicionado ao produto) para distribuição posterior às cooperativas leiteiras.

QUADRO 109. - Distribuição de Leite tipo C na Grande São Paulo, 1970 até junho de 1974  
(1.000 l)

Mês	1970	1971	1972	1973	1974
Jan.	38.158	39.406	45.129	43.790	45.109
Fev.	34.881	34.835	43.609	36.170	39.447
Mar.	40.878	40.796	48.012	36.310	41.696
Abr.	40.139	41.445	44.342	34.596	37.537
Mai.	40.867	42.755	45.538	36.196	36.547
Jun.	38.455	37.263	40.589	34.817	33.687
Jul.	39.638	41.751	40.176	36.227	...
Ago.	40.268	45.167	42.211	34.713	...
Set.	40.180	43.601	43.011	32.169	...
Out.	41.732	46.006	43.149	37.796	...
Nov.	40.876	44.532	45.308	44.087	...
Dez.	39.638	46.358	45.560	46.461	...
Total	475.905	503.905	526.634	453.331	...

Fonte: SUNAB.

Essa medida autorizando somente a COBAL a importar visou evitar o encarecimento do produto e o fato verificado no ano passado quando a redução de alíquota e a importação desordenada do leite em pó permitiram que firmas não especializadas entrassem no negócio reidratando um tipo de leite que nos Estados Unidos é utilizado para rações animais.

Tal solução deve ser encarada no sentido de que a importação fosse limitada estritamente ao exigido na entre-safra para não agravar ainda mais os problemas futuros de abastecimento. A reconstituição do leite em pó poderia prejudicar principalmente os pequenos produtores, do leite popular (tipo C) que não têm condições de atender as exigências regulamentares para a produção do tipo B.

Diversos fatores podem ser apontados para que se prolonguem os problemas de abastecimento do Grande S. Paulo, na próxima temporada, entre os quais:

a) incentivos para o consumo de leite "in natura" no Vale do Paraíba, cuja crescente população vem sendo estimulada pelas Cooperativas a maiores índices de consumo per capita, inclusive para evitar o custo do segundo percurso;

b) entrega do produto às indústrias regionais que não cobram frete;

c) queda vertiginosa na produção do Sul de Minas face à incidência de febre aftosa em 30% do rebanho regional (Tres Corações, Cachoeira, São Gonçalo do Sapucaí e outros) e, paralelamente, a substituição pela cafeicultura.

Além do Sul de Minas, razoável volume de leite do Estado de Goiás tem entrado diariamente no Grande São Paulo (quadro 110) mostrando em junho de 1973 a maio de 1974 uma entrada média diária de 250 mil litros; 274 mil na safra (novembro a abril) e 226 mil na entre safra (maio a outubro). Como existem outras fontes (cooperativas e laticínios) e o Norte do Paraná também está enviando leite para o Grande São Paulo, estima-se em mais de 300 mil litros a entrada diária de leite "in natura" proveniente de outros estados. Este quadro revela que as fontes de abastecimento para o Grande São Paulo estão se deslocando para distâncias maiores (Estado de Goiás).

QUADRO 110. - Entrada de Leite "in natura" dos Estados de Minas Gerais e Goiás, no Grande São Paulo, junho 1973 a Maio 1974, Referente à Somente Três Fontes de Informações

Mês	Minas Gerais	Goiás	Total/mês	Total (média/dia)
Jun.	6.496.760	24.200	6.520.960	217.365
Jul.	6.728.161	96.357	6.824.518	220.145
Ago.	6.712.590	24.295	6.736.885	217.318
Set.	6.815.143	23.931	6.839.074	227.969
Out.	6.617.016	125.600	6.742.616	217.503
Nov.	5.976.430	1.043.660	7.020.090	234.003
Dez.	6.497.221	1.979.750	8.476.971	273.450
Jan.	6.820.849	2.412.740	9.233.589	297.857
Fev.	6.562.700	2.083.530	8.646.230	308.793
Mar.	6.947.298	1.613.840	8.561.138	276.166
Abr.	6.703.293	868.200	7.571.493	252.383
Mai.	6.964.235	850.200	7.814.435	252.078
Média diária	-	-	-	249.585

Fonte: Cooperativa Central de Laticínios, União e Vigor.

Com o propósito de estimular os produtores a rever seus programas de produção, procurando medidas que concorram para o crescimento da oferta do produto, mormente para consumo "in natura", o Conselho Monetário Nacional em 30/10/1973 traçou a política para leite em 1974, homologando as seguintes decisões:

- aumento de preços para o produtor de 16,4% (Cr\$ 0,85) e 17,7% (Cr\$ 1,00) respectivamente em janeiro e 15 de maio de 1974, o que corresponde a um aumento acumulado outubro 1973/maio 1974 de 54%;

- alocação inicial de 200 milhões de cruzeiros para o programa de desenvolvimento da

pecuária leiteira (crédito de investimento).

Na época, essas medidas foram recebidas sem reservas pelos produtores que viam em condições previamente estabelecidas estímulos importantes (em parte explicando o aumento verificado na distribuição de leite no Grande São Paulo nos meses de novembro e dezembro/1973 e janeiro de 1974); sentiram porém nos primeiros meses de 1974 uma ascensão muito rápida dos custos de produção. Em função disso várias foram as reivindicações de antecipação para março e abril do aumento previsto para 15 de maio.

Os problemas do leite não ficam somente na área de produção. Na área de distribuição, no início da entre-safra sugeriram-se medidas como contingenciamento do leite "in natura" e redução na produção de iogurtes e outros derivados para atenuar a capacidade ociosa que os distribuidores suportam nesse período. Outra sugestão é que o Governo deveria subvencionar a importação ou então autorizar a reidratação com um índice de gordura inferior aos 3% exigidos. Em junho, Conselho Nacional de Abastecimento (CNA) autorizou a produção somente no Estado de São Paulo do "leite reconstituído" (2% de gordura) estabelecendo o preço ao consumidor de Cr\$ 1,30.

#### - Perspectivas

A pecuária leiteira paulista, como de resto do País, se encontra diante de um impasse. As soluções devem ser caracterizadas através de programas de médio e longo prazos.

Em São Paulo, por exemplo, são necessárias medidas corretivas em todas as fases desde a produção até o consumo. Soluções como a do leite reconstituído para evitar crises no abastecimento durante esta entre safra são mais de caráter paliativo.

A descapitalização do setor, o fato de que 88% das empresas leiteiras do Estado são consideradas "pequenas", produzindo menos de 100 litros por dia, o estreito relacionamento entre pecuária de corte e de leite, as falhas na aplicação dos recursos creditícios com deficiência tanto de ordem quantitativa como qualitativa e a dependência da importação de leite em pó na entre safra (de preços oscilantes) mostram a pecuária leiteira como uma atividade comprimida e defasada, com problemas sérios de preço, tecnologia, emprego, beneficiamento e distribuição.

Aparentemente, o principal fator limitante tem sido o baixo preço, haja visto que após a Portaria Super 43 que provocaria de outubro de 1973 até 15 de maio pp. um aumento acumulado de 54% houve novos estímulos no setor de produção. Segundo o Instituto de Zootecnia, houve então uma pequena corrida à procura de tourinhos reprodutores e vacas leiteiras de boa produtividade.

A situação atual, ainda sob efeito da Portaria Super 43, não é de otimismo entre os produtores. A preocupação do Governo Federal, agora colocando o leite dentro de um caráter prioritário, com estudo e próximo lançamento de um programa a médio e longo prazos visando aumentar a produção e a produtividade das bacias leiteiras (através da assistência técnica, melhoria de pastagens, crédito, manejo de gado e adequação ao Plano Nacional da Carne) leva a prognosticar melhor situação para a pecuária leiteira. Entretanto, convém lembrar que dificilmente se recuperará o rebanho leiteiro em prazo curto, ainda sob os efeitos das distorções passadas nos preços. Provavelmente, na próxima temporada continuarão as crises no abastecimento do Grande São Paulo. A intensidade dessas crises poderá diminuir desde que devidamente implantada uma política de recuperação do setor.

- Pescado

- Panorama internacional

O comércio internacional de pescado caracteriza-se pela existência de dois mercados bem distintos: um de peixe para consumo humano e outro de farinha de peixe usada em alimentação animal. Atualmente, cerca de 1/3 da captura mundial é utilizada para produção de farinha e óleo, e 2/3 destinam-se ao consumo humano.

Na década de 60 a produção, distribuição e consumo de pescado passaram de 40 milhões de toneladas em 1960 para 63 milhões em 1969, tendo atingido um pico de 64 milhões em 1968. Esse incremento ocorreu através da utilização de novas espécies e maior pressão de captura sobre os campos de pesca anteriormente explorados. O acréscimo da captura da anchoveta no Pacífico Sul contribuiu enormemente para esse aumento, com uma quantidade aproximada de 10 milhões de toneladas.

Entre 1970 e 1971 os totais mundiais de pescado continuaram aumentando. A partir daí, o decréscimo da produção pesqueira no Peru e Chile determinou uma redução na oferta de farinha de peixe, representando uma diminuição da produção mundial de pescado, que passou de 69,8 milhões de toneladas em 1970 para 65,5 milhões em 1972 (quadro 111).

QUADRO 111. - Produção Mundial e Uso de Pescado, 1967-72  
(milhões de toneladas)

Ítem	1967	1968	1969	1970	1971	1972
Consumo humano	38,9	39,9	40,2	43,3	44,4	45,2
Peixe fresco	18,0	18,1	17,8	19,3	19,6	19,5
Peixe congelado	7,6	8,1	8,6	9,7	10,2	10,8
Peixe seco, defumado	8,0	8,1	8,0	8,1	8,0	8,1
Peixe em conserva	5,3	5,6	5,8	6,2	6,6	6,8
Outras utilizações	21,5	24,0	22,5	26,5	25,3	20,4
Industrial	20,5	23,0	21,5	25,5	24,3	19,4
Diversas	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0
Total mundial	60,4	63,9	62,7	69,8	69,7	65,6

Fonte: Anuário Estatístico de Pesca - FAO.

A produção mundial, segundo a FAO, deverá crescer em média a uma taxa de 2,3% ao ano entre 1970 e 1980. Com base nesses estudos, estima-se que a produção de pescado tenha atingido em 1973 cerca de 71,0 milhões de toneladas, devendo atingir a-

proximadamente 72,5 milhões em 1974.

Com relação à demanda, a FAO estima um acréscimo entre 1970 e 1980 de 17,0 milhões de toneladas para consumo humano, e 7,7 milhões de toneladas para a fabricação de farinha. Com base nessas estimativas, calcula-se que a demanda total de pescado tenha atingido em 1973 perto de 73,3 milhões de toneladas e em 1974 deverá se aproximar de 75,6 milhões de toneladas.

O que se tem verificado, nos últimos anos, é uma escassez da oferta devido principalmente às políticas de restrição da pesca em diversos países e regiões sujeitas a acordos internacionais, em contraposição a uma forte demanda. Outro fator que tem restringido a expansão das capturas mundiais, é o aumento do mar territorial posto em prática por diversas nações, ocasionando assim uma limitação das áreas de pesca tradicionalmente ocupadas por frotas internacionais.

Vem contribuindo para o crescimento da demanda nos últimos anos, o contínuo aumento do consumo per capita de pescado em vários países decorrente de alterações na renda e preferências dos consumidores.

Assim sendo, os anos 70 têm-se caracterizado pela elevação nas cotações internacionais dos produtos pesqueiros, notadamente nos dois últimos anos quando os preços atingiram níveis sem precedentes. Os Estados Unidos, por exemplo, importaram em 1973 cerca de 9 mil toneladas de "callops" (vieiras), 24,6 mil toneladas de lagosta e 9,8 mil toneladas de camarão no valor aproximado de US\$ 430 milhões, sendo que o Brasil participou com 11 mil toneladas no valor de US\$ 30 milhões.

#### - Situação interna

A produção de pescado no Brasil no período 1962-67 girava em torno de 420 mil toneladas anuais, sendo que entre 1968 e 1973 houve um aumento, atingindo em 1971 o pico de 592 mil toneladas. O pescado de origem marítima tem participado com mais de 85% do total da produção nacional, pois além de ser o setor que maiores potencialidades oferece a curto e médio prazos é também aquele no qual se tem concentrado a pesca industrial, principalmente nos últimos anos com a introdução de tecnologia moderna através de vultosos investimentos oriundos dos incentivos fiscais.

Em São Paulo a produção de pescado marinho apresentou em média 57 mil toneladas ao ano no período 1967-73, representando mais de 10% da produção nacional de pescado nos últimos seis anos. A frota paulista concentra seu esforço de pesca na captura da sardinha, pescada foguete, camarão rosa, corvina, goete e camarão sete barbas, espécies de maior abundância na área pesqueira dessa frota. A captura dessas seis espécies contribuiu em média com 82% da produção total de pescado marítimo do Estado no período sendo que a sardinha participou com 54% do total (quadro 112).

Dessa produção a maior parte destina-se ao mercado interno, principalmente no próprio Estado que é o maior centro consumidor do País. Quanto ao mercado externo, a maior demanda tem sido para o camarão, sendo que a sardinha aumentou sua participação na pauta de exportações de produtos pesqueiros nos dois últimos anos (quadro 113).

No período 1968-73 foram comercializadas em média 46 mil toneladas de pescado por ano no entreposto terminal da CEAGESP, tendo a sardinha participado com 43%. Do total do pescado ofertado no entreposto terminal de São Paulo, cerca de 25% procedem do próprio



QUADRO 112. - Pescado Desembarcado nos Entrepostos e Indústrias Pesqueiras do Litoral do Estado de S.Paulo, 1967-73  
(tonelada)

Espécie	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973
Sardinha	42.756	33.859	35.348	37.051	28.300	24.190	16.670
Pescada foguete	3.706	4.544	5.993	5.451	6.236	6.162	6.426
Camarão rosa	3.063	3.874	4.750	2.937	2.627	2.493	1.509
Corvina	2.063	1.244	2.202	2.778	3.927	4.175	3.970
Goete	674	606	994	1.759	1.351	946	1.051
Camarão 7 barbas	1.020	1.649	1.906	2.136	2.833	5.576	6.049
Cavalinha	27	674	35	869	490	706	54
Cação	618	923	1.124	838	989	967	1.199
Pescada cambucu	198	310	446	635	387	290	281
Tortinha	190	537	423	453	236	126	208
Manjuba	766	1.360	265	439	294	312	633
Anjo	165	152	234	418	278	216	220
Pescada branca	98	128	237	284	149	112	112
Bagre	223	177	246	278	362	261	351
Castanha	300	182	314	260	243	257	1.572
Linguado	157	149	184	230	270	165	195
Betara	44	75	118	210	185	136	211
Viola	143	139	197	209	213	139	202
Camarão legítimo	149	158	288	194	452	255	284
Lula	82	137	138	142	89	124	89
Mistura	2.295	2.185	2.742	3.331	3.601	2.907	3.038
Outras espécies	1.896	2.798	2.101	1.552	2.467	3.513	5.360
Total	60.633	55.860	60.285	62.454	55.979	54.028	49.684

-184-

Fonte: Instituto de Pesca da Secretaria da Agricultura.

QUADRO 113. - Exportação de Pescado pelo Porto de Santos, 1973-74  
(tonelada)

Mês	1973			1974		
	Camarão	Sardinha	Outros	Camarão	Sardinha	Outros
Jan.	90,7	-	-	26,9	3,0	22,9
Fev.	162,8	-	28,6	130,1	-	108,2
Mar.	109,3	29,0	10,4	165,5	-	126,3
Abr.	172,2	62,0	-	152,5	28,3	29,6
Mai.	173,1	191,3	-	209,7	-	-
Jun.	143,1	195,5	-	...	...	...
Jul.	173,9	127,0	4,4	...	...	...
Ago.	105,9	27,0	19,2	...	...	...
Set.	83,4	83,2	56,7	...	...	...
Out.	4,3	20,0	26,1	...	...	...
Nov.	51,4	-	71,4	...	...	...
Dez.	39,3	17,4	35,6	...	...	...
Total	1.309,4	752,4	252,4	684,7	31,3	287,0

Fonte: DIPOA - Ministério da Agricultura.

QUADRO 114. - Quantidade de Pescado Comercializado no Entrepasto da CEAGESP, 1968-74  
(tonelada)

Espécie e categoria	1968		1969		1970		1971		1972		1973		1974 <sup>(1)</sup>	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Sardinha	17.982	41	16.827	41	20.109	44	21.962	45	22.105	45	22.780	46	12.326	46
Moluscos e crustáceos	4.284	10	4.279	10	3.628	8	3.353	7	3.766	8	2.982	6	1.648	6
Pescadas diversas	7.553	17	6.785	16	6.472	14	7.056	15	6.885	14	7.122	14	3.801	14
Cações diversos	2.103	5	1.933	5	2.070	4	2.078	4	2.728	5	2.386	5	1.193	4
Peixes diversos água salgada	9.562	22	9.720	24	11.774	26	12.266	26	12.313	25	11.779	24	6.844	26
Peixes diversos água doce	2.022	5	1.772	4	1.660	4	1.380	3	1.338	3	2.394	5	1.133	4
<b>Total</b>	<b>43.506</b>	<b>100</b>	<b>41.316</b>	<b>100</b>	<b>45.713</b>	<b>100</b>	<b>48.095</b>	<b>100</b>	<b>49.135</b>	<b>100</b>	<b>49.443</b>	<b>100</b>	<b>26.945</b>	<b>100</b>

(<sup>1</sup>) Até junho.

Fonte: CEAGESP.

QUADRO 115. - Preço Médio Alcançado pela Sardinha, Pescada Foguete <sup>(1)</sup> e Camarão Rosa no Entrepósito da CEAGESP, 1970-74  
(Cr\$/kg)

Mês	1970			1971			1972			1973			1974		
	Camarão rosa	Pes- cada	Sardi- nha	Camarão rosa	Pes- cada	Sardi- nha	Camarão rosa	Pes- cada	Sardi- nha	Camarão rosa	Pes- cada	Sardi- nha	Camarão rosa	Pes- cada	Sardi- nha
Jan.	9,05	1,74	0,27	12,50	1,59	0,44	20,62	2,17	0,38	23,49	3,58	0,82	49,85	5,33	1,52
Fev.	9,58	1,82	0,27	11,35	1,92	0,48	20,95	2,32	0,41	23,27	3,37	0,71	47,21	5,14	0,97
Mar.	9,94	1,92	0,40	12,99	2,32	0,49	19,65	2,89	0,47	23,96	3,63	0,97	47,63	4,78	1,24
Abr.	8,68	2,21	0,26	12,56	2,59	0,61	18,13	3,14	0,46	24,40	3,86	0,73	38,40	4,81	1,24
Mai.	9,41	1,87	0,23	11,78	2,35	0,46	19,19	3,11	0,40	24,63	3,95	0,70	33,07	6,80	1,12
Jun.	8,81	1,94	0,24	12,43	2,16	0,46	20,38	2,80	0,47	24,54	2,71	0,72	35,18	5,31	1,13
Jul.	11,39	1,82	0,37	12,30	1,41	0,38	19,83	2,80	0,70	25,22	3,47	0,99	...	...	...
Ago.	10,36	1,93	0,36	13,10	1,97	0,37	20,23	2,26	0,75	28,10	4,57	0,99	...	...	...
Set.	8,92	1,93	0,37	13,70	2,85	0,36	20,70	3,01	0,75	31,79	3,54	1,04	...	...	...
Out.	9,90	1,83	0,31	14,50	2,50	0,40	21,08	3,11	0,64	32,00	4,01	1,05	...	...	...
Nov.	10,66	1,98	0,29	16,29	2,08	0,36	21,16	3,24	0,69	33,96	5,41	1,35	...	...	...
Dez.	13,24	1,78	0,34	20,00	1,96	0,34	22,94	3,12	0,78	42,92	4,25	1,35	...	...	...
Média (valor corrente)	10,00	1,90	0,31	13,63	2,14	0,43	20,41	2,83	0,58	28,19	3,86	0,95	...	...	...
Média <sup>(2)</sup> (va- lor de 73)	16,22	3,08	0,50	18,35	2,88	0,60	23,50	3,26	0,67	28,19	3,86	0,95	...	...	...

<sup>(1)</sup> Para efeito de comercialização é classificada em pescada grande, média e pequena, sendo que o preço aqui considerado é a média ponderada das três.

<sup>(2)</sup> Deflator: Índice "2" da FGV.

Fonte: CEAGESP.

Estado e, os restantes 3/4 de outros estados, dentre os quais Santa Catarina, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (quadro 114).

As espécies de maior expressão econômica por unidade do produto (camarão rosa) e por volume (sardinha e pescada foguete) acusaram aumentos significativos nos preços médios mensais de comercialização no período 1970-73 (quadro 115). Os aumentos nos preços reais por quilo foram de 74% para o camarão rosa, 25% para a pescada foguete e 90% para a sardinha no período, enquanto que somente de 1972 a 1973 os acréscimos foram da ordem de 20% , 18% e 42% respectivamente.

O aumento brusco nos preços do camarão rosa verificado nos dois últimos meses de 1973 e início de 1974 deveu-se à queda na captura, provocando assim uma escassez de oferta.

#### - Perspectivas

As perspectivas da oferta dos produtos pesqueiros em conserva são limitadas pela escassez de matérias-primas. A demanda, por sua vez, continuará forte, esperando-se assim, novos aumentos dos preços no comércio internacional. Estudos da FAO, estimam um deficit de 141 mil toneladas de conservas de sardinha no mercado mundial em 1975.

Vislumbram-se assim perspectivas otimistas para a indústria pesqueira nacional : a) pode-se incrementar a exploração do estoque de sardinha, obtendo-se assim maior produção; b) a capacidade de produção da indústria de conserva requer mais de 70 mil toneladas de matéria-prima; e c) outro fator positivo é a aceitação no mercado internacional do produto brasileiro, depois que a reunião do "Codex Alimentarium" admitiu na "Sardine-la Aurita" a denominação de sardinha, porém indicando a procedência "Brazilian Sardines".

Tudo isso leva a crer que o Brasil poderá suprir parte do deficit no mercado mundial, firmando-se como produtor e exportador de conservas de sardinhas. Considerem-se, ainda, as boas perspectivas do aumento da demanda no mercado interno.

A produção de camarão rosa, que havia decaído no ano passado, devido à ocorrência de fenômenos naturais que prejudicam a renovação dos estoques, está se recuperando, devendo atingir a média dos últimos anos.

A demanda por produtos preparados e acondicionados, crustáceos e moluscos de luxo, e produtos congelados, está aumentando rapidamente nos países de rendas elevadas.

As perspectivas quanto ao mercado internacional são amplas, principalmente quanto às de exportação de "scallops" (vieiras).

#### - Produtos Florestais

##### - Panorama internacional

Nos últimos 20 anos as derrubadas de madeira industrial nos países desenvolvidos

elevaram-se de 700 a 1.120 milhões m<sup>3</sup>, ou seja, em 60%. A maioria desses países adota políticas que estabelecem uma constante administração da produção. Além disso, a União Soviética e o Canadá possuem importantes reservas florestais inexploradas que provavelmente serão abertas e aumentarão sua produção corrente. Contudo, problemas de transporte, escassez de mão-de-obra e outros fatores certamente deverão onerar as novas produções, elevando os preços dos produtos de madeira. Inclusive, na América do Norte e União Soviética a maior parte de produção adicional será exigida para cobrir as necessidades domésticas crescentes.

Por outro lado, a Europa e o Japão deverão a curto prazo voltar-se para outras fontes de suprimento, colocando como primeiro alvo a América Latina com suas enormes áreas de florestas tropicais.

Dados da FAO mostram que o Continente Europeu apresentou, em 1970, um déficit de perto de 40 milhões de m<sup>3</sup>. O Japão, segundo as mais recentes estimativas, deverá estar com um déficit de 30 milhões de m<sup>3</sup> em 1975.

O consumo mundial de papel e papelão, que em 1950 era de 45 milhões de toneladas, chega atualmente à casa dos 130 milhões de toneladas. Calcula-se que o incremento anual no consumo desses produtos seja da ordem de 10 milhões de toneladas, o que significa que deverá ser duplicado dentro de aproximadamente 13 anos.

Também o consumo de chapas de madeira quase triplicou nos últimos 10 anos, situando-se hoje em torno de 60 milhões de toneladas.

A visão desse panorama permite avaliar a importância dos programas florestais em desenvolvimento, particularmente naqueles países onde as condições climáticas favorecem sobremaneira o desenvolvimento de florestas de curto período de rotação, como é o caso do Brasil.

Acredita-se que grandes modificações tecnológicas deverão surgir na indústria madeireira mundial de maneira que lhe seja possível consumir cada vez mais madeiras de florestas de rápido crescimento a fim de que possa fazer face às exigências da demanda mundial.

#### - Situação interna

O mercado de madeiras em São Paulo experimentou em 1973 e início de 1974 uma elevação de preços a nível de atacado raramente verificada até então. Foram registrados índices superiores a 200% como no caso dos sarrafos de peroba e ipê destinados à fabricação de tacos. Também as madeiras de pinho serrado apresentaram elevações de preços superiores a 100%. Contudo, a nível de produtor, pode-se dizer que os aumentos não foram correspondentes, tendo havido apenas variações consideradas normais no decorrer do período. Uma parcela bastante expressiva dos aumentos nos preços de atacado é atribuída à elevação dos custos de transporte uma vez que este é de vital importância na formação de preços dos produtos do setor, já que grande parcela da madeira consumida em São Paulo é proveniente de outros estados, principalmente da região sul do País.

O consumo de madeiras duras, pela indústria madeireira paulista continuou durante 1973 a apresentar declínio como previsto no ano passado. Foram consumidos perto de 140.000m<sup>3</sup>, provenientes, em sua maior parte, dos estados de Goiás, Paraná, Bahia, Minas Ge

rais e Mato Grosso e desse total, cerca de 30% cruzaram as fronteiras do Estado já industrializadas.

O declínio que vem sendo verificado no consumo de madeiras duras é devido principalmente, aos seguintes fatores: instabilidade de preços; utilização crescente de madeiras moles em construções; distância dos centros consumidores; e escassez natural.

Esperam-se para os próximos anos sucessivas diminuições no consumo desses produtos, uma vez que os preços tendem a tornar-se cada vez mais altos.

Em madeiras moles, os níveis atuais de consumo de pinus no Estado de São Paulo superaram as previsões mais otimistas realizadas no ano passado.

As disponibilidades geradas pelos desbastes que vêm ocorrendo no Estado já se fazem sentir de maneira até certo ponto significativa. Esse fato resultou em um aumento expressivo na oferta potencial do produto que hoje se situa por volta dos 1.100.000 m<sup>3</sup> anuais.

As indústrias paulistas, particularmente de celulose, embalagens, chapas e aglomerados, são as principais consumidoras da madeira de pinus e encontram-se em notória expansão, motivada pelo crescimento da demanda pelos seus produtos, e amplamente facilitada pela crescente disponibilidade de matéria-prima no mercado.

Estima-se que até o final do ano, terão sido consumidos para todos os usos perto de 500.000 m<sup>3</sup> de madeira de pinus no Estado, em contraposição aos 360.000 m<sup>3</sup> estimados no ano passado. Esse consumo deverá elevar-se ainda mais a partir de 1975 quando então o Estado terá condições de utilizar para serraria em níveis significativos a madeira de pinus (proveniente dos plantios com incentivos). Essa taxa de aumento, contudo, será insuficiente para a médio prazo absorver as quantidades que poderão estar disponíveis.

O consumo de madeira de eucalyptus no Estado de São Paulo em 1973 foi de aproximadamente 4.000.000 de esteres. As estimativas realizadas para aquele ano previam um consumo de 5.000.000 de esteres, o qual não foi alcançado devido à falta do produto no mercado em condições normais para as indústrias consumidoras, principalmente de celulose e papel. Foram observados casos de indústrias paulistas que chegaram a importar a madeira do Rio Grande do Sul sob pena de terem suas produções diminuídas a níveis críticos, exclusivamente pela falta de matéria-prima.

Por outro lado, convém lembrar que o Estado de São Paulo já conta hoje com uma área aproximada de 200.000 hectares de florestas de eucalyptus plantados com incentivos fiscais. Embora atualmente ainda não se esteja colhendo os frutos desse programa em níveis significativos, certamente o crescimento da oferta deverá ocorrer nos próximos anos e na mesma proporção dos incrementos verificados nos plantios desde 1967. Esse fato deverá provocar o aparecimento de novas empresas principalmente de celulose e papel para cujos produtos o mercado é nitidamente consumidor não só no País como em todo o mundo.

Acredita-se que até o final de 1974 terão sido consumidos cerca de 5.000.000 de esteres do produto. Para o próximo ano, essa cifra deverá aumentar em função da quantidade do produto a ser colocado à disposição do consumo, até um total aproximado de 7.000.000 de esteres, que, por sua vez, deverá ser a demanda nessa época, de acordo com estimativas anteriores (1972) realizadas com base nas instalações existentes.

Todavia, considerando-se as expansões projetadas e o preenchimento da capacidade ociosa que hoje se verifica, a médio prazo (4 ou 5 anos) a escassez de madeira de eucalypto ainda deverá persistir.

- Hortaliças

Excluindo os itens batata, cebola e tomate, o volume comercializado de hortaliças na CEAGESP, em 1973, aumentou 10% em relação a 1972 (360 mil para 398 mil toneladas). Paralelamente, a produção estimada de 600 mil toneladas rendeu cerca de 388 milhões de cruzeiros aos horticultores do Estado em 1973, ao passo que em 1972 foram colhidas 526 mil toneladas no valor de 297 milhões de cruzeiros com um acréscimo, portanto, de 14% na produção e 30% no valor das vendas a preços correntes (quadro 118).

QUADRO 118. - Área, Produção e Valor da Produção de Hortaliças no Estado de São Paulo, 1973

Produto	Área (ha)	Produção (1.000t)	Valor da produção (Cr\$ 1.000.000)
Abóbora seca	4.150	45,20	16,72
Aboborinha	1.270	19,20	10,56
Alface	2.360	37,70	30,31
Batata doce	2.350	28,00	19,40
Brócolos	570	13,50	14,80
Cebolinha	940	5,60	15,60
Cenoura	1.560	38,50	30,22
Chuchu	800	36,60	13,36
Couve	560	19,00	12,69
Couve-flor	1.110	22,40	11,76
Mandioquinha	1.020	10,30	11,64
Pepino	1.170	29,80	17,43
Pimentão	1.280	19,00	23,45
Repolho	3.420	101,10	29,62
Vagem	1.400	21,60	26,00
Outros <sup>(1)</sup>	15.170	152,50	104,66
<b>Total</b>	<b>39.130</b>	<b>600,00</b>	<b>388,22</b>

(<sup>1</sup>) Número de espécies = 20.

Fonte: Instituto de Economia agrícola.

Foram verificados aumentos superiores a 10% nas entradas de abóbora, berinjela, cenoura, chuchu, couve-flor, pimentão e vagem, e reduções em aboborinha, batata doce, mandioquinha e pepino na CEAGESP em 1973.



Preços médios foram mais elevados em alface, batata doce, mandioquinha e vagem, enquanto os demais se mantiveram em níveis pouco maiores que no ano anterior.

Pode-se observar tendência altista dos preços reais de hortaliças no atacado a partir de 1972, que contudo não tem representado uma melhoria da receita líquida dos lavradores, pressionados pelo aumento dos preços de insumos em maior proporção que de seus produtos, particularmente das embalagens.

Considerando a instalação, em outros estados, de novas centrais de abastecimento que certamente resultará na intensificação do comércio interestadual e que existem variações regionais acentuadas no tocante às práticas de classificação dos produtos, é imperioso que, no sentido de aumentar a eficiência no intercâmbio de hortaliças, se implantem normas oficiais de padronização.

Desde que uma implantação a nível nacional é ainda bastante difícil, demorada e, até mesmo, discutível, os estados deverão iniciar a implantação de suas normas de forma a garantir as características dos produtos neles produzidos e comercializados.

Face a essa problemática e com delegação de poderes do Ministério da Agricultura, no Estado de São Paulo, inicialmente haverá entre as hortaliças classificação oficial para tomate, cenoura, pimentão, berinjela e pepino, cuja fiscalização educativa se fará através da Secretaria da Agricultura no período de 30 de junho a 31 de dezembro de 1974, quando então, se tornará obrigatória.

Na área de seguro agrícola, a CQSESP vem ampliando suas atividades no sentido de melhor atender as reivindicações dos produtores hortifrutícolas, sendo que o seguro contra geada de 18 espécies deverá ser ampliado em 1975, quando então deverá entrar em operação também o seguro contra granizo.

A tendência geral do mercado é de crescimento em função do processo de urbanização, aumento de renda e modificações nos hábitos alimentares. Ademais, a industrialização desses produtos, especialmente na forma de congelados, acena com boas perspectivas de demanda, desde que seja dada atenção a mudanças para variedades apropriadas para tal fim.

De modo geral nos últimos anos a tendência da produção paulista das principais frutas comerciais é de crescimento, como se pode observar pelos quadros 119 e 120.

Com o aumento das produções vem-se observando também maior afluxo de frutas frescas para comercialização em São Paulo, ao mesmo tempo em que a industrialização se mostra cada vez mais intensa, estimulada pelo fortalecimento na demanda por produtos industrializados e ampliação das exportações (quadros 121 e 122).

Outrossim, alguns problemas estão ganhando corpo na fruticultura, como a elevação desproporcional nos custos das embalagens, de defensivos, de papel para ensacamento de frutos mais delicados e, como ocorre na agricultura em geral, encarecimento de fertilizantes e da mão-de-obra que, neste caso, dadas as exigências dos cultivos, deve ser especializada. Além desses outros podem ser citados: falta de jardins clonais com variedades mais indicadas que possibilitem melhor atuação dos viveiristas; inexistência de normas oficiais de padronização e classificação da fruta, que são agora começam a ser implantadas (laranja, uva e figo), e estrangulamentos no comércio varejista da Capital.

A par das dificuldades gerais, no último ano ocorreram alguns obstáculos de maior monta para produtos específicos. No caso do Estado de São Paulo merecem ser citados maracujá, limão e tangerina cravo enviados para processamento de suco concentrado. Em vista de safras muito volumosas e com dificuldades nas vendas, os preços caíram substancialmente, acarretando mesmo perdas nas propriedades. Assim, para o maracujá verificou-se em dezembro uma queda de 50% nos preços passando a ser pago pelas indústrias a Cr\$ 0,30 por quilo, na roça; o limão em março foi pago em média a Cr\$ 6,00 por caixa posto fábrica, enquanto a tangerina cravo, envolvida na crise da laranja, chegou a ser comercializada entre Cr\$ 2,00 e Cr\$ 4,00 por caixa (40,8kg) no pé, de março a maio.

O problema mais sério fora de São Paulo ocorreu com o pêssego industrial em Pelotas, onde se colheu uma safra recorde (cerca de 25.000t) no curto período de 30 dias de colheita, fazendo com que surgissem sérios problemas de comercialização. Muitas fábricas, principalmente as pequenas e médias, não puderam receber mais matéria-prima por falta de componentes de embalagem (latas e caixas de papelão) e nem sequer estavam convenientemente preparadas para aguentar safra com tais características. Com isso, enquanto os persicultores paulistas receberam dentro do Convênio do Pêssego em média Cr\$ 2,50/kg pelos tipos A e B e Cr\$ 1,50/kg para o tipo C, os gaúchos receberam em média Cr\$ 0,90/kg pelo A, Cr\$ 0,70/kg para o B e Cr\$ 0,30/kg o tipo C. Note-se, ainda, que em meados de 1973 o Governo Federal autorizou a importação com tarifas reduzidas ou nulas (ALALC) de 3.900 toneladas de produto semi-acabado dadas as dificuldades de abastecimento que então se verificavam, pois na safra anterior a produção de Pelotas fora seriamente prejudicada (quebra de 80%) por condições adversas de clima e doenças fúngicas.

Naturalmente, deve-se consignar também os recentes desenvolvimentos e modernizações verificadas na fruticultura, com destaque para: crescentes produções de uvas finas para mesa (itália, patrícia e soraya); criação da variedade de ameixa carmezim com boas características comerciais; introdução em maior escala da tangerina murcote e da nectarina rubrosol; possibilidades amplas para a variedade seleta e pera além de moder-

QUADRO 119. - Produção de Frutas de Clima Tropical e Número de Pês, Estado de São Paulo, 1966-74

(1.000 unidades)

Ano	Abacate		Abacaxi		Limão		Mamão		Tangerinas <sup>(2)</sup>	
	Pê	Caixa	Pê	Fruto	Pê	Caixa	Pê	Caixa	Pê	Caixa
1966	-	-	19.115	11.220	1.422	2.275	3.970	2.160	3.687	4.750
1967	734	2.700	19.300	13.500	1.428	2.280	4.070	2.500	3.358	4.640
1968	734	2.510	21.500	15.400	1.432	2.250	4.100	3.020	3.507	3.970
1969	920	2.650	52.000	20.800	1.930	2.570	6.300	3.200	4.250	5.730
1970	925	2.600	70.000	25.200	2.280	2.740	5.220	2.470	4.400	5.770
1971	1.020	2.500	93.300	38.400	2.630	3.370	4.300	2.140	4.900	7.300
1972	1.060	2.700	111.000	51.500	3.400	5.500	4.100	2.430	5.000	8.340
1973	1.360	3.600	108.000	58.300	4.100	7.200	4.700	2.900	6.000	9.400
1974 <sup>(1)</sup>	1.320	3.400	93.600	52.500	4.600	7.900	4.500	3.300	6.500	10.400

<sup>(1)</sup> Estimativa de novembro de 1973 - preliminar.

<sup>(2)</sup> Inclui cravo, ponkam, mexerica e murcote.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 120. - Produção de Frutas de Clima Temperado e Número de Pês, Estado de São Paulo, 1966-74  
(1.000 unidades)

Ano	Caqui		Figo <sup>(2)</sup>		Pêssego		Uva de mesa		Uva para indústria	
	Pê	Caixa	Pê	Tonelada	Pê	Caixa	Pê	Caixa	Pê	Tonelada
1966	-	-	-	-	-	-	27.416	6.514	-	-
1967	-	-	804	5,5	-	-	27.780	4.520	-	-
1968	-	-	813	6,5	382	2.690	25.560	5.180	-	-
1969	710	1.870	862	6,4	236	1.970	29.800	6.520	-	-
1970	780	1.860	910	7,2	260	1.470	34.090	8.890	12.270	22.430
1971	800	1.860	960	9,0	310	2.200	36.700	8.900	13.300	21.700
1972	900	2.900	1.700	16,0	500	5.600	38.700	13.700	13.100	25.200
1973	900	3.000	1.700	17,9	450	5.700	38.500	14.700	11.450	23.000
1974 <sup>(1)</sup>	976	3.100	1.900	17,4	470	5.500	39.000	15.000	11.300	23.300

<sup>(1)</sup> Estimativa de novembro de 1973 - preliminar.

<sup>(2)</sup> Inclui figo para a indústria.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 121. - Quantidades Comercializadas na CEAGESP e Preços Médios Anuais de Frutas, Mercado Atacadista, São Paulo, 1972 e 1973

Espécie	Unidade	Quantidade total		Preço médio ponderado		
		1972	1973	1972 (Cr\$/unidade)	1973	
Abacate	caixa	23/27kg	478.271	447.537	15,00	17,10
Caqui	caixa	26kg	459.666	370.795	16,20	21,00
Figo	engradado	3,5kg	1.408.844	1.473.343	3,80	4,80
Mamão	caixa	33kg	361.281	759.977	20,40	18,60
Manga	caixa	21/25kg	312.440	318.450	14,40	18,60
Maracujã	caixa	16kg	59.321	120.462	22,20	20,00
Melancia	tonelada		29.166	45.908	310,00	340,00
Morango	caixa	4kg	805.465	773.521	9,50	12,60
Pêssego	caixa	3kg	1.523.830	1.478.810	8,40	7,90
Uva niagara	caixa	8kg	2.412.601	2.170.124	6,40	13,30
Uva itália	caixa	8kg	799.606	781.040	25,70	36,30
Tangerina cravo	caixa	30kg	519.480	388.586	11,70	14,30
Tangerina ponkan	caixa	30kg	906.526	1.359.517	14,10	11,50

Fonte: CEAGESP.

QUADRO 122. - Exportação de Sucos de Frutas pelo Porto de Santos, 1973  
(tonelada)

Destino	Grapefruit	Limão	Tangerina	Abacaxi	Maracujá	Uva
Inglaterra	540	14	6	-	-	158
Austrália	-	-	-	-	16	-
Alemanha	57	96	576	75	65	1
Africa do Sul	-	-	-	-	54	-
Japão	27	24	-	-	-	27
Bélgica	-	-	-	-	1	-
Canadá	7	46	-	8	5	-
França	-	-	-	21	-	-
Holanda	1	13	961	62	71	-
Espanha	-	-	-	40	-	-
Finlândia	-	-	1	-	-	-
Dinamarca	-	2	-	-	-	-
Suécia	-	5	-	9	117	-
Estados Unidos	-	1	-	-	27	-
Israel	-	123	-	-	-	-
<b>Total</b>	<b>632</b>	<b>364</b>	<b>1.544</b>	<b>215</b>	<b>356</b>	<b>186</b>

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

nização das estufas de destaminização do caqui, da inicial industrialização do abacate e da manga, uso de caixas com dimensões mais apropriadas, maiores índices de consumo per capita de nectares e sucos de frutas.

Quanto aos projetos com frutíferas, através de incentivos fiscais proporcionados pelo IBDF, até 1972, haviam sido implantados em São Paulo, 5.965 hectares, tendo sido submetidos para aprovação em 1973 mais 4.709 hectares com a seguinte distribuição: abacate, 1.549ha; citros, 1.292ha; pera, 198ha; maçã, 100ha; noqueira-pecã, 1.028ha; goiaba, 313ha; e outros, 183ha.

Destes, os plantios com citros estarão evidentemente sujeitos à concomitante construção de nova fábrica capaz de absorver a produção, conforme exige portaria do IBDF a respeito. Dos demais, nos últimos anos, as maiores atenções estiveram voltadas para a maçã (Sul do Estado), abacate e goiaba, sendo que desta última os aumentos de produção logo se fizeram sentir com significativa queda de preços da fruta para indústria.

#### - Perspectivas

Conquanto o comportamento das futuras safras, de 1974 e 1975, dependam de vários fatores aleatórios, especialmente das floradas e ocorrências de geadas ou granizo, é lícito prognosticar-se que: a) deverão continuar os aumentos de produção de uvas de mesa principalmente das finas, figo, abacate, tangerinas e maçã; b) poderão estabilizar-se ou elevarem-se um pouco as produções de pêssego, caqui, manga e abacaxi; c) a cultura do ma mão continuará sujeita às influências do vírus do mosaico, condicionando suas características de migração em busca de novas áreas; d) as ofertas de uva isabel de Santa Catarina e Rio Grande do Sul deverão reduzir-se no mercado de São Paulo aliviando a pressão que se observava em fevereiro e março, pois deverão ser processadas para suco concentrado de uva na própria origem. Esta situação poderá refletir-se em melhores preços da uva industrial em São Paulo; e) provavelmente decairá a cultura do maracujá como decorrência do abandono que se verificou em 1974; f) o nível de produtividade poderá ser afetado pelos menores índices de adubação que deverão ocorrer; e g) as condições climáticas prevaescentes no inverno 74 permitem prognosticar que as colheitas de fruteiras de clima temperado serão antecipadas, salvo se ocorrer geadas em agosto que prejudiquem os frutos das primeiras floradas.

QUADRO 43. - Preço de Venda das Sementes Produzidas em Campos de Cooperação da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, para Plantio na Safra 1974/75

Semente	Unidade	Preço
Algodão	sc. 30kg	33,80 <sup>(1)</sup>
Arroz	sc. 50kg	125,00
Amendoim	cx. 15kg	56,00
Feijão	sc. 50kg	200,00
Milho híbrido	sc. 50kg	87,00
Milho variedade	sc. 50kg	68,00
Milho pérola	sc. 50kg	68,00
Soja	sc. 50kg	125,00
Mamona	sc. 30kg	90,00
Quiabo	kg	10,00
Mucuna	sc. 50kg	110,00
Guandú	sc. 50kg	110,00
Siratro	kg	65,00
Stilozantes	kg	60,00
Soja perene	kg	60,00
Crotalária	sc. 50kg	175,00
Galactia	kg	60,00

(<sup>1</sup>) Mais taxa de seguro contra granizo de Cr\$ 14,00/sc.

Fonte: Comissão Permanente de Política de Preços de Sementes e Mudanças.



QUADRO 25. - Preços Mí́nimos Básicos, Safra 1974/75 <sup>(1)</sup>

Produto	Unidade	Cr\$/unidade (a granel)	Acréscimo sobre 1973/74 %
Algodão em caroço-SP	15kg	35,10	43,56
Algodão em pluma-SP	15kg	100,20	43,35
Amendoim em casca-SP	25kg	34,75	68,61
Arroz em casca - GO	50kg	56,00	92,70
Arroz em casca - RS	50kg	57,00	76,74
Feijão branco e de cores-PR	60kg	100,20	32,10
Feijão preto comum-PR	60kg	97,80	37,65
Feijão roxo- MG e GO	60kg	132,00	37,14
Feijão uberabinha - MG e GO	60kg	132,00	37,14
Girassol - SP	40kg	36,00	84,80
Mamona - BA	60kg	49,80	12,80
Mandioca (farinha) - SC	50kg	22,00	18,92
Mandioca (fécula) - SC	50kg	39,50	21,54
Mandioca (raíz) - SC	t	120,00	15,38
Milho - SP	60kg	36,00	38,20
Soja - RS	60kg	60,00	90,60
Sorgo - RS	60kg	28,80	43,64

<sup>(1)</sup> Produto a granel, diferindo das condições dos anos anteriores.

Fonte: Comissão de Financiamento da Produção.

S E C R E T A R I A   D A   A G R I C U L T U R A

I N S T I T U T O   D E   E C O N O M I A

A G R Í C O L A

Rua Anchieta, 41 - 10º andar  
Caixa Postal 8114

01016   São Paulo - Brasil